1954

OUTUBRO - N. 449


5
CRUZEIROS


ANO 38 - Nº 5
OUTUBRO

NOTAVEL!

O ANUÁRIO do ESPORTE Ilustrado

Cr$ 20,00










1951

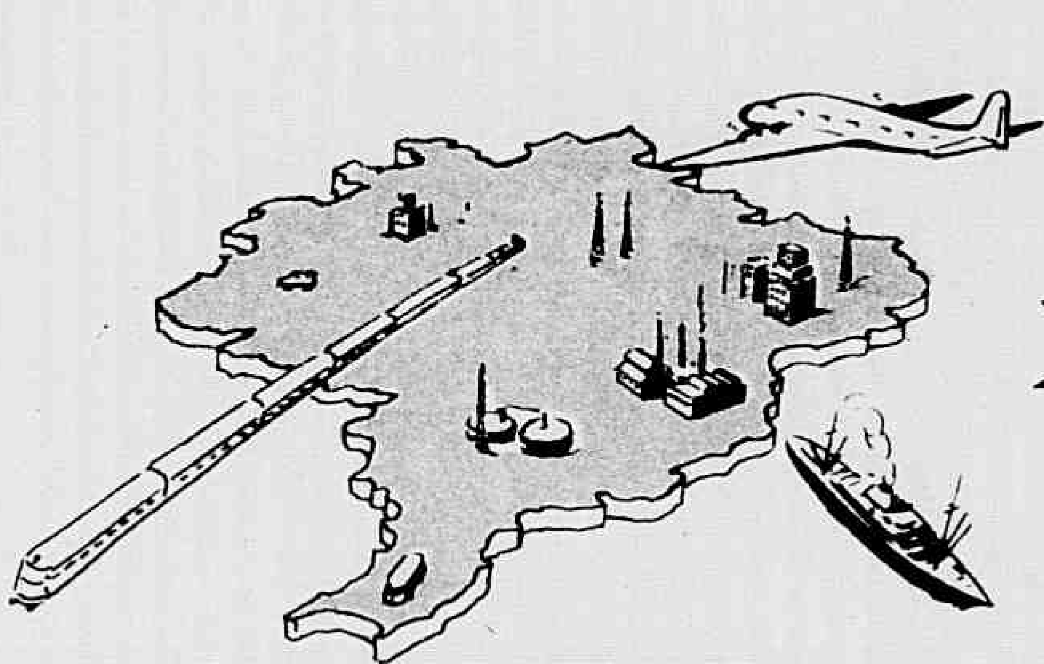
1952

1953

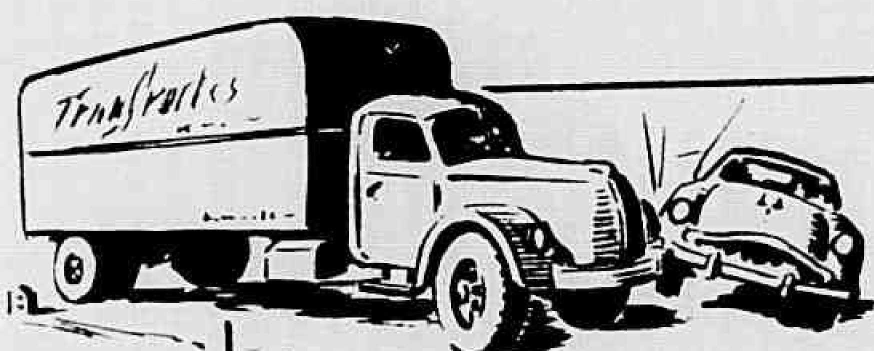
1954

A VENDA EM TODO O BRASIL





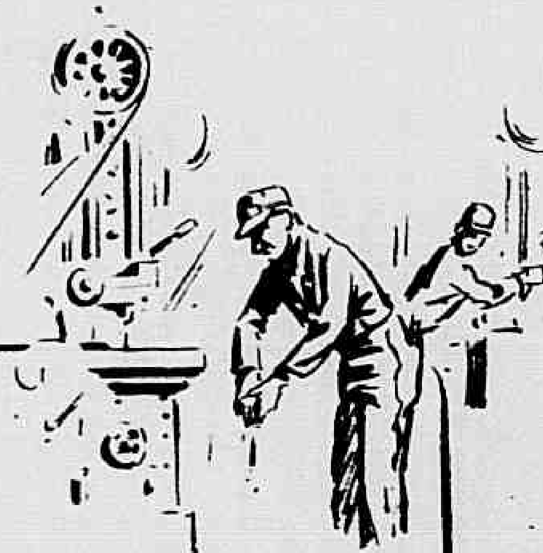
TRANSPORTE



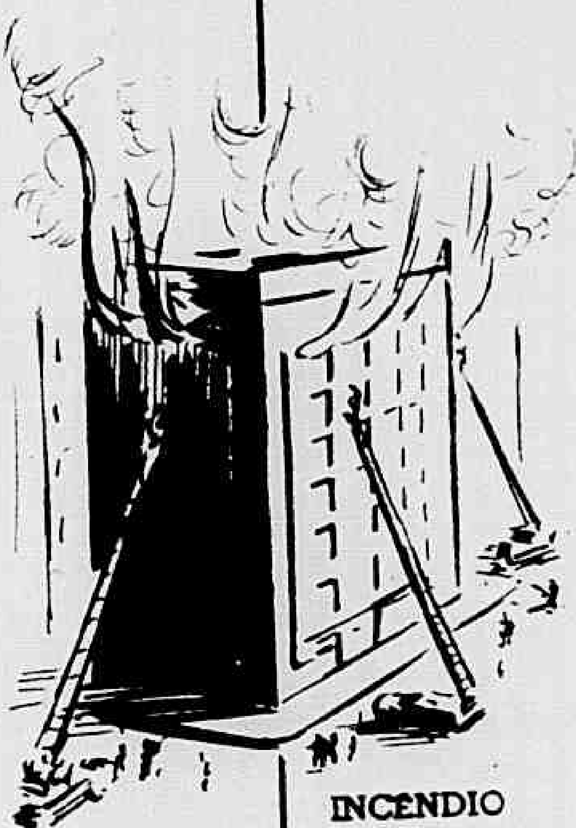
AUTOMÓVEIS



ACIDENTES PESSOAIS



ACIDENTES DO TRABALHO



INCÊNDIO

SÔBRE TODOS NÓS...

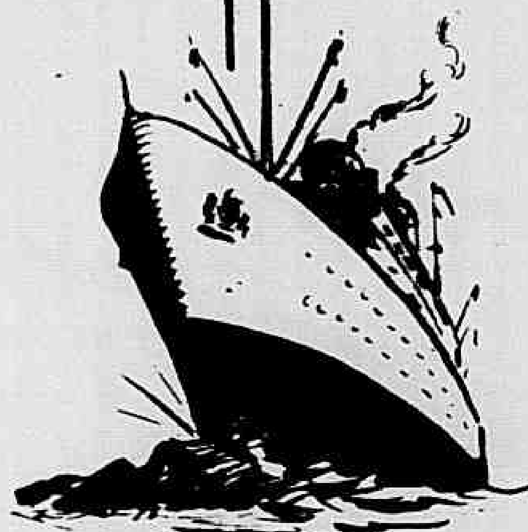
...como a espada de Dámocles, pesam as incertezas do destino... mas quando a Fatalidade quiser desferir golpes contra a sua pessoa, contra os que dependem de suas atividades ou danificar seus bens... defenda-se com apólices de "A FORTALEZA" — companhia que opera com eficiência e idoneidade — e que lhe garante **pronta liquidação dos sinistros, sempre em dinheiro à vista e sem desconto.**

"A FORTALEZA"

JÁ INDENIZOU A VÁRIOS DE SEUS SEGURADOS, COM DESEMBARAÇO E RAPIDEZ, EM MAIS DE

Cr$ 120.437.248,80

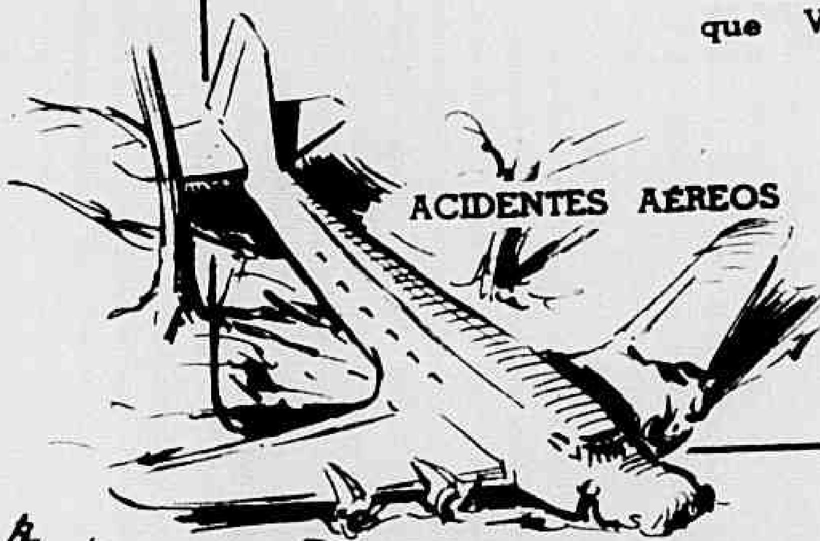
Uma apólice de seguro de "A FORTALEZA" é um título de garantia e previdência que V. S. deve adquirir hoje mesmo.



CASCOS



RESPONSABILIDADE CIVIL



ACIDENTES AÉREOS



LUCROS CESSANTES

Capital e reservas mais de Cr$ 30.000.000,00

SEDE
RUA DA ASSEMBLÉIA Nº 72 — 5º Pavimento — Telefone: 32-6868 — RIO

SUCURSAL DE SÃO PAULO
RUA BARÃO DE PARANAPIACABA, Nº 24 — 6º Andar

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS



SALA-DE-JANTAR AINDA E SEMPRE

(Inspirado numa loja de flores)

DAR a maior alegria à sala das refeições, é medida acertada, acima de tudo porque o ambiente alegre e brilhante predispõe melhor para aceitar os pratos conforme venham, de coração alegre e excelente apetite.

Mas, também, deve ser assim, bonita e colorida porque bonita e colorida deve ser tôda a casa, para nos repousar do trabalho diário, das lutas com a condução, etc. A sala-de-jantar acima, moderna, ganha grande valor pelas tonalidades vivas dos forros das cadeiras.

As paredes são pálidas e porque a sala não está entulhada (conforme, erradamente, preferem algumas donas-de-casa) tudo sobressai, inclusive o soalho na própria côr castanha da madeira velha, casando muito bem com as cortinas, os tapêtes e a grande luz que entra pelas janelas alegres.



AS CÔRES DORMITÓRIO

(Moderna e ensolarada)

MUITO importante, em tôda a casa, é o quarto de dormir. E, por isso mesmo, deve e pode ser a peça mais deliciosa de um lar.

O dormitório que sugerimos, acima, tem tudo para agradar e sua grande fôrça está no belo algodão estampado, com listras cinzentas sôbre branco, pontilhadas com florezinhas amarelas e róseas, azuis e malva, com as longas fôlhas verdes e caprichosos ramos escuros.

Para o teto o tom ostra-pálido. Os tapêtes, lavander cinza, muito suave. As cortinas, divididas ou não, deverão ter um docel vistoso.

Deve ser usado o mesmo pano para as cadeiras, banquetas e mesinha de "toilette", assim como para a barra da colcha.

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS



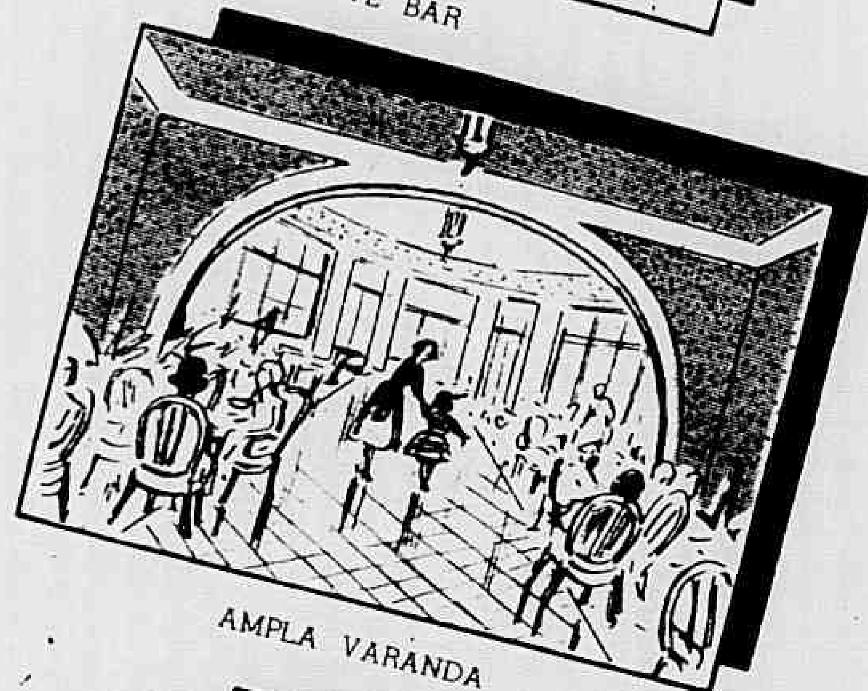
RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Águas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

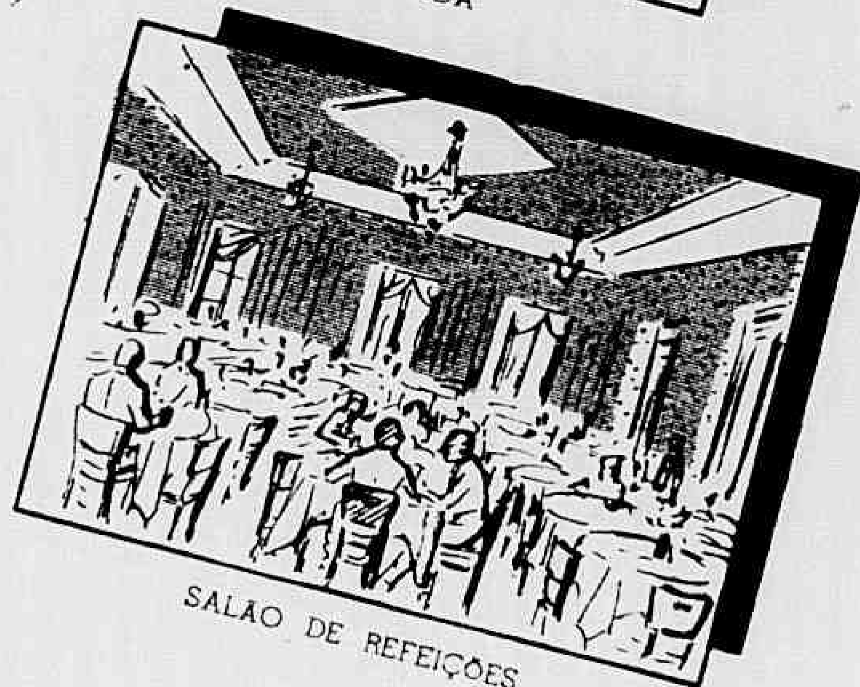
DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO



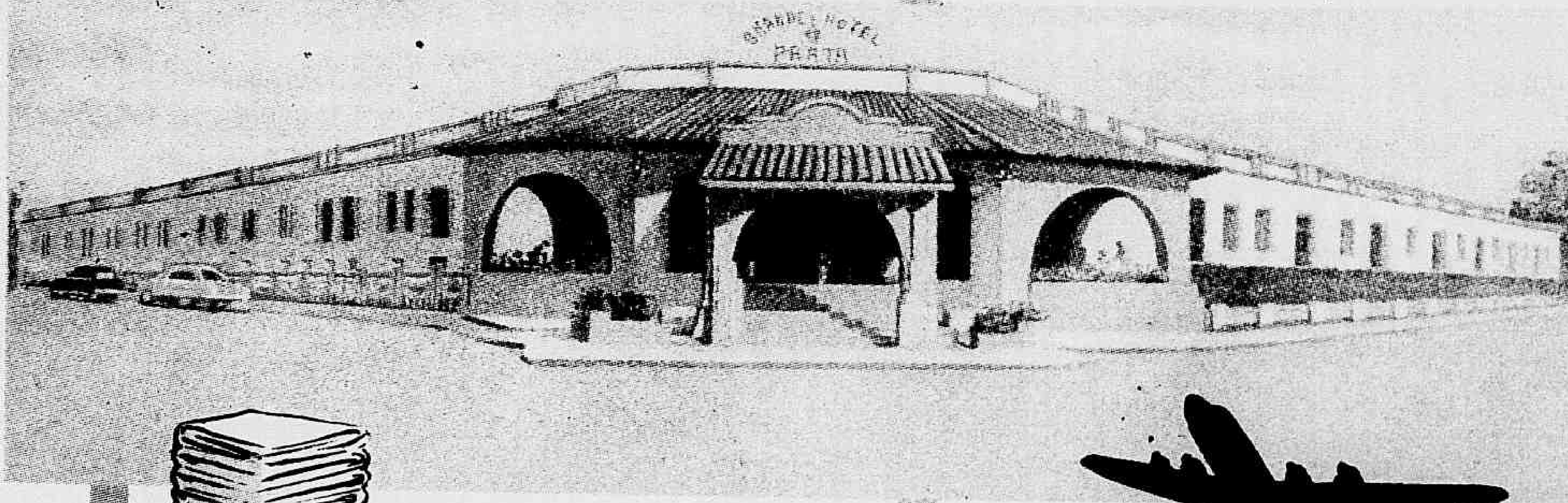
EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES





ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata em 30 minutos de automóvel)



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Publicidade: — J. M. Costa Júnior, L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Publicidade em S. Paulo: W. Farinello, Rua S. Bento, 220 — 3º andar — Telefone: 2-1512. Distribuição e venda em São Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 50,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

NÁDIA ZAGOSKA

Conto inédito de ***ROGER VERCEL***

O pequeno circo exibia seu dorso verde no canto da praça, entre os *stands* de tiro e as barracas de "sortes", num verdadeiro lamaçal, quase líquido. Ouvia-se, vindo do seu interior, o gemido entrecortado de um saxofone, gritos e aplausos da multidão. Enquanto morriam os aplausos finais e o "galope" da banda, saudando a saída dos artistas do picadeiro, caminhei devagar em redor do circo, porque sou da opinião que o verdadeiro espetáculo está no exterior, nos carroções cem vêzes mais pitorescos e bem menos defendidos contra os curiosos que os bastidores dos teatros.

Os primeiros veículos, que encontrei, pintados de azul, tinham rodas muito grandes e pareciam vazios. Depois foi um carroção com serragem, logo seguido por uma jaula sôbre rodas, da qual me afastei bruscamente, por verificar que entre dois varões estava o focinho ameaçador de uma leoa. Encontrei, a seguir, um limpador de cavalos, com o torso nu e que esfregava conscienciosamente o pêlo de um enorme cavalo russo. Uma





mulher moça afastou a cortina de um barracão e apareceu, nesse instante. Estava descalça e vestia-se sumàriamente. O rapagão deu um salto para ela, ameaçando-a com a escôva imunda. Porém ela não fugiu nem gritou, como teria feito outra mulher. Esperou o agressor e, quando o teve junto de si, agarrou-o bruscamente pelos pulsos. Lutaram um instante; repentinamente, com um movimento inesperado e ágil, ela lançou o rapaz a dois passos de distância, sôbre o próprio balde com que até pouco antes trabalhava. Depois, muito calma, tornou a desaparecer por trás da cortina.

Junto do carroção seguinte, encontrei uma acróbata, ainda vestindo o maiô de trabalho, sob uma capa impermeável. Aproximei-me, mas o homem não pareceu sentir a minha presença. Tinha o rosto bem barbeado e os lábios finos.

— Então? Já terminou a função? — perguntei.

— Dentro de mais uns cinco minutos terá terminado — explicou, enquanto tratava de torcer o engate de um cabo de sustentação.

— Estava frouxo êsse cabo?

— Sim — respondeu êle, detendo-se para tirar do bôlso um pacote de fumo e outro de papel. Ofereci os cigarros de minha cigarreira.

— Obrigado.

— Há muito que trabalha no circo?

— Há um ano...

— Tão pouco tempo assim?

— Neste circo. Mas já trabalhei em quase todos... Estive com Medrano, no Circo de Inverno, com Barnum, Plege, Pinder... Um pouco por tôda a parte...

— Êste, pelo que vejo, é um circo pequeno...?

— Sim. Pequeno, mas que poderia pagar melhor que um grande. Isso se compreende. Um grande circo tem despesas colossais e a diferença de receita não é compensadora. O patrão paga mal... porque quer pagar mal. Mas, de qualquer jeito, serve.

Neste instante, no interior da lona, estrugiram os aplausos, seguidos por sobressaltos entusiásticos da banda.

— É o mergulho da morte — explicou o homem com um movimento de cabeça na direção do picadeiro. — É o final. Com licença... Tenho que ajudar a saída do público.

Abaixou-se, levantou a ponta da lona imunda, que arrastava na lama, e se esgueirou ràpidamente no circo.

Continuei meu passeio, que me levou até um corredor de lona verde, que devia ser a saída dos artistas. Parei, prolongando o tempo necessário para acender um cigarro. Poucos segundos depois, vi sair do corredor um ser extraordinário, uma mulher, vestindo maiô de banho e respingando água. Acabava de retirar a touca de borracha e as mechas enceradas dos cabelos enquadravam seu rosto pálido e trágico. A água havia diluído o *make-up* naquele rosto, as faces estavam encovadas e os lábios arroxeados, mas o olhar que pousou sôbre mim, ao passar, me surpreendeu mais que tudo. Era o de dois olhos imensos, que refletiam e estavam cheios de como um espanto permanente, mas que se haviam conservado extraordinàriamente belos naquele semblante usado, arruinado, talvez, antes de tempo. Porque os traços também prendiam a atenção, como o de tôdas as mulheres que foram belas e que um dia, quase bruscamente, viram destruída sua beleza. Recordei-me do que me havia dito, pouco antes, o acróbata: *"O Mergulho da Morte"*. Não duvidei mais de que tinha diante dos olhos a própria mergulhadora. Ela passara adiante, detendo-se, porém, um passo apenas além de mim. Assim, vista de perfil, parecia singularmente mais jovem, devido ao seu pescoço esbelto e ainda firme, além da queda harmoniosa dos ombros. Apenas os cabelos, colados pela água contra o crânio, êsse crânio que as mulheres têm achatado na parte posterior, eram desagradáveis ao olhar. Ela sacudiu bruscamente a cabeça, como um cão que se sacode ao sair da água, e recebi algumas gôtas em pleno rosto.

Isso me irritou mais do que seria normal. Digamos, mesmo: me exasperou, como se essa mulher cessasse bruscamente de me ser indiferente, e que uma incorreção de sua parte me ofendesse gravemente. Apanhei meu lenço e enxuguei-me ostensivamente. Ela não viu o gesto, pois que a poucos metros, a porta de um

carroção se abriu bruscamente e alguém a chamou.

Foram as palavras que me impressionaram, mais ainda que a criatura espantosa que as proferiu: um anão, de enorme cabeça... e bigodes! Todos os anões que conhecemos são imberbes, porém êste tinha a bôca barrada por enormes bigodes ruivos, que pareciam postiços. Êsse detalhe, porém, não me interessou, no momento, conforme já esclareci. Tinham sido suas palavras, as que me haviam impressionado.

Uma injúria grosseira, que lançou para a mulher. Mas gritára-lhe em russo. E, eu, que havia passado cinco anos, quando rapaz, a correr com o meu cargueiro, todos os portos do Mar do Norte, recordava ainda bastante o russo para compreender, pois das línguas estrangeiras o que primeiro e mais depressa aprendemos, sempre, são as injúrias trocadas infalivelmente nos portos marítimos.

A mulher, entretanto, prosseguira lentamente, subira arrastando um manto escarlate os degraus de madeira, que davam acesso ao carroção, e nêle entrara, batendo a porta. Por que continuei ali? Se naquele circo figurava, entre os artistas, um casal, verdadeiro ou falso, de russos, ela acróbata envelhecida, êle *clown* ou outra coisa qualquer, que havia nisso de extraordinário? Apesar de tudo, eu continuava no mesmo lugar, como se tivesse esperado alguma coisa inevitável, talvez essa discussão, que já começava no interior do carroção. Porque, na casota pintada de amarelo, o homem e a mulher trocavam palavras roucas, que agora eu não entendia, mas nas quais o ódio e a cólera soavam detestàvelmente. Depois as vozes emudeceram e foram choques surdos de punhos fechados contra corpos em disputa, um fragor de louça quebrada, de móveis derrubados...

— "Mas... Êles se matam, lá dentro!"

Quase gritei isso para o cavalariço, que, plàcidamente, com movimentos preguiçosos, agora, escovava o animal. Êle ergueu os ombros e parou francamente de trabalhar. Parecia, devo dizer, acolher com alegria tudo o que lhe permitisse interromper seu trabalho.

— Êles estão acostumados — explicou-me, com um piscar de olhos canalha.

— Quem são?

— Russos...

— Há muito tempo que estão no circo?

— Dois meses. E êle devia, até tratá-la melhor, pois o que ela faz eu não me animaria a fazer! Um mergulho assim! Saltar do mais alto do circo numa tina com pouco mais de um metro! Um êrro de 10 centímetros e ela morre na certa!

— E são... Russos?

Êle olhou-me com ar de espanto: pois já não me havia dito? Apressei-me a explicar:

— Porque também eu vivi muito tempo na Rússia...

Isto parecia interessá-lo vagamente, porque recomeçou a escovar o cavalo. Acrescentei estùpidamente, como se fizesse questão fechada de lhe revelar detalhes:

— Oh! Foi há muito tempo... Antes da guerra... Conheci principalmente a Rússia do Sul, embora tenha visitado várias vêzes S. Petersburgo... Isto é: Leningrado...

O homem, com um movimento da cabeça, indicou o carroção, onde agora reinava completo silêncio.

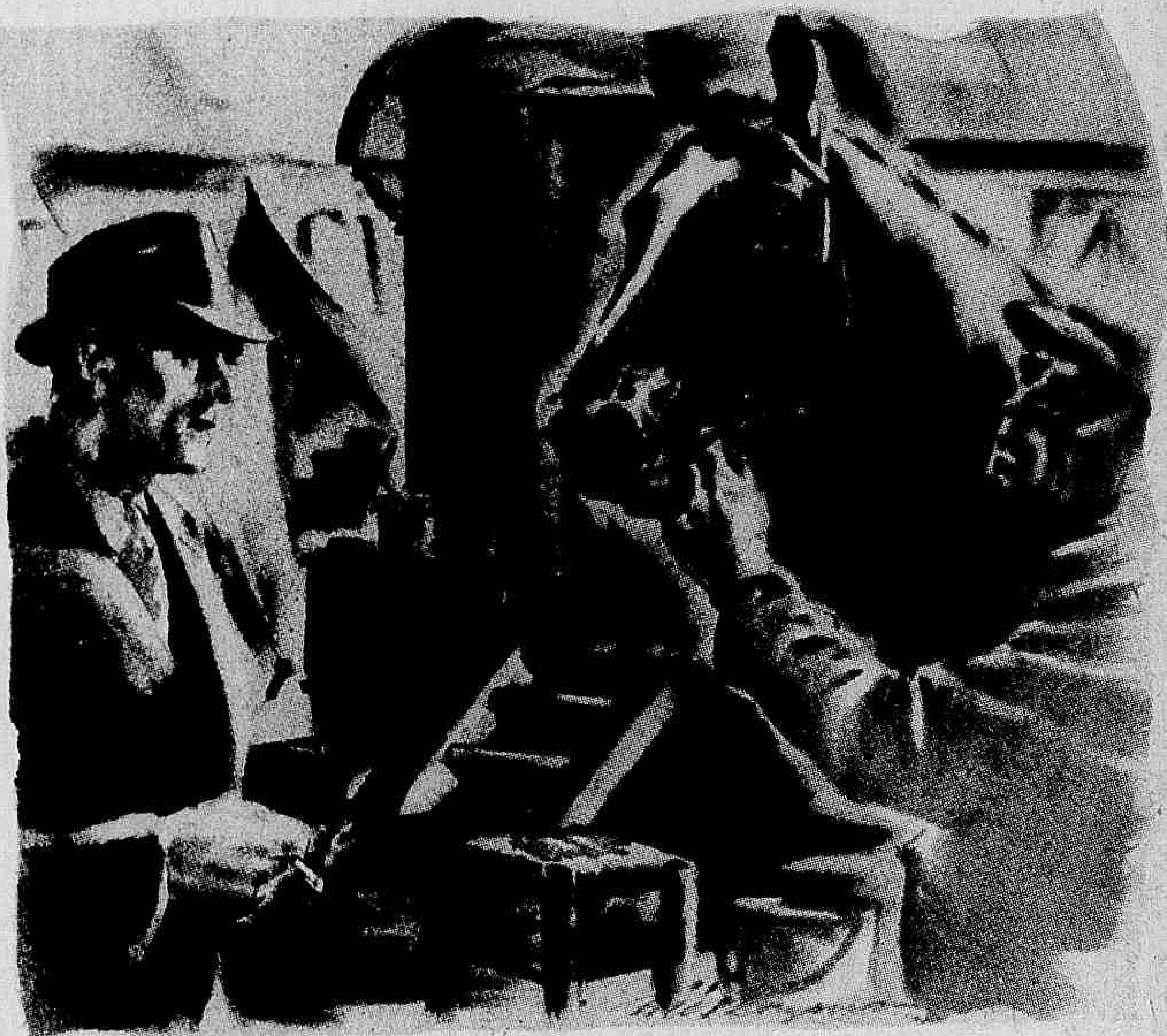
— Neste caso, talvez a tenha conhecido, em algumas dessas cidades. Ela era dançarina principal — segundo costuma contar, pelo menos... Mas nada me surpreenderia... Zagoska! Êsse é o seu nome.

— Za... Nádia Zagoska? É ela?

— Sim...O senhor a conhece? Pois olhe... Sempre pensei que era apenas "prosa" dela.

Não respondi. Eu havia esquecido o homem, o cavalo, o circo, o próprio carroção, e afastava-me de tudo aquilo, sem mesmo saber o que fazia. Eu acabara de saltar vinte e cinco anos para trás. Para S. Petersburgo de 1913. Em vez da miserável praça de subúrbio, onde o pobre circo enraizava suas cordas, eram os palácios e as igrejas da cidade prodigiosa, os telhados verde-claro ou cinzento, os reflexos das águas do Neva, a magnificência regular dos quarteirões do Almirantado, a ponte de Nicolau, a Perspectiva Newski... Mas, principal-

mente, eu retornara ao Grande Teatro, o formidável hemiciclo todo forrado de ouro, que os tzares haviam dedicado à ópera italiana, mas principalmente às prodigiosas *féeries* dos *ballets* russos. Fôra ali que, numa noite de novembro, entre cataratas de luz e de música, entre as construções alucinantes de um cenário esmagador, eu vira surgir, *voar*, aquela que então fazia correr para as bilheterias, a Europa inteira! Nádia Zagoska, a dançarina-estrêla do Corpo de Ballet Imperial. Ao fim de vinte e cinco anos eu voltava a sentir o mesmo entusiasmo sem limites daquela noite: a ardente inflamação de minhas mãos, doloridas de aplaudir: o mesmo dolorido apêrto em minha garganta, castigada pelos repetidos "bravos" gritados com fúria; todo o meu ardor de moço, que eu atirava então ao meu ídolo, numa adoração enlouquecida; essa adoração dos marinheiros de vinte anos pelas mulheres inabordáveis, com as quais enchem os seus sonhos sôbre os mares...



Voltei-me, instintivamente, porque sentia que perdia pé em tôdas essas recordações e que do fundo dêsses anos todos subia uma inexprimível amargura. Todo êsse passado, essa mocidade tinha um frescor ácido: estava tôda contida com aquela mulher envelhecida e castigada pelo destino, ali, no sórdido carroção. E compreendendo o que se passava, fugi!

Mas fui dos primeiros a me apresentar, ao anoitecer, diante da bilheteria do circo, qualquer coisa de miserável e tôsco, com um velho pano vermelho tentando formar uma cortina e iluminada por um bico de carbureto que assobiava de maneira a arrepiar os nervos.

Pedi uma entrada de primeira e um rapazola, com uma libré desbotada, me conduziu até à orla da pista, onde se alinhavam cadeiras de ripas, cobertas com capas de pano verde.

Desde o início, quando a "amazona" fêz sua entrada, sentada sôbre um imenso cavalo baio, compreendi que havia escolhido o pior lugar do circo, pois fui imediatamente aspergido de serragem. Em compensação estava bem junto do mastro com plataforma, de onde se lançaria a mergulhadora. Não deixei de pensar, entretanto, que, antes dela, teria que suportar todos os números do programa.

O espetáculo prosseguiu com uma mulher muito gorda, com camiseta branca e calção curto e justo, que executou um *voltigio* pesado e monótono, com as mãos firmadas sôbre a anca do animal, que ela atormentava com suas ruturas de equilíbrio. O público aplaudiu um pouco quando, com um pé prêso a uma alça da sela, os cabelos varrendo a serragem, deixou o corpo pendente, abandonado, ao longo do cavalo, que executava um galope curto. Empurraram, então, para o centro do picadeiro, um globo pintado de azul,

com estrêlas brancas. Uma adolescente vestida como uma borboleta, magrinha e parecendo ainda menor por efeito de duas grandes asas de gase também azul, saltou para o globo e começou a movimentá-lo com os pés. Então as luzes se apagaram e a equilibrista ficou sob o foco de um projetor, enquanto ela fazia o enorme globo subir um plano inclinado. Parecia, assim, misteriosa e leve, erigida como um símbolo sôbre o globo preguiçoso, onde seus pés mal pousavam. Para descer, numa posição forçada, os braços lançados para trás, a cabeça erguida, o corpo em arco — uma posição para assegurar o equilíbrio — desenhava uma figura-de-proa emocionante e nobre. Recordei, nesse instante, outro corpo, o de Nádia Zagoska, em seu prodigioso *ballet* da "Flecha de Prata", quando apontava, como um projétil vivo, aparecendo como um gênio do ar, de uma sôbre-humana e adorável leveza.

O trabalho de uma contorsionista mal chegou para me distrair. A mulher dava ao corpo a forma de um Z, alongava o queixo, em poses feias, achatadas e aderentes, como a da cobra, trançando bizarramente pernas e braços. Mal olhei para um número de malabaristas japonêses, para outro de quatro equilibristas sôbre cordas, e a enntrada ruidosa de um grupo de palhaços me exasperou de tal forma que recebi o sinal de intervalo como o de uma liberação. Logo que me ergui para respirar um pouco o ar de fora, fui assaltado pela tentação de sair de uma vez, voltar para casa e tratar de dormir. Cheguei mesmo a ultrapassar os limites da praça e caminhei alguns passos pela calçada da rua principal. Então parei, de repente, diante de uma loja, que continuava iluminada: um florista. Era extraordinário encontrar uma loja de flôres ainda aberta, às 10 horas da noite, num subúrbio modesto! Entrei. Sem que tivesse pedido qualquer explicação, a florista me explicou que se tratava de um grande casamento, na tarde do dia seguinte, e que por isso faziam serão. Pedi um ramo e enquanto a florista preparava as flôres, injuriei-me em voz baixa pelo absurdo que estava em vias de praticar.



Flôres para uma velha acróbata de circo suburbano! Que ia fazer com as flôres? Por quem as enviaria? Estive prestes a pedir que mandasse as flôres para minha casa, na manhã seguinte. Depois pensei no espanto de minha empregada e nas suposições que não deixaria de fazer. Então pedi, com voz aborrecida e que surpreendeu a florista:

— Prepare, por favor, de modo a que não se note que são flôres!

Dòcilmente, ela envolveu o ramo num amplo papel cinzento, que a dissimulava suficientemente. Tomei-o, pondo-o sob um braço, sem qualquer cuidado, e voltei para ocupar meu lugar no circo.

Esforcei-me por tomar algum interêsse pelo espetáculo, que se tornava, aliás, um pouco melhor. Foi, de início, uma antipodista, jovem e bonita, vestida à mourisca, que, deitada sôbre uma espécie de poltrona tombada e posta uns três metros acima da pista, com os pés ágeis, brincava com um tambor com as côres nacionais francesas e, finalmente, com uma bandeija de fôlha, que sustentava, girando, na ponta de seu pé agudo. Da cabeça à cintura a mourisca permanecia imóvel e parecia mesmo dormir, com as duas mãos trançadas na nuca. Mas as pernas se moviam como enlouquecidas. A brutalidade dêsses pés calçados de sandálias prateadas, desorientava. Os movimentos das pernas nervosas e vivas, pareciam os movimentos de molas.

Percebi, a tempo, que dessa dança imóvel da antipodista, eu teria que suportar outra e, furioso contra mim mesmo, cheguei a um verdadeiro estado de raiva no final do espetáculo "Que

venha, enfim, essa acriatura pingando água, que eu vira ao pé do carroção sórdido; que venha de uma vez, para me libertar do absurdo sonho que seu nome me impusera!"

Teria apenas a necessidade de olhá-la uma vez mais para compreender que nada mais de comum havia com aquela que eu conhecera e muito menos com o meu passado inopinadamente ressurgido... Contei os números do programa: lá estavam cães sábios, cavalo de borracha, trapezistas volantes, tríplice-jóquei...

Passaram, um a um, com desesperadora lentidão.

Finalmente, o diretor, homem gordo e de longos bigodes, cujos peitorais engomados lutavam para sair de um colête branco, anunciou:

— Senhoras e senhores. Vamos ter a honra de apresentar Mlle. Nádia Zagoska, dançarina-estrêla do Grande Teatro de Leningrado, no perigoso número "O Mergulho da Morte". Mlle. Zagoska saltará de quinze metros de altura num barril de pouco mais de um metro de largura e um metro e meio de profundidade. Pedimos ao distinto público o mais completo silêncio durante êsse número em que a artista arrisca a vida.

A banda executou uma "entrada" barulhenta e a artista surgiu. Contive um grito de surprêsa, porque a Nádia que se apresentava não era mais aquela criatura encharcada, que eu surpreendera, ao sair do corredor, grotesca e trágica, mas a própria Nádia Zagoska da "Dança das Chamas", a do "Ballet dos Cisnes", aquela que Tchaikowsky beijara em pleno palco; aquela criatura pela qual muitos haviam morrido de amor e outros haviam matado, em duelos que surpreenderam a Europa; a mulher, cuja saudade, após vinte e cinco anos, mordia meu coração com uma fôrça indescritível! Sob os jorros de luz, o rosto pintado recuperara essa expressão de ídolo asiático, que alucinava tôdas as imaginações e todos os corações. Aumentados com *kohl*, os olhos imensos se dilatavam ainda mais, abrindo no rosto branco misteriosas e suaves profundidades. Porém o antigo encanto ressurgia sobretudo da miraculosa desenvoltura recuperada sôbre a areia do picadeiro miserável. Era o mesmo caminhar harmonioso que mal pesava sôbre o solo e que levantava, a cada passo, um corpo que, agora eu via, permanecera admirável.

BELA ENCAPUÇADA



NATURALMENTE é para a moda de outono, embora hajam mulheres previdentes que se preparam para a temporada seguinte. Esta, encapuçada, como a estão vendo, apresenta uma novidade berlinense, novidade prática e bonita. (Embora a «bonita», mesma, seja a «manequim», na opinião de alguns.) O capuz está unido ao vestido e, só com o descer o fecho «éclair», logo se transforma em gola, deixando o decote bem aberto. Que façam o julgamento as nossas elegantes leitoras.



A verdadeira razão do aplauso universal que consola o escritor já avançado em anos é que a gente inteligente, depois dos 30 anos já não lê. Com o tempo, vão envolvendo com o resplendor da recordação dos livros que leram em sua mocidade e cada ano que passa adjudicam mais méritos ao autor. — **Somerset Maugham**

O públicó, encantado, aplaudia à sua passagem. Eu, com o coração descompassado, rasguei febrilmente o envelope cinzento que aprisionava meu ramalhete e,

SÓ PARA AS ALTAS



MUITO gracioso, muito novo, porém apenas indicado para as mulheres altas, embora o nome que lhe deu seu criador possa servir para enganos. «Mignonette» não é para tôdas. Até a pequena que o exibe, esbelta, bem proporcionada e airosa, parece um tanto baixota. «Piqué» de raias para o corpo e organdi plissado para a saia, são os materiais que combina o modista inglês Rhavis em sua ousada criação. Um ramo de cerejas, como se observa, é o adôrno do decote.

★

OS livros são os instrumentos para perpetuar os conhecimentos acumulados lenta e penosamente através dos séculos. São também os meios para preservar e reforçar os fundamentos da cultura. Fazem às vêzes de um inventário do progresso humano e assinalam o ponto de partida para o futuro. Por meio dos livros, os recursos espirituais da humanidade se convertem no patrimônio das gerações vindouras. — **Carl R. Woodward**

quando ela passou à minha frente, à borda da pista, meu braço, que empunhava as flôres, a deteve. Balbuciei:

— Há vinte e cinco anos que eu desejava oferecer-lhe! Admirei-a... adorei em Petersburgo, no "Cisne Ferido", no "Nascimento do Fogo"...

Disse tudo depressa, passando-lhe as flôres, a fim de não a reter mais do que fôsse correto. Falara também sem a olhar. Ela murmurou, apenas:

— Ah! Sim, sim...

Foi nesse momento que olhei para ela... e notei todo o mal, o irremediável mal que acabara de praticar. Ela me fitava com ar estonteado e li em seu olhar uma dor terrível, um desespêro sem limites. Quando voltava a êsse picadeiro, sem uma idéia, como os outros animais do circo, surgia um desconhecido para reanimar em seu coração e em sua mente a atroz saudade do glorioso passado, dêste passado morto, bem morto. Sùbitamente envelheci diante dos meus olhos, retomava sôbre os pobres ombros fatigados, sôbre o rosto angustiado, o pêso dos vinte e cinco anos de miséria e decadência. Quando se afastou, enfim, para concluir sua volta pela pista, pareceu-me que havia um século que ali estava.

Ouvi o ruído de água. Tinham levado para junto do mastro um grande barril, alto e estreito, enquanto vários homens, suportando uma mangueira, dèitavam-lhe água. Eu estava sentado quase ao pé do mastro, que era ladeado por degraus de ferro. Vi quando subiu, muito lentamente, segundo me pareceu, porque usava apenas a mão direita, pois com a esquerda sustentava meu ramo de flôres, apertado contra o peito. Não levantei a cabeça. Dizia para mim mesmo, para resistir à tentação de deixar imediatamente o lugar: "Mais alguns segundos e depois será o grande "pluf", no barril e a água saltando para todos os lados... Aqui mesmo, onde estou, receberei alguns respingos — e então poderei fugir, esquecer esta noite abominável.

Fugi, sim, mas gritando, um grito que parecia não ter fim, que dominou todos os outros gritos apavorados da multidão, quando o corpo, descendo como o raio, foi esmagar-se sôbre a pista.

JUNTOS, OS MATAMOS



MINHA vida tem coisas curiosas e não sei por que o destino gosta de pilheriar comigo. Em certos momentos parece mesmo que ouço o riso abafado de minha sina, como se um outro eu gostasse de zombar de mim. Já fazia seis meses que eu evitava aquela rua, a que dava para o teatro a oeste da Broadway, onde levavam a peça "Fair Is The Winds", estrelada por Claire. Todos os dias os jornais, as revistas, as lojas, exibiam sua figura deslumbrante.

As filas à bilheteria eram permanentes, todo mundo procurando ver e admirar a linda "estrêla" apetecida por Hollywood, mas que a Broadway não queria jamais deixar sair.

Claire! Êste nome era para mim apenas uma lembrança. Era também muito linda. Nada teria, certamente, com a Claire da Broadway, formosa loura com a beleza da juventude e da maturidade perfeitamente combinadas. Todos a desejavam. Não havia um momento em que os homens não lutassem por um sorriso seu, e dariam a vida pela chance de lhe tocarem o corpo maravilhoso.

Realmente muito bonita. Um amor. Era a mulher com a qual os homens sonham, a mulher perfeita como tôda mulher deseja ser.

Porém, a Claire de minhas recordações era apenas uma lembrança. Mas eu a possuí um dia. Foi isto há sete anos passados, num mundo muito diferente dêste da Broadway, onde eu estava agora com outra Claire em frente a mim. Bem pertinho dali, justamente ao lado do teatro, estava o restaurante de que eu lhe falara. Se ela fôsse a New York, me procurasse ali, que me encontraria.

Conto de
MICKEY SPILLANE

Nesse instante, eu vi Claire, a artista, encaminhar-se para o restaurante, para almoçar. Acompanhei-a com os olhos. Dali a pouco eu precisava ir ao escritório de Gus Kimball, a fim de firmar um contrato de trabalho de engenharia fora do país, na Bolívia. Tratava-se de importante obra de engenharia, com abertura de túneis. O engenheiro contratado não ia mais, e Kimball me escolhera para o serviço. Era uma chance, não sòmente quanto a dólares, como ainda no que toca à fama, pois eu poderia crescer no conceito da ciência. Êle me propôs substituir o outro e me perguntou se eu aceitava. Ora veja! Perguntar a uma abelha se ela quer mel! Claro que aceitei com açodamento. Gus ficou contente e despejou bebidas para nós.

— Pelo seu triunfo, Joe! — disse êle, alegre. Batemos os copos. Gus continuou: — Francamente, Joe, eu estava temendo que você não aceitasse o cargo.

— Aceito.

— É um lugar solitário e nêle você passará alguns anos. Mas, em certos aspectos é o que se pode dizer, um lugar ideal.

— Fechado. Acho que é bom para mim.

— Ótimo. Há apenas uns detalhes a considerar. Pode parecer exagerado, mas você conhece nossa organização. É que todos os nossos funcionários de direção e responsabilidade, que se estão mobilizando para lá, devem levar suas espôsas.

Instintivamente, esvaziei o copo, de um trago.

— Mas isso não nos preocupa — — continuou — pois bem sei que homens como você não vivem sem mulher... Você já é noivo?

— Sou, há muito tempo.

— Parabéns — disse êle, a rir, com moderação. . — Tem você ainda quatro meses para acomodar as coisas e preparar-se. Eu desejaria estar nos meus trinta, para ir também. Trataremos, nesse ínterim, de seu transporte e demais detalhes. As mulheres precisam de muita coisa para erguer o moral.

Depois de conversarmos sôbre outros assuntos, despedimo-nos. Eu teria que decidir o meu caso. Era necessário casar-me. Na lista de minhas eleitas eu tinha Helen, Jean, Glória e Francis. Mas tudo já estava desfeito. Só uma figura continuava a fulgir no meu espírito: Claire. Mas isso já estava com sete anos de atraso.

Dela só me restava a lembrança. Fôra em Santa Maria, quando eu pude atingir o solo, depois de ver apenas o amontoado de casas e as colinas obscurecidas pela penumbra de uma noite. A luz da lua se coava através da cúpola do meu pára-quedas, enquanto eu descia das alturas sôbre touças de arbustos.

A noite não era muito boa para um salto. O pára-quedista seria fácil alvo de quem o observasse do solo. Mas não havia outro jeito. A ponte tinha que ser destruída. As tropas invasoras estavam marchando pelas estradas desde o dia anterior, e a ponte deveria voar naquela madrugada, para que não servisse de passagem ao exército inimigo. Tudo dependia de mim, um sujeito com um saco de explosivos às costas, destinado a dinamitar uma ponte que dava acesso a Santa Maria.

Quando a ponte fôsse destruída, estava detida a marcha dos invasores.

Quando eu atingi o solo, apenas fiz ligeiro ruído. Rolei um pouco na relva e já me preparava para enterrar o pára-quedas num lugar que havia escolhido, quando, de súbito, ouvi uma voz dizer:

— Não... senhor, aí não!

Senti um arrepio pelo corpo e empunhei o meu 45, pronto para atirar, quando vi um rosto muito alvo a emergir das dobras de uma capa.

— Você escapou de morrer agora, mocinha — disse-lhe eu, ainda sob a emoção daquele susto.

— Eu morro tôdas as noites, senhor. Venha comigo, por favor. Se eu o vi, então talvez outros o terão visto também. Vamos, depressa!

Ela tomou-me o braço e me foi guiando pelo mato através de uma vereda até a uma casinha baixa de pedra, ao lado da colina. Fui atrás dela até à porta. Fiquei ali em pé, enquanto ela cobria as janelas e riscava um fósforo para acender o candeeiro, que estava sôbre uma mesa. Ao voltar-se para mim, estava eu com o revólver na mão, apontando para seu estômago.

— Eu não sou *dêles*... — exclamou a jovem, evitando pronunciar o nome do povo inimigo.

— Talvez não, menina. Fico assim desconfiado porque já experimentei muitas tapias e não quero dar nenhuma chance. — Ri um tanto contrafeito, pois eu desejava ocultar que ainda estava assustado.

Ela jogou a capa a um canto. Parece que foi nesse instante que eu me senti apaixonado por ela. Tudo foi muito rápido e eu senti o mais inesperado sentimento de amor para com aquela estranha desconhecida. Imediatamente comecei a pensar num montão de coisas, especialmente do que a guerra pode fazer com cada um de nós.

Ela era bela. Talvez com uns vinte anos de idade, delicada e linda, com uns olhos deslumbrantes, a iluminar a nossa alma. Com os diabos! Não há quem possa descrever a beleza daquela jovem. Podemos apenas pensar e imaginar. Um

corpo escultural, tinha em cada curva um convite sutil, uma sugestão ao seu eleito. Por momentos eu estive numa tortura. Coloquei meu revólver no coldre e fiquei de pé onde estava. Ela sorriu e como que tôda a casa se iluminou.

— É a ponte o que você deseja, não?

Não respondi. Ela se sentou e começou a tamborilar com os dedos na mesa.

— Nós sabíamos que isso tinha que ocorrer. *Êles* aí estão. — Mais uma vez, ela se referia a *êles*, sem pronunciar o nome. — Mas o senhor não pode ser capaz de realizar a tarefa, conforme os planos. Sòmente esta tarde êles trouxeram grande número de homens para guardar o local. Estão alertas porque sabem que é a ponte uma ligação vital. Você sabe que êles conhecem bem o assunto.

— Nós também — disse eu.

— Qual o seu plano?

Ri.

— Meu plano é fazer o trabalho de qualquer forma.

E parti para a ação, trajado como simples camponês, tendo jogado fora



meu uniforme de pára-quedista. Coloquei meu revólver á cintura e pus o saco de explosivos às costas.

Ela pilheriou:

— Se o agarrarem será fuzilado, sem dúvida.

— Claro!

Ela riu com um riso diabólico.

— Vocês, americanos, têm muita bravura. Às vêzes, esquecem que um objetivo não pode ser tomado assim... tão diretamente. Há outros meios de fazermos as coisas sem levar bala.

Eu a fitei forte e intencionalmente, de ôlho vivo nela, com a atenção voltada para qualquer ruído ou movimento em tôrno a mim. Dos lados da cidade eu percebia barulho de veículos pesados a rodar na estrada pavimentada com pedras.

— Quem é você, garôta?

— No movimento subterrâneo eu tenho um número de código. Sempre, desde minha infância, brinquei sob a ponte e ao longo do rio. Quando a população da cidade a evacuou, eu fui designada para ficar por aqui. Você sabe... desde muito, nós esperávamos que isto viesse a acontecer, e era eu a única a conhecer como palma de minhas mãos, todos os recantos desta zona e os pontos de importância da ponte. Por isso, ficou a missão a meu cargo. Por isso eu vou guiá-lo até à ponte. Está bem?

— Não. A coisa é por demais arriscada.

— Não discutamos. Não há tempo para isso. De certo sua experiência e conhecimento do caso lhe mostram que a ponte está fortemente guardada e vigiada.

— É claro.

— Que devo fazer para convencê-lo de que deve confiar em mim?

— É difícil — respondi. — É um caso delicado. Nós nunca nos comunicamos com o movimento subterrâneo francês a êste respeito.

Seus dedos deixaram de tamborilar na mesa. Depois, prosseguiu:

— Eu já lhe disse que esperávamos isto. A estrada de ferro é o único meio

de movimentar tropas, pois tôdas as rodovias estão fora de forma.

— Sinto muito, menina; mas eu procurarei fazer o trabalho com um sorriso.

— Sei.

Seus olhos lucilavam de encontro aos meus, como se procurassem uma solução. Em seguida voltou:

— E que resolve fazer de mim?

— Amarrá-la de modo que você só se possa soltar depois de certo tempo. Como lhe expliquei já, há muitas maneiras de me meterem em truques, mas não caio nêles como se estivesse cego.

Um sorriso dançou nos cantos de sua bôca. Seus olhos também pareciam rir.

— Eu poderia amaldiçoá-lo em nome da França, por ser tão estúpido. Mas, também poderia amaldiçoar-me a mim mesma e aos outros, por sermos tão precavidos que não trazemos conosco qualquer prova de identidade.

Eu tinha um rôlo de cordas bem ajustada à minha cintura, quase a ferir-me. Retirei-o e desatei, a fim de esticá-las bem.

— Em nome da França e dos outros do movimento, você faria muito melhor

se me deixasse ir sòzinho. Digo-lhe que não darei nenhuma chance ao inimigo para me agarrar. Dariam belos prêmios a quem pegasse um sabotador ou dois.

— Por que não quer que eu o acompanhe?

— Porque eu sou um homem e você uma mulher, menina. E uma linda mulher, além de tudo.

Sua mão sustentava um revólver e ela o apontou diretamente sôbre minha cabeça.

— Se eu tivesse querido, tê-lo-ia liquidado antes. Ou poderia receber um prêmio, como você pensa.

Meus dedos apertaram fortemente a corda e eu senti a bôca sêca. Ela depôs a arma sôbre a mesa, com a coronha virada para mim e disse:

— Ainda julga que não mereço confiança?

Recobrei a serenidade e tornei a enrolar a corda em volta de minha cintura.

— Algum dia lhe responderei, pequena.

Quando ela viu que eu não apanhava a arma, colocou-a num bôlso de sua saia. Eu a olhei ràpidamente, mas com energia:

— Você sabe o que lhe sucederia se êles a apanhassem com isto aí na saia?

— Sim. Primeiro eu tinha que matar vários dêles. Depois êles me matariam.

Pronunciou isso destacando palavra por palavra.

Eu terminara de acomodar a corda em tôrno de meu corpo e então me dispus a sair para a aventura.

— Bem, como quiser; mas me diga duas coisas: se vocês sabem que é tão importante esta ponte, por que não fizeram algo a respeito dela? Se sabiam que isto ia acontecer, deviam ter realizado antes.

— Não fizemos porque nos faltava isto que você traz aí no saco. Era isto o que nos faltava. Não dispomos de explosivos, nem é trabalho para uma pessoa.

— Por quê?

— Você sabe. O plano foi elaborado há tempos. Por isto eu fui deixada à retaguarda.

— Continue.

— A guerra chegou até nós, senhor... senhor...

— Meu nome é Joe.

— O meu é Claire. Mas, como dizia, a guerra chegou. Antes de maiores desgraças e destruições, a população foi levada para as colinas distantes.

— Não houve nenhum sinal de resistência?

Ela respondeu com vigor:

— Nós tínhamos aqui um radiotransmissor e imprensa; mas não pudemos evitar que fôssem capturados.

— Lamento muito — disse eu. — Vocês são uns bravos.

Seus olhos se mostraram tristes:

— Não mais bravos do que você, Joe. Você esparava morrer ao descer aqui, não foi?

— Dei de ombros.

— Sempre se está esperando que isso suceda uma vez.

— Tudo correrá bem. E você organizou a retirada.

— Sim — murmurei.

— Então esperemos pelo melhor. Mas não é preciso que eu o guie até lá?

Eu estava disposto a não aceitar isso. Aquilo era contra todos os meus treinos para os serviços de sabotagem, uma violação ao que as instruções determinavam. Quantas vidas dependiam de minha decisão? Milhares? Tudo por causa de uma mulher bonita, com uns olhos perturbadores e uma voz celestial. Mas o tempo urgia e eu tinha que realizar o trabalho. Ràpidamente, aceitei o seu oferecimento, embora nessa parte os meus planos estivessem sendo modificados por uma mulher, embora tivessem sido organizados por técnicos.

Convenci-me de que estava certo. Olhou o meu relógio e disse: "Vamos!"

A ponte faz parte da história, mas não aquela noite. Foi um dos maiores e mais sensíveis momentos em tôda a minha vida. Estive em ansiedades e jamais esquecerei aquêles momentos de amor ardente, de paixão incoercível. Claire me pertenceu naquela noite memorável.

Embora tudo parecesse morte, aquela noite teve para mim o maior fulgor de vida. Ouvíamos o ruído metálico das tropas invasoras, víamos a luz dos projetores e as sombras da morte em redor. Mas continuávamos a prosseguir para o objetivo. Claire me tomou pela mão

guiando-me pela vereda até ouvirmos o murmúrio do rio.

Tínhamos ainda duas horas à nossa frente, tempo previsto para realizarmos o serviço e poder eu procurar no local determinado o pequeno avião que devia receber-me. Ao chegarmos a certo ponto, deitamo-nos na relva, as costas no solo e o olhar nas estrêlas. Encontrávamos a vida num ambiente de morte. Esquecemos tudo o mais para nos lembrarmos de nós. Eu estava absorto, os olhos no firmamento iluminado, quando senti uma sombra dourada obscurecer-me a vista. Era uma nuvem de seus cabelos sôbre meu rosto. Beijamo-nos e eu senti a quentura de seus lábios e a doçura de seu seio. Ela falou meigamente:

— Nós nos amamos, Joe.

Abracei-a com fervor. Eu teria atravessado um continente para encontrá-la. Estivemos naquele idílio de amor, até que os ponteiros do meu relógio me avisaram de que era chegado o momento de pôr têrmo ao amor e realizar o dever.

Ela me conduziu cautelosamente até à margem do rio, por entre os caniços. Ela estava calma; porém, nenhum de nós falava. Em certo ponto pudemos ver a ponte e a grande quantidade de soldados e sentinelas por tôda a sua extensão. Percebíamos ordens de comando e ruído de vozes e movimento de armas. De instante a instante, os jatos de luz dos holofotes varriam grandes extensões do espaço e do curso do rio, como se êles estivessem esperando ataques dos céus, da terra e das águas.

Claire me disse:

— Preste atenção, Joe...

Voltei-me para ela.

— Ouça-me: daqui parte um pequeno braço do rio, com leito de argila. Se você conseguir andar sem provocar ruídos e manter-se sempre oculto pela sombra dos arbustos e plantas marginais, chegará a salvo à ponte. Sob a ponte não há sentinelas, e os holofotes são dirigidos ao longo das margens e da estrada. Sòmente nesta parte da margem o fundo do rio é bastante sólido para permitir andar. Nenhum dêles está de baixo da ponte, pois que ninguém poderia manter-se ali sem afogar-se, pois o fundo é lodoso e a corrente é forte.

Eu fiz um sinal de confirmação com a cabeça e olhei todo o caminho a seguir. Olhei a lua, que já chegara ao zenite, o que era favorável a mim, pois evitava formação de sombras.

— Temo apenas denunciar-me com o meu movimento — disse-lhe eu. — Não é possível ficar quieto a quem avança.

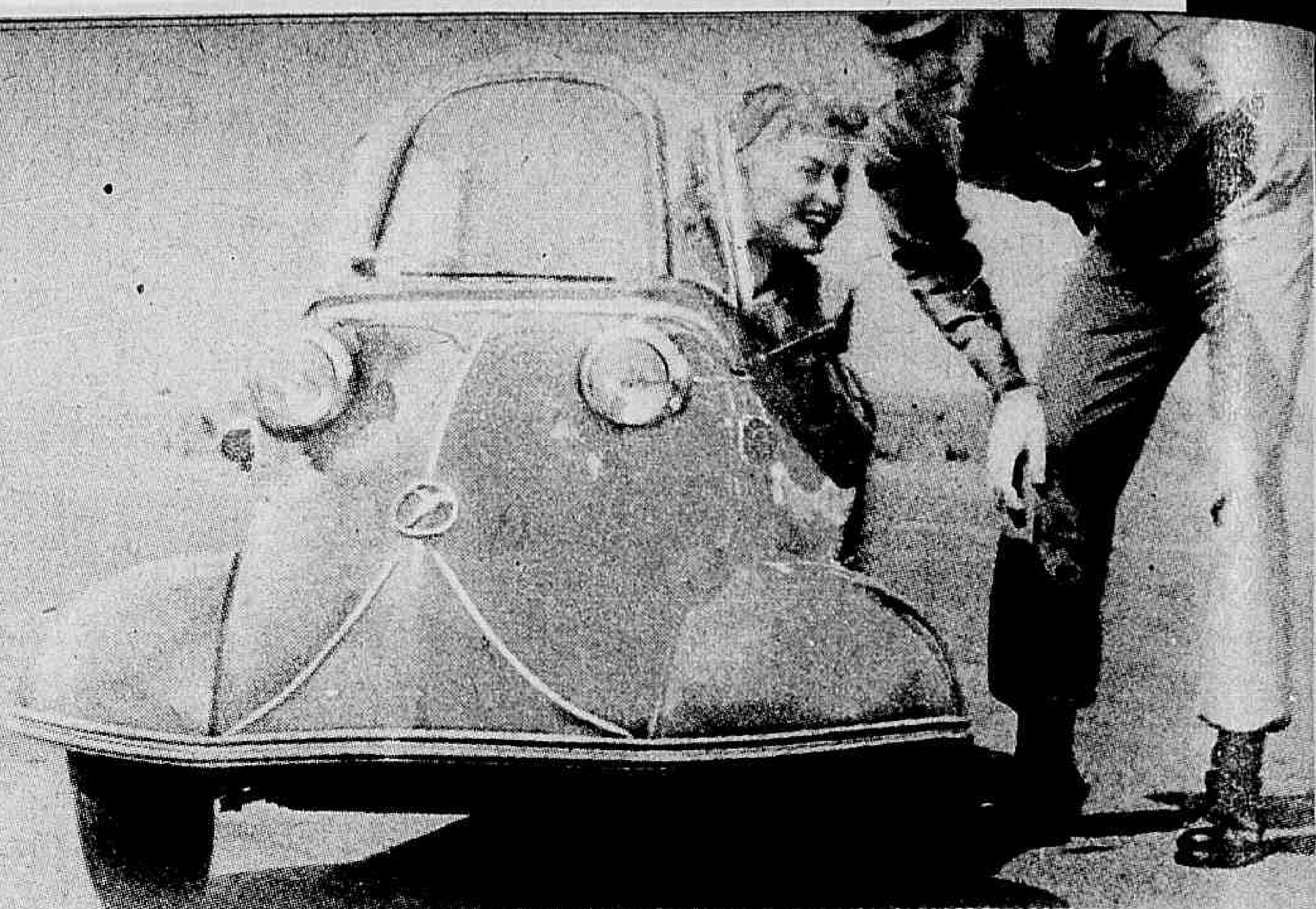
Ela respondeu, com voz doce:

(*Continua na página* 116)



AUTOMÓVEL DE BÔLSO

PARECE UM BRINQUEDO E ANDA A 100 KM POR HORA



Em comparação com um homem de boa estatura, o «Cabinroller» parece um automóvel de brinquedo. O «capot» é de plástico e tem janelas amplas.

DA cabeça de Willy Messerschmitt saiu êste bólide de três rodas, que, pelas vantagens que oferece, pode vencer a motocicleta, loucura da atual geração. Salientemos que Messerschmitt, pai dêste brinquedo para adultos, é o desenhista

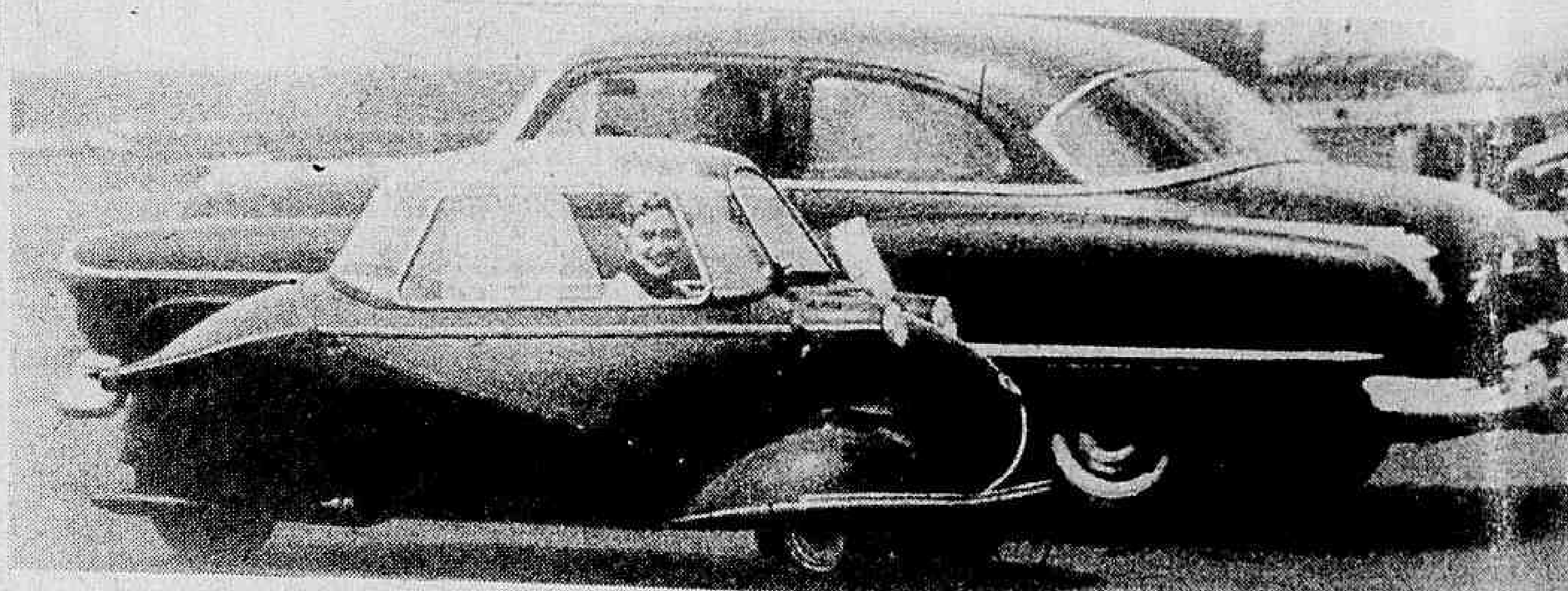


e construtor dos célebres aviões de guerra alemães. Ao seu novo veículo incorporou não poucas características e detalhes dos referidos aviões. Do ponto de vista econômico, êste automòvelzinho de dois lugares não tem rival.

Dotado de um motor de 175 CC, dois cilindros, nove cavalos, colocado na parte traseira, o veículo atinge nas estradas velocidade de 100 quilômetros. Consome dois litros de gasolina nos cem quilômetros.

Se a despesa de entretenimento é reduzida, seu preço de venda também o é: 500 dólares apenas.

Pesa o "Cabinroller" 180 quilos, equitativamente distribuídos sôbre as 3 rodas, podendo ser levantado do solo todo um lado do veículo sem grande esfôrço. Em vez de volante, tem alavanca-guidão, como o da bicicleta e, como nesta, seus dois ocupantes sentam um atrás do outro.



Ao alto: o «Cabinroller» parece um pequeno inseto, quando cruza, na rua, com um automóvel normal. Mas na hora de achar uma vaga, todos querem possuí-lo. À direita: para ver o que tem o veículo não é preciso deitar-se no chão e materse debaixo dêle. É bastante levantá-lo, como faz a bela «chauffeuse».

EXISTE VIDA HÁ SEIS MIL MILHAS DE PROFUNDIDADE, NO OCEANO — De fato, existem pequenos organismos no famoso Abismo das Filipinas, uma das partes mais profundas do Oceano, com mais de seis mil milhas e meia abaixo da superfície e onde a pressão é de 15.000 libras por polegada quadrada. O dr. Claude E. Z. Bell, professor de microbiologia marinha da Universidade da Califórnia, revela que essas bactérias vivas foram encontradas em âmago de sedimentos colhidos no fundo oceânico, ao largo das Filipinas, a cêrca de 10.380 m. Foram encontradas umas 100.000 bactérias por grama de lama em um só sedimento.

NO SÉCULO XXI

MARAVILHAS DA QUÍMICA

BATERIAS atômicas, absolutamente inofensivas e para variada aplicação, nas fábricas e nos lares, o ferro extraído do centro da terra e o sangue sintéticos com elevado poder curativo, estão incluídos entre as maravilhas químicas que nos serão oferecidas nos próximos 50 anos.

Não são engraçadas fantasias nem sonhos de leigos, mas predições muito sérias, feitas por ocasião do 75º aniversário da fundação da American Chemical Society, pelos mais respeitados químicos norte-americanos, tais como John C. Bailar, da Universidade de Illinois, R. Norris Shreve, de Purdue, Harry N. Holmes, de Oberlin, e Aristid V. Grosse, do Instituto de Pesquisas da Universidade de Temple.

Segundo êsses cientistas, assim será o nosso mundo em 2.004.

As casas residenciais possuirão unidades que garantirão tudo relativamente a aquecimento, refrigeração, ar condicionado, contrôle contra insetos, fôrça, etc. Uma vida confortável será possível, mesmo em áreas como as da região Ártica ou Antártica, assim como da região da selva brasileira. Haverá absoluto contrôle químico de tôdas as enfermidades. Certas casas poderão ser construídas de plásticos e outros materiais sintéticos, enquanto os telhados consistirão de "roupas" fabricadas sintèticamente.

Cada casa comunicará com a outra por meio de rádio e televisão (recepção e transmissão), como hoje nos é dado obter pelo telefone. E tudo garantido por baterias atômicas poderosas e inofensivas.

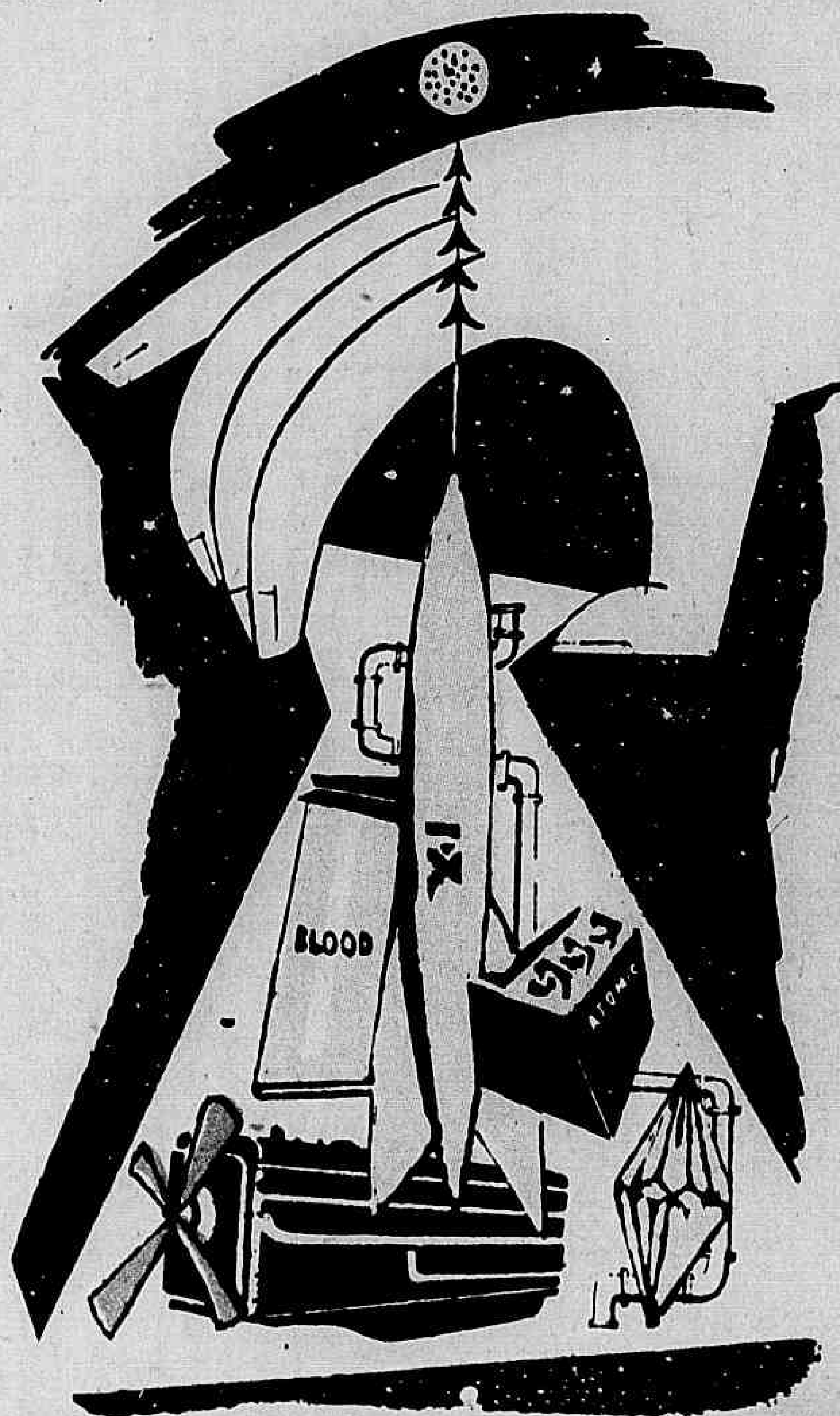
Aristid V. Grosse explica: "Simples alfa-emissoras garantirão a aplicação prática dessa energia atômica", enquanto outro químico declara: "Urânio, Plutônio e novos elementos serão a fonte de energia para o aquecimento e a refrigeração dos lares".

Com o desenvolvimento das máquinas atômicas inofensivas à saúde humana, nossos descendentes acharão graça no nosso mêdo atual da radioatividade, como hoje gracejamos com o mêdo de nossos avós pela máquina a vapor.

Os suprimentos de bôca também serão aumentados, graças a novos processos, como o da fotossíntese artificial, imitando em fábricas gigantescas o trabalho do enverdecer das fôlhas. Êsse processo também nos dará material barato que nos livrará da atual necessidade de usar carvão ou petróleo.

Por sua vez, Harol Vagtverd, de South Weste, Ressearch Instituto, afirma que "As sementes serão expostas a um bombardeio cósmico, disso resultando grandes variedades de plantas "feitas a mão", para melhor atender às necessidades do estômago do mundo. Para começar, todos os terrenos poderão ser aproveitados para a agricultura. O próprio mar e o sal que nêle se contém, proporcionarão ao Homem mais produtos químicos, sob a forma de magnésio, da bromina... e também água fresca.

Porém, teremos outras variadas e maravilhosas fontes de material para a indústria, como o ferro, obtido do centro



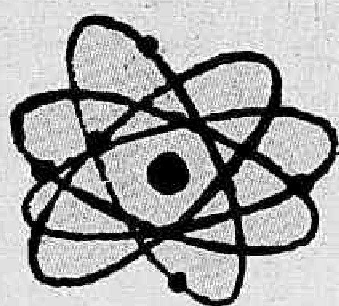
da Terra e que não exigirá tratamentos dos altos fornos.

Por sua vez, o bombardeio atômico nos dará o aço com a composição desejada, assim também o níquel, o cobalto, o vanadium e o cromium. Não sòmente o diamante poderá ser fabricado à vontade do carvão, mas também uma nova série completa de cristais de carvão, imediatamente entre o diamante o grafite.

Os elementos 99 e 100 serão fàcilmente sintetizados, sendo o último, provàvelmente, chamado "centium", e "transcentium", um outro elemento ainda não conhecido.

No campo da medicina, bactérias e vírus serão dominados em sua grande maioria. Haverá cura e prevenção para a pólio, as enfermidades mentais, as alergias e o resfriado comum.

— A transfusão do sangue — anuncia o dr. Herman Mark, do Instituto Politécnico de Brooklyn — não será usada como um tratamento de emergência, mas como um meio de substituir as proteínas normais do sangue por macromoléculas (moléculas gigantes) absolutamente resistentes aos micro-organismos e contendo grupos protéticos para destruição dos fatôres detrimentais. As drogas serão seletivamente solúveis em macromoléculas com princípio ativo adequado a todo o sistema.



SÃO COISAS DA VIDA...

EM Miami, um vendedor de móveis e objetos usados, adormeceu na loja, com o charuto aceso entre os lábios. Minutos depois, acordou com a roupa em chamas. Tão atarantado ficou que se levantou num salto... derrubou um aparador, sôbre o qual se achava um grande filtro com água, a qual derramou tôdinha sôbre êle, apagando as chamas. Por sua vez, em Grand Rapids, Estado do Michigam, tendo um curto circuito provocado o incêndio numa loja de tapêtes, minutos depois um pau de cortina, tombando, acionou um sinal de alarma contra-incêndio, o que promoveu a imediata chegada dos bombeiros, que logo dominaram o fogo.

★



EM Nova Orleans, um indivíduo entrou numa loja de pássaros e, sem pedir licença, foi logo abrindo as portinholas de quatro gaiolas de canários e nove de periquitos, ao mesmo tempo que dizia para quem o quisesse ouvir: — «Vamos! Dêem o fora daí. Também estive prêso e sei como vocês se sentem». Porém, para seu grande assombro, todos os pássaros, depois de voar, atarantados, por algum tempo, voltaram direitinho para suas respectivas prisões.

★

NUMA emprêsa funerária de Roma, há um grande cartaz, que reza: «Aquêles a quem temos servido podem testemunhar a eficiência com que os atendemos».

★

NUMA pequena localidade do norte da Inglaterra, um mineiro queixou-se à polícia contra sua própria espôsa, alegando que a mesma tôdas as noites calçava botas de montaria e também esporas... para agredi-lo enquanto dormia.

★



UM assombrado habitante de Seattle, Washington, foi contar à polícia que depois de haver fechado muito bem a porta do seu quarto e de guardar quarenta dólares num pé de meia, que colocou debaixo do colchão da cama, ao acordar, na manhã seguinte, encontrou a meia no mesmo lugar em que a havia deixado... porém sem o dinheiro!

★

A polícia de Buenos Aires prendeu uma elegante mulher, acusando-a de roubo, depois de descobrir nela a seguinte evidência do delito: dez blusas de «nylon», dois vestidos, nove pares de sapatos, duas lanternas elétricas e uma bola de volibol (vazia) sob o próprio vestido que usava na ocasião em que foi detida.

★

EM San Diego, Califórnia, depois de visitar pela terceira vez uma sorveteria, a fim de comprar sorvetes de pistache, um marido filósofo explicou o seu problema ao pasmado empregado: sua espôsa estava misturando tintas, a fim de pintar a parede da cozinha e insistia no sentido de conseguir aquela côr do sorvete...

VISÃO MUNDIAL

O CANAL DE SUEZ NA ENCRUZILHADA DAS INVASÕES

Por DE MATTOS PINTO

A INGLATERRA EVACUARÁ A ZONA ESTRATÉGICA

O nacionalismo egípcio renasceu depois da Segunda Guerra Mundial e impõe a retirada das tropas inglêsas aquarteladas na árida faixa do Mar Vermelho, exigindo a libertação do Canal de Suez. Desde 1948, há seis anos, o Egito intima a restituição dêsse território, julgando ofensiva a permanência de tropas estrangeiras, inconcebível para a soberania do Estado. Intensificou-se a agressividade política entre o Cairo e Londres com o movimento revolucionário, que depôs o Rei Faruk com o seu cortejo de tradicionalistas e cuja vitória trouxe à cena as personalidades do general Mohammed Naguib e do tenente-coronel Gamal Abdel Nasser, os dois novos chefes da recuperação nacional do Egito. De Port Said, na abertura da passagem marítima, passando por Ismailia, no centro da zona, até à cidade de Suez, na entrada do Mar Vermelho, as populações nativas hostilizam as fôrças britânicas em defensiva, repetindo-se a intervalos os choques armados entre o exército patriota e o exército ocupador. Julga o tenente-coronel Gamal Abdel Nasser que a sua obra revolucionária de renascença moral do Egito



Um soldado inglês pesca nas águas do Canal de Suez, enquanto um moderno navio faz a travessia da passagem marítima que liga o Mediterrâneo ao Mar Vermelho.



Sir Winston Churchill enfrenta, com a questão do Canal de Suez, um dos mais graves problemas estratégicos do Império Britânico, pois da base de Suez depende a defesa da Jordânia, Israel, Iraque, Turquia a também todo o Oriente-Médio.

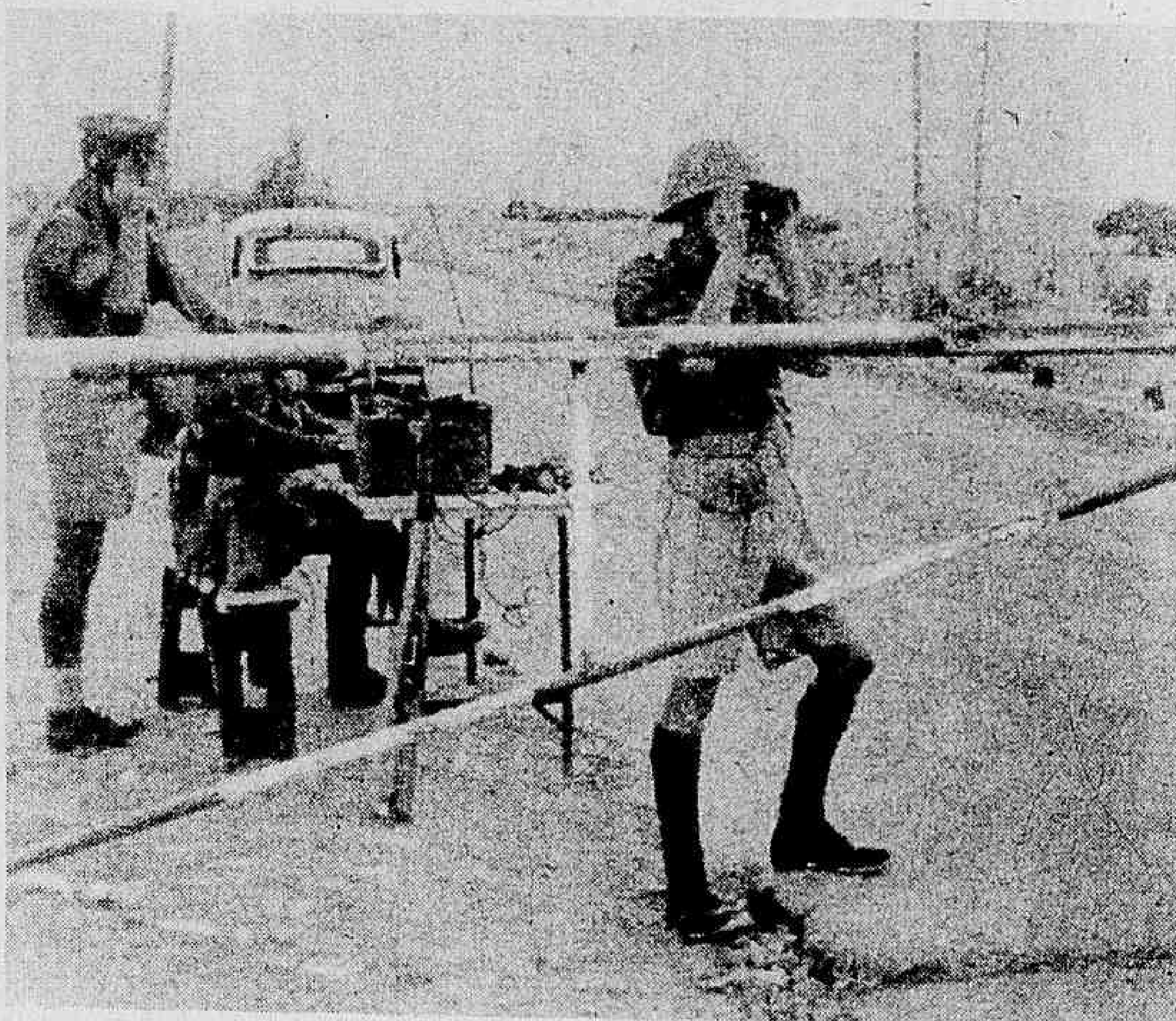
só se completará com a definitiva evacuação dos inglêses. As entrevistas diplomáticas se prolongaram por meses e por anos, pois havia outros problemas mascarados na questão.

Os Estados Unidos acompanham os debates secretos devido à sua estratégia no Oriente-Médio, interessados em salvar os aeródromos e as bases militares instalados na Turquia, que a diplomacia norte-americana incluiu entre os países dignos de receber equipamentos modernizados e ajuda econômica.

Sir Ralph Stevenson e Jefferson Caffery, respectivamente, embaixadores da Inglaterra e dos Estados Unidos, trocam informações sigilosas. Tudo indica que sir Winston Churchill e o presidente Dwight D. Eisenhower visualizaram os fatos, acompanhados dos peritos anglo-americanos, na perspectiva da política mundial e o caso específico do Canal de Suez, na sua recente Conferência de Washington. Insiste nas suas reivindicações o govêrno do Cairo e Anthony Eden vinha sendo interpelado na Câmara dos Comuns, sôbre a decadência do prestígio britânico no Império.

Sôbre a pressão dos acontecimentos no Oriente-Médio, supõe-se que sir Winston Churchill aconselhará à Rainha Elizabeth II a dissolver o Parlamento e a convocar eleições gerais, dando ensejo ao povo de escolher representantes mais enérgicos e capazes de revitalizar o impulso do Império Colonial.

Dez mil técnicos garantem o funcionamento das instalações elétricas das usinas



Patrulhas inglêsas vigiam o tráfego de automóveis e caminhões na Rota de Suez ao Cairo,

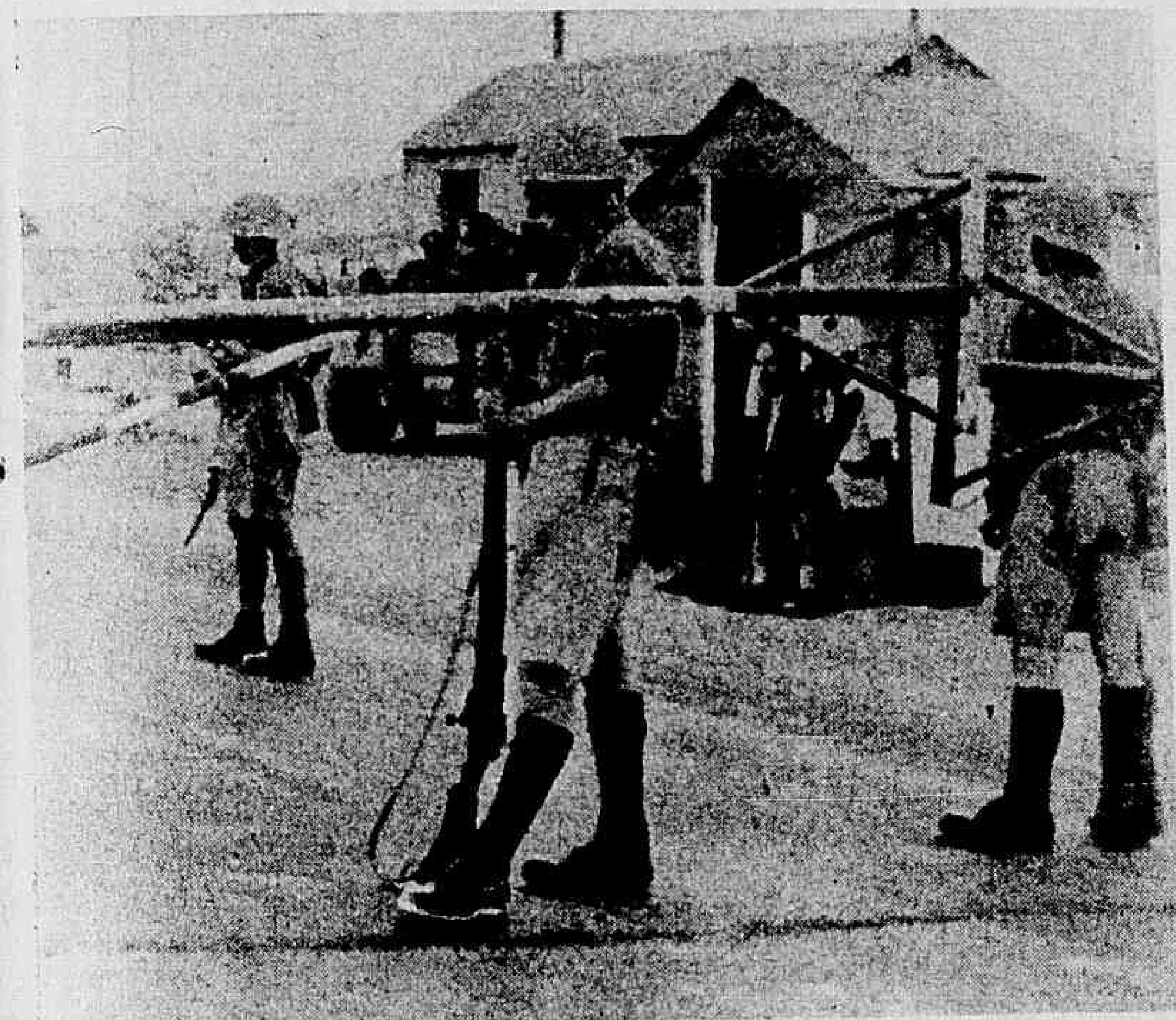
industriais e a conservação dos equipamentos. E sessenta mil soldados inglêses patrulham a faixa do canal, de trinta quilômetros de largura e cento e sessenta quilômetros de extensão.

Chipre e Turquia, Iraque e Jordânia, Israel e Arábia Saudita, o Gôlfo Pérsico e todos os povos do Oriente-Médio, dependem da estratégia e da política mundial do Canal de Suez. A Inglaterra assinou, em 28 de julho de 1954, o acôrdo sôbre a evacuação do Canal de Suez.

O MAR COSMOPOLITA

PARA visualizar o panorama internacional do Canal de Suez e da sua encruzilhada das invasões, deveremos primeiro olhar a diplomacia do Mediterrâneo, mar cosmopolita por excelência, cujas guerras se confundem com a origem das civilizações mais distantes. Desde a alta antiguidade, o Mediterrâneo superou todos os outros mares pela sua importância cultural e pelo seu valor estratégico.

Quatro mil anos antes de Cristo, as populações faraônicas do Egito levantaram sôbre os seus areais os mais suntuosos monumentos e a mais espetacular arquitetura, cuja solidez exigiu o desenvolvimento de admirável civilização, que criou leis físicas e matemáticas. Os egípcios



no quilômetro noventa e nove da rodovia, investigando os transportes e os passageiros

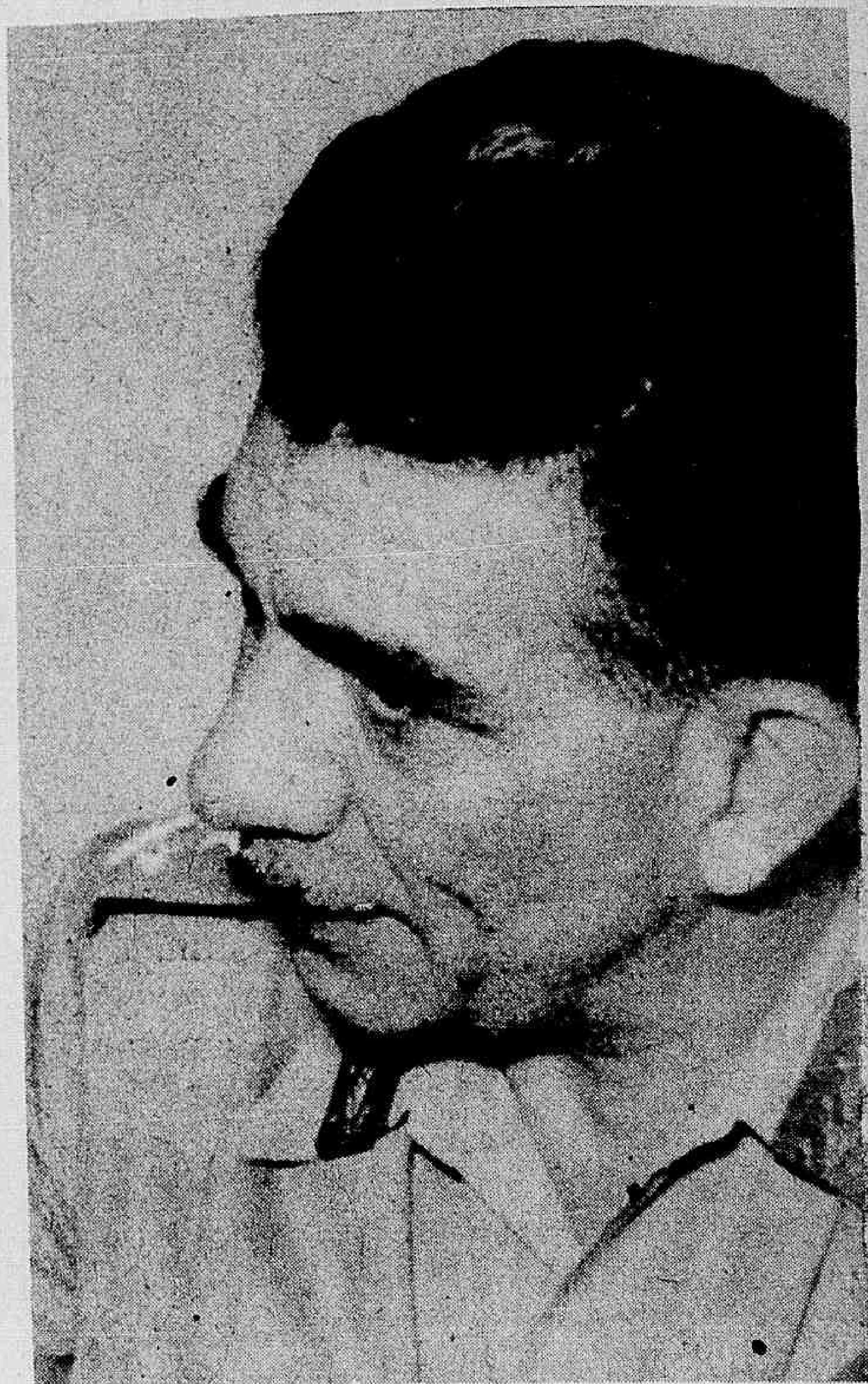
exerceram aí as primeiras habilidades artísticas e navais. Desde os tempos bíblicos, salientou-se o seu caráter mercantil. O povo faraônico, cujos templos desafiam a eternidade, não perdeu o contacto com a realidade.

O Egito e a Palestina trocavam produtos, fundando, sôbre bases empíricas, as leis do futuro comércio internacional.

Os judeus produziam figos, gomas, óleos, metais, resinas, tâmaras, perfumes e vinhos. O asfalto existente na Judéia constava na lista das utilidades conhecidas pelos arquitetos de Karnak. Estabelecidos na zona meridional da Síria e limítrofe da Palestina, os fenícios legaram uma tradição de prosperidade material, incontestada pelas suas cidades laboriosas e pelas suas ativas colônias.

Os cedros e os pinheiros do Líbano forneceram a madeira dos seus navios, que transportavam os produtos industriais. Astrônomos e marinheiros arriscavam-se às viagens fora do Mediterrâneo, explorando as águas atlânticas.

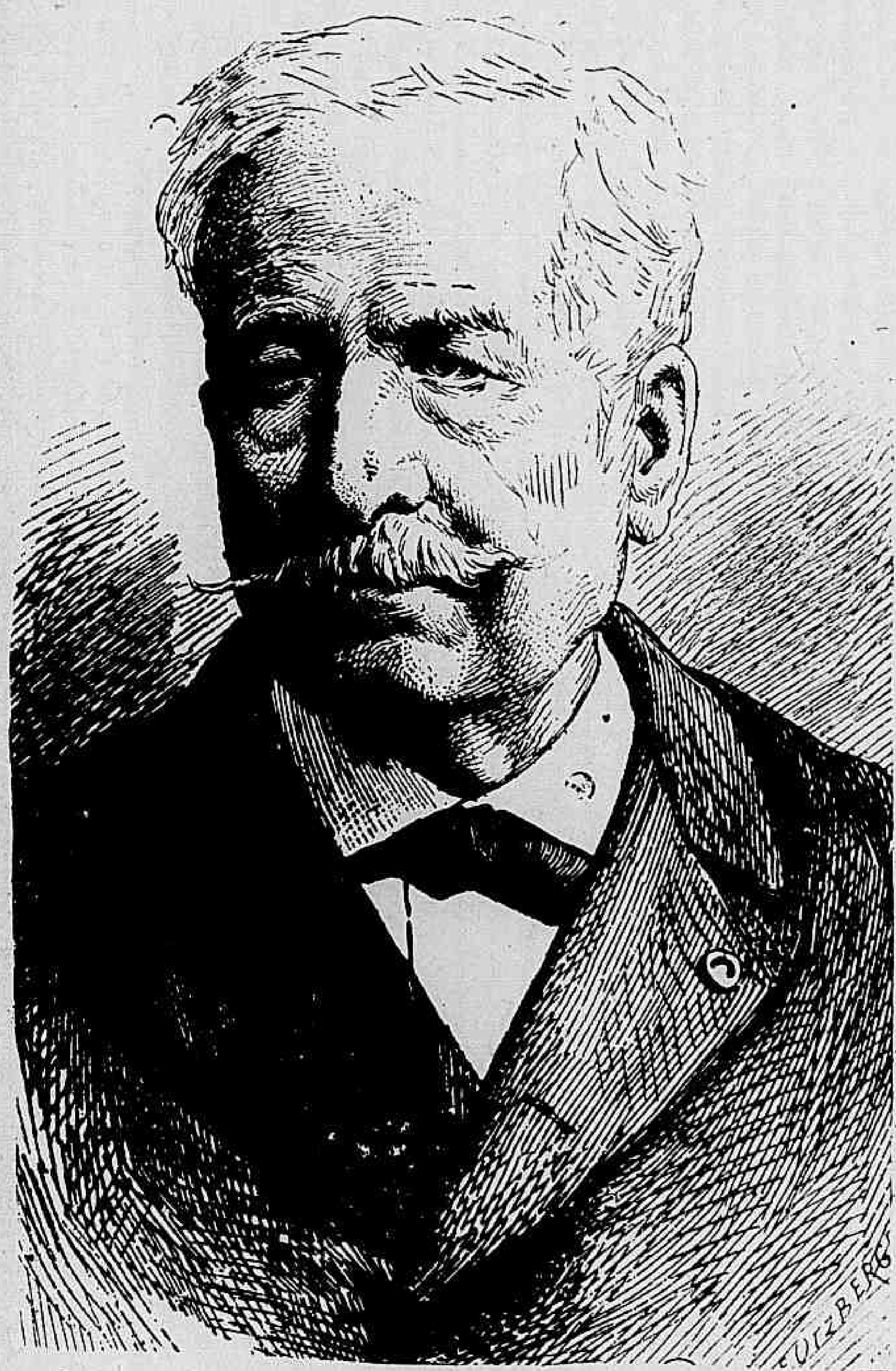
A história dá os fenícios como os primeiros que introduziram as mercadorias orientais no Mediterrâneo e os primeiros que negociaram com a Inglaterra. Iam buscar ouro na Ilha de Creta, prata na Espanha e estanho na Grã-Bretanha. Depois, os gregos apareceram dentro do Mediterrâneo, com tôda uma cultura e um progresso material que se



O general Mohammed Naguib, o chefe da Revolução Egípcia, cuja vitória depôs o rei Faruk e que, agora, exige a evacuação do Canal de Suez, ocupado pelas tropas da Inglaterra.

podem admirar nas suas obras literárias e nas suas esculturas. Espalharam colônias nas terras da Ásia, Europa e África.

Quando talharam as suas galeras, os legionários desembarcaram na Síria, Numídia, Egito, Sicília e Ilhas Baleares, que lhe forneciam frutas, cavalos, trigo, óleos e sêdas. Obedecendo a outro ciclo, Roma e Cartago transformaram o Mediterrâneo num mar de rivalidade econômica, com frotas comerciais e galeras armadas. Mais práticos do que os egípcios e os



O visconde e diplomata Ferdinand de Lesseps, que promoveu a abertura do Canal de Suez, lutando contra a incredulidade da época e a animosidade política da Inglaterra e da Turquia.

gregos, povos que viviam do espírito, os romanos e os cartagineses dedicaram-se ao mundo dos sentidos, voltados para as coisas úteis da vida. Para dominar o Mediterrâneo, odiaram-se como adversários e travaram as primeiras batalhas navais da civilização clássica, impelidos pelo jôgo dos interêsses. Expedições marítimas partiram dos dois litorais, para desalojar o inimigo de certos territórios, considerados estratégicos e inprescindíveis à navegação.

Os romanos, estabelecidos na Europa, ousaram conquistar as terras africanas e os cartagineses, colocados na África, fundaram colônias no continente europeu. A questão do Mediterrâneo impunha-se com tôda sua rivalidade marítima, tal como presenciamos hoje, acrescida pela tonelagem das esquadras modernas. Roma e Cartago disputaram com os mais hábeis generais o domínio econômico e marítimo, numa epopéia naval e terrestre.

Prática e negocista, Cartago enfrentou por muito tempo o militarismo do Império Romano, armando exércitos mercenários. Os vândalos desceram da Espanha, transpuseram o Estreito de Gibraltar, atravessaram em correrias o norte da África, fundaram um império e mandaram expedições ao Tibre, incursionando na península itálica e invadindo Roma. Na Idade-Média, declina a vida mediterrânea e o crepúsculo dura até a ascensão mercantil dos venezianos. No ano 1117, a República de Veneza armou e equipou uma frota de duzentos navios, para ir em auxílio dos cristãos massacrados pelos turcos.

Os Doges arrogaram-se todo o direito sôbre o Mar Adriático como se legislassem sôbre um lago particular. As flotilhas venezianas navegavam de Marselha ao Mar Negro, do século XII ao século XV, familiarizando-se nos costumes do Oriente e no tráfico das suas mercadorias. Conquistam, na península italiana, Trevisa e Bréscia, Verona e Pádua, Siena e o pôrto de Trieste, na Ístria. Outras expedições colonizadoras expandiam-se pela Moréa e Dalmácia, Albânia e outros portos do Adriático.

O poder naval de Veneza dispunha em 1421, de três mil e trezentos e quarenta e cinco barcos mercantes e de guerra, tripulados por trinta e seis mil marinheiros. Os venezianos ofuscavam com a florescente marinha as frotas da França e da Inglaterra.

A conquista de Constantinopla, em 1453, pelas ferozes cohortes do Islam, marcou o começo da decadência, a substituição dos Doges pelos Sultões. Em 1525, Carlos Quinto entregou a Ilha de Malta aos

Cavalheiros da Ordem de São João, expulsos pelos islamitas da base de Rhodes.

FRANCESES, INGLÊSES, RUSSOS E TURCOS DISPUTAM A BACIA MEDITERRÂNEA

DISTRIBUÍDAS entre três continentes, o europeu, o asiático e o africano, as águas mediterrâneas continuam a interessar os povos modernos depois da Renascença.

A Inglaterra instala-se, em 1704, no rochedo de Gibraltar, principiando a sua fase de grande potência marítima. Quatro anos mais tarde, o Tratado de Passorowitz terminou com a supremacia veneziana, em 20 de julho de 1708. Apesar dos holandeses, britânicos e espanhóis, o Império Otomano reina sôbre todo o Mediterrâneo, chegando a ocupar todos os portos do Mar Negro.



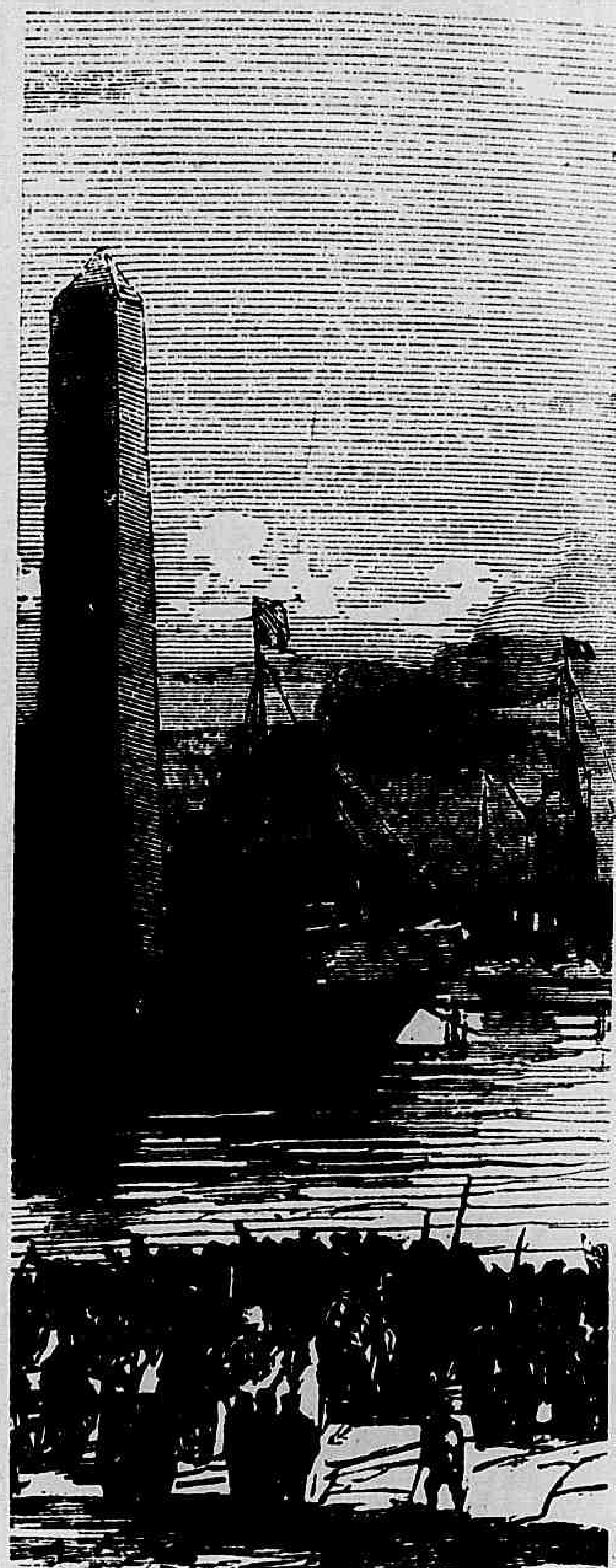
Soldados inglêses revistam os egípcios na Zona do Canal de Suez, entre Port Said e Ismailia, onde tiroteios se sucedem freqüentemente.

Ao deflagrarem as hostilidades entre Napoleão e a Inglaterra, os franceses voltaram imediatamente as suas vistas para os territórios agrícolas e estratégicos do Egito. Os britânicos procuraram demolir os primeiros esboços do império napoleônico na África, aliando-se ao Sultão de Constantinopla. Entre as exigências que a Inglaterra impunha a Napoleão, para entrar num convênio de paz, constava o abandono do Egito ao Império Muçulmano, a independência do Arquipélago Jônico, a devolução de Malta aos Cavaleiros da Ordem de São João e a evacuação do Mediterrâneo por tôdas as fôrças navais francesas. Napoleão intimou a garantia de terceira potência, sôbre a independência de Malta, alegando que os cavaleiros não poderiam defendê-la e insinuou o Tzar Alexandre I como protetor. O domínio napoleônico na Itália assustava os estrategistas inglêses. O Parlamento de Londres interpelava os

ministros reais sôbre as guerras do Piemonte e de Nápoles. E o audacioso Nelson acusava Napoleão Bonaparte, então primeiro cônsul, de injusta ambição e de planos obscuros. Depois de um assédio naval, que durou dois anos, os inglêses se apoderaram de Malta. O Tratado de Amiens, assinado em 25 de março de 1802, estipulou a ocupação da ilha por fôrças napolitanas, retirando-se os beligerantes. Os contingentes britânicos retardando a saída, a França firmou três meses depois, em junho de 1802, um tratado de paz e amizade com a Turquia. Êsse pacto garantia o Bósforo contra tôdas as aventuras dos russos e dos inglêses.

Os embaixadores da Grã-Bretanha, França e Rússia confabulavam a propósito de Malta e da troca das guarnições. O Império Russo aliou-se à Inglaterra, alarmado pelo rumo oriental da diplomacia napoleônica. O Tzar Alexandre I opunha-se à entrada dos franceses em Constantinopla, o que interromperia as suas relações com o Mediterrâneo e o Oriente, o Danúbio e a Pérsia, a Síria e a Índia. O Tratado de Paris reconheceu em 1814, o domínio britânico sôbre a Ilha de Malta. Discutiu-se pela primeira vez na história da nascente Civilização Industrial, o princípio da liberdade dos mares e o direito de livre navegação a todos os povos, no Direito Internacional. Mais do que as especulações jurídicas, o progresso intimava as potências a harmonizarem as suas conquistas, para expansão das atividades comerciais. A pirataria muçulmana assolava o comércio no Mediterrâneo, não obstante as fôrças navais da França e da Holanda, da Inglaterra e da Espanha.

Durante três séculos, os corsários turcos abrigados nas enseadas e nos refúgios da Tunísia e Argélia, Egito e Tripolitânia, assaltaram a navegação mercante, dando origem à literatura das aventuras marítimas. Os franceses ocuparam a Argélia em 1830, exterminando uma das mais terríveis bases da pirataria.



A esquadra francesa penetra no mencionado canal, que passou a

O CANAL DE SUEZ REVOLUCIONA O COMÉRCIO INTERNACIONAL

A França penetrou revolucionàriamente no Oriente-Médio, quando em quinze de novembro de 1854, o visconde e diplomata Ferdinand Marie de Lesseps convenceu ao Khediva Said Pacha, soberano do Egito, sôbre as grandes vantagens de rasgar o Istmo de Suez e ligar a navegação do Mediterrâneo ao Mar Vermelho e ao Oceano Índico. Na Inglaterra, o estadista Henry John Temple, visconde de Palmerston, defendia o Império Otomano e hostilizava a influência russa no Bósforo, obstando-a de estabelecer bases no Mediterrâneo. E, simultâneamente, visava conter a expansão da França no território egípcio.

Do alto do seu cargo de primeiro ministro, tentou lançar o descrédito ao projeto de unificar as duas rotas marítimas, através do Istmo de Suez. Lord Palmerston declarou-se pela inviabilidade material do projeto do diplomata francês Ferdinand Lesseps, sendo apoiado por afirmativas técnicas do engenheiro inglês Robert Stephenson. O estadista britânico desprezou as vantagens comerciais, marítimas e econômicas de abreviar a rota de navegação pelo Cabo da Boa-Esperança, em direção à Índia e aos outros portos da Ásia, para pensar ùnicamente na rivalidade política



Canal de Suez, no dia 16 de novembro de 1869, quando se inaugurou oficialmente a abertura do unir a bacia mediterrânea ao Mar Vermelho e ao Oceano Índico, da concepção de Ferdinand Lesseps.

com os franceses no Egito. Mas o Khediva Said Pacha mandou subscrever cento e setenta e sete mil e seiscentas e quarenta e duas ações da Companhia do Canal de Suez. Ferdinand de Lesseps entregou-se com ardor à sua feliz concepção e os engenheiros começaram a rasgar o istmo no dia 25 de abril de 1859.

No quarto ano de perfurações, morreu Said Pacha e veio o novo Khediva Ismail Pacha, fato de que se prevaleceram a Inglaterra e a Turquia para exercer pressão política sôbre o novo soberano do Egito. Houve ameaça de paralisação das obras e Napoleão III interveio na política anglo-egípcia de obstrução. Por dez anos os trabalhadores atacaram a desértica região, de cento e sessenta e dois quilômetros de extensão, partindo de Port Said, na costa do Mediterrâneo, até à cidade de Suez, na entrada do Mar Vermelho. Ferdinand de Lesseps inaugurou a abertura do Canal de Suez à navegação no dia 17 de novembro de 1869, passando a ser um dos grandes heróis da Civilização Industrial. Em 1875, a Inglaterra compreendeu o êrro de lord Palmerston depreciando o valor mercantil e estratégico da passagem marítima ao Mar Vermelho. Nesse ano, endividando-se, o Khediva do Egito ofereceu à venda cento e setenta e sete mil ações da Companhia de Suez. O estadista Benjamin Disraeli, conde de Beaconsfield, viu a grande oportunidade da Inglaterra e

(*Continua na página* 111)

O SEU NOME "RECORTADO"

TENHA UM FILHO E LOGO 500 COMERCIANTES E VENDEDORES SERÃO INFORMADOS...



SE você levar um escorregão, numa calçada molhada ou cair da escada em que tentar pregar uma cortina, tôdas as companhias de seguro, aqui, e em outros Estados, logo serão informadas do acontecimento num máximo de 72 horas. E se a leitora tiver um filho, a notícia do feliz nascimento será lida, no mínimo, por uns quinhentos comerciantes, em todo o país.

O leitor pode ter um enguiço com o seu automóvel, dar cem mil cruzeiros para um asilo de indigentes ou até ser prêso por haver discutido com o trocador de ônibus, o que não sai do normal da vida moderna. Entretanto, dois ou três dias depois, tudo será minuciosamente relatado a um público ansioso por explorar tais fatos, oferecendo serviços extraordinários e ajudas jurídicas de variadas formas.

Porque tudo o que possa acontecer com o leitor, seu lar e seus familiares interessa enormemente a uma quantidade incalculável de pessoas, que para tanto pagam bom dinheiro às agências de recortes, que servem a dezenas de milhares de clientes, todos interessados pelo que possa acontecer a cada habitante desta e de outras cidades no país.

LEITORES ULTRA-RÁPIDOS — Para manter em dia a leitura minuciosa dos jornais, essas emprêsas de recortes dispendem enorme quantia anualmente, com assinaturas de jornais e revistas. Empregam várias dezenas de "leitores", os quais, cada sete minutos, passam o olhar através de um número de linhas impressas tão grande como para formar um dicionário. Detêm-se, apenas, para anotar palavras-chaves, tais como "escoteiros", queimadura de sol, papéis pintados, animais de raça, máquinas de fabricar balas, e, assim, centenas de outras mais. Tais recortes, executados em outro departamento, são enviados aos assinantes que pagam quantia módica para seu recebimento. Em geral, os assinantes buscam fregueses. Um homem que fabrique ou venda pára-raios, procura indivíduos cuja casa ou pomar tenha sido atingido por um raio. As nossas dores de cabeça com os encanamentos de água e gás, são enviados aos vendedores dêsses artigos, enquanto que os furtos e arrombamentos são logo relatados aos fabricantes de fechaduras de segurança e cofres de aço. As crônicas sociais, então, nem se fala. São fontes de rendosos negócios. Anuncia o leitor o seu noivado num jornal e logo receberá um dilúvio de cartas ou chamados telefônicos de gente que não conhece nem nunca viu, tôdas dispostas a vender alguma coisa. Nos Estados Unidos êsse serviço atinge a um nível e a um valor inimagináveis. Um dos mais antigos, na América do Norte, é o Escritório de Recortes Allen, de San Francisco, fundado em 1888.

E sabem quem ajudou Allen a iniciar o negócio? Foi seu primo, Sam, mais conhecido sob o nome de Mark Twain! De início, êsse negócio de recortes interessava mais à própria pessoa.

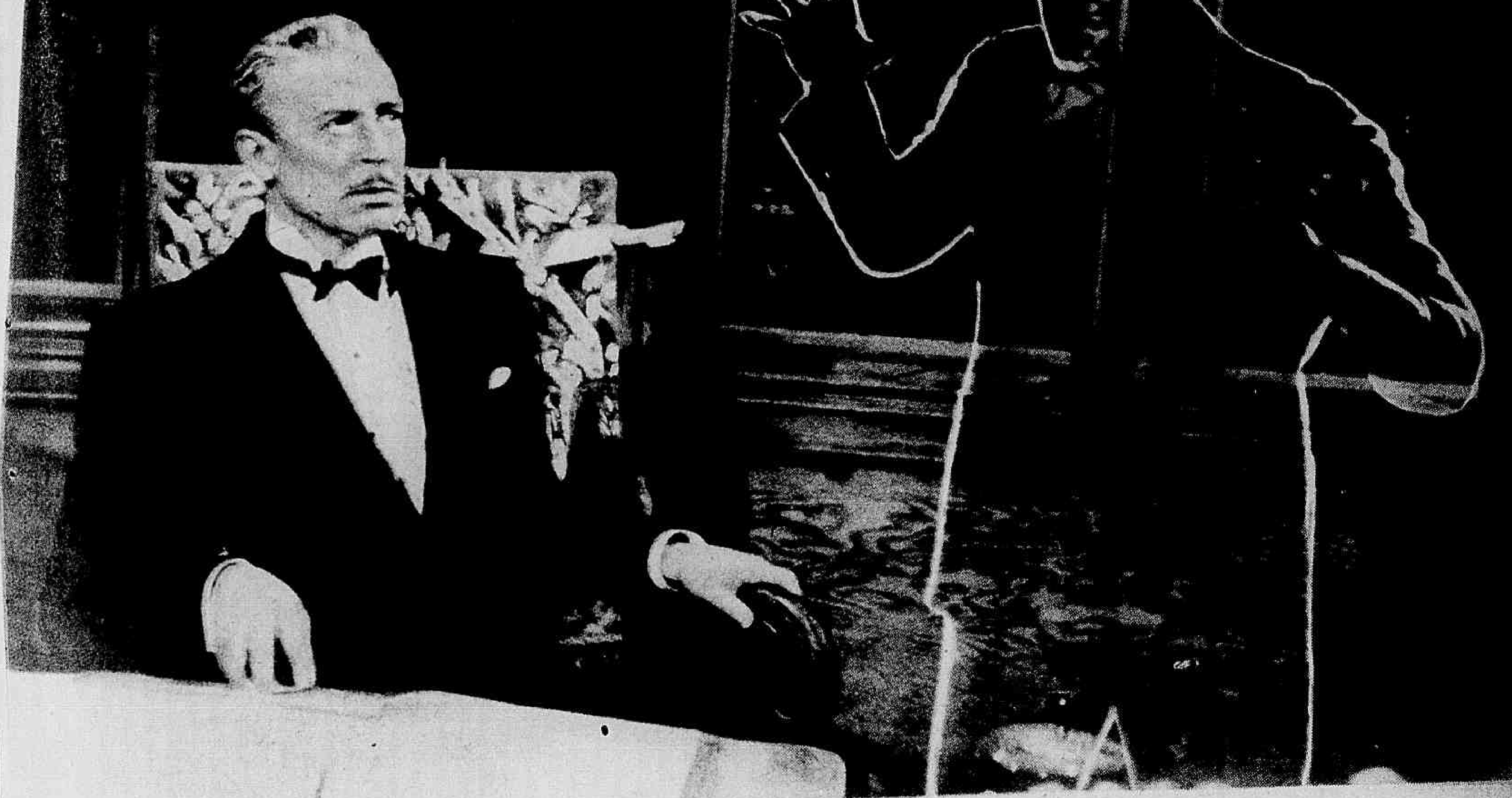
Lindenberg, por exemplo, recebeu, em 1927, um caminhão de recortes de jornais, relatando seu admirável feito da travessia do Atlântico.

Também os países estrangeiros se interessam por saber o sentimento dos demais povos. O govêrno chinês, por exemplo, coleciona opiniões editoriais a respeito do... Japão, enquanto a Rússia paga bom dinheiro para saber o que pensam os jornais do mundo inteiro, a respeito dos... Estados Unidos.

E não devemos esquecer os casos sentimentais. Há um famoso jogador de "base-ball", nos Estados Unidos que só deseja receber recortes relativos ao que faz certa artista de cinema. E o leitor?

Também é assinante dêsses recortes? E poderá confessar o que mais lhe interessa dêsse noticiário?

O FANTASMA QUE ANULOU UM TESTAMENTO



PODE o espírito de um morto voltar e influir sôbre os vivos? Eis uma perturbadora pergunta, que já agora atinge e divide a ciência!

Desde tempos imemoriais os vivos acreditaram em fantasmas. Nos séculos mais recentes, muitas das chamadas "visitações do Além" foram explicadas por meio de causas menos fantasiosas, tais como sonhos, alucinações, telepatia entre os espíritos de duas pessoas vivas, clarividência e fenômenos de levitação de objetos nas proximidades de certas pessoas sofrendo de severos distúrbios psíquicos.



Tudo isso é explicável à luz da ciência dos nossos dias, inclusive a ciência relativamente nova da parapsicologia, a qual, por sua vez, inclui, entre outras coisas, a já famosa "percepção extra-sensorial" ou ESP, conforme é chamada particularmente.

Entretanto, observadores científicos, reconhecidamente cuidadosos e desapaixonados — como os membros das Sociedades Para Pesquisas Psíquicas, na Inglaterra e nos Estados Unidos, por exemplo — têm feito declarações em que reconhecem, embora com reservas, o retôrno de *certos espíritos* ou, pelo menos, fenômenos *que não podem ser explicados de outra forma*. Segundo êsses relatórios, em circunstâncias altamente especializadas, os mortos podem comunicar com os vivos.

Um dêsses casos está cercado por uma autenticidade aceitável e ocorreu recentemente nos Estados Unidos, no Estado de Carolina do Norte. Foi êle testemunhado por inúmeras pessoas e autenticado por documentos oficiais, existentes nos anais da Justiça local. No entardecer do dia 17 de setembro de 1921, James Chaffing faleceu, sem que tal fato fôsse aguardado por qualquer de seus familiares, em sua fazenda de gado, naquele Estado.

Chaffing era homem acima da meia idade e pessoa altamente respeitada. Morreu no seu próprio leito, para o qual

fôra transportado, depois de sofrer um acidente com uma das máquinas de sua propriedade. Os médicos, logo chamados, nada puderam fazer para salvar-lhe a vida.

Quando a morte se aproximou, tornou-se evidente, para quantos se achavam cercando a cabeceira do agonizante, que Chaffing se esforçava, desesperadamente, para dizer alguma coisa. Seus lábios se abriam, com esfôrço, e o infeliz suava abundantemente, o que não era devido a qualquer dor, pois que lhe fôra administrada forte dose de anestésio. Mexia-se no leito e seus olhos procuravam revelar o que os lábios eram impotentes para pronunciar.

Não adiantava colocar nas mãos do desgraçado lápis e papel, porquanto, em razão dos ferimentos que recebera, havia ficado com braços e mãos paralisados.

Todos os presentes notaram, nessa ocasião, que todos os seus esforços eram vãos e se afligiram com isso, ao ver a mágoa imensa que tal impossibilidade causava ao moribundo.

Quando Chaffing, finalmente, fechou os olhos para sempre, muitos de seus familiares ficaram assombrados porque, em seu testamento, datado de 1906 — quinze anos antes, portanto — deserdava a espôsa, dois filhos e uma filha. Nenhum dêles, pelo referido documento, receberia sequer um centavo! De todos os membros sobreviventes de sua família (a viúva e quatro filhos) apenas um filho, Marshall Chaffing, era reconhecido herdeiro, ficando com a totalidade dos seus bens.

Os parentes assim deserdados, nada intentaram no sentido de contestar o documento. Mesmo porque, se tal coisa tivessem feito, fatalmente teria sido inútil, porquanto o testamento fôra redigido em boa e devida forma, a fim de não deixar qualquer dúvida, tendo sido, aliás, pròpriamente assinado pelo extinto e as testemunhas regulares Os vizinhos relataram que Chaffing sempre tinha sido um homem estranho, com a velha idéia mosaica de justiça *"ôlho por ôlho, dente por dente"*, enraizada no pensamento. Como filho de um sacerdote "fundamentalista", vivera uma vida rigorosa e exemplar, de acôrdo com as suas idéias. Durante anos, sua austera figura, sempre vestida de prêto, estivera, invariàvelmente, presente nos serviços dominicais da igreja local. Sua leitura favorita fôra sempre a volumosa Bíblia que herdara do pai.



James Chaffing morreu repentinamente, sem ter tempo de revelar à sua família onde guardara o seu último testamento. Teve que voltar em espírito, quando então fêz a devida comunicação.

Conjeturaram os observadores que, por alguma razão, por ocasião da instituição daquele documento em que deserdara todos os membros de sua família (salvo um só), Chaffing estava extremamente zangado com tais pessoas em razão de alguma falta nas atitudes ou serviços que havia atribuído a cada um dêles. E, com a natureza, que todos conheciam, não esquecera essas faltas nem as perdoara.

Poucas semanas depois da morte de Chaffing, os membros deserdados trataram de abandonar a casa da fazenda. O segundo filho, que tudo ganhara, decidiu, igualmente, não viver no velho casarão, que não tardou a ficar vazio. Mas não pensou em vender a propriedade.

CÊRCA de quatro anos depois da morte de Chaffing, o mais moço dos dois filhos deserdados, James Chaffing Jr., teve uma estranha visão de seu pai. Isso ocorreu em algum dia de junho de 1925.

No meio da noite, James despertou repentinamente. Na frágil luz do seu quarto pôde identificar imediatamente alguns objetos familiares — a escrivaninha, o enorme guarda-roupa, num canto, as cadeiras... além das cortinas, que se moviam para a frente e para trás, impelidas pela brisa noturna.

Êsse ponto é importante, pois isto prova que *êle estava acordado e não sonhando*.

Sentado na própria cama, James Chaffing Jr. viu surgir, então, o espectro do seu pai, vestindo-se irrepreensìvelmente de prêto, como fazia aos domingos, para se dirigir à igreja, com a sobrecasaca e a capa longa e flutuante. Não era uma aparição vaga e sombreada, mas singularmente nítida. Notou mesmo uma grande cicatriz que o pai sempre tivera numa das mãos. Apenas o rosto estava humilhado em sombra.

Para ter a certeza de que não estava sonhando, James se pôs de pé e beliscou os próprios braços. Estava realmente acordado. Parou a poucos passos do fantasma, que pareceu satisfeito ao verificar que James estava acordado *e atento*. A seguir, abriu a pesada gola da velha sobrecasaca e apontou, significativamente, para um bôlso interno... e secreto!

Quando o filho tentava dizer alguma coisa, o fantasma desapareceu tão repentinamente como aparecera.

Nem James Chaffing, nem os demais membros da família, sabiam da existência dêsse bôlso secreto, pois o pai era homem que falava pouco e tinha lá suas manias que guardava para si mesmo. Nessa mesma noite, James Chaffing Jr. não pôde mais dormir, convencido de que recebera a visita do fantasma do próprio pai. Porém, ao amanhecer, enfrentando já agora a luz do dia, foi assaltado por fortes dúvidas. *"Afinal,* (segundo raciocinou) *os mortos não voltavam!"* E decidiu nada contar, a quem quer que fôsse, sôbre o seu espantoso "sonho".

Quatro noites mais tarde, a aparição retornou. James teve a mesma convicção de despertar, bruscamente, sentar na cama ver o pai abrir a gola da sobrecasaca... e apontar para o mesmo local, onde havia um bôlso secreto!

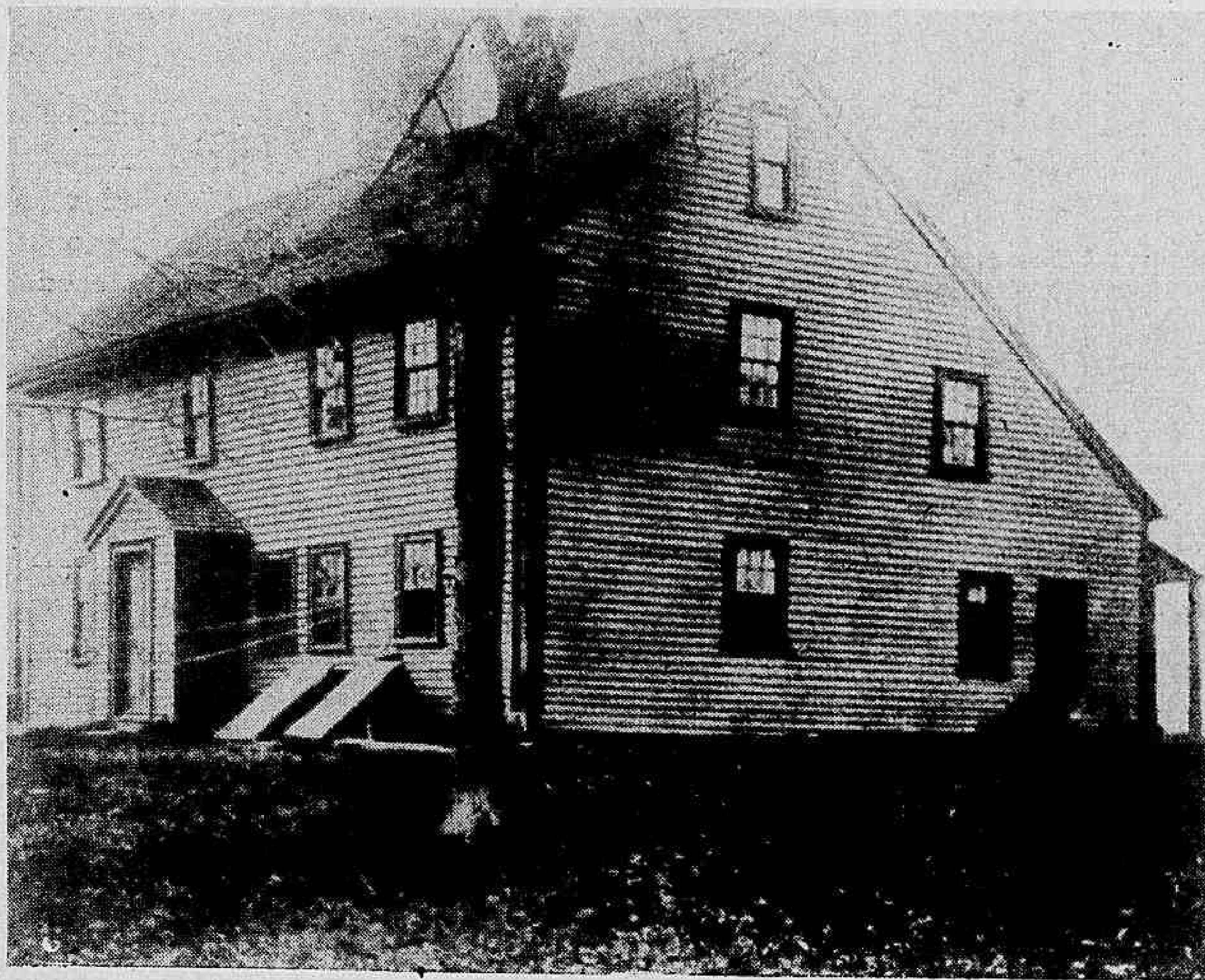
Desta vez, porém, a visão era mais nítida, como se o espírito do pai não quisesse deixar dúvidas sôbre a própria identidade na mente do filho. O rosto do fantasma estava claramente iluminado. Era, indiscutìvelmente, o rosto de James Chaffing Sênior. Os lábios se moviam, embora nenhum som dêles saísse.

Logo no dia seguinte, embora temendo ser ridicularizado, James foi relatar o fato a seu irmão mais velho, que também fôra deserdado, pedindo sua opinião. Após considerável discussão, os irmãos decidiram submeter essas visões a um teste, obtendo a chave da casa abandonada, onde morrera o pai e indo examinar as roupas do seu uso pessoal, guardadas em velhas arcas, no sótão.



Quando o velho Chaffing voltou, quatro anos depois de sua morte, vestia a mesma roupa com que fôra enterrado. Então fêz a repentina revelação sôbre o seu testamento

Depois de retirada de uma delas a velha sobrecasaca, abriram a gola de sêda preta. Ali, exatamente no lugar que fôra indicado pela "aparição", encontraram realmente um bôlso secreto e, nêle, um simples apontamento, feito com a própria letra do velho Chaffing e que dizia: —



Após a morte do pai, a família abandonou a velha casa. James Chaffing Jr. encontrou o verdadeiro testamento no sótão empoeirado.

"Leiam o Capítulo 17, da Gênese, na Bíblia familiar."

A referida e velhíssima Bíblia também se encontrava na mesma arca. Os dois irmãos a levaram para a mesa e trataram, antes de tudo de tirar-lhe a poeira. Mas, repentinamente, foram assaltados de pânico pelo que poderiam descobrir ou sentiram-se ridículos com o que faziam. A verdade foi que acabaram deixando a velha casa, um tanto apressadamente, sem ter aberto a Bíblia!

Nos dias que se seguiram, discutiram o assunto, examinando-o de todos os ângulos possíveis. Poderia tratar-se de uma coincidência? Não... Que significava o capítulo da Gênese?

Convencidos de que não encontrariam a tranquilidade enquanto não esquecessem as duas espantosas visões ou seguissem as instruções encontradas no bôlso secreto da velha sobrecasaca do pai, foram contar os fatos a um vizinho, Thomas Brack-Welder, pedindo-lhe conselho. Que teria feito, em igual situação?

— "Teria aberto imediatamente a Bíblia!" — respondeu o vizinho.

Em 6 de Julho de 1925, levando consigo Blackwelder, os dois irmãos voltaram ao sótão e abriram a Bíblia. Entre duas páginas contendo o Capítulo 17, da Gênese, encontraram um envelope e, dentro dêle, uma carta escrita com a longa letra do velho Chaffing, dirigida à família, e, apenso à ela, um segundo testamento, com data mais recente que o outro documento, encontrado logo após o seu falecimento!

No novo testamento, absolutamente legal e insuspeito, James Chaffing Sênior dividia todos os seus bens em partes iguais entre seus quatro filhos. Um item especial apelava para o sentimento de todos, a fim de que se juntassem e assinassem a responsabilidade de "amparar a viúva, por todos os meios materiais e morais, até à sua morte". Êsse testamento, como o primeiro, estava escrito com grande cuidado, devidamente assinado pelo velho James e duas testemunhas, como o documento anterior. Apresentado às autoridades competentes, foi considerado como o último e verdadeiro testamento de James Chaffing Sênior!

UMA só conclusão pode ser extraída de todos êsses acontecimentos. O sr. Chaffing Sênior, após perdoar os membros da família, que antes havia deserdado por seus êrros e faltas (reais ou imaginárias), fizera o segundo testamento, restaurando-os nos seus devidos direitos e privilégios.

Nada revelou aos mesmos porque sentia talvez que ainda não tinham sido bastante punidos — ou porque desejava que se penitenciassem ainda mais. Colocou o novo testamento no interior da Bíblia, onde acreditava que nunca o encontrariam, o que realmente aconteceu. A última mensagem, dirigida à família (provàvelmente explicando as razões

porque confeccionara o primeiro documento) fôra colocada no bôlso interior da sobrecasaca, onde talvez tivesse guardado outros papéis importantes, no correr de sua vida. Acreditava, porém, que, tão logo morresse, o bôlso secreto seria descoberto, pois que estava protegido apenas pela gola da sobrecasaca. Porém, tal não aconteceu. Ninguém descobriu êsse esconderijo para papéis de importância.

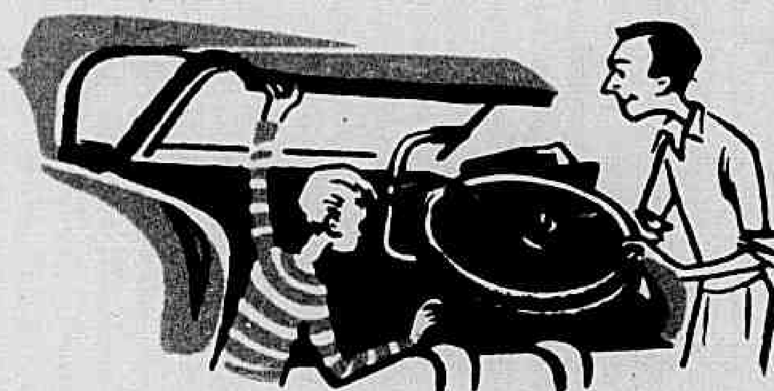
Ao sentir que morria, Chaffing fêz desesperados esforços para falar — mas em vão. Que pertendera dizer? Explicar as razões do seu rancor anterior e revelar a existência e localização do novo testamento? Esta é a mais provável conclusão. Durante os primeiros anos de sua morte, seu espírito sofreu terrìvelmente com o que agora considerava uma injustiça. Afinal, passados quatro anos, seu filho mais moço teve as duas visões, que lhe indicaram o caminho do sótão e o encontro do documento mais recente.

COMO é possível explicar essas aparições, visões — ou qualquer outro nome que se lhes queira dar — a menos que o espírito de James Chaffing, atormentado pela idéia de que cometera um grave êrro, conseguiu ganhar suficiente fôrça, potência ou energia para "materializar-se" bastante — e em duas diferentes ocasiões — a fim de apontar o esconderijo na gola da sobrecasaca? Essa é a pergunta que deu dores de cabeça aos estudiosos dêsses fenômenos. Em geral, confessam honestamente que *não comprendem*, mas concluem por aceitar a hipótese de que o espírito dos mortos, em circunstâncias especiais e urgentes, podem retornar!

AGORA JÁ FIZERAM isto!



PARA «estalos» e arranhões da pintura dos móveis, geladeiras ou automóveis, já existe uma escôva especial, que age como uma «caneta-tinteiro». Retira-se uma capa de matéria-plástica e a escôva está pronta para ser usada, contendo um suprimento de tinta em reservatório especial. São sete as



côres, havendo ainda um suprimento de branco, que lhes dá o tom desejado.

AGORA já é possível transportar uma bicicleta em qualquer dos tipos de automóvel e tanto na mala como nos assentos anteriores ou posteriores. Pesando apenas quinze quilos e bastante forte para suportar um pêso acima de 100 quilos do ciclista, em apenas um minuto pode ser dobrada para formar um volume de 48x40 centímetros e 24 de espessura.

UM novo afiador elétrico tanto afia como dá polimento e brilho original às facas e outros artigos de prata. A mesma roda que dá o gume novo, também pode ser usada para tirar aos metais tôdas as manchas, restituindo-lhes a beleza e o brilho com que saem das fábricas.

TOALHAS contendo numa das extremidades uma pequena peça de magneto, a qual pode ficar prêsa a um canto da geladeira, do fogão, do aquecedor ou qualquer outra peça metálica da cozinha, da copa ou do banheiro, sem necessidade de haver cabide ou suporte especial.

NOVO acendedor para charutos acaba de ser introduzido nos automóveis, tendo um envelope protetor dos dedos, contra as possíveis queimaduras de filamento em brasa e ainda agindo como protetor, a fim de que o filamento permaneça mais tempo em brasa. Êsse envelope protetor serve, também, como um excelente depósito para as cinzas e fagulhas.

UM eficiente recolhedor de ferramentas de sua oficina ou automóvel acaba de ser inventado. Trata-se de poderoso magneto, do tamanho de um



cigarro e que «encontra» e recolhe correntes, parafusos, e outras peças que tenham corrido para debaixo de um móvel ou do automóvel, tudo num abrir e fechar de olhos e sem necessidade de se aproximar o magneto mais que dois palmos da peça perdida. O magneto é ajustado a uma vara metálica, leve e flexível.

Torre Eiffel

O SALTO

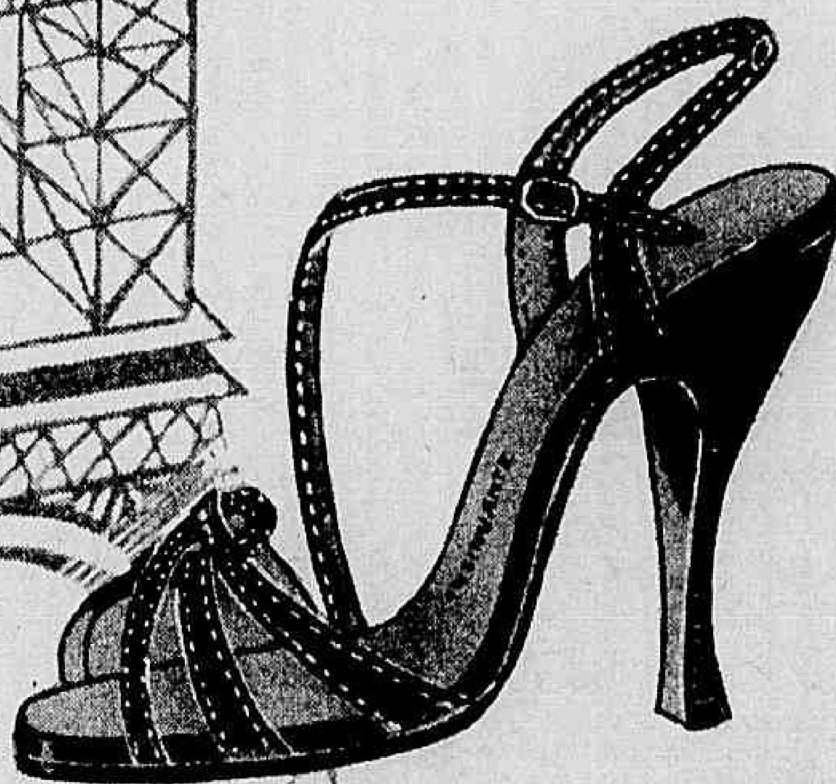
Sensacional!

- FINISSIMO (*TIPO AGULHA*)
- INQUEBRAVEL
- 8 CENTIMETROS DE ALTURA
- UMA MARAVILHA









insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMO S/.

Remetemos para todo o Brasil; porte por par, 5 cruzeiros. Não fazemos Reembolso Postal.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

Dali por diante era impotente para reprimir o tumulto. Do outro lado da porta, Aurora, mais morta do que viva, lamentava amargamente ter deixado o seu retiro. Dona Cruz ria! Para a assustar era preciso qualquer coisa mais!... Soprou as velas que iluminavam o aposento, de forma que do salão não pudessem ver a sua companheira.

— Olha! — disse, mostrando o buraco da fechadura.

A curiosidade de Aurora passara. No entanto, espreitou.

— Dona Cruz!... Dona Cruz!... Queremos Dona Cruz! — gritavam no salão.

A cigana esboçou um sorriso ingênuo e orgulhoso.

— Reclamam a minha presença! — murmurou.

Abanaram a porta. Aurora recuou vivamente e dona Cruz, por sua vez, foi espreitar à fechadura.

— A porta resiste! — disse Navailles.

— Eu ouvi falar... — acrescentou Nocé.

— Uma alavanca! — pediu Navailles.

— Há melhor do que isso! — exclamou Chaverny. — Uma serenata!

— Exatamente! Uma serenata com copos, facas, garrafas e pratos! — disse

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Esopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar à Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na França, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao enderêço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada de seu amigo, fazendo anotaçoes em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam, embaixo, com duas

Oriol, olhando para a sua Nivelle, que então dormitava.

— O marquesinho é encantador! — murmurou a ciganinha.

— Qual é dêles? — perguntou Aurora, aproximando-se da porta.

— Não vejo o corcunda — comentou dona Cruz, em vez de responder.

— Está aí? — perguntou Chaverny.

Aurora, que espreitava nesse momento, fazia esforços para reconhecer o seu apaixonado da Calle Real, em Madrid; porém, era tão grande a confusão, que não conseguiu.

— Qual é dêles? — repetiu.

— O mais embriagado de todos — respondeu-lhe a amiga.

— Estamos prontos! — disse o côro dos executantes.

— Quem canta? — perguntaram.

— Chaverny!... Chaverny!

E o marquês, empurrado de mão em mão, foi arremessado de encontro à porta. Aurora reconheceu-o nesse momento e recuou violentamente.

Chaverny reclamou silêncio, num gesto avinhado. Todos se calaram.

— Senhoras e senhores: antes de mais nada, quero explicar a minha posição...

Houve uma tempestade de protestos.

— ...E por que razão desejo explicá-la —prosseguiu Chaverny, com a teimosia que dá a embriaguês — porque a moral...

— Abaixo a moral!

— ...e as circunstâncias...

— Abaixo as circunstâncias!

— Se não queres cantar, recita versos de qualquer tragédia! — disse Navailles.

Houve violentos protestos.

— Se cantares, deixar-te-emos explicar a tua posição... — alvitrou Navailles.

---

liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitasse, um rosto muito pálido, o do corcunda. Este lhes fala como se fosse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até a liteira, que parte para o palácio do príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue ao regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. Peyrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursava o corcunda, porém o príncipe fica ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apenas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao regente e à viúva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Noce, Girone, Choysi, Navailles e Chaverny descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbaratou os atacantes, desaparendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga estando entre seus comparsas, tendo ao lado a princesa de Gonzaga, que fôra a viúva de Nevers, ouve junto de si uma voz anunciar: Aqui estou. Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e, apontando para a cicatriz na palma da mão de seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém, e Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora, no correr da festa do regente. De fato, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha e, para isso, tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepoil ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Mas o próprio Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente «em nome do Cavalheiro Lagardère». Pouco depois, sessenta homens cercam e prendem Lagardère. Infelizmente, os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue onde devia. Lagardère é levado à presença do Regente e da princesa de Gonzaga. A princesa, não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, porque tinha o salvo-conduto, é interceptado por Gonzaga que aponta-o ao regente como o matador de Nevers. Êste se defende e pouco depois espera-o fora da sala e diz que Aurora já está em seu poder.. e também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir ao cêrco dos homens de Gonzaga e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda sob sôldo de Gonzaga vem anunciar que matou Lagardère. Quando o vão mostrar, porém, o corpo desapareceu e surge o corcunda vangloriando-se de haver atraído o cavalheiro... Êste fôra levado para ser atirado ao rio. Horas depois, o corcunda ferido, pois era o próprio Lagardère, cuida de suas chagas. No dia seguinte, recebendo seus homens no seu escritório, Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices matadores de Nevers, e agora acrescida com o seu próprio nome. Então, Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Cocardasse e Passepoil, porém, ganham esperanças. Na mesma tarde, realiza-se o leilão de títulos, promovido pelo regente, e o corcunda ganha bom dinheiro, emprestando as costas como mesa para assinatura dos cheques. Ali ouve Gonzaga afirmar aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e a seguir dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo ao qual no fundo também temia: Chaverny. Logo o Corcunda faz um pedido ao príncipe de Gonzaga. Quer ser convidado para a ceia que o príncipe oferecerá na mesma noite, ceia que tem por fim concretizar um plano diabólico, que o poria, de uma vez, livre de Aurora e de Chaverny, em quem não confiava muito, casando um com o outro. Pouco depois, Passepoil e Cocardasse, interrogados, confirmam a morte de Lagardère. Mal acabam a «narrativa» uma pedra, atirada do jardim, entra pela janela, contendo um aviso... de Lagardère, de que, aquela noite, estaria presente à ceia!

— Juram? — perguntou Chaverny muito a sério.

— Juramos!... Juramos!...

— Nesse caso, deixem-me explicar primeiro a minha posição, o que não levará muito tempo, porque ela é bem clara. Não conheço a minha noiva, portanto, não a posso detestar, e como gosto de tôdas as mulheres, em geral, é um casamento de inclinação!

Vinte vozes principiaram a pedir para êle cantar. Chaverny, em voz rouca, fêz-lhes a vontade.



Entretanto, Aurora, no *boudoir*, com o rosto oculto entre as mãos, dizia em voz alterada:

— Sinto frio... um frio que me vai até ao fundo da alma. A idéia de que me querem entregar semelhante homem...

— Ora! — disse dona Cruz. — Eu me encarrego de o tornar manso como um cordeirinho. Não o achas interessante?

— Vamos! Leva-me! Quero passar o resto da noite em oração!

Aurora vacilou. Dona Cruz amparou-a. A ciganinha era o melhor coração dêste mundo, no entanto, não compartilhava dos escrúpulos da amiga. Aquilo era Paris, tal qual ela sonhara!

— Vamos! — disse, enquanto Chaverny, aproveitando um curto silêncio, pedia a chorar que o deixassem explicar a sua posição. Ao descer a escada, dona Cruz recomendou:

— Minha querida irmãzinha, ganhemos tempo. Finge obedecer. Se necessário fôsse, casava eu com êle!

— Era capaz de fazer uma coisa dessas por mim? — exclamou Aurora, num gesto de gratidão.

— Mas, evidentemente! Vamos, reza, se isso te dá alguma consolação. Logo que possa, virei ver-te.

E a ciganinha tornou a subir a escada, muito contente, com a sua taça de champanha na mão. Ao chegar à porta do *boudoir*, deteve-se. Nesse momento, Chaverny, indignado, perguntava se tinham ou não prometido deixá-lo explicar a sua posição.

Dona Cruz aproveitou essa ocasião para abrir a porta, surgindo no limiar, sorridente e alegre, erguendo a taça à altura da cabeça.

Ouviu-se um tremendo aplauso.

— Então, senhores — disse, estendendo a taça vazia. — Julgam estar a fazer muito barulho?

— Pelo menos, temos diligenciado... — disse Oriol.

— Pois digo-lhes que mal se ouvem por detrás desta porta!

— Realmente? — exclamaram os nossos estouvados com humildade, pois julgavam-se capazes de acordar Paris.

Chaverny contemplava dona Cruz com admiração.

— Deliciosa! — exclamou. — Adorável!

— Vamos, meus senhores — prosseguiu dona Cruz — é preciso que Monsenhor não nos encontre a dormir! À saúde do marquês de Chaverny! O seu copo, marquês!

Êste estendeu o copo e soltou um profundo suspiro.

— Cuidado! Êle vai explicar-nos a sua posição!

— A todos, não! — resplicou Chaverny. — Quero apenas, como auditório, a





— *Vou pedir demissão e arranjar outro emprêgo onde possa achar um sujeito com dinheiro.*

encantadora dona Cruz. Os senhores não são dignos de me comprender!

— E no entanto é bem simples — interrompeu Nivelle — a sua posição é a de um homem embriagado!

Todos soltaram uma gargalhada.

— Há aqui alguém que ouse rir-se de mim? — perguntou o marquês. — Dona Cruz, eu não estou a brincar: aqui, representa uma estrêla do céu, perdida por entre simples luzes!

Ouviu-se um formidável protesto do elemento feminino.

— Ah! — prosseguiu o marquês. — Voltando ainda à minha posição...

— Sei-a na ponta da língua — interrompeu a cigana. — Vai casar com uma mulher encantadora...

— Encantadora? — interrogaram todos, em côro.

— Encantadora — repetiu dona Cruz jovem, espirituosa, meiga...

— Ah! — interrompeu o marquês. — Se fôsse contigo, minha adorável amiga!

Dona Cruz encheu-lhe o copo.

— Meus senhores — disse Chaverny antes de beber — dona Cruz acaba de esclarecer a minha posição: eu não poderia fazer melhor. É uma posição romanesca...

— Beba! — disse a cigana a rir.

— Dê-me licença... há muito tempo que tenho uma idéia...

— Vejamos a idéia de Chaverny!

O marquês ergueu-se e tomou pose de orador.

— Meus senhores — principiou — há aqui vários lugares vazios. Êste pertence a meu primo de Gonzaga... aquêle ao corcunda; ambos já estiveram ocupados, mas... êste outro?

E designava uma cadeira colocada precisamente em frente da de Gonzaga, onde, com efeito, desde o princípio da ceia, ninguém se sentara.

— Ora, aqui está a minha idéia — prosseguiu Chaverny — quero que êste lugar seja ocupado pela minha noiva.

— É justo!...

— Muito bem!...

— Desta vez a idéia de Chaverny é razoável!

Estas exclamações partiam de tôda a parte.

Dona Cruz procurou pegar no braço do marquês, mas coisa alguma dêste mundo era capaz de o distrair.

— Beba e cale-se! — segredou-lhe a cigana, ao ouvido.

— Bebo, meu astro divino, Deus é testemunha de que beberei, porém... não posso calar-me! A minha idéia é absolutamente justa. Peço apenas a minha noiva, porque... escutem-me!...

— Escutem!... Parece a eloquência personificada! — disse a formosa Nivelle, que despertara nesse momento.

O marquês bateu com a mão em cima da mesa e gritou:

— Acho um absurdo deixar aquêle lugar vazio!...

— Magnífico!... Bravo!... — aplaudia a assistência.

O marquês fazia esforços extraordinários para seguir o seu próprio pensamento.

— Acho absurdo deixar um lugar vazio, a não ser que se espere por alguém!

No momento em que uma salva de palmas ia acolher esta inteligente conclusão, Gonzaga apareceu na porta da galeria e disse:

— Sim, meu primo, esperamos alguém!

VI

UM PÊSSEGO E UM RAMO DE FLÔRES

O rosto do príncipe de Gonzaga pareceu a todos severo e até preocupado. Colocaram-se os copos em cima da mesa e os sorrisos desapareceram.

— Primo — disse Chaverny, deixando-se cair na cadeira — estava à sua espera... preciso falar-lhe acêrca da minha posição.

Gonzaga aproximou-se da mesa e tirou-lhe das mãos o copo que êle estava prestes a levar aos lábios.

— Não bebas mais! — disse-lhe, em tom sêco.

— Essa é boa! — protestou o marquês.

Gonzaga atirou o copo pela janela e repetiu:

— Não bebas mais!

Chaverny olhava para êle com os olhos muito abertos. No rosto dos convivas, as belas côres de uma embriaguês nascente deram lugar a uma palidez intensa. Havia um pensamento que fôra afastado

desde o comêço da festa, mas que voltava agora a pairar na atmosfera.

Era o aspecto preocupado que o príncipe de Gonzaga trazia... Peyrolles procurou deslizar até junto do amo, mas dona Cruz, notando-o, antecipou-se-lhe.

— Uma palavra, por favor, monsenhor — disse ela.

Gonzaga beijou-lhe a mão e afastou-se um pouco.

— Oriol — disse Nivelle. — Logo que o príncipe termine a sua conferência com dona Cruz, vá dizer-lhe que queremos música.

— Mas... — tentou objetar Oriol.

— Cale-se! Já disse que há-de rir!



O príncipe ainda não terminara a conversa e à medida que o silêncio se prolongava, a impressão de tristeza e de preocupação tornava-se mais evidente.

Por fim, Gonzaga beijou de novo a mão de dona Cruz.

— Tem confiança em mim? — perguntou êle, em voz paternal.

— Evidentemente, monsenhor — respondeu a cigana, cujo olhar estava cheio de súplicas. — Mas ela é a minha única amiga, a minha irmã!

— Não sei recusar-lhe coisa alguma, minha filha. Daqui a uma hora, haja o que houver, será posta em liberdade!

— Mas isso é verdade, monsenhor? — exclamou dona Cruz, radiante. — Permita-me que lhe vá anunciar essa grande felicidade.

— Agora, não. Fique... Já lhe deu parte do meu desejo?

— Do casamento? Sim, mas ela parece ter certa repugnância...

— Monsenhor — balbuciou Oriol, a quem um sinal imperioso da irrequieta Nivelle pusera em movimento — perdoe-me se venho incomodá-lo, mas as senhoras pedem que se mandem chamar os músicos.

— Deixe-me! — disse Gonzaga, afastando-o com a mão.

Gonzaga prosseguiu apertando nas suas as mãos de dona Cruz.

Digo-lhe apenas isto: quis salvar aquêle a quem ela ama!

— Monsenhor! — exclamou a cigana. — Por que não me explica a razão da utilidade dêsse casamento para o cavalheiro de Lagardère? Eu transmitiria tôdas as suas palavras à pobre Aurora.

— Nada mais posso acrescentar à minha afirmação — interrompeu Gonzaga. — Supõe que sou senhor dos acontecimentos? Em todo o caso, prometo-lhe que não haverá constrangimento...

O príncipe quis afastar-se, mas dona Cruz reteve-o ainda, dizendo:

— Permita-me que volte para junto dela. As suas reticências causam-me mêdo.

— Neste momento, preciso de si — respondeu Gonzaga. — Vão pronunciar-se aqui palavras que nenhuma destas senhoras deverá ouvir.

— E eu, ouvi-las-ei?

— Não. Essas palavras não se referem à sua amiga. Está em sua casa, cumpra os seus deveres: leve-as para o salão de Marte.

— Estou pronta a obedecer, monsenhor!

Gonzaga agradeceu-lhe e voltou para junto da mesa. Todos procuravam ler-lhe no rosto. O príncipe fêz sinal a Nivelle, que se aproximou.





— Não precisa ficar com essa cara. Tudo isto são coisas "necessárias".

— Aquela criança — disse, indicando a cigana, que se encontrava pensativa, no outro extremo da sala — precisa de distração. Faça o possível para ela não prestar atenção ao que se vai passar.

— Expulsa-nos, monsenhor?

— Depois tornarão a ser chamadas. Há no salão uma pequena coberlha de casamento...

— Compreendo, monsenhor. Mas, dispensa-nos Oriol?

— Não. Vão-se embora!

— Minhas amigas — anunciou Nivelle. Dona Cruz vai mostrar-nos a corbelha...

Tôdas se ergueram ao mesmo tempo e entraram, precedidas pela cigana, no pequeno salão de Marte, que era fronteiro ao *boudoir* onde já vimos as duas amigas. Havia ali, de fato, uma pequena corbelha que tôdas rodearam.

Gonzaga olhou para Peyrolles de forma significativa e êste, logo que elas desapareceram, foi fechar a porta. Mal o *factotum* do príncipe a fechou, dona Cruz aproximou-se de novo da porta, mas Nivelle correu para ela e afastou-a, levando-a pela mão.

— Cumpre-lhe mostrar-nos isto... — disse-lhe.



No salão encontravam-se agora apenas os homens. Gonzaga tomou lugar no meio dêles, enquanto reinava o mais profundo silêncio, silêncio que conseguiu despertar Chaverny.

— Recordo-me — disse êste, como se falasse para consigo — de ter visto duas criaturas encantadoras no jardim. Eu vou realmente casar com uma delas ou... é sonho? Palavra que não sei... Primo! — exclamou, interrompendo-se bruscamente. — Está aqui uma atmosfera lúgubre, vou ter com as senhoras...

— Fica! — ordenou Gonzaga.

Depois, passeando o olhar pela assistência:

— Conservam todo o sangue frio, meus senhores?

Todos responderam afirmativamente.

— Mas olha que fôste tu, meu primo, quem nos fêz beber! — exclamou Chaverny.

E tinha razão. A palavra sangue frio tinha, naquele momento, para Gonzaga, uma significação puramente relativa. Queria cabeças escaldantes, mas braços firmes. Exceto Chaverny, todos correspondiam ao seu desejo.

Gonzaga já olhara para o marquês meneando a cabeça com ar descontente. Consultou o relógio e prosseguiu:

— Temos exatamente meia hora para conversar. Basta de loucuras: falo para ti, marquês!

Êste, no momento em que Gonzaga lhe ordenara que ficasse, sentara-se não na cadeira, mas em cima da mesa.

— Não se preocupe comigo, primo — disse êle, com aquela gravidade peculiar aos embriagados — e oxalá que não esteja aqui ninguém mais alegre do que eu. Para mim, existe apenas uma coisa que me preocupa: a minha posição...

— Meus senhores — interrompeu Gonzaga — se fôr necessário passaremos sem êle. Neste momento há uma jovem que nos incomoda... que nos incomoda, perceberam?... incomoda-nos a todos, porque os nossos interêsses estão doravante mais estreitamente unidos do que supõem. Pode dizer-se que o meu destino será o vosso, pois tomei as medidas necessárias para que o laço que nos une seja uma forte cadeia... Ora, essa rapariga...

— Visto que as circunstâncias parecem agravar-se — disse Navailles — temos o direito de procurar a luz. Essa jovem raptada ontem pelos vossos homens é a mesma de que falava em casa do senhor Regente?

— A que o cavalheiro de Lagardère prometera conduzir ao Palácio Real? — acrescentou Choysi.

— *Mademoiselle* de Nevers? — concluiu Nocé.

O rosto de Chaverny modificou-se. Ouviram-no repetir muito baixinho e com estranha acentuação:

— *Mademoiselle* de Nevers!

Gonzaga franziu o sobrolho, e com um movimento de cólera, perguntou:

— Que lhes interessa o nome? Incomoda-nos e deve ser afastada do nosso caminho!

Houve um pequeno silêncio. O marquês pegou no copo, mas tornou a colocá-lo em cima da mesa, sem lhe tocar. Gonzaga prosseguiu:

— Tenho horror ao sangue, meus amigos, jamais gostei da espada. Por conseguinte, não quero o emprêgo de armas, prefiro a doçura. Chaverny, vou gastar cinquenta mil escudos e as despesas da tua viagem, para conservar a paz da minha consciência...

— É caro... — resmungou Peyrolles.

— Não compreendo — disse o marquês.

— Vais compreender. Dou uma oportunidade a essa linda rapariga...

— É, realmente, *mademoiselle* de Nevers? — perguntou Chaverny, tornando a pegar maquinalmente no copo.

— Se tu lhe agradares... — principiou Gonzaga, em vez de responder.

— Quanto a isso — interrompeu Chaverny, bebendo — pode ter a certeza...

— Melhor! Nesse caso, casará contigo de vontade.

— Nem doutra forma eu o quereria! — protestou Chaverny.

— Nem eu! — disse Gonzaga, com um sorriso equívoco. — Uma vez casado, levas tua mulher para qualquer província muito distante e fazes durar eternamente a lua-de-mel, a não ser que prefiras regressar sòzinho dentro de um prazo razoável...

— E se ela recusar? — perguntou o marquês.

— Se ela recusar, a minha consciência de coisa alguma me acusará... será livre !

Gonzaga baixou os olhos, contra vontade, ao pronunciar as últimas palavras.

— Ora, disse há pouco, meu primo, que ela só tinha uma oportunidade! — murmurou Chaverny. — Se aceitar a minha mão, viverá; se recusar, será livre! Agora é que eu não percebo!

— É porque estás embriagado — replicou Gonzaga, sêcamente.

Os outros guardavam um profundo silêncio. Sob aquêles lustres cintilantes que iluminavam as lindas pinturas do teto e das paredes, por entre as garrafas vazias e as flôres murchas pairava uma sinistra impressão.

De tempos a tempos, ouviam-se gargalhadas femininas no salão vizinho. Aquêle riso fazia mal e só Gonzaga conservava a cabeça erguida e um sorriso nos lábios.

— Quanto aos senhores — disse o príncipe — tenho a certeza de que me compreenderam.

Ninguém respondeu, nem mesmo o endurecido Peyrolles.

— No entanto, torna-se necessária uma explicação — prosseguiu o príncipe — que será curta, pois já não temos muito tempo. Analisemos primeiro o axioma da situação: a existência dessa jovem arruina-nos por completo. Não tomem êsses ares céticos... é assim mesmo! Se amanhã eu perdesse a herança de Nevers, depois de amanhã teríamos que nos pôr em fuga!

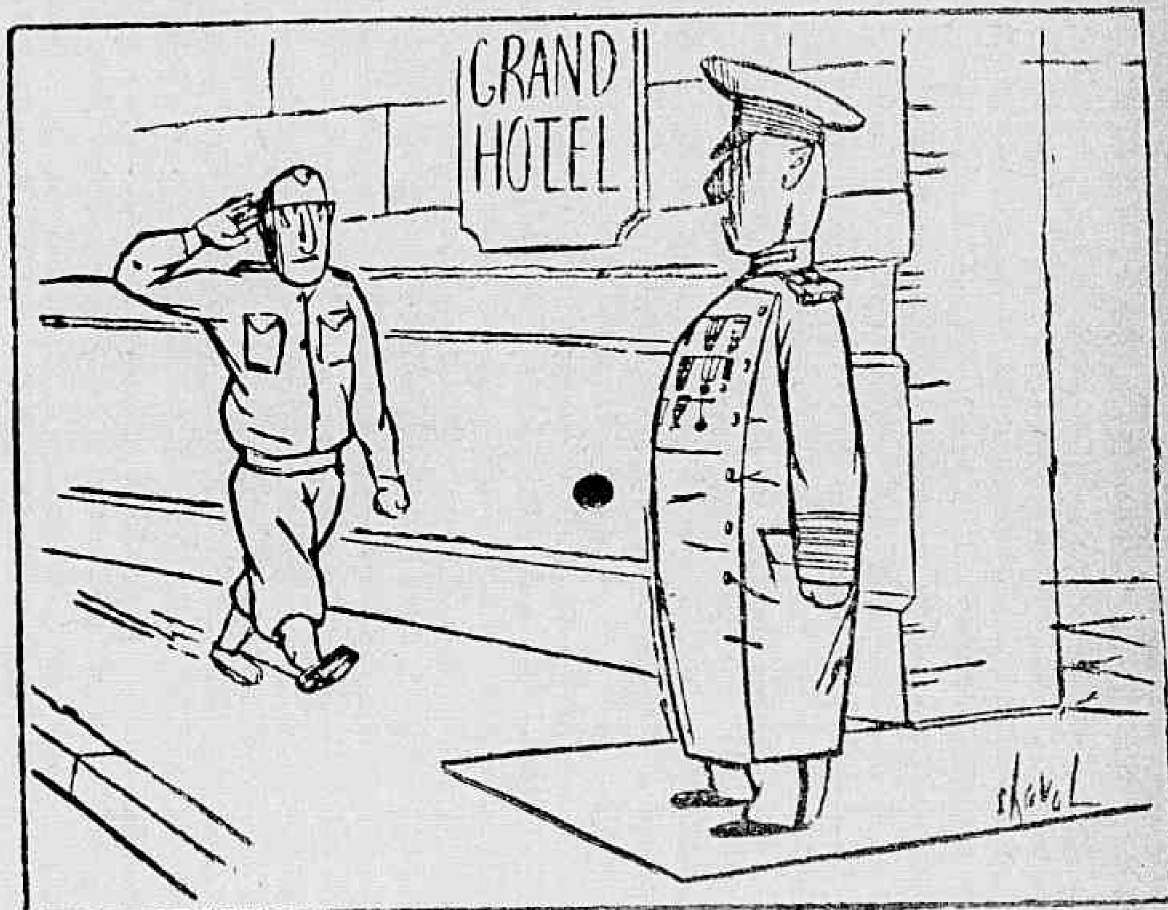
— Nós?! — exclamaram de todos os lados.

— Sim... — retorquiu Gonzaga. — Todos, sem exceção. Não se trata dos antigos pecados... O príncipe de Gonzaga seguiu a moda: tem livros como o mais insignificante mercador e os vossos nomes estão todos inscritos nesses livros! Peyrolles é um perito nessas coisas! A minha falência seria a vossa perda completa!

Todos os olhares se dirigiram para Peyrolles, que não se moveu.

— Além disso — prosseguiu o príncipe — depois do que se passou ontem... Mas, nada de ameaças!... Tenham juízo!... Estão ligados a mim sòlidamente e hão





de seguir-me na adversidade, como companheiros fiéis. Trata-se apenas de saber se têm pressa de me dar essa prova de dedicação!

Ainda desta vez ninguém respondeu. O sorriso de Gonzaga tornou-se abertamente mais irônico.

— Vejo que me compreendem... Sei que posso contar com a vossa inteligência. A jovem está livre... disse e repito... poderá sair daqui e ir para onde quiser. Isto admira-os, meus senhores?

Todos os olhares, estupefatos, o interrogavam. Chaverny bebia lentamente e com ar sombrio. Houve um longo silêncio. Pela primeira vez, Gonzaga encheu o seu copo e os dos seus amigos .

— Já tenho dito muita vez — prosseguiu, em tom ligeiro — que os bons costumes, as boas maneiras, a melhor poesia, os mais deliciosos perfumes, tudo isso nos vem de Itália... Ora, eu vou contar-lhes uma pequena anedota da minha mocidade... dos doces anos que passaram e não voltam mais!...

"O conde Aníbal Canozza, dos príncipes de Amalfi, era meu primo, um rapaz encantador e rico... muito rico! Calculem: tinha quatro castelos, umas vinte herdades, dois palácios em Florença, dois em Milão, dois em Roma e a célebre baixela em ouro dos cardeais Allaria, nossos venerandos tios.

"Eu era o único e direto herdeiro de meu primo, mas êle tinha apenas vinte e sete anos e prometia viver um século. Tinha uma saúde de ferro. Os meus amigos estão com frio?... Bebam, peço-lhes, verão que faz bem...

Todos obedeceram... depois, sentiram-se melhor...

— Uma tarde — prosseguiu Gonzaga — convidei meu primo Canozza para me ir visitar a Spoleto, um lugar encantador! Passamos a tarde no terraço, aspirando a brisa perfumada e conversando, creio, acêrca da imortalidade da alma. Canozza deixou-me fresco e bem disposto. Estava uma linda noite de luar. Parece-me estar ainda a vê-lo subir para a sua carruagem... Conforme vêem, era livre... absolutamente livre, podia ir para onde quisesse: para um baile, uma ceia, para uma entrevista de amor... ou podia ficar!

O príncipe terminou a sua taça. E como todos os olhos o interrogavam, concluiu:

— O conde, mèu primo, usou da última liberdade: ficou!

Um movimento convulsivo agitou os convivas. Chaverny apertou convulsivamente a sua taça.

Gonzaga tirou um pêssego de uma corbeilha e atirou-lho. O pêssego foi cair nos joelhos do marquês.

— Estuda a Itália, primo! — disse Gonzaga.

Depois, continuou:

— Chaverny está demasiadamente embriagado para me compreender e talvez isso seja preferível; mas... estudem a Itália, meus senhores!

E, enquanto falava, atirava com pêssegos em volta. Cada conviva tinha um.

Em tom breve e sêco, prosseguiu:

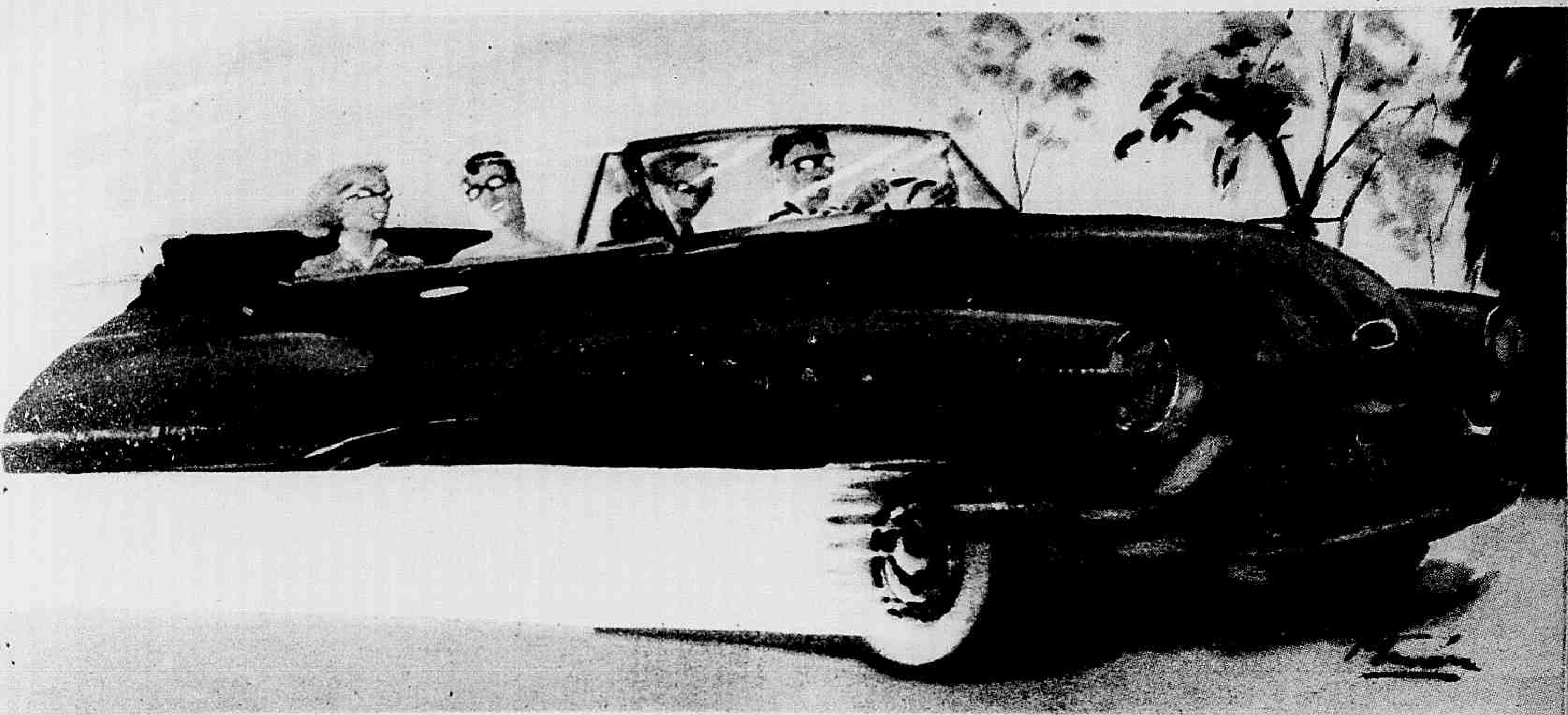
— Esquecia-me mencionar esta circunstância insignificante: antes de me deixar, o conde Aníbal Canozza, meu primo, compartilhara um pêssego comigo!

Todos largaram precipitadamente os frutos. Gonzaga tornou a encher o copo e Chaverny fêz o mesmo.

— Estudem a Itália! — repetiu o príncipe, pela terceira vez — só ali é que se sabe viver. Há mais de cem anos que ninguém se serve do estilete... Para que empregar a violência?... Por exemplo: em Itália, quer-se afastar uma jovem que é um obstáculo no nosso caminho... conforme agora neste caso... escolhe-se um rapaz que queira casar com ela e a leve para muito longe. Muito bem: isto é ainda o nosso caso... se ela aceitar, está tudo dito! Mas se recusar... e tem todo o direito... em Itália, tal como aqui, inclinamo-nos profundamente, pedindo desculpa da nossa liberdade, reconduzimo-la com galanteria também... pedimos-lhe para aceitar um ramo de flôres...

E dizendo isto, o príncipe pegou num ramo de flôres naturais que estava em cima da mesa.

(Continua no próximo número)



O carro a trepidar sobe pela encosta da colina, em cuja rodovia alas de escuros ciprestes projetam suas sombras espêssas na estrada poeirenta.

O sol alveja os quatro excursionistas, com seus raios quentes atravessando-lhes as leves roupas de verão. Em carro aberto para gozar das belezas da paisagem, os quatro turistas sentiam o suor molhar-lhes o rosto. Mas a viagem prosseguia desafiando o calor, a poeira e o aspecto selvagem da região, e o belo auto cinzento, de capota arriada, subia os declives vencendo a estrada ladeirosa.

Patrick Bowen, refestelado com sua espôsa no assento traseiro, endireitou-se sùbitamente e olhou interessado para belo edifício todo branco erguido sôbre um terraço que ficava mais além e em lugar alto.

Inclinou-se mais à frente e bateu levemente no ombro do homem que guiava, falando com voz que denotava sua surprêsa e admiração:

— Eu não sabia que estávamos aqui. Para onde nos estamos dirigindo, Edward? Pensei que fôsse para...

— "San Paolo" — respondeu a mulher que ia à frente. Sua voz baixa e concisa soava como se estivesse a sorrir. E continuou: Reservamos cômodos no hotel "San Paolo", Patrick. Pensei que fôsse bastante divertido. Não acha você?

Conto por
HILARY WILD

— Divertido? — volveu êle, com voz áspera, de quem fica zangado.

Anne, sua mulher, olhou-o ràpidamente, o que o fêz dizer com voz diferente, em inflexão artificial:

— Oh! sim, eu supus isso. É justo que eu pensasse que nossa próxima parada fôsse na costa.

Edward Walter disse sêcamente, sem tirar os olhos da estrada lá no alto:

— Com Rosamond você nunca sabe exatamente para onde vai. É uma de suas especialidades atraentes. Não pensa assim, Patrick?

Mais uma vez, Anne viu, pelos olhos negros do marido, que êste não gostara. Na verdade, Patrick nada respondeu, voltando a recostar-se no assento, passando a olhar com viva curiosidade a série de montanhas de um lado e outro da estrada.

Anne se mexeu um pouco ao lado do marido, admirada de que êles estivessem assim tão hostis.

Sempre que os quatro deixavam a Inglaterra para gozar férias em tais excursões, Anne notava conversações à meia voz entre Patrick e os outros dois. E quando ela se intrometia naquela conversa cochichada com algum palpite, seguia-se silêncio que denunciava da parte dos outros impaciência ou embaraço.

Anne falou, então, sem dirigir-se especialmente a qualquer dêles:

— Penso que seria excelente idéia deixar todo o programa a vocês dois, de maneira que não se soubesse nunca qual o próximo lugar para onde nos estávamos dirigindo.

Fêz-se ligeiro silêncio. Patrick lançou-lhe um olhar severo, enquanto Edward pareceu não ter ouvido nada. Foi Rosamond quem, passados alguns instantes, voltou-se em seu assento, colocando o cotovêlo no encôsto de couro e rindo para Anne, lhe disse:

— Folgo muito que você pense assim. Eu estava receosa de que Patrick não estivesse bem a par do plano, depois de tudo. Pareceu-me até que êle estivesse contrariado, quando eu lhe disse que íamos para êste hotel especial.

Lançando a Patrick uma olhadela rápida, ajuntou suavemente e ainda a sorrir:

— Podemos fazer isso mais algumas vêzes, e suponho que você não fará nenhuma objeção.

— "San Paolo" é uma delícia para mim — respondeu Patrick, com inflexão sùbitamente alegre. — Estamos em suas mãos, Rosamond. Não tenho nenhum motivo de queixa.

Sua voz fazia crer que já não sentia nenhuma parcela do seu mau humor momentâneo de minutos antes.

Anne começou a imaginar coisas. Não havia nada errado entre êles; mas o pensamento de Anne começou a trabalhar numa direção de suspeitas e ela estava inquieta em relação a Rosamond. Consigo mesmo conversava, achando que Patrick se transformava quando Rosamond e Edward estavam em sua companhia. Começou a alimentar suspeições a ponto de seus pensamentos atingirem um estado de alarma. Olhava para a paisagem sem vê-la e amarrotou o lenço em suas mãos até convertê-lo numa pequenina bola. Patrick e Rosamond...

Ela devia deixar de lado Patrick e Rosamond por enquanto. Precisava libertar-se de tais suspeitas e dedicar-se totalmente ao seu casamento, esquecendo ou não tomando conhecimento do que houvesse sucedido antes dêle. E, mesmo que mergulhasse no passado, que isso lhe trouxesse apenas sensação de triunfo.

Além de tudo, fôra ela quem se casara com Patrick, não Rosamond. A ela coubera o prêmio pela vitória de um casamento que Rosamond desejara, mas não obtivera.

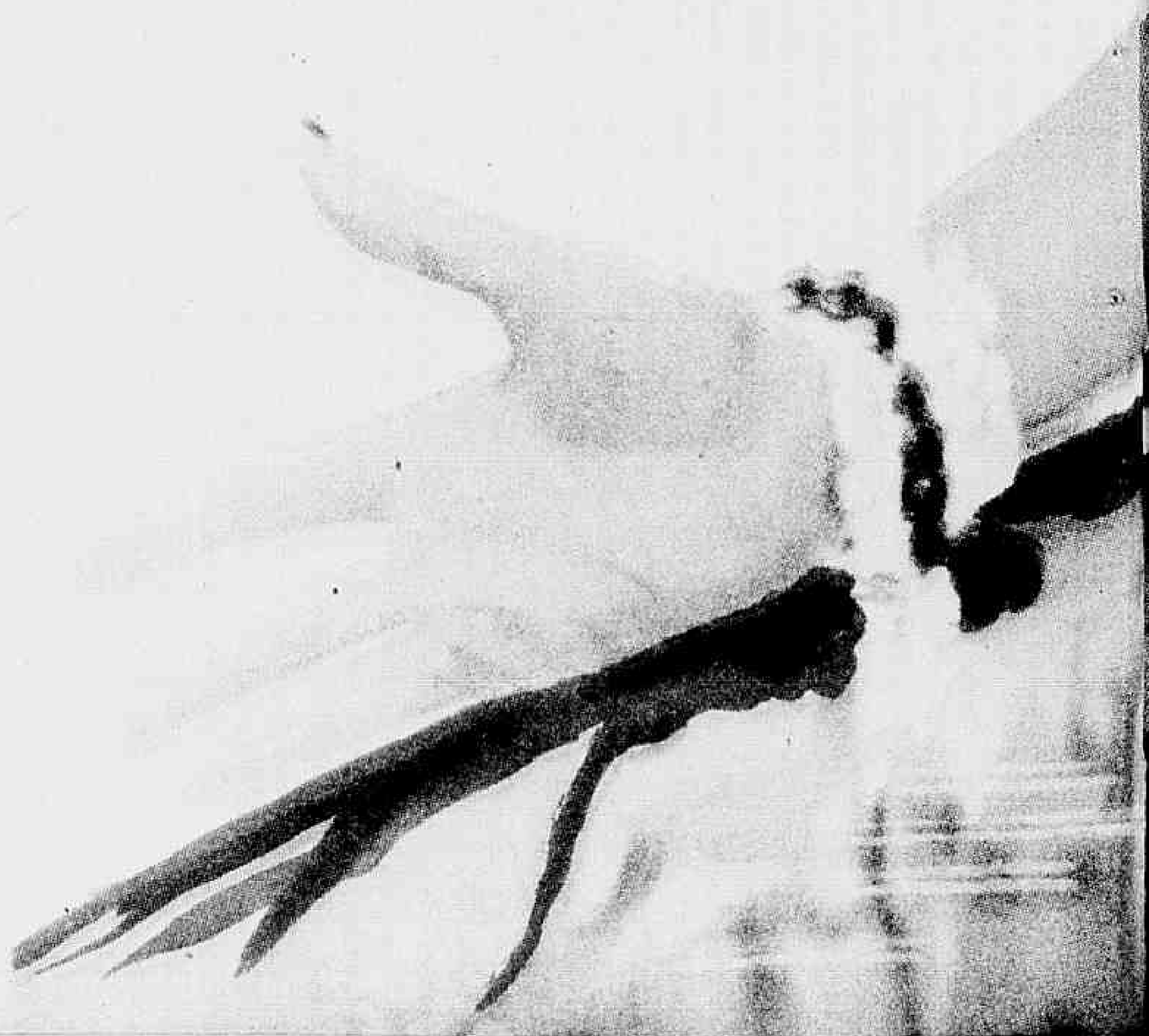
Mas, ainda depois de um ano do seu casamento com Patrick, não estava ela segura de sua vitória. Mas tôdas as razões lhe diziam que ela não devia afligir-se com isso. Mas tôdas as suspeições revelavam que Rosamond podia, em último caso, derrotá-la, como ela a havia derrotado anteriormente.

O auto continuava a galgar as alturas, avançando pela estrada. Anne se aconchegou ao seu canto e mergulhou em pensamentos sôbre o passado. Era um passado no qual Rosamond desempenhava papel de primeira grandeza.

Ambas tinham sido amigas desde a infância. Mas, na realidade, não era uma amiga, o que desejava Rosamond, mas um auditório. E Anne, admiràvelmente, enciumadamente e, algumas vêzes, com ressentimentos, substituiu-a por outra.

Rosamond tinha uma beleza estonteante, que compelia a qualquer pessoa a olhar para ela; Anne, menos espetacular, mais simplória, sem exibições, passava despercebida. Na idade adolescente, nos seus "teens", como dizem os americanos, era Rosamond quem atraía os rapazes nos bailes, os que possuíam carros para passeios, a excitação em pessoa; Anne, ao contrário, era retraída e não conseguiu muita coisa, até que veio Patrick.

Por seis meses, enquanto Anne estava fora do país em companhia de uma tia







enfêrma, Patrick e Rosamond tinham estado noivos, não oficialmente. Anne ainda não o conhecia, mas Rosamond sempre mencionava seu nome nas cartas que dirigia a Anne.

Só depois que Anne regressou a Londres, foi que veio a conhecer Patrick Bowen.

Era moreno, com um sorriso discreto. Fôra o primeiro homem a quem ela amara com um amor irremediàvelmente forte. O inacreditável da coisa, foi que, dentro do primeiro mês de seu encontro com Anne, declarou-se êle apaixonado por ela, alegando o rapaz que seu compromisso com Rosamond fôra um equívoco de ambos e, por isso, resolvera desmanchar tudo. Assim, seu desejo era desposar Anne e não Rosamond, que poderia ser dama-de-honra na cerimônia nupcial.

Tudo correu como êle desejara; apenas Rosamond não foi dama-de-honra no matrimônio, porque Anne não quis praticar essa crueldade com a outra. Além disso, Anne tinha a leve suspeita de que, se lhe houvesse falado nisso, Rosamond não ficaria zangada, nem despeitada, mas riria muito.

Tais coisas continuavam a ser causa de inquietação para a felicidade de Anne. Rosamond procedia sempre como se jamais fôra enamorada de Patrick, como se houvesse sido ela quem o repelira, e que agora gozava com a situação daquele de quem se descartara em tempo.

Se, na verdade, tal fôsse verdade, Anne poderia considerar-se uma pobre mulher, tendo-se apegado a um homem rejeitado por outra. Pareceu-lhe, então, que êle viera até ela, não porque verdadeiramente apaixonado, mas sim para consolar-se do "corte" que recebera de Rosamond.

— Sòmente mais uns dez quilômetros — disse Edward sôbre seus ombros.

— Sei — respondeu Patrick sêcamente.

Anne continuava a dar tratos à bola. Era estranho que ela e o marido, depois de terem pensado em passar as férias em Norfolk, passeando em iate, estivessem ali naquele carro com Rosamond e Edward.

Como sucedeu isto, afinal? Sòmente a incrível persistência de Rosamond e seu

marido poderia alterar os seus planos.

Edward aparecera muito antes de Patrick ter rompido o noivado com Rosamond. Muito bem aceito como seu par em passeios e danças, terminou desposando-a. Sempre foi êle um rapaz elegante e culto, mas de espírito sardônico, nem sempre sisudo, nem sempre afetivo com ninguém, nem mesmo com Rosamond.

Muitas vêzes, quando Edward e a mulher iam passar tardes em companhia de Anne e Patrick, surgiam querelas entre aquêles dois, num duelo de desconfianças recíprocas, enquanto Anne e o marido se limitavam a sorrir forçadamente.

E o que era mais curioso: procuravam êles, deliberadamente, a companhia de Anne e Patrick, com fins misteriosamente previstos. Não havia razão para isso, mesmo porque Anne jamais aceitou tal aproximação como base de amizade leal e genuína. E ainda agora ela continuava a pensar assim.

Sempre havia alguma coisa que a irritava: um olhar irônico de Edward; um sorriso e um olhar conspiratórios de Rosamond, quando vinha à baila algum incidente no qual tomaram parte na presença de Anne, cuja frieza era evidente. Então, Anne sentia, não sabia por que motivo, que êles motejavam dela e censuravam Patrick.

Quando Rosamond e Edward sugeriram essa excursão pela Itália, Patrick e Anne vacilaram e se escusaram polidamente, embora com bastante clareza, para que não os convidassem mais. Mas Edward persistiu:

— Deixe o itinerário por nossa conta. Prepararei as coisas e você e Anne só terão que gozar dos prazeres de uma viagem repleta de surprêsas agradáveis em lugares maravilhosos.

Patrick indagou, com vivacidade:

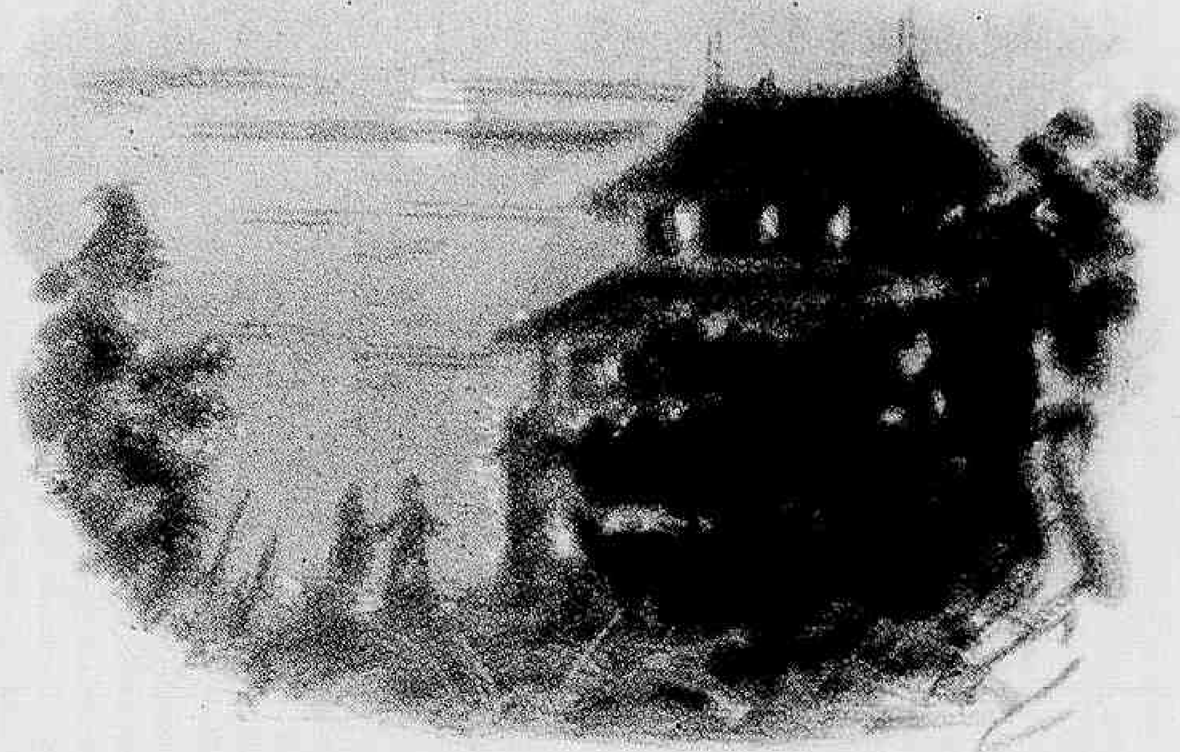
— E vocês dois?

— Oh! — respondeu Rosamond, com voz pausada — nós sabemos para onde vamos. — E com um olhar inteligente para Edward: — Não é isso, meu querido?

— Espero que sim — disse o marido.

E foi assim que os quatro foram jornadear à Itália, naquelas férias, no carro cinzento de Edward. Mas, por vários





motivos, Anne não podia libertar-se da idéia de que algo estava sendo tramado.

Patrick também denotava estar com esta impressão, segundo ela julgava, pois que se mostrava discreto durante tôda a viagem. Parece que havia qualquer coisa entre Patrick e Rosamond em relação àquele hotel, como se despertasse no espírito do marido de Anne alguma recordação do passado. Mal acabava de pensar nisso, quando Rosamond se voltou no seu assento e, dirigindo-se a Patrick, murmurou:

— Estivemos perto dali. Reconhece aquela fazenda com a fonte coberta? E aquelas três casinhas de campo?

Patrick olhou atentamente para o sítio apontado por Rosamond e respondeu com inflexão de prazer na voz:

— Oh, sim! Claro que me lembro!

O coração de Anne se agitou e batia com fôrça. Ela sofria. A voz do marido repercutia em seu espírito: "Sim, me lembro..."

Mas — monologava Anne de si para consigo — porque nunca me disse que estivera ali antes? Além disso, o modo por que Rosamond lhe recordara o lugar...

E Anne pensava: Rosamond e Patrick... Rosamond e Patrick num hotel de nome San Paolo...

As mãos do marido buscaram as da mulher. Anne lhe sorriu nervosamente. Os olhos do espôso davam uma explicação que era agravada pelo semblante sério. E êle quebrou o silêncio constrangedor.

— Esqueci de contar-lhe isso, querida. Estivemos aqui, eu e Rosamond, por ocasião de umas férias, quando... bem, algum tempo antes de você regressar da viagem.

Anne continuava a fazer cálculos e a pensar naquele passeio de Rosamond com Patrick, sòzinhos num hotel, a excursionar pelas casas rústicas do campo, quando ouviu a voz de Rosamond:

— Você vai gostar muito dêste lugar, Anne. Sei que Patrick gosta muito dêle.

Anne se sentia ali no carro inteiramente transtornada. Seu ânimo estava fervendo. Agora já sabia ela por que escolheram aquêle sítio para passar as férias.

Parece que Rosamond queria significar que fôra para Patrick muito mais do que simples namorada, podendo reconquistá-lo a qualquer tempo, se assim desejasse.

Procurando dominar-se, Anne falou:

— Não o censuro por isso. Isto aqui é muito belo.

Patrick se mostrou grato por esta opinião e a acariciou, afagando-lhe o braço; mas Anne sentia que isso não a confortava. O marido caíra de amôres pela rival, e Rosamond ainda podia vencê-la. Por isso, Anne se sentia infeliz.

Quando chegaram ao hotel, Anne atravessou o vestíbulo e achou o ambiente frio e pouco iluminado, contrastando com a claridade ofuscante do dia em plena estrada. Ao ver os viajantes, uma jovem funcionária da portaria se prontificou para registrar-lhes os nomes, saudando-os com um sorriso amável.

Nesse instante, um velho garção de cabelos brancos correu para os recém-chegados, com os braços abertos:

— Senhor Bowen! — exclamou com excitação. — E a senhora também! Nunca me esqueço dos nossos clientes! Há quanto tempo! Dois anos? Três? E agora o senhor e sua senhora trouxeram novos amigos. Muito bem. Êles também serão...

O expansivo velhinho se conteve como que embaraçado. Depois concluiu: "Êles também serão felizes aqui no "San Paolo".

E fêz ligeiro cumprimento de cabeça a Anne e Edward.

Pensava que Anne e Edward eram marido e mulher, o que ainda mais fêz agravar o caso de Anne.

— Olá, Francesco — disse Edward alegremente. — Não se lembra mais de mim? Também estive aqui um par de

anos, ao mesmo tempo em que estava aqui a mulher que é hoje minha espôsa.

E tomou Rosamond pelo braço, sorrindo para Francesco.

Como que não estivesse compreendendo nada, o garção olhou-os, fitando depois Patrick e Anne. Para consertar as coisas exclamou arrependido:

— Oh! Sinto muito... desculpem-me. É que já não tenho a memória muito fiel. Por um momento eu julguei que a senhora fôsse a espôsa do outro cavalheiro...

E, com um gesto de cumprimento a todos, foi postar-se na sala-de-jantar, de onde continuou a olhar os quatro com o cenho franzido de quem procura decifrar um enigma. Anne percebeu a estranheza do velho serviçal e isso lhe mostrava que Rosamond e Patrick passaram ali quase uma lua-de-mel...

Os cômodos para os dois casais ficaram em andares diferentes.

Ainda agarrada ao braço de Edward, Rosamond falou:

— Depois de trocarmos de roupa, subamos ao terraço para um drinque, mas o terraço dos fundos, de onde se descortina uma vista magnífica.

Depois de ligeira pausa, dirigiu-se a Anne e ao espôso:

— A menos que vocês dois não desejassem agora.

Mas Edward parece que não gostou da sugestão da mulher:

— Rosamond tem cada idéia! Drinques lá no terraço? Esqueça isso. Você é mesmo melodramática e exibicionista:

Patrick, porém, aderiu:

— Ótimo!

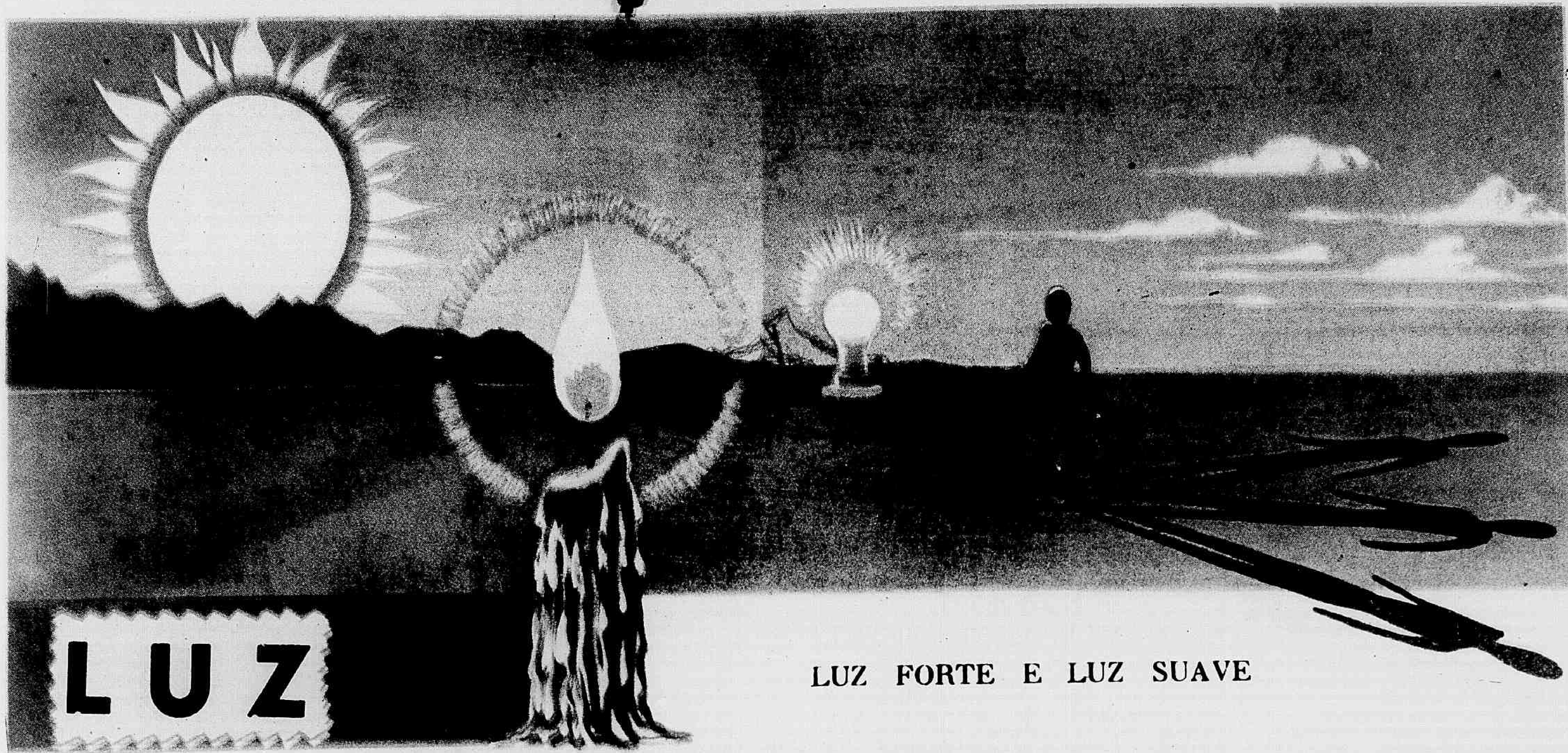
Anne nada disse. E cada qual foi para seus aposentos.

Quando Anne e Patrick ficaram a sós em seu quarto, êle se aproximou da mulher e, pondo-lhe as mãos aos ombros, falou-lhe com franqueza:

— Querida, não sei o que está torturando o seu coração. Mas quero dizer-lhe que as exibições de Rosamond não nos devem atingir. Compreende-me, Anne? Qualquer que seja o seu julgamento a meu respeito, eu a amo e sempre a amarei.

(Continua na página 115)



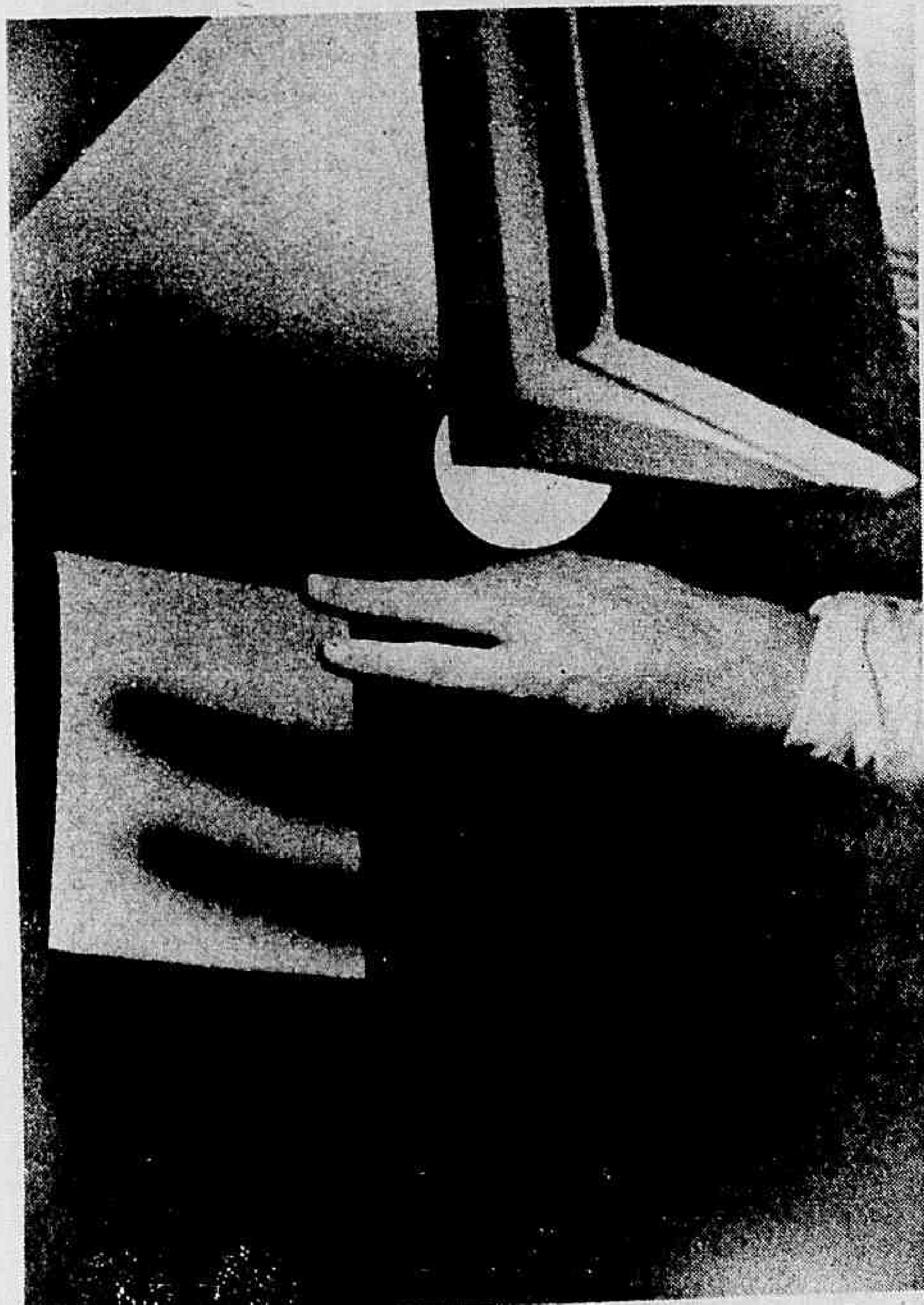


LUZ FORTE E LUZ SUAVE

A intensidade da sombra depende da fonte de luz. Uma lâmpada forte produzirá uma sombra nítida: — As lâmpadas incandescentes ou fluorescentes são superiores para a iluminação que os demais recursos nesse sentido, porque produzem pequenas e suaves sombras. Entretanto, os peritos afirmam que para certos trabalhos a luz direta e "pesada" ajuda melhor a visão porque, justamente, aumenta o contraste. Podemos demonstrar a diferença entre os dois tipos de luz produzindo essas sombras. Usemos primeiro uma lâmpada clara, sem refletor, e estendamos dois dedos entre a luz e uma fôlha de papel branco. A sombra será uniformemente escura, com contornos nítidos. Repitamos o teste com uma lâmpada fôsca e a sombra será menor, acinzentada e indecisa nos bordos. Por quê? Quando a fonte de luz é menor que a obstrução, como no caso da lâmpada clara, os raios são bloqueados, produzindo sombra densa, que aumenta de tamanho na superfície em que é projetada e tanto mais quanto a superfície mais se afaste. Quando a fonte de luz é maior, parte da luz passa em redor da obstrução e dilui a sombra, como se comprova com os dois clichês que publicamos na página 55.



Com uma lâmpada clara a fonte de luz é pequena, produzindo uma sombra nítida e escura.



Com lâmpada fôsca é diferente, pois projeta sombra suave «porque tal luz é maior» que a obstrução.



Um fotômetro feito com dois blocos de parafina, uma régua e uma fôlha de metal, simplesmente.

MEDIR A FÔRÇA DA LUZ

Podemos medir a intensidade da luz com um fotômetro feito em casa.

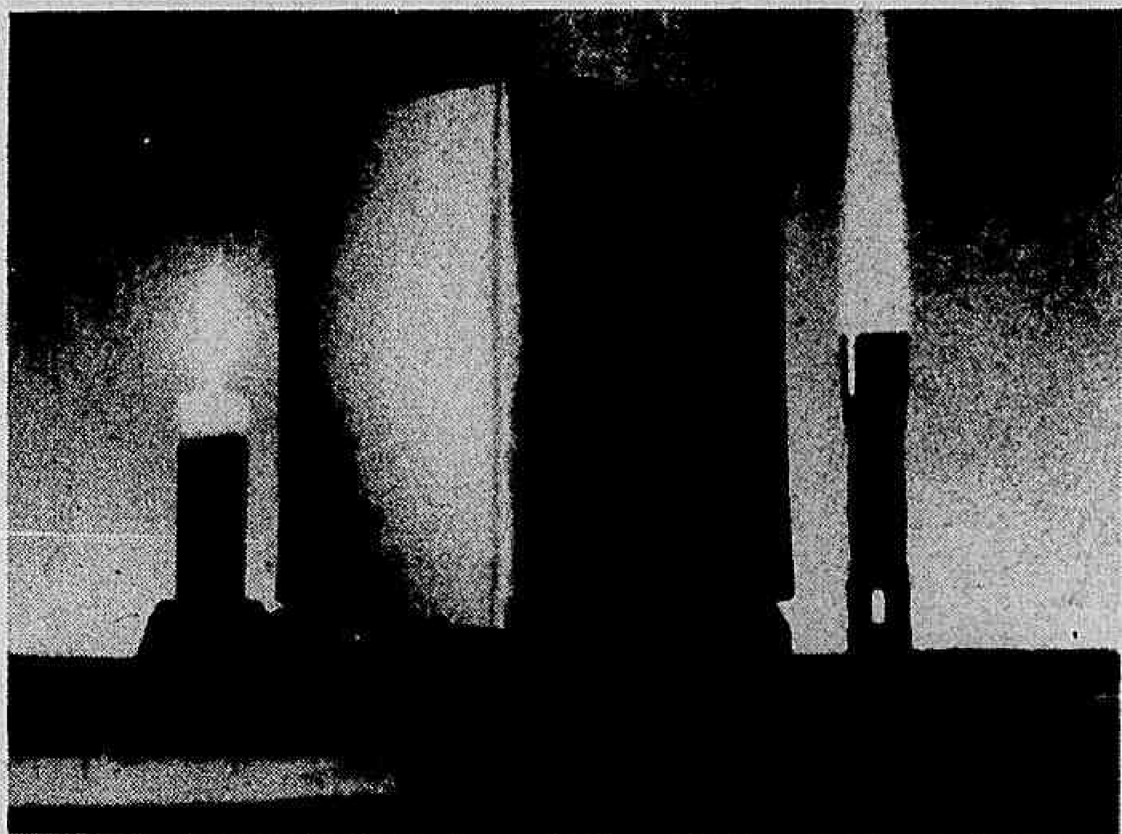
QUANDO nos referimos à fôrça de velas de uma lâmpada elétrica, sábemos o que significa. Nos primeiros dias a luz produzida era medida em comparação com a de uma vela fabricada segundo as especificações normais.

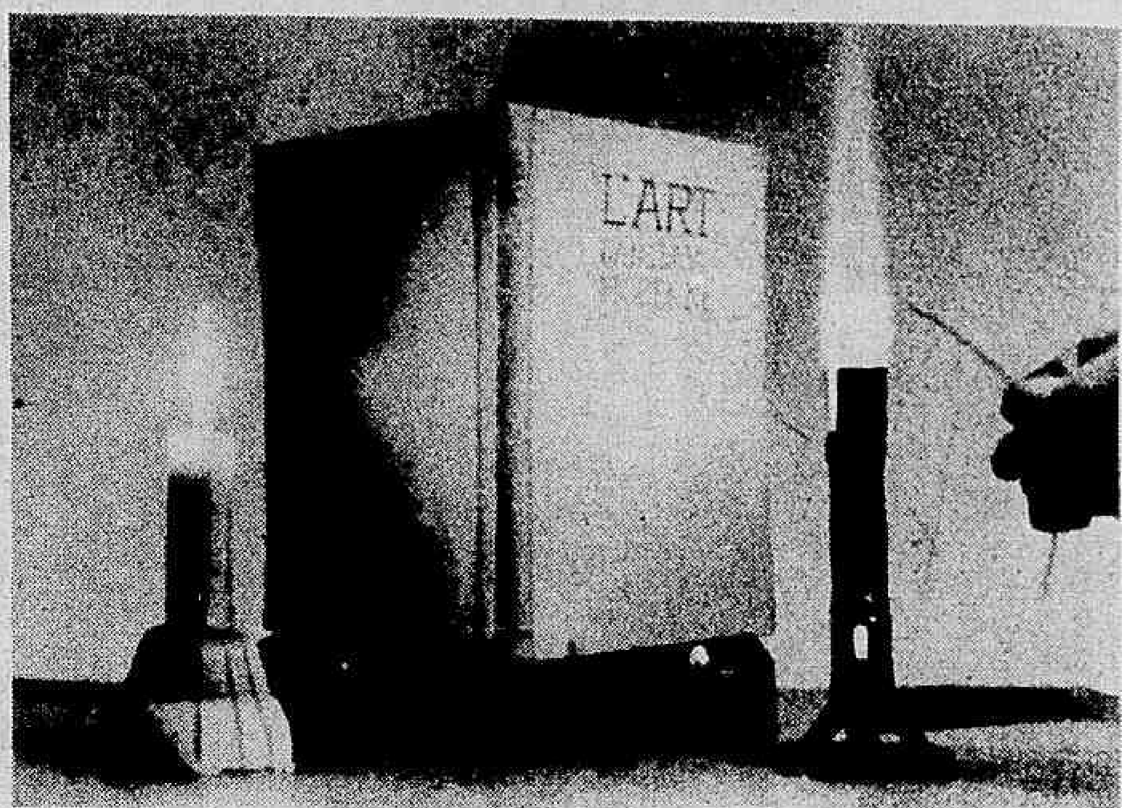
Hoje, as lâmpadas feitas com filamentos especiais, operam sob rígidas condições controladas, servindo como um "standard" internacional para a luz.

Essa intensidade comparativa é medida por um instrumento chamado fotômetro.

Um dos mais simples, desenhado pelo físico irlandês, Joly, pode ser fàcilmente feito com dois blocos de cêra de parafina e uma régua. Cortem os blocos de tamanhos iguais e quadrados. Esquentem uma das faces de cada bloco e calquem as mesmas contra uma fina fôlha de metal, com a qual formarão um só bloco.

Depois, escurecendo a sala, coloquem o bloco entre duas luzes diferentes. A menor (a de uma vela) a uma distância de cêrca de 15 centímetros da face do bloco, segundo o clichê, e a outra luz a determinada distância da outra face até que a iluminação das duas faces seja igual.





Uma vela e um bico de gás têm luminosidade diferente. Mas, se introduzirmos um fio de arame na segunda chama, esta proporcionará bastante luz.

CHAMA SEM LUZ

JÁ terá pensado o leitor no fato de a chama de uma simples vela proporciona mais luz que a mais quente chama de tôdas as bôcas de um fogão a gás? A simples demonstração do clichê acima serve de resposta.

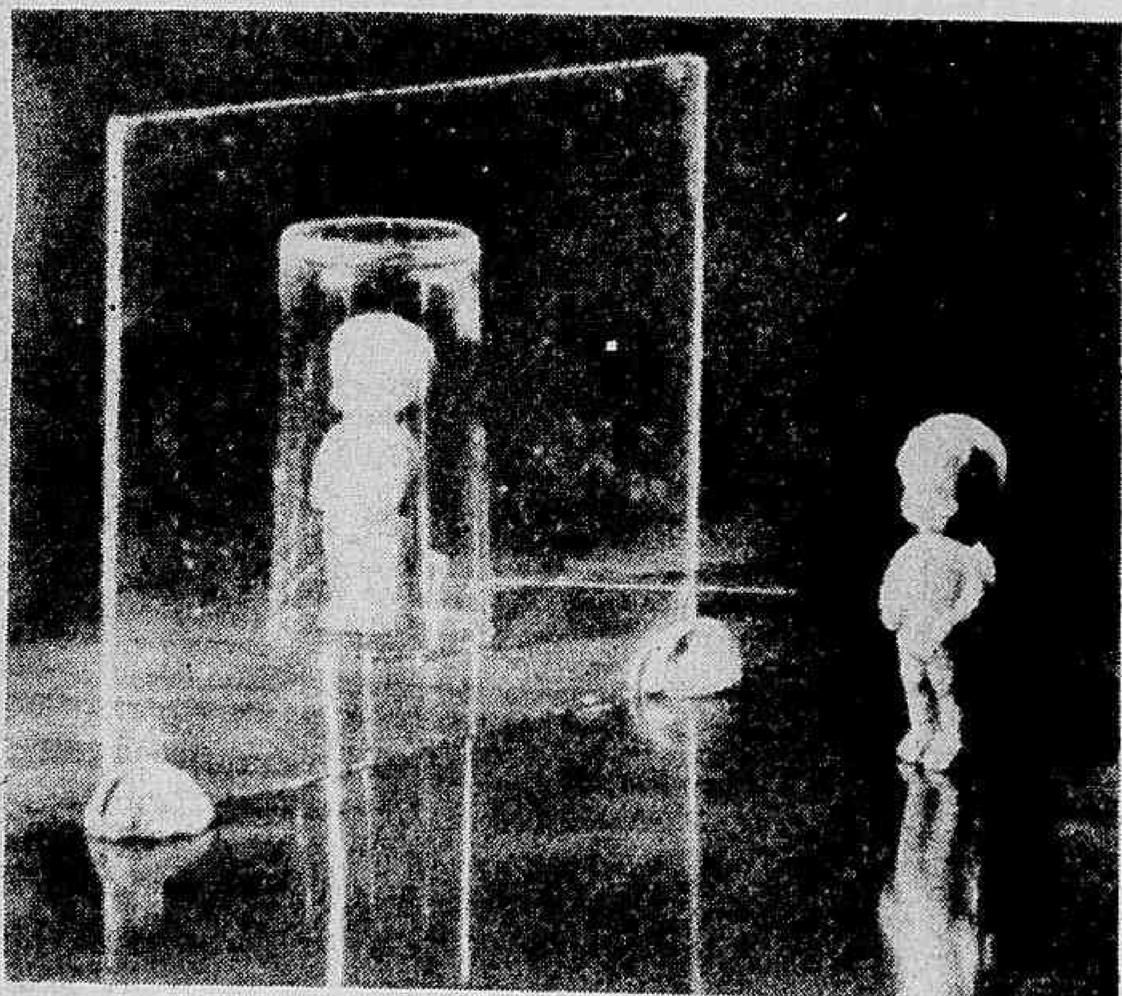
Coloquem um livro entre uma vela acesa e um bico de gás, ajustando-o para que apresente a chama azul. (No clichê está um bico de gás de laboratório, porém, poderão usar a bôca do fogão a gás.) Enquanto a segunda chama é muitas vêzes mais quente, não chega para iluminar a face do livro que lhe está em face. Introduzam, então, um arame de ferro ou de cromo, retirado de algum aquecedor, ferro de engomar, etc. na chama de gás e vejam o que acontece. Imediatamente o fio de arame ficará em brasa e iluminará a capa do livro!

Se puderem examinar a chama da vela e conhecer de que é feita, descobrirão que as condições nela são muito semelhantes às do fio em brasa, na chama do gás.

Ao queimar, a parafina se transforma em gases e pequenas partículas de carbono sólido. Os gases aquecidos provocam a incandescência das partículas citadas. São elas que tornam a chama da vela luminosa. As velas passam sua luz para sólidos aquecidos. Os gases puros quase não produzem luz.

*

A BONECA NO COPO

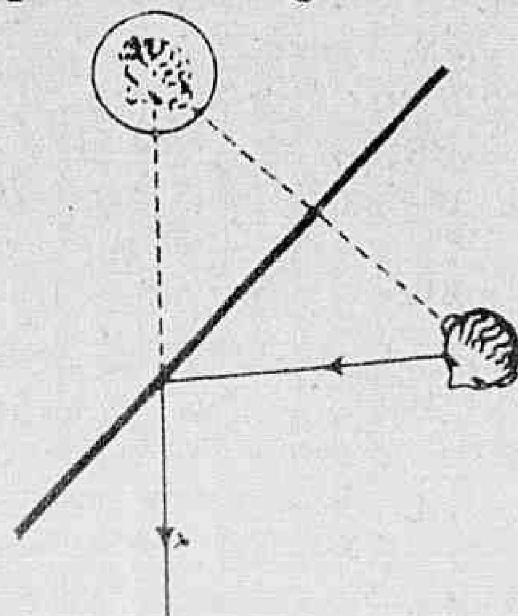


Uma imagem está justamente tão distante «por trás» do vidro, como diante do mesmo. Façam a experiência usando para a mesma uma boneca

EMBORA não possamos ver o reflexo de uma imagem, olhando através de um vidro, a posição dessa imagem está aparentemente fixada no espaço. Para provar o que afirmamos, coloquem uma pequena boneca ou outro objeto diante de um pedaço de vidro plano. Então, observando a imagem assim refletida, coloque um copo invertido por trás do vidro até que a imagem da boneca apareça no interior do copo, segundo mostra o clichê.

Com esta manobra, poderão aprisionar a imagem e medir a exata distância com uma régua.

Seja onde fôr que esteja colocada a boneca, descobrirão que a imagem está justamente a igual distância, por trás do vidro, como o está a boneca diante dêle, num linha perpendicular ao plano do vidro.



Independente do ponto de observação, a imagem permanece justa.

CÉU AZUL E SOL LARANJA

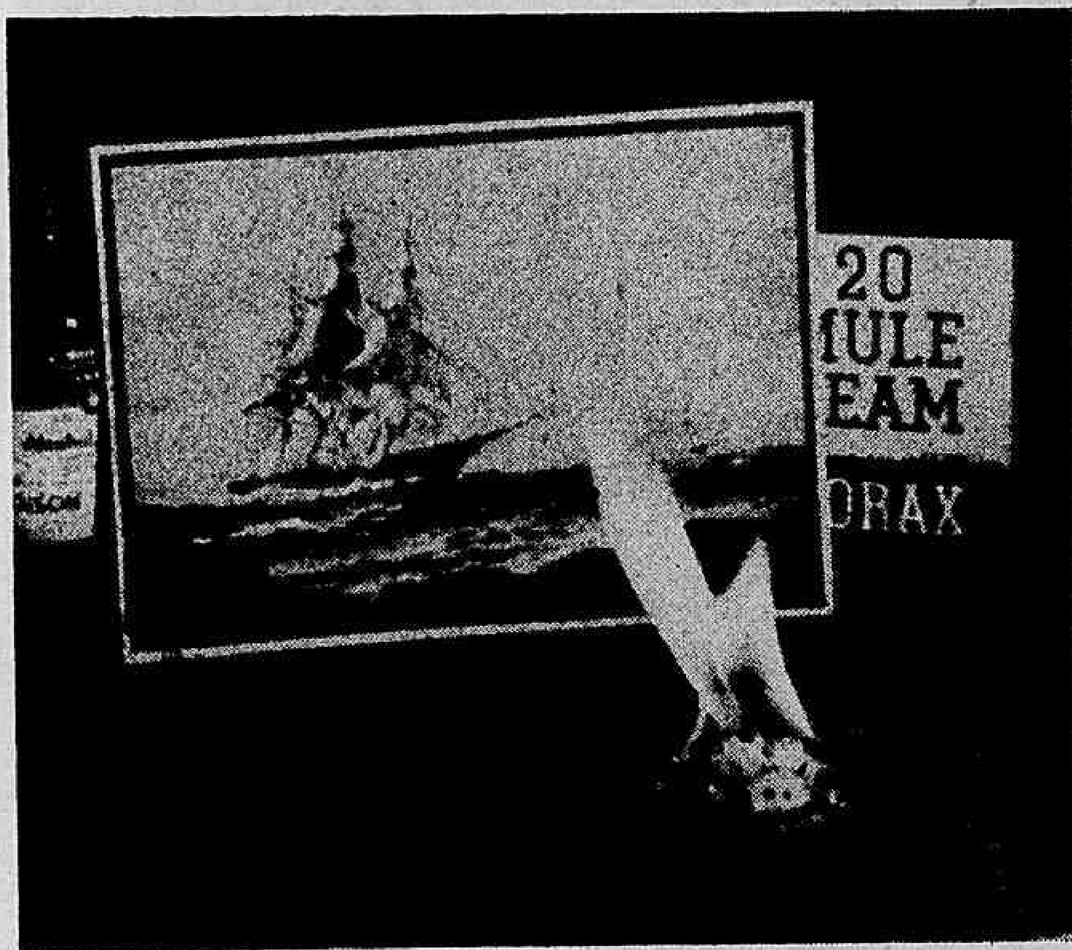
O céu é azul e o sol laranja devido à dispersão da luz. Quando a luz branca do sol passa através da atmosfera, os raios curtos, violeta e azul, são mais fàcilmente desviados do seu curso pelas partículas de poeira e umidade, assim como pelas irregularidades na densidade do próprio ar. Êsses desvios da luz fazem o céu parecer azul e o sol amareiado. Com uma lanterna elétrica e água contendo algumas gôtas de leite, podemos conhecer como ocorrem êsses desvios. Escureçam uma sala e olhem diretamente através do copo para o foco da lanterna. A luz é amarela, em razão do desvio dos raios curtos azuis, pelas partículas suspensas do leite. Se, sem mover a lanterna, olharmos pelos lados do copo, o líquido aparecerá azul. Ao nascer e ao deitar, o sol é amarelo ou vermelho porque as ondas longas de luz são desviadas quando os raios passam através de maior quantidade de milhas da atmosfera. Adicionando mais leite à água, os raios da lanterna obedecerão ao mesmo fenômeno.


O mistério da coloração dos raios de luz, pode ser explicado com um pouco de água e gôtas de leite.

★

A LUZ QUE ANULA AS CÔRES

POR meio da luz de sódio, podemos demonstrar dramàticamente o que acontece aos objetos multicoloridos, quando vistos com a luz de uma só côr. Coloquem algumas pitadas de bórax (borato de sódio) num recipiente e umedeçam-no com álcool desnaturado. A seguir, na sala bem escura, deitem fogo ao álcool e observem a gravura. A princípio, tudo parece normal. Porém, tão logo o bórax aquece, tôdas as côres, com exceção do amarelo, desaparecem misteriosamente, o resto passando para os tons amarelo acinzentado. A luz do sódio contém apenas uma estreita banda de amarelo. Por isso as demais côres não podem ser vistas. Lâmpadas de vapor de sódio são agora experimentadas nas estradas, em parte porque dão mais luz por menos dinheiro e, ainda, porque, segundo se acredita, a sua eliminação das demais côres aumenta o contraste e torna mais fácil a visão noturna.

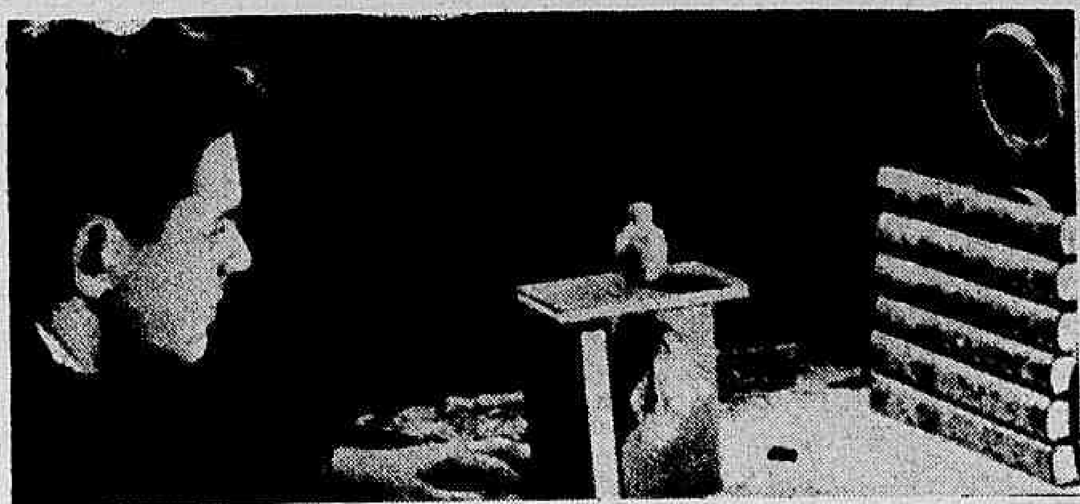


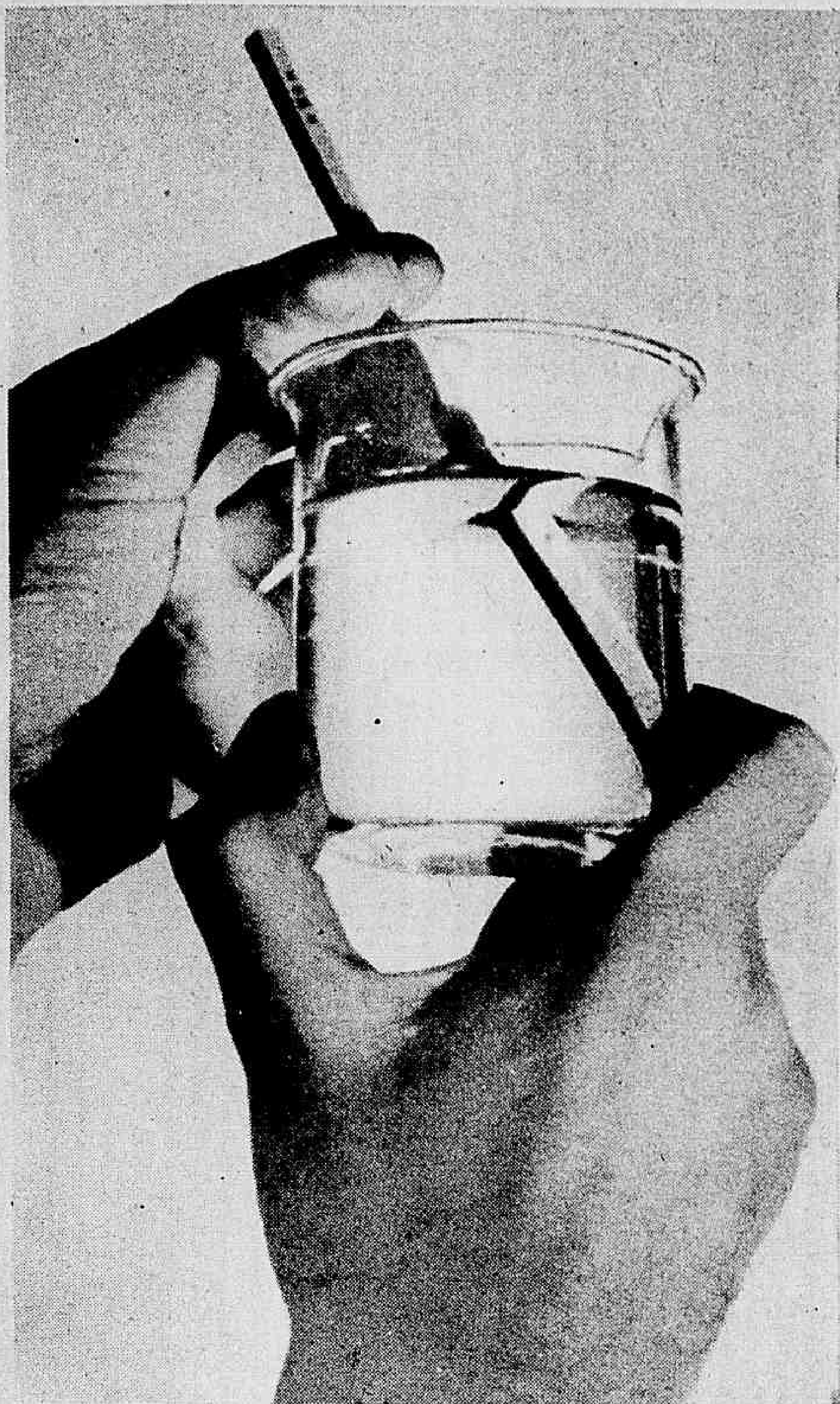
Vistas com luz de sódio, as côres de um quadro desaparecem, com exceção, apenas, do amarelo.

★

ESPELHO MÁGICO

EMBORA muitos possam duvidar, o arranjo que a gravura mostra permite que o espelho reflita a imagem das flôres... no vaso. Como uma lente, um espelho côncavo projeta uma imagem real e, neste caso, produz flôres fantasmas no espaço acima do vaso. O leitor poderá realizar a "Mágica" dispondo objetos simples, segundo o clichê. Infelizmente, a curvatura de certos espelhos é tão pobre que não poderá provocar uma boa imagem. A sala deverá ser escurecida, ficando apenas a luz de uma lâmpada forte dirigida sôbre as flôres. Então, olhem para o alto do vaso, refletido no espelho, conservando o ôlho a uns 30 centímetros do vaso. Ajustando cuidadosamente a distância e o ângulo do espelho, o leitor encontrará a posição adequada para que as flôres da gravura apareçam, como vivas, no alto do vaso. E se duvidar dos próprios olhos, poderá tirar uma fotografia da imagem.







Quando um copo com água é sustentado acima dos olhos e de lado, a superfície do líquido refletirá como um espelho. O truque abaixo descrito obriga o uso de uma moedinha, uma terrina e água. A moeda é visível com o cálice cheio dágua. Sendo mergulhado com cuidado, para o ar interior não escapar; o cálice, já então livre de água internamente, cobrirá a moeda, impedindo sua visão.

ÁGUA OPACA

PODE SER IMPOSSÍVEL VER ATRAVÉS DO MAIS CLARO E TRANSPARENTE CRISTAL.

Acredita o leitor que, sob certas condições, é impossível ver através da superfície da água tranquila e clara? Sem dúvida, sustente um copo com água acima dos olhos e de lado e tente ver de baixo para cima a sua superfície. Será impossível. A subsuperfície da água se tornou tão opaca e tão brilhante como a de um brilhante espelho.

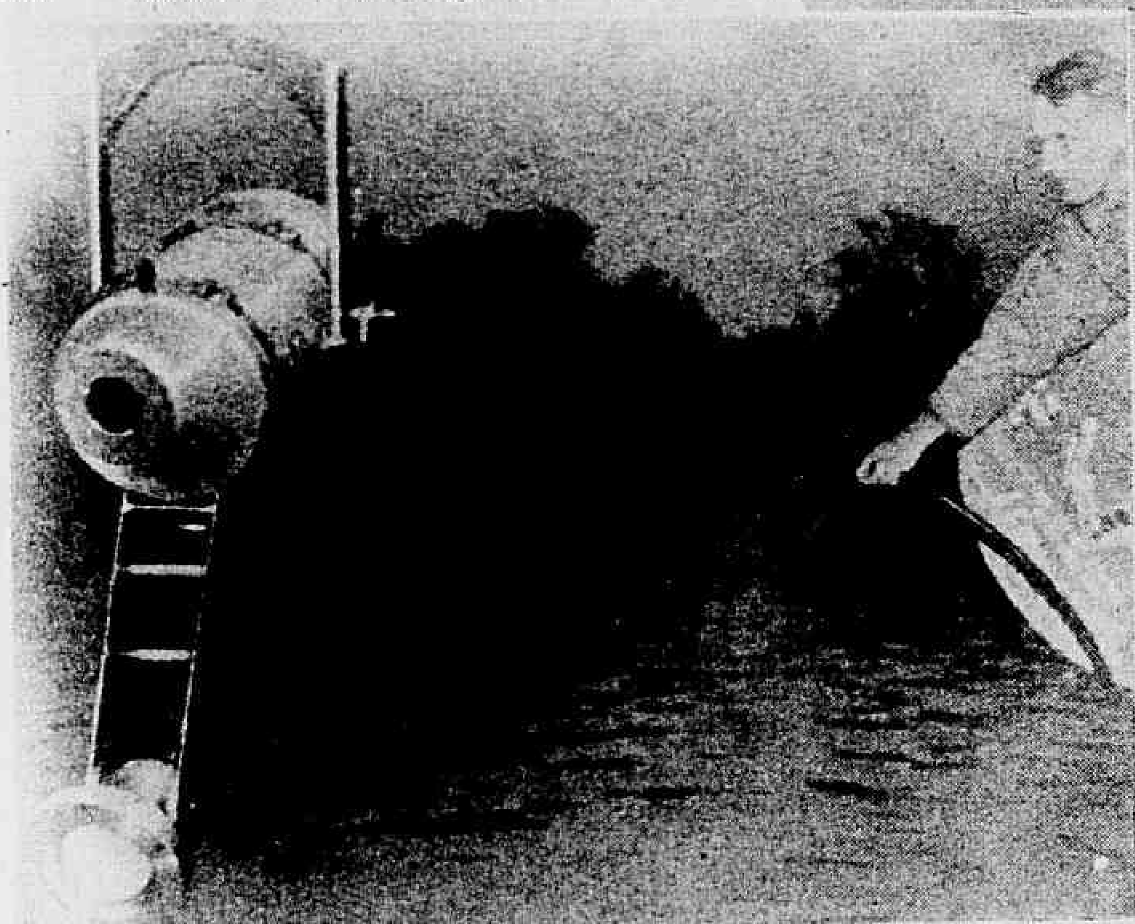
Um truque da luz, chamado reflexão interna total, impede que vejamos o seu nível superior. Quando os raios, passando por um ângulo fora da vertical, tentam passar da água para o ar, são impedidos na superfície. Quanto maior o ângulo, maior o impedimento. Quando o ângulo atinge aos 48 graus (para a água), os raios não passam através da sua superfície, sendo repelidos para o interior da água. Devido a êsse fenômeno, um peixe ou um mergulhador só pode ver o exterior da água através de um círculo que se estende cêrca de 48 graus para cada lado da vertical. Uma das mais interessantes "mágicas" de salão, envolvendo essa reflexão total é apresentada pelos clichês acima. Coloquem uma moeda no fundo de um recipiente fundo e cheio dágua e cubram-no com um pequeno cálice. Se deixarmos o cálice se encher de água ao ser mergulhado, a moeda permanecerá visível. Conservem, porém, o cálice bem emborcado, a fim de que permaneça em seu interior o ar e a moedinha desaparecerá, devido à reflexão interna na superfície da água e do ar contido no cálice. (O espectador não deverá olhar justamente de cima, através do cálice, pois, em tal caso, a moeda continuará visível.)

UM ÔLHO NO FUNDO DO MAR



OS técnicos inglêses prepararam, em Cambridge, uma nova telecâmara que permitirá a recuperação do "Comet" afundado ao largo da ilha de Elba.

Donald Colman, um técnico que é, provàvelmente, a máxima autoridade mundial da nova ciência da telecâmara, auxiliado por uma equipe técnica da fábrica P.Y.E., desenhou e construiu a nova telecâmara, a fim de colhêr a frágil carlinga do "Comet", que deve ter sido esmagada como



casca de ôvo, ao mergulhar a mais de duzentos metros de profundidade, onde os escafandristas jamais poderiam atingi-la, pois que não descem a mais de oitenta metros.

O novo processo não dispensará a televisão, sem o que a operação de salvamento seria demorada e arriscada a fracassar.

A nova telecâmara de Colman custou nove milhões de libras, fugindo dessa forma ao escôpo comercial.

Suas lentes estão protegidas por poderosos e espessos cristais, assim como todo o seu revestimento, de alumínio capaz de resistir a uma pressão de quase uma tonelada.

Da câmara sai uma espécie de braço que, além de sustentar um projetor de 150 watt (mais que suficiente para as águas transparentes do Mediterrâneo) onde terão um raio de ação superior a trinta metros, constitui ainda uma espécie de estabilizador contra as correntes marítimas.

Nas gravuras vemos como a telecâmara auxilia os trabalhos de içamento da carlinga do "Comet" e, ao lado, a própria câmara, antes de seu primeiro mergulho experimental.

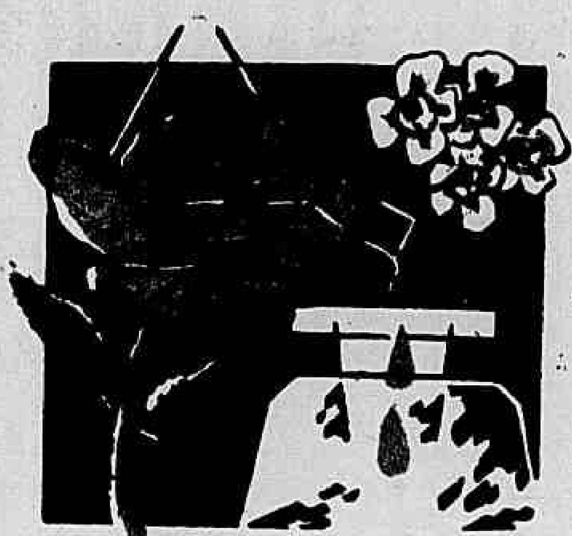


VÔOS DA FANTASIA

— Fazer-lhe uma pergunta é como abrir as comportas de uma represa. — **Frank Case**

— Não se pode acreditar tudo o que se ouve, porém desgraçadamente pode-se ouvir. — **Columbus**

PERFUME PARA A MINHA DAMA...



A ciência comprovou que existem quatro cheiros fundamentais: doce, acre, amargo e fétido. Os laboratórios comerciais, os preparadores de perfumes e os vendedores fizeram curiosas descobertas, ao submeter 54 cheiros ao olfato humano. Oitenta e cinco por cento das pessoas que intervieram nas provas, preferiram o perfume da rosa. O segundo lugar foi ocupado pelos aromas do lirio e da violeta. A seguir, vieram os do café, bálsamo, cedro, chocolate, cravo, laranja e baunilha. Segundo ficou provado, a umas poucas pessoas agrada o odor de gasolina, cebola, terebentina, parafina, peixe, azeite, manteiga e borracha! Apenas uma das pessoas que participaram da experiência demonstrou preferir o cheiro do alho. A ninguém, entretanto, agradou o odor da transpiração.

A indústria francesa de perfumes conhece a popularidade da rosa e submete ao devido processo sessenta toneladas de rosas e vinte e duas toneladas de raízes de rosas anualmente. Utiliza também trinta e cinco toneladas de narcisos e vinte de mimosas. Um perfume só de rosa não agrada à mulher de gôsto refinado, porque é demasiado vulgar. Prefere perfumes agri-doces, os quais misturam os mais delicados aromas para formar um só.

A cidade de Grasse, na França, prospera porque as mulheres são assim. Se elas perdessem sua preferência pelos perfumes raros e delicados, o povo dessa cidade, que contempla o Mediterrâneo do alto de uma colina encantadora, ficaria sem trabalho. Depois de seis anos de guerra e vários de confusão, que se seguiram, Grasse continua com sua tradicional ocupação.

A fábrica de perfumes de Grasse conhece os mais recônditos segredos da indústria. Prepara as concentrações básicas por meio de um complicado processo, empregando flôres, raízes, ervas, cascas de árvores e frutas, sementes, madeiras aromáticas e materiais cheirosos de origem animal. Estas concentrações são utilizadas em doses ínfimas e diluídas por quem prepara as essências para o mercado mundial.

Os *ateliers*, oficinas de acondicionamento, laboratórios e residências da família do proprietário, cobrem uma considerável extensão. As plantações se estendem por cima das encostas da colina e edentram-se pelo vale. As instalações carecem por completo dos requintes de uma loja de perfumes. Tudo é severidade e eficiência. O dono trabalha em uma biblioteca recoberta com madeira escura e adornada com retratos a óleo do fundador e seus sucessores. Discute com os camponeses o preço de suas flôres: mimosas, rosas, narcisos, jasmins e violetas.

As flôres, no entanto, são apenas uma parte do quadro. Durante a guerra, as plantações tiveram que ceder terreno a cebolas e cenouras. Fundamentalmente, porém, nada mudou. Mesmo em épocas de carência de alimentos, não se arrancam os rosais e jasmineiros. Bem cuidados e regados, os rosais aromáticos duram cinqkenta anos. Os jasmineiros ainda mais. Alguns duram até um século! Durante a guerra, uma esquadra anglo-americana de duzentos e trinta navios se instalou na



baía situada entre Grasse e Cannes e começou o bombardeio. Houve tiroteio nos morros e baixadas, até à fronteira italiana.

Uma esquadrilha de aviões aterrissou nas vizinhanças. Todavia, nas encostas alpinas, os cultivadores continuaram cortando e destilando a lavândula, flores e troncos ao mesmo tempo. O processo deve ser simultâneo, porque, em caso contrário, perde-se o aroma. A dificuldade estava em se conseguir álcool, cêra, pomadas,



azeite e ervas exóticas, devido à limitação no câmbio internacional de divisas, às prioridades de embarque e ao desaparecimento ou silêncio de velhos clientes, amigos e representantes nos países afastados. Reaparelhar a indústria, foi uma tarefa grandiosa. Os fabricantes de perfume necessitam resina de incenso da Palestina e Arábia, fôlhas das Índias Holandesas e ervas do Paraguai.

As favas aromáticas, ingredientes indispensáveis aos pós perfumados do toucador, chegam do Brasil e da Venezuela. Os limões especiais crescem na Sicília, devendo-se comprimir e não destilar a sua casca. Na Itália, é produzido o lírio florentino. As fôlhas de gerânio são importadas de Madagascar e da África do Norte. O sândalo amarelo vem da Índia e a menta verde-escuro, dos jardins britânicos. China e Ceilão proporcionam cascas de árvores que dão o óleo transparente de cinamono, do qual se extrai o aldeído cinâmico adstringente.



O almiscar animal provém do Tibé. A Abissínia contribui com a substância colorante *mel de gato* da algália, remetida em chifres bovinos fechadas com graxa.



Isolado, fede horrìvelmente, mas uma dose mínima é indispensável para todos os perfumes excêntricos. A sua ausência explica a pouca durabilidade dos perfumes feitos durante a guerra. A baleia ártica fornece, com seu óleo, a cêra branca, necessária para o éter cetílico do ácido palmítico e outros ácidos gordurosos.

Para os técnicos, os perfumes são simples fórmulas químicas. Cheiram-nos e os afastam. Mais tarde, farejam-nos outra vez. Os ensaios podem durar dias. É possível, assim, selecionar um perfume que qualquer leigo não distinguiria entre rosa e violeta, gerânio e lavanda, e identificar uma dúzia de substâncias diversas que no mesmo estão mescladas. Pode-se dizer se as rosas são da espécie Rosa Centifolia, a de mais rendoso aroma, ou de uma das variedades baratas, que chegam, aos montes, da Bulgária e África do Norte; se o jasmim foi cortado na época apropriada, ao alvorecer, ou depois que o sol começara a amortecer o seu aroma.

Na fábrica de Grasse, uma câmara frigorífica contém concentrações enlatadas, que valem milhões de francos. Um quilo de essência de rosas vale mais de um milhão.

Tôda esta riqueza escapou aos invasores alemães e italianos. Foi depositada, em segurança, em uma fria gruta calcinada. Grasse foi importante centro de resistência antinazista. Dizia-se aos alemães: "Usamos alambiques de ferro que destilam os melhores perfumes. O senhor deseja visitar minha oficina e escolher

* * * * * * * * * * * *

COZINHA DOS CÉSARES

UM restaurador de Roma, Adolfo Necci, realiza atualmente uma curiosa experiência. Cada têrça-feira organiza em seu restaurante o que êle chama de «Banquetes de César», nos quais serve a seus clientes um menu de cem cruzeiros, aproximadamente, composto exclusivamente de pratos que eram a delícia dos imperadores romanos, há dois mil anos.

Necci tirou as receitas do famoso livro de cozinha de Apicius.

— Até agora — disse êle — limitei-me às que eram realizáveis, sem grandes dificuldades. Se minha iniciativa obtiver êxito, pretendo arriscar-me a oferecer a meus clientes o papagaio estufado, as línguas de flamengo com cerejas, os caracóis ao leite ou o mocotó de camelo. Enquanto isso, contento-me com coisas ligeiras, procurando familiarizá-los com a sopa de tartaruga, o gamo assado no próprio couro, a cabeça de polvo estufada com ostras, etc.

Confessa que a execução perfeita dêsses pratos exigiu muitos dias de esforços penosos e de prejuízos consideráveis, pois Apicius jamais informa relativamente à quantidade dos ingredientes. Limita-se a mencionar: «Isto e aquilo» ou, quando muito, anima-se a detalhar «um pouco de tal coisa». Por isso, antes de oferecer seus pratos ao público, Adolfo Necci teve que prová-los, êle próprio e servi-los a seus auxiliares.

— Detalhe curiosíssimo — concluiu o organizador dêsses Banquetes de César. — Descobri que os romanos de há dois mil anos já conheciam os famosos ovos com presunto, que os inglêses e norte-americanos não dispensam. Era, mesmo, o prato favorito do povo romano.

um frasco? Sem dúvida, alguma pessoa de sua estima saberia apreciá-lo". Está claro que havia essa pessoa e por isso aceitavam a oferta e partiam. As superfícies vermelhas do cobre tinham sido pintadas para imitar ferro e assim os alambiques não foram destruídos, para se tornarem armas alemãs.



Por tôda a parte, aparecem agora novos equipamentos e outros sinais do reajustamento de após-guerra. Os velhos métodos estão sendo substituídos por outros. O "enfleurage" que deleitava os visitantes de outrora, já não é empregado. Tratava-se de um recipiente de madeira cheio de toucinho de porco, coberto de flôres, que se trocavam diàriamente.

Muitos dias depois, levavam-se as bandeijas à máquina extratora, onde se lavava com álcool a gordura impregnada de perfume. Êste se ligava ao álcool e era recolhido por destilação ou evaporação.

Atualmente, o fabricante deixa as flôres em um grande tanque, com éter e, dentro de vinte minutos, tem pronta a essência ainda sólida que se submete, a seguir, ao processo de evaporação. Também se emprega um sistema direto de destilação e tudo que se pode observar através do vidro de um grande cilindro de metal é uma escura massa que o óleo vai sedimentando. Os perfumistas de Grasse não se cansam de buscar novidades no laboratório. Os misturadores constantemente oferecem ao público novos perfumes com nomes extravagantes. No entanto, os que preparam a matéria básica, sabem que sua tarefa consiste em produzir sempre os quatro olores fundamentais.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

UMA ROSA É UMA ROSA

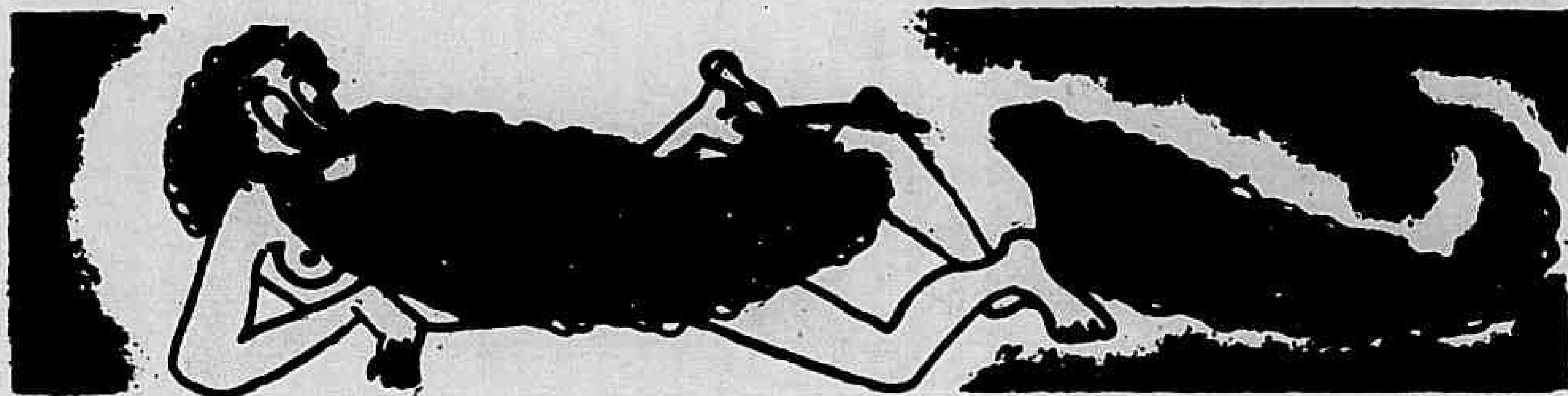
UM dos combates mais interessantes que se trava no mundo é a chamada «Batalha dos Sexos». Saber se quem deve mandar é o homem ou a mulher é uma questão que sobe e desce, com a regularidade das marés. Aos observadores imparciais, como nos julgamos, parece que a história, desde os tempos bíblicos, tem dado às mulheres uma ligeira vantagem, quanto às vitórias. No século XX, tudo indica que tal vantagem será mantida, segundo opinou o dr. W. R. G. Baker, vice-presidente da General Electric e presidente do Comitê Nacional de Televisão, organismo integrado pelas companhias que trabalham na televisão colorida.

Quando a televisão em côres se tornar um assunto banal, a dona de casa determinará quais são as tonalidades corretas. Será ela quem ajustará os botões do receptor, para conseguir o tom «adequado» das côres. Os homens não têm, nem de longe, a sutileza das mulheres para julgar o colorido. Por exemplo: uma rosa que, para os homens, é simplesmente vermelha, para as mulheres pode ser encarnada, carmesim, escarlate ou côr-de-cereja.

Segundo salientou o vice-presidente da G.E., se perguntar a 75.000 mulheres que matiz de côr preferem, obter-se-á quase 75.000 respostas diferentes. Dêsse modo, a batalha das côres, na televisão, é uma batalha que os homens devem estar preparados para perder.

Saibamos perder com elegância, companheiros! Que as mulheres não se queixem de nossa falta de cavalheirismo.

POR QUE AS MULHERES...



NÃO TÊM BARBAS...

EXISTEM no sangue e nos tecidos da mulher hormônios (secretados pelos ovários, o corpo tireóide, a hipófise) que se opõem ao crescimento da barba e do bigode, que são caracteres essencialmente viris. A pele do rosto da mulher está desprovida de folículas pilosas, isto é: matrizes que dão nascimento aos pêlos.

Tais fatos são científicos. De fato, quando os hormônios masculinos (que a mulher possui em pequena quantidade) aumentam no sangue e suplantam os hormônios femininos, a mulher se viriliza.

Na menopausa, certas mulheres se tornam "viragos", com voz grave, gênio masculino, amando a independência e o comando.

Tais mulheres começam a apresentar bigode, pêlos no queixo (que, em casos extremos, se tornam verdadeira barba). São as *mulheres-barbadas*, que se exibem nos circos.

Essas mulheres com barba são enfêrmas, vítimas de um tumor das glândulas supra-renais, que secretam uma quantidade exagerada de hormônios masculinos, que determinam a sua virilização. (O que torna essa afecção grave é a impossibilidade em que se vê o cirurgião de extrair as supra-renais, pôsto que são indispensáveis à vida.

Quando certas perturbações (menopausa, hemorragias importantes no curso das regras, sintomas internos de acné) são tratadas por meio de hormônios masculinos, assiste-se a uma proliferação intensa dos pêlos do rosto, das pernas, do tórax, etc.

Essa virilização por meio da terapêutica tornou mais prudentes os médicos endocrinologistas e ginecologistas. Assinalemos, todavia, que atualmente parecem ter descoberto hormônios masculinos purificados, os quais não mais provocariam êsses fenômenos de virilização.



ESTÁ CLARO?

UM pai vai queixar-se ao professor do seu filho pela nota má que recebeu numa prova. O professor suporta o enérgico protesto do visitante e, quando êste termina, explica:

— Dei a nota zero ao seu filho porque o que escreveu, em resposta às perguntas escritas, é absolutamente igual ao seu companheiro de carteira.

— Ora! — responde o pai. — E não terá sido o colega do meu filho, quem «colou» o seu trabalho?

— Não, senhor. O exercício constava de dez perguntas. Nas nove primeiras, as respostas de ambos são iguais. Porém, na décima, o outro aluno escreveu: «Não sei». E seu filho: «Nem eu».



VÔOS DA FANTASIA

— **Viajantes**: Diminutos elos na corrente de amizade entre os povos. — **Graf Luckner**

— Era alongado e doloroso como uma lágrima. — **Elite**

— Os segredos lhe entravam por um ouvido e saíam... pela bôca. — **Salomon Beracha**

— A Lua atraiu uma nuvem e se envolveu com ela como com uma estola — **Richard Blackmore**

— **Bocejo**: Um orifício aberto pelo tédio. — **Edward F. Murphy**

HIPNOTISMO PARA TODOS

COMO AGE UM HIPNOTIZADOR — A grande maioria das pessoas normalmente inteligentes, entre as idades de 15 e 55 anos, pode ser hipnotizada. Muitas outras, ou quase tôdas, entre 5 e 15 e acima de 55 anos de idade, geralmente podem ser hipnòticamente controladas.

O contrôle hipnótico é conseguido pelo hipnotizador do seguinte modo: induz a mente objetiva do paciente a recuar, fazendo a mente subjetiva do paciente avançar, para ser controlada e submetida pelas sugestões do hipnotizador.

Um total relaxamento físico e mental, por parte do paciente, é necessário antes que o contrôle hipnótico seja estabelecido. Os seguintes são dois testes simples para determinar se essa condição existe:

CAIR PARA TRÁS — Manter o paciente de pé (com os pés juntos), de costas para o hipnotizador e fitando um ponto elevado na parede ou canto de sala, o que força a direção do olhar a se erguer uns 45 graus. Sugerir ao paciente que se relaxe e ouça sòmente o hipnotizador. Ressaltar o relaxamento do corpo todo e, sùbitamente, dar ao paciente um ligeiro empurrão para trás. Êle de-



Um indivíduo em estado de transe A técnica para induzir o paciente em hipnose é bem exata e bem simples.

verá cair fàcilmente. Em caso contrário, êle não se relaxou devidamente. Isto deve ser explicado, antes de tentar novamente.

Acentuar a necessidade de relaxamento é o primeiro passo para a hipnose. Explicar que não se trata de uma questão de maior fôrça mental por parte do hipnotizador e sim de *uma cooperação mútua*, da qual depende o resultado. Descansá-lo quanto ao receio de cair para trás, assegurando que êle será amparado no meio da queda. Se alguma dificuldade fôr encontrada, tentar comprimindo a palma da mão contra as espáduas do paciente, e, ràpidamente, interromper a pressão. O resultado será uma fácil queda para trás. Repetidas explicações e tentativas geralmente conduzirão a resultados positivos.

Depois que o paciente se relaxar, fazê-lo assumir a posição inicial outra vez e dizer-lhe: "*Tenha apenas um pensamento — o pensamento de que está caindo para trás*". Se o paciente está relaxado, será obtido um resultado positivo. Ampararlhe a queda.

Às vêzes, é necessário dizer, com uma entonação monótona e firme: "*Está caindo para trás. Pense, agora, sòmente em cair para trás — para trás — para trás. Não resista. Já está caindo.*"

ENRIJECER O BRAÇO — Manter o paciente de pé, fitando o hipnotizador, a uns oito pés de distância. Dizer-lhe que levante o braço direito, a palma voltada para cima. Ordenar-lhe que fite os olhos do hipnotizador, prendendo-lhe a atenção com o olhar. Continuar: "*Estique o braço o máximo possível, mantendo-o tão rijo e reto quanto puder. Agora, vou deixá-lo endurecido*". Esperar quinze segundos. "*É possível esticá-lo mais. O máximo que puder, agora! Mantenha os olhos nos meus e não poderá dobrar o braço. Não poderá dobrá-lo, agora! Tente e verá que não pode. Não conseguirá!*" Manter os olhos do paciente imobilizados pelo olhar do hipnotizador e, na grande maioria dos casos, êle não terá possibilidades de curvar o braço.

Deixá-lo tentar por dez segundos e, antes que êle consiga fazê-lo sòzinho, dizer: "*Agora, quando eu contar três, será possível dobrá-lo. Um — dois — três. Descanse. Já pode dobrar*". Desviar, então, os olhos, ao mesmo tempo.

Depois que as mencionadas reações, ou algumas delas, tenham sido conseguidas, inúmeros processos podem ser usados para se conseguir o sono hipnótico.

A VOZ — A luz e o ambiente não devem importunar. A voz deve ter entonação média e ser lenta e suave, embora firme e decidida. Falar com plácida convicção, *sem tom dominador*.

O paciente deve jazer em um leito ou uma confortável cadeira. Sugerir-lhe que pense apenas no que o hipnotizador disser e que ouça ùnicamente a sua voz.

Insisstir: "*Pense, agora, apenas em dormir, imagine que está ficando cansado e quer dormir. Pense, agora, apenas em dormir; imagine que está muito cansado e quer dormir. Seu corpo está fraco e pesado; a cabeça torna-se ôca. Está tão cansado... suas pálpebras estão mais e mais pesadas e o seu desejo é fechar estas pesadas pálpebras e dormir. Seu corpo está relaxado e em confôrto, sua respiração, profunda. Todo o seu ser se acha muito cansado e em confôrto. Deseja dormir. Agora, pense apenas em dormir, em fechar as pálpebras cansadas e dormir.*"

Quando as pálpebras começarem a fechar-se ou a palpitar: "*Seus olhos estão fechando. Seu corpo está com grande confôrto e vai dormir. É tão grande o seu cansaço! Os olhos estão de tal maneira cansados, que não podem mais permanecer abertos e vão se fechar para o sono*". Às vêzes, uma sugestão direta, se necessária: "*Feche os olhos, agora!*"

Em seguida: — "*Já está adormecido, agora, em confôrto e respirando profundamente.*" (Pausa. O paciente respirará acentuadamente.) *Ouvirá apenas a minha voz; sòmente a mim; fará o que eu disser. Permanecerá adormecido até que eu diga para acordar*".

O vocabulário acima pode variar, ser maior ou menor, de acôrdo com as circunstâncias, mas o mesmo esquema de pensamento pode ser mantido e desenvolvido.

Não decorar as palavras, mas guardar a evolução do esquema do pensamento.

FIXAÇÃO DO OLHAR — Monólogo semelhante pode ser utilizado, fixando-se, por meio do olhar, a atenção do paciente. O ponto de concentração será a ponta de um lápis em uma parede lisa, um pequeno objeto brilhante ou uma luzinha — como é o caso de uma lanterna do tamanho de uma caneta — cujo brilho não incomode os olhos do paciente.

Dizer ao paciente para fitar sòmente a luz (ou qualquer que seja o ponto de concentração), ouvir apenas a voz do hipnotizador e pensar só no que êste diz. Acrescentar então, casualmente, que, se êle o fizer, dormirá dentro de pouco tempo. Fazê-lo descansar em uma cadeira confortável e fitar a luz. Esta deve ser mantida um metro à frente e 38 centímetros acima do nível visual do paciente. Proceder, então, como ficou dito acima. Quando acreditar que o paciente adormeceu dizer: *"Mantenha a mão aberta, palma para cima"*. Colocar uma moeda sôbre a mão espalmada. *"Agora, enquanto eu contar até vinte, a moeda se tornará mais pesada, de número para número, e, quando eu fôr chegando a vinte, ela paserá de tal forma, que sua mão baixará; irá se arriando até que a moeda caia ao solo"*.

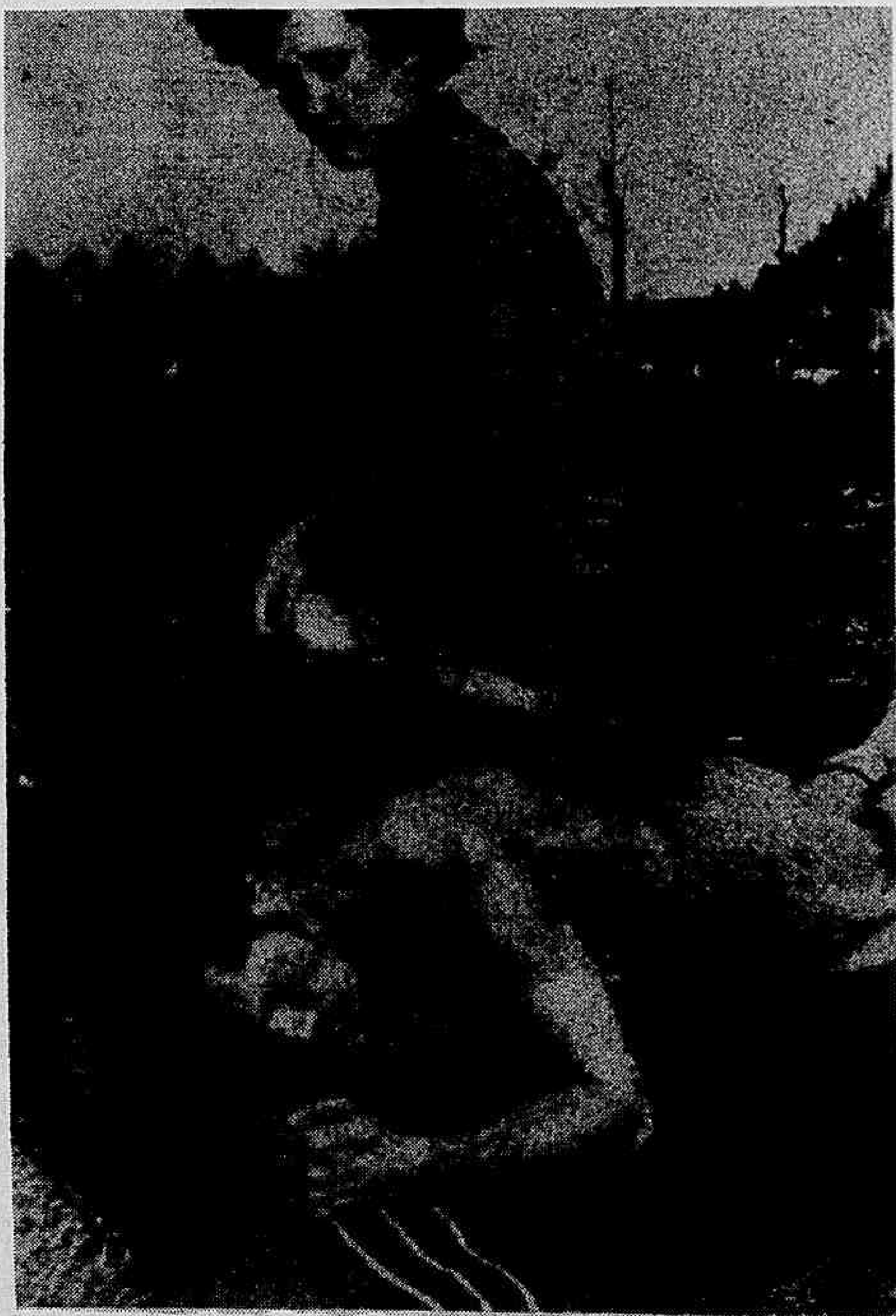
Contar lentamente. Chegando a dez, acrescentar: *"Está de tal forma pesada, que já não pode ser mantida no alto e, quando eu chegar a vinte, o pêso forçará o abaixamento de sua mão, até cair a moeda"*. Continuar até vinte. Se a mão não tombar, dizer: *"Está começando a cair, para baixo, para baixo, para baixo..."*, etc. (até que a mão e a moeda role.) *Agora, não está mais pesada a sua mão e pode ser erguida outra vez. Levante-a"*. Chegando à posição horizontal, dizer: *"Agora, tornarei a sua mão muito leve. Enquanto eu contar até dez, seu braço e mão direitos ficarão mais e mais leves, tão leves como uma peninha, e sua mão se erguerá sòzinha e flutuará no ar"*. Contar lentamente.



Um especialista de hipnoterapia pode adormecer todo um grupo de pessoas, que farão e dirão o que êle comandar, despertando, afinal, a uma ordem sua.

Se a mão se erguer, acrescentar: *"Está se levantando, agora — começa a se levantar, agora — não pode mais ser mantida em baixo —"* etc. Sugerir que um tapa irá forçá-la a se erguer. Dar-lhe um tapa, então, ou um leve impulso para cima.

Logo que ela se erguer, sensìvelmente, dizer: *"Quando eu contar até três, cairá e reassumirá a posição inicial"*. Contar



De ventre contra um bloco de ferro e suportando nas costas terríveis grampos de aço sôbre o qual está sentada uma mulher, o paciente, que se encontra sob ação hipnótica, a fim de nada sentir.

e, depois da queda, sentenciar: *"Agora, à medida que eu contar até cinco, braço e mão direitos voltarão ao normal. Êles não mais ficarão leves e sim, normais como os esquerdos"*. Contar mais ràpidamente, esta vez.

Nunca esquecer de renormalizar por estas *contra-sugestões*, quaisquer funções ou sentidos que tenham sido influenciados por insinuações de caráter anormal. Se esta precaução fôr desprezada, a sugestão pode adquirir uma fôrça *post-*hipnótica, de consequências desagradáveis para o paciente, durante muito tempo.

Logo que o contrôle fôr conseguido, poderá ser mantido e prolongado, segundo a vontade do hipnotizador, mas uma inteligente gradação de sugestões se torna importante. Considerando-se que a mente objetiva do paciente ainda está ativa (e de certo modo permanecerá sempre ativa), existe a possibilidade de contra-sugestão por meio daquela. Quanto mais invulgar e bizarra fôr a sugestão do hipnotizador, maior será a possibilidade de não ser aceita. E cada contra-sugestão bem sucedida, por parte da mente objetiva do paciente, reduz o alcance do contrôle hipnótico.

ESTABELECER CONTACTO VOCAL RECÍPROCO — Dizer: *"Agora, quando eu falar, ser-lhe-á possível ouvir e também responder, mesmo que o seu sono continue, durante todo êsse tempo. Permanece a sua sensação de confôrto, não é?"*

Aguardar a resposta. A princípio, ela será mais lenta do que no estado normal. A voz do paciente é também mais suave. Se não responder ou parecer em dificuldades para falar, deve ser dito: *"Está ao seu alcance responder"*. Se necessário, ordenar: *"Diga "sim"!*

Confirmar o contacto vocal pela simples conversação. Mandar o paciente contar até dez, logo que receber tal ordem. Perguntar ao paciente o nome, número do telefone, endereço, e outras coisas banais. Quando a conversação se tornar fácil, o contrôle poderá ir mais além.

CRIAR AMNÉSIA PARCIAL — Insinuar ao paciente uma contagem até dez, quando disser: *"Conte"*. Após a resposta, proceder da seguinte maneira: *"Quando eu bater palmas, o número cinco desaparecerá. Ficará completamente banido de sua mente, como se tal número não mais existisse. Não lhe será mais possível pensar no número cinco ou mesmo mencioná-lo"*.

Bater palmas, decidida e barulhentamente, três vêzes e dizer *"Foi-se! Não há mais aquêle número. Agora, conte até dez quando eu mandar... Conte!"*

Caso a resposta inclua o número cinco, repetir as instruções e tentar outra vez. Insistir: *"Agora... não vai ser possível lembrá-lo ou citá-lo... não poderá mais citá-lo..."*

O grau de contrôle já conseguido, pode ser confirmado com a simples ordem ao paciente para fazer simples cálculos matemáticos, mentalmente, explicando, antes, que, se "aquêle número" (não mencionar o nome, a esta altura, porque serviria para recordá-lo) ou qualquer múltiplo seu, fôr envolvido na conta ou na resposta, a operação aritmética se tornará impossível e o hipnotizado terá que responder apenas: *"Não sei"*.

A pergunta — quanto são três vêzes dois? — deverá obter a resposta — seis. Mas a pergunta — quanto são sete menos dois? — terá como resultado um — *não sei*.

Importante: Não esquecer de reconduzir à normalidade os processos mentais do paciente, dizendo que, ao serem batidas palmas, o número cinco retornará. Então, o paciente terá que contar corretamente de um a dez e fazer um ou dois cálculos simples, envolvendo o número cinco.

Às vêzes, apesar dos melhores esforços, o paciente continua a incluir o número cinco em seus cálculos. Neste caso, perguntar: *"Por que inclui o número?"* Possìvelmente, a resposta será que um número não pode desaparecer, quando forma, com outros, uma série. (Isto costuma acontecer quando o paciente tem um forte respeito pelas formalidades matemáticas.) Ouvir a sua resposta e dizer: *"Está bem, não vou eliminá-lo, agora. Mais tarde, talvez. Enquanto isto, farei qualquer coisa diversa"*.

CRIAR SITUAÇÕES IMAGINARIAS — Sugerir, por exemplo, que o paciente apreciou um passeio de barco. Se êle concordar, dizer: *"Muito bem. Agora, espere o barco, no ancoradouro. A tarde está ensolarada. Há muitas pessoas presentes"*. Aguardar, observando a expressão fisionômica do paciente, que haja algum indício de que êle está acompanhando a ilusão. Continuar: *"As pessôas podem ser vistas. Quantas são?"* Êle, provàvelmente, dará uma resposta positiva, mas se não o fizer, deve-se dizer:



Um hipnotizado, com o corpo enrijecido a uma ordem do operador, sustenta o corpo de uma assistente.



Outro paciente, guiado pelo hipnotizador, caminha sôbre brasas tranqüilamente e sem se queimar.

"Já pode ver claramente o ancoradouro, não pode? Qual é o nome do barco? Está escrito em grandes letras, na proa". Se o paciente tiver dificuldade em ler, sugerir um nome: *"É americana. Olhe atentamente e verá. Já pode ver agora, não é verdade? — Quantas pessoas estão presentes? — Fazem o quê?"*, etc. Também será possível sugerir o número e a atividade.

Durante tudo isto, os olhos do paciente estão fechados. Entretanto, êle responde como se estivesse realmente vendo as coisas sugeridas. Igualmente, será possível fazê-lo "nadar" ou "ir ao cinema", etc.

Renormalizar sempre o estado do paciente. Por exemplo: *"Acabou-se o passeio de barco e já estamos outra vez em terra firme."*

Não esperar a consecução de todos os resultados possíveis com uma só sessão hipnótica. As sessões posteriores, do mesmo paciente, caracterizam-se por uma crescente rapidez nas respostas. Certas idéias gerais devem ser mantidas na mente durante qualquer hipnose.

Ao sugerir novos fatos ao paciente, sempre dar tempo à mente subjetiva para captá-los, antes de ser pedida a resposta. Falar lenta, decidida e claramente.

Quando se encontrar dificuldade quanto ao estabelecimento de contrôle, convém muitas vêzes explicar ao paciente que o êxito sucesso depende da sua cooperação voluntária e que não será possível hipnotizá-lo contra a sua vontade.

O conselho de renormalizar, por meio de contra-sugestão, qualquer atitude mental ou função física que possa ter sido afetada, não deve ser subestimado. Em caso contrário, pode suceder que as sugestões se manifestem posteriormente, em ocasiões impróprias.

O despertar do paciente deve sempre ser precedido por sugestões post-hipnóticas de euforia, inclusive algumas específicas para prevenir um possível mal-estar. Uma boa fórmula geral é:

"Dentro de poucos momentos, vou despertá-lo. Quando isto acontecer, desperte e sinta-se feliz; não haverá efeitos posteriores (exceto aquilo que já foi mencionado). Seu estado será ótimo. E depois, quando adormecer, na noite de hoje, o seu sono será fácil e sadio. Agora, quando eu contar até dez, abra os olhos e desperte, como eu disse. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10. *Acorde. Como se sente?"*

A crença popular relativa à dificuldade que se pode ter para despertar um paciente, é, de um modo geral, infundada. Mesmo quando foi difícil estabelecer contrôle, a interrupção é simples.

Ao acordar o paciente, o hipnotizador deve usar o mesmo tom de conversação usado durante todo o tempo. *Isto é importante.*

* *

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

NUMA bela manhã de primavera, eu me animei a cortar uma velha árvore, cujo tronco já estava atacado pelos bichos e cuja copa, em dias de vendaval, metralhava os arredores, soltando pedaços de ramos apodrecidos. Sabia que ela só poderia cair na direção norte, porquanto, já por natureza, se inclinava pesadamente nessa direção. Mas não sabia se, ao tombar, atingiria ou não o telhado dos celeiros e da garagem, distantes uns quinze metros, naquela direção.



Enquanto meditava sôbre qual seria a altura da árvore e se o telhado já citado ficaria a salvo de estragos com a sua queda, um vizinho, professor de matemática numa escola rural, apareceu e resolveu o meu problema. Pode o leitor indicar de que maneira rápida êle mediu a altura da árvore, sem sair de junto da mesma? (Resposta à página 74).

VIDAS EXTRAORDINÁRIAS

O LENDÁRIO FRA-DIÁVOLO

"Levado ao mau caminho por amôres infelizes, foi êle o célebre bandido da Calábria, que se tornou herói por patriotismo e venceu alguns generais de Napoleão."

Às vêzes, para transformar um homem de bem num criminoso é bastante um simples acaso, quando, numa daquelas horas más em que se cruzam todos os destinos, a desgraça surge na forma sinistra ou quimérica em que a traição se dissimula — ou o facínora portador da mensagem da morte ou a mulher sedutora e gentil, cujos encantos tanto podem tornar ditoso o enamorado como precipitá-lo nos abismos da perdição.

Aquêle famigerado e lendário calabrês, herói e bandido, que avulta entre os grandes criminosos de todos os tempos, projetando a sua triste celebridade nas páginas da História, o temido e desapiedado Fra-Diávolo teria sido um pobre homem obscuro e pacífico, apesar de descendente de aristocratas napolitanos, de uma família de artistas, se um dia não se cruzasse no seu caminho um rival impertinente e ameaçador a disputar-lhe o amor da mulher que o entontecera de paixão.



Nacido em Itri, no ano de 1771, apesar da sua ascendência e de ter sido criado entre artistas, preferia uma vida calma e simples, sem ostentações, quase numa humildade poética, em que aspirava apenas à felicidade e ao amor da mulher dos seus sonhos.

Durante alguns anos, o honesto e pacífico Miguel Pezza — tal o verdadeiro nome de Fra-Diávolo — viveu, com muitas canseiras e poucas ambições, na sua terra natal, trabalhando como tecelão. Os encantos e a ternura da mulher que êle amava apaixonadamente absorviam-no, desviando-o de tôdas as tentações.

Mas surgiu o rival e Miguel, ferido na sua dignidade, com o coração traspassado de amargura e desespêro, terçou armas com êle, mas quis o destino que o matasse. Não era, porém, um criminoso, capaz de tirar a vida a alguém apenas por sádico capricho e para satisfação de sanguinários apetites — embora tudo isso andasse adormecido a turbilhonar no íntimo do seu ser. Atormentado pelo remorso, sentindo na consciência o pêso

dêsse crime, não poderia viver em paz consigo próprio sem purificar a alma na expiação da falta cometida. Miguel Pezza resolveu procurar no silêncio e na quietude claustral o lenitivo para essa angústia íntima. Com a alma amortalhada no tédio mortal, acolheu-se a um mosteiro da Calábria. Foi um noviço exemplar no zêlo e na devoção, mas, vencida quase a heróica provação, quando estava prestes a tomar votos, renunciando para sempre às ilusões do Mundo, o demônio, na figura perturbante de uma mulher: uma formosa penitente, levou-o ao desvario de uma paixão bravia e indomável. Abandonaram o convento e foram tecer a novela amorosa num recanto ignorado, onde viveram dois meses de quimérica felicidade.

Não durou mais o sonho, pois ela deixou-o, seduzida pelo garbo de um vigoroso militar. Ardendo em ódio e ciúme, exasperado pela traição, o impulsivo amante não hesitou em provocar o rival para um duelo de morte. E mais uma vez o destino fêz dêle um assassino.

Passava-se isto numa época em que, em Nápoles, os protagonistas de tais lutas eram condenados à morte. Miguel não teve outro remédio senão fugir ao castigo; mas, antes de procurar abrigo seguro nas montanhas solitárias e inacessíveis, liquidou a amante com requintes de ferocidade extrema. Uma nova existência ia levar, daí por diante, o antigo penitente, tão extraordinária, tão acidentada que as suas terríveis e endiabradas proezas o tornaram lendário, sob o nome de guerra de Fra-Diávolo — legenda simbólica dessa dupla personalidade de herói e bandido, alma pura que a maldição do destino reincarnou num monstro satânico, intemerato e cruel.

ENTRE OS SALTEADORES DA CALÁBRIA

DURANTE um ano ninguém ouviu falar dêle, despistado lá para as serranias agrestes da Calábria, planeando temerosas emprêsas com bandidos e assassinos da pior espécie.

Aí por 1780, quando já não se lembravam dêle, a sua primeira proeza em grande estilo desencadeia uma onda de pavor. À frente de um bando de terríveis salteadores, invade os domínios de um fidalgo calabrês e, depois de saqueado o palácio, um incêndio, ateado pelos bandoleiros, reduz tudo a escombros. O titular, os familiares e seus servos que ousaram enfrentar os assaltantes foram vilmente assassinados.

Colocado fora da lei, aureolado com o prestígio do cognome satânico, vivendo nos montes, matando muitas vêzes para não morrer, bastando pressentirem-no a distância para que o terror gelasse as multidões indefesas, nada o detinha na sua fúria homicida. Os crimes que cometeu não têm conta. Audacioso, sem conhecer o mêdo, sem jamais curvar-se ante a fôrça esmagadora dos que o perseguiam sem tréguas, Fra-Diávolo muitas e muitas vêzes enfrentou com êxito e lendária bravura os terríveis carabineiros do rei de Nápoles.

A sua temeridade tocava as raias do desvairamento, chegando a desafiar a cólera dos poderosos, nas barbas das próprias autoridades. Quando a justiça de Fernando IV, que havia de conceder-lhe a patente de coronel e o título de conde, mais se encarniçava em combatê-lo, na época em que tinha a cabeça a prêmio, viam-no em Nápoles, ostentando a sua audácia provocante e a sua irrepreensível elegância nos locais mais concorridos da cidade, sem que alguém tivesse o arrôjo de o denunciar — pois a valentia do bandido e os seus modos cavalheirescos não só causavam assombro como o tornavam temido e admirado.

Diz-se que as mulheres o adoravam e que algumas das mais nobres napolitanas cometeram verdadeiras loucuras disputando o seu amor volúvel e sobranceiro.

Na época em que os exércitos napoleônicos dominavam a Europa, Fra-Diávolo tinha atingido o auge da sua triste celebridade. Era o maior dos criminosos da Calábria, o mais feroz e o mais astuto. Nem êle sabia quantas mortes tinha às costas. Se tivesse sete vidas, tôdas lhas tiravam, no caso de cair nas mãos dos carabineiros de Fernando IV. Mas quando a torrente invasora alastrou pela Itália, a maré virou a favor do

bandido — e êle soube aproveitar a "chance" na roda do destino.

Andava, em 1798, o cardeal Ruffo a organizar os grupos de patriotas para se oporem à invasão. Era o momento de tentar a sorte. Fra-Diávolo não hesitou e fêz saber, com supina arrogância, que para a defesa do solo pátrio o govêrno podia contar com êle e os seus destemidos quadrilheiros — mas sob certas condições.

O rei Fernando IV, que secretamente sentia certa admiração pela bravura do audacioso bandido, não só lhe perdoou todos os crimes, como o nomeou oficial de guerrilheiros, no alto pôsto de coronel.

O criminal não tinha perdido os últimos assomos de dignidade e soube mostrar-se à altura dos mais estrénuos patriotas, cumprindo a promessa de combater os franceses com tôda a sua indomável energia — e por todos os processos que o haviam tornado famoso.

Logo nas primeiras investidas contra o poderoso inimigo, à frente de uma enraivecida guerrilha de duzentos salteadores adestrados em novos métodos de luta, causou amargas contrariedades ao exército do coronel Championnet, que, pela primeira vez, saboreou o travo da derrota enredado nos ardis de Fra-Diávolo. E, ao mesmo tempo que o cardeal Ruffo, já então à frente de tropas organizadas, punha cêrco a Nápoles, o coronel Pezza, cujas vitórias o creditavam como hábil guerreiro, cometia o espantoso feito de retomar Goeta, dali expulsando os invasores que escaparam ao massacre.

Foi uma das maiores proezas de Fra-Diávolo, na sua fulgurante carreira de combatente ao serviço da causa patriótica, mas outros gestos heróicos haviam de dar-lhe um lugar na História, embora um vil traidor o levasse à morte ignominiosa, que seria fim natural do bandido — se



êle não houvesse conquistado o direito de morrer como um bravo.

NINGUÉM FOGE AO SEU DESTINO

FERNANDO IV ascendia, de novo, ao trono, restaurado, em grande parte, mercê dos combates triunfantes em que Fra-Diávolo se empenhara com os seus sequazes. Logo o monarca pensou na Libertação de Roma, mas para lutar com os franceses precisava de gente e dinheiro — e não pôde levar por diante o seu intento.

Mais uma vez o antigo salteador entrou em ação, no ardente desejo de proporcionar ao rei essa almejada e retumbante vitória sôbre os exércitos de Bonaparte. À frente do seu bando de valentes calabreses, investiu contra a cidade e conseguiu transpor as barreiras defensivas, penetrando, numa rajada destruidora, bem no coração do burgo submetido, causando terríveis perdas ao opressor.

A refrega assumiu proporções gigantescas e, crescendo em número, refeitos da surprêsa, os franceses obrigaram os assaltantes a capitular. Fra-Diávolo não conseguiu escapar, dessa vez, e foi metido, sob grilhões, nas tenebrosas enxovias do castelo de Santo Anjo. Presente a julgamento sumário de uma côrte de guerra, foi condenado à morte. Valendo-se de todos os seus ardis, conseguiu, porém, evadir-se, a poucos momentos de ser justiçado e, depois de várias peripécias e lances dramáticos, chegou a Palermo, apresentando-se a Fernando IV. O rei, assombrado por tão temerária evasão, rendeu-lhe altas homenagens e, além do título de conde de Santo André, atribuiu-lhe a renda vitalícia de três mil ducados anuais.

Aproximava-se, porém, a hora funesta para Fra-Diávolo, que havia de tornar-se uma figura da lenda, misto de fascínora e herói, que se redimiu por amor à pátria, inspirando alguns dos maiores escritores como protagonista de emocionantes romances vívidos e de cuja existência aventurosa o poeta Scribe e o músico d'Auber fizeram o motivo da ópera famosa, que é uma das grandes peças do teatro lírico.

Tinha o destino marcado; e a roda da fortuna começou a descuidar, empurrando-o para o declive fatal, quando Massena, com os seus impetuosos exércitos, invadiu o reino de Nápoles, nesse ano trágico de 1806. Fra-Diávolo logo surgiu, capitaneando os seus intemeratos guerrilheiros, a barrar o passo ao invasor. Planeando, com o Estado Maior das tropas coligadas, a estratégia das batalhas decisivas, os generais que comandavam as fôrças inglêsas e bourbônicas seguiram os seus conselhos e empenharam-se no histórico combate de Maida, que foi uma estrondosa vitória e a consagração dos méritos do conde de Santo André como estrategista consumado, que alcançou, ainda, pessoalmente, brilhantes triunfos militares sôbre as hostes dos generais Valentini e Hugo, o pai do genial Victor Hugo. Os seus inimigos não deixavam, contudo, de tramar contra êle na sombra, o mais infame, acicatado pelo despeito, abafando a voz do próprio sangue, pois era um dos seus familiares, cometeu a vil traição, denunciando-o e entregando-o ao inimigo.

Os franceses temiam-no pela bravura e pela ciência na arte da guerra e, não obstante todos os esforços do general Hugo, que sinceramente o admirava, apesar de vencido por êle, Fra-Diávolo foi enforcado, em Nápoles, poucas horas depois de ter sido prêso e sem quaisquer formalidades, por não ter o invasor outro meio de obstar a sua evasão.

Não fizeram mais, com tal gesto, os invasores do que glorificar perante a História essa figura extraordinária de bandido, que, por amor à pátria e dedicação ao seu rei, se tornou num herói lendário.



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da página 70)

Meu vizinho enterrou uma estaca no chão, deixando-a com cêrca de um metro fora do solo e exatamente paralela à inclinação da árvore e mediu o comprimento de sua sombra, que tinha exatamente 21 metros de comprimento. A seguir, usando apenas um cálculo de proporção, declarou que a árvore era quatorze vêzes mais alta que a estaca que cravara no chão.

Isto significava que a velha árvore tinha, aproximadamente, 12 metros e meio de altura e, portanto, podia ser derrubada sem atingir o telhado da garagem, do qual ficaria afastada cêrca de três metros.



É preciso aprender a flutuar nas horas difíceis.

DUAS PALAVRINHAS



Por ROBERTO ORMOND CASE

MEU irmão mais moço, Jim, é um negociante próspero, goza de alto conceito na sua comunidade, tem numerosa família, e seus 46 anos de vida, ao contrário do que ocorre com a maioria, mal se vislumbram em seu rosto.

Sua espantosa serenidade causa maior surprêsa, porquanto aumentam, dia a dia, suas responsabilidades e, ainda, os detalhes difíceis de uma posição oficial que agora também ocupa. Apesar de tudo, mesmo num dia de muito trabalho, êle sempre tira alguns minutos para repousar o corpo e o espírito (para tomar um cafèzinho, palestrar ou, simplesmente, para girar na cadeira e ficar olhando a cidade, através da janela. Tanto mais problemas surgem, mais êle multiplica êsses descansos. Sabendo que não era êsse o seu temperamento, quando rapazola, interroguei-o sôbre a miraculosa mudança, que o conserva espiritualmente acima das dificuldades diárias. Êle sorriu, corou um pouco e então respondeu:

— Foram duas palavrinhas. Ouvi-as no meio de um lago, quando tinha 19 anos.

E contou-me o fato. Estava com uma moça sua conhecida e campeã de natação. Quando ela o convidou para cruzar o lago, a nado, êle ficou com vergonha de recusar a admitir sua incapacidade. Iniciaram a travessia e, no meio do lago, Jim sentiu que nunca poderia chegar a qualquer das duas margens. E foi isso que anunciou, exausto e em pânico, à sua companheira. Porém ela, sem parecer impressionada, disse-lhe apenas duas palavrinhas.

— Ouvi-as e obedeci ao que me aconselhavam — concluiu Jim. — Jamais as esqueci, até hoje. E aprendi a aplicá-las antes de que me sinta completamente exausto, física ou espiritualmente. O que ela me disse, então, foi: *"Procure boiar"*.



O Buda Jejuador pertencente ao dr. Berthollet.

A SAÚDE PELO

"O HOMEM CAVA O PRÓPRIO TÚMULO"

NA estrada de Pully, em Lausane, junto de vinhedos em terraços superpostos, eleva-se uma casa pequena e modesta, voltada para o lago de Genebra. No portão do jardinzinho, onde em certas épocas do ano chegam as vagas do lago, uma tabuleta: *Dr. Ed. Berthollet*. Trata-se, nada mais, nada menos, que do "Mago de Pully", que renunciou à medicina oficial e em cuja casa os doentes graves, os desesperados de tôdas as categorias, acorrem de todos os cantos da Europa e mesmo do planêta, para seguir sensacionais curas de jejum e de desintoxicação. Curas que — segundo dizem — restituem a saúde, a fôrça, a alegria de viver e que devem permitir a qualquer indivíduo normal viver cem anos. O próprio dr. Berthollet, alto, forte, de barbas soberbas cobrindo o peito largo, de passo vivo e olhos penetrantes, tem 70 anos. Ninguém lhe daria mais de 50. Eis o que êle diz:

"— O homem cava o próprio túmulo com os dentes. Come em demasia. Come mal. Não sabe comer. Nossas idéias sôbre as possibilidades de longevidade humana são a tal ponto falsas, que nos sentimos felizes — e até mesmo privilegiados, quando chegamos aos 60 ou 70. Um centenário nos parece um fato extraordinário e anormal. No entanto, o que é anormal é morrer na flor da idade! Sim. Sessenta ou setenta anos vêm a ser a flor da idade!"

O "Mago de Pully" alinha seus argumentos cientìficamente. Pierre-Jean-Marie Flourens, o grande fisiologista francês, que viveu no século passado, fixava a "morte fisiológica" do homem entre 100 e 120 anos. Para êle, a juventude findava aos 40, a primeira velhice só começava aos 70 e a segunda aos 85, para prolongar-se até 120 anos. Em que baseava seus cálculos? Há uma lei de fisiologia que dá aos homens e aos animais uma duração de vida de cêrca de cinco vêzes o período de ossificação dos ossos longos. O quadro de Flourens prova, assim, que a soldagem dos ossos sendo feita, em média, no coelho, em um ano, êste tem uma vida média de 5 anos aproximadamente; no cão, em que essa soldagem se realiza em dois anos, a vida é de 10 a 12 anos; no cavalo de 25 anos; no camelo de 40 anos; no elefante de 100 a 150, quando a ossificação, neste último, ocorre aos 30!

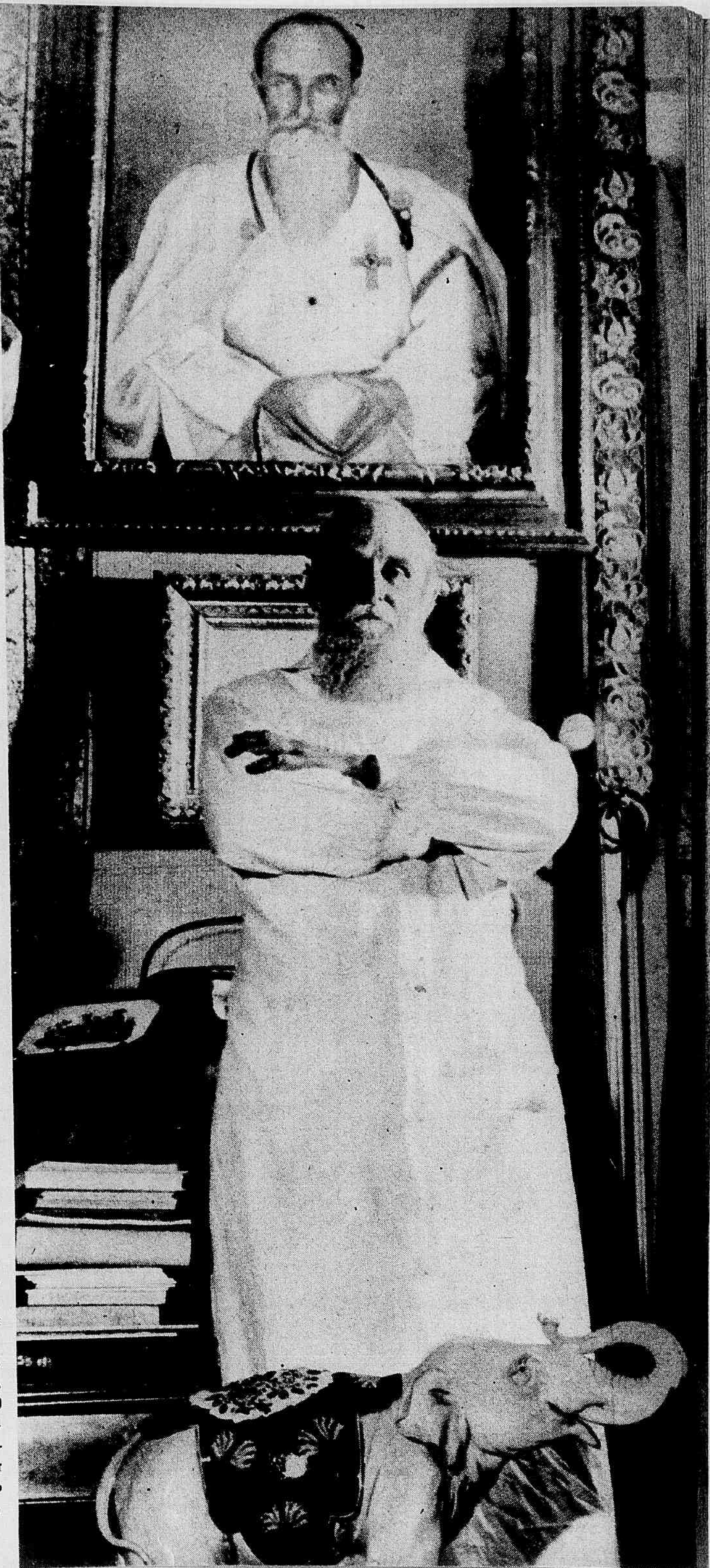
Entre os homens, como é sabido, a soldagem dos ossos longos só ocorre aos 30 (como no caso do elefante). O homem deveria viver, portanto, o mesmo número de anos dos grandes paquidermes. Por sua vez, Buffon já havia dito: *"O homem morre em qualquer idade, enquanto os animais parecem percorrer com o mesmo passo igual e firme o espaço da vida"*. Para Hufoland, o grande médico alemão, que reviu e corrigiu as tabelas de Flourens, o multiplicador normal seria não de 5 mas de 8, o que daria ao homem uma possibilidade de vida de dois séculos. Disse, textualmente: *"Podemos declarar, com grande dose de verdade, que a organização humana e a fôrça vital são capazes de dar ao homem uma duração de duzentos anos"*.

Isso, para a teoria. Passemos, pois, à prática. O "Mago de Pully" se dedicou aos casos de indivíduos que alcançaram o centenário ou dêle passaram, desde a antigüidade até nossos dias. Paulo, o Eremita viveu 115 anos. Santo Antônio 105, Arsênius 120, Epifano 115. Quanto a Moisés, sem dúvida, passou muito de um século. Pois bem: todos se alimentavam de frutas, saladas e água pura.

JEJUM
COM OS DENTES!"

Os centenários são incontáveis entre os *yogi* indianos. Todos são abstinentes. Em nossa época, o escocês Kentigern, fundador do bispado de Glasgow, morreu com 185 anos "na posse de tôdas as suas faculdades cerebrais", segundo reza a pedra do seu túmulo. A condêssa de Desmond chegou aos 141; um inglês, Henri Jenkins, aos 169; outro inglês, Thomas Parr, também com 169; um terceiro, John Shell, com 145. Teve 29 filhos de sua primeira espôsa. Tornou a casar, aos 125 anos, e teve ainda outro filho desta união. Nos últimos anos de sua vida percorria, a cavalo, seus 30 quilômetros diários.

— "O segrêdo de todos êles? — diz o "Mago de Pully". — Tinham uma vida regrada. Sabiam comer e beber, alimentando-se pouco e de produtos sãos. Conheciam as virtudes de jejum; sabiam praticar o jejum para



MESTRE DA ORDEM DA ROSA CRUZ

O dr. Berthollet, chamado «O Mago de Pully», cidade em que reside, na França, opera em sua casa. Sua filosofia está baseada nos princípios das sabedorias chinesa, indu e tibetano. É Mestre da Ordem da Rosa Cruz e instalou em sua «vila» uma capela rosa-cruciana. Gosta de meditar ao pé de «Gizo», o buda que vem procurar as almas. Sua biblioteca se compõe de 30.000 obras sôbre religião, jejum e magnetismo. Como medicamentos emprega apenas purgantes de sua fabricação, magnetizados segundo processo que apenas êle conhece.



desintoxicar-se e, consciente ou inconscientemente, viviam dentro de uma máquina que *nunca estava suja*."

Como chegou o dr. Berthollet a seu sacerdócio?

— "A cura do jejum — diz êle — é excelente meio terapêutico, praticado desde a mais alta antiguidade, em tôdas as religiões. É o tratamento a que se submetem todos os animais, aos primeiros sintomas da enfermidade. A medicina moderna errou ao abandonar êsses processos curativos tão simples, tão naturais, em favor de uma quimioterapia complicada e caríssima. Como todo o mundo, quando jovem médico, eu receiava que o jejum acarretasse uma diminuição da vitalidade ou alterasse os órgãos. Hoje sei que uma alimentação copiosa é gravíssimo êrro!

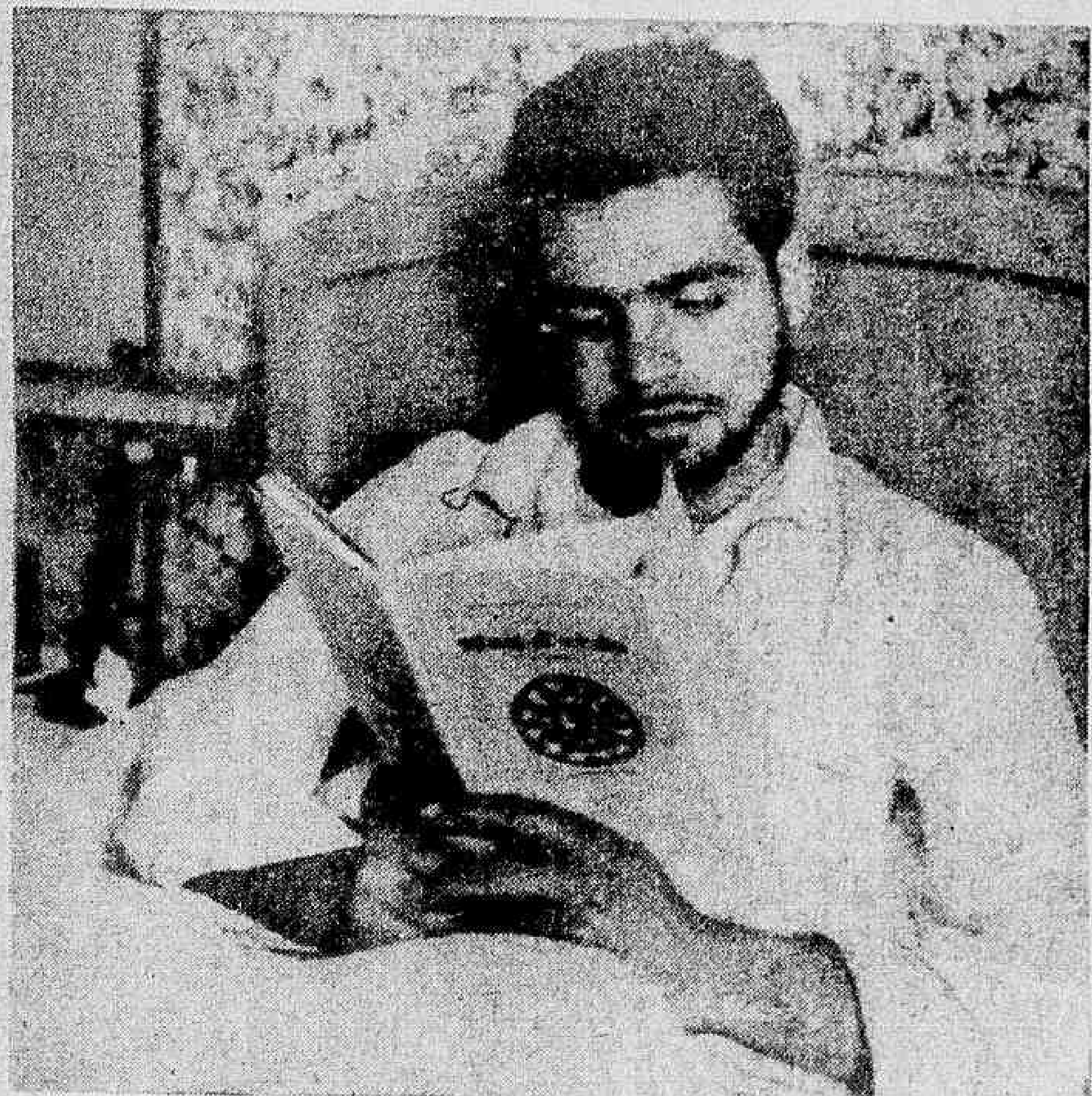
E assim resume seu próprio caso:

— "Doente, não encontrando um medicamento que me conviesse, experimentei o jejum. Comecei suprimindo o primeiro

O JEJUM NÃO IMPEDE O ESPORTE



Outro cliente, um egípcio, no seu quinquagésimo dia de jejum, o que não o impede de praticar o esporte, pois aqui o vemos remando, o que faz tôdas as tardes. No verão, os enfermos do dr. Berthollet praticam a natação. Como alimento tomam uma tisana de hastes de cerejas, sem açúcar, quatro vêzes por dia. Diante do panorama enquadrado pela janela aberta, o jejuador medita e se impregna de sabedoria indiana, lendo o «Credo» de Swâmi Paramananda. O médico relata casos prodigiosos, como o do médico que, no décimo oitavo dia de jejum, percorreu cêrca de setenta quilômetros em bicicleta, o que é espantoso.



almôço, justamente o que mais apreciava. Senti-me logo muito melhor. Ao fim de cinco dias, as perturbações artríticas e gastro-intestinais se atenuaram. Ensaiei, então, um completo jejum, primeiro de um dia e, depois, de dois dias. Tôdas as perturbações desapareceram como por encanto. Um bem-estar e um vigor novo seguiram-se à cura. Depois, experimentei outra cura, com purgação copiosa e jejuns por períodos alternados de 3 a 6 dias. Um forte lumbago, fruto de um resfriado, me imobilizava completamente. Ao fim de 24 horas, as dores intoleráveis cessaram. No segundo dia de cura eu estava restabelecido. Dez dias mais tarde, eu

era o homem mais bem disposto da terra. Durante êsse tempo, percorria, em bicicleta, sem ter comido, 6 a 15 quilômetros por dia. Meu coração estava grandemente aliviado e eu podia subir, sem perda de fôlego, íngremes ladeiras.

E o "Mago de Pully", conclui:

— "Continuei regularmente minhas curas de jejum e é isso o que me permite conservar a forma. A sensação de euforia e a lucidez cerebral são particularmente agradáveis no correr de tôda a cura."

— "Fiz uma experiência ainda mais concludente: na noite do 14º dia do meu último jejum, pude, sem esfôrço e sem fadiga, discorrer diante de uma sala de mais de oitocentas pessoas e isso com uma facilidade de elocução tão grande que não tive necessidade de consultar meus apontamentos. Nem um só de meus auditores desconfiou de que eu nada comera durante as duas últimas semanas! Assim, adquiri a convicção inquebrantável de que o jejum é um método curativo superior a todos os outros. *É como uma cama ou uma poltrona macia, que concedemos a todos os nossos órgãos.*"

A partir de então, o dr. Berthollet abandonou a medicina oficial e começou a aplicar êsse método que, pouco a pouco, invadiu tôda a Europa. Seu primeiro cliente foi um ancião de 73 anos, atacado desde longos anos de inflamação da próstata. Sofria muito e seu primeiro médico desanimara de o curar. O doutor Berthollet iniciou seu tratamento e, após cinco curas ritmadas de quatro dias cada uma, o paciente estava inteiramente restabelecido e voltava à vida normal. O coração funcionava livremente, a respiração voltara a ser fácil e o ancião podia realizar longos passeios sem fadiga.

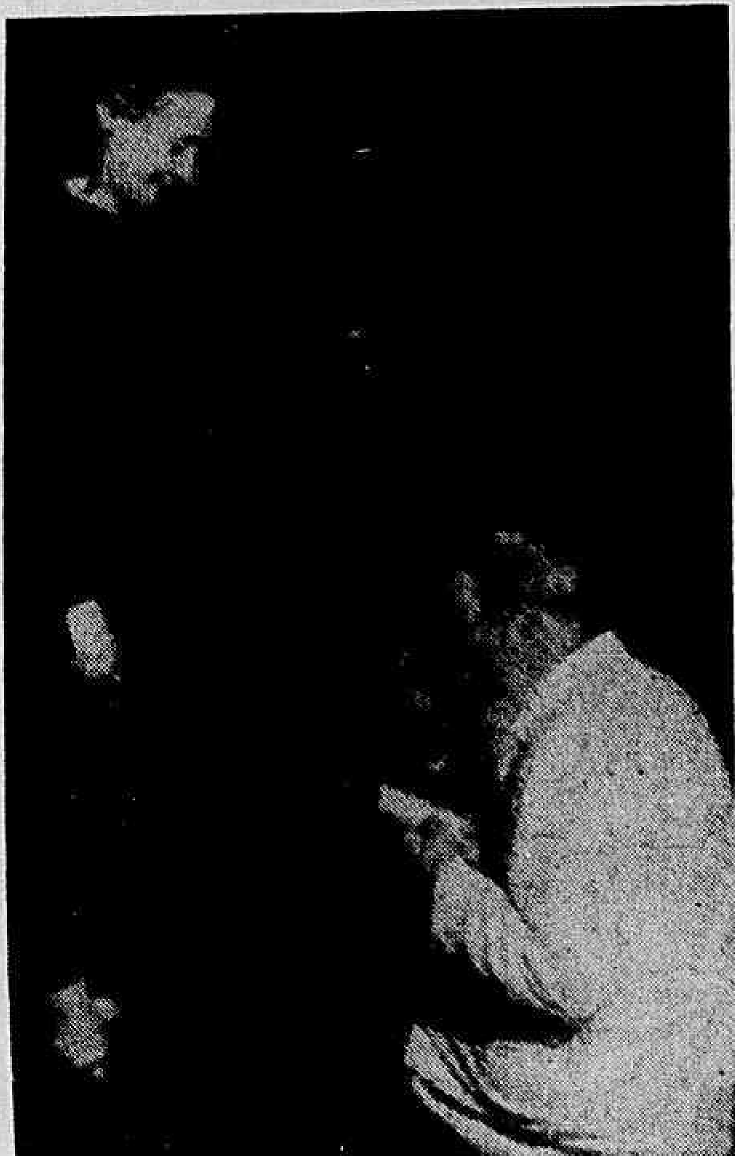
"Em tôdas as enfermidades do fígado, a cura é muito rápida. Os demais êxitos foram obtidos em casos de enterites, úlceras do estômago, gastrite, diabete, etc. E quando não ficam curados, tiram do tratamento imensos benefícios. Para as afecções cárdio-pulmonares, o método é



UM JEJUADOR NÃO TEM FOME — Em tratamento com o «Mago de Pully» o professor Georges, que jejua há cinco dias, não se deixa tentar pela fartura gostosa de uma vitrina. Não tem fome. Habituou-se a não comer.

insuperável, pois o coração volta a funcionar com vigor e regularidade. Eis porque aplico o jejum como tratamento de base a tôdas as enfermidades."

E seu método é simples: Nada de medicamentos. Nada de regime. O jejum absoluto. Todos os enfermos que entram em sua clínica e após exame médico, são privados, pura e simplesmente, de qualquer alimento. Em lugar das três



Diàriamente, o dr. Berthollet pesa seus enfermos. A paciente do clichê jejuou 8 dias, antes de voltar a alimentar-se regularmente com o jejum e perdeu 4 quilos e 100 gramas. Em 3 dias recuperou 4! O dr. Berthollet interrompeu a cura quando a paciente pesava apenas 31 ks e 400. «É maravilhoso» — exclamou ela, ao comer sua primeira fruta inteira. Tinha a impressão de estar curada. As purgações dêsse médico são quase imbebíveis. Magnetizadas, perdem seu mau-gôsto. O dr. Bartholiet confessa que suas mãos têm poder magnético que torna o jejum mais suportável ao paciente, tanto pela magnetização das purgas quanto pela magnetização direta do corpo. Certos doentes são magnetizados 3 vêzes por dia.



refeições habituais tragam infusões (camomila, menta, verbena; tudo sem açúcar), com ou sem suco de limão. Para os cardíacos enfraquecidos, o terreno é preparado durante alguns dias por meio de uma alimentação láctea e vegetariana, que é progressivamente suprimida.

A cura é adaptada a cada indivíduo. Em geral, o dr. Berthollet recorre à cura breve de 3 a 4 dias, repetida segundo um ritmo definido. Às vêzes, ordena jejuns prolongados de 15 a 25 dias, quando é necessário agir de maneira intensa e imediata. Durante tôda a duração da cura, as fôrças do doente são sustentadas com passes magnéticos. Mas não é tudo. Todo indivíduo, entre 30 e 40 anos, tem um organismo sujo — e é disso que morrerá mais ou menos ràpidamente. É preciso, pois, limpar o organismo — como se limpa o motor após certo número de quilômetros percorridos ou se faz a limpeza de qualquer máquina após um longo período de serviço. Para acelerar essa limpeza, o dr. Berthollet agrava de uma certa forma o regime de seus pacientes: dá-lhes, uma ou duas vêzes por dia, purgas de citrato de soda ou de sulfato de magnésia. O tratamento cessa logo que o hálito do enfêrmo não se mostra mais ruim.

Outros médicos, na Suíça e na Alemanha, que aplicam métodos semelhantes, fazem passar pelo corpo humano

4 QUILOS EM TRÊS DIAS!

várias dezenas de litros de água límpida, até que o líquido saia do organismo incolor e inodoro.

"Diàriamente — diz o dr. Berthollet — introduzimos em nosso corpo substâncias que enfraquecem nossos órgãos e entravam as trocas nutritivas das células. Essas substâncias — principalmente as que são muito ricas em albuminóides, são nossas inimigas naturais. Produzem, por fermentação, dissociação ou putrefação, venenos e toxinas prejudiciais à saúde e que o fígado é incapaz de eliminar. A superalimentação reinou durante muito tempo dominadoramente; em matéria de higiene alimentar, causou maior mal do que se possa imaginar.

Mas é possível suportar a fome durante uma ou duas semanas? E vinte dias ou mais?

— "A sensação de fome, algumas vêzes bem forte no início do jejum, é uma falsa fome, à qual não devemos ceder. Trata-se de uma necessidade fictícia, consecutiva à irritação das mucosas gastro-intestinais pelos produtos tóxicos eliminados. Uma purga copiosa ou uma lavagem são os melhores remédios contra tais fomes. É preciso recordar que durante os primeiros dias de jejum, as células enfêrmas ou enfraquecidas, os depósitos de ácido

úrico e de venenos orgânicos, os gases tóxicos, produtos de combustão celular, são destruídos e eliminados em massa, do que redundam as crises de desintoxicação com seus desconfortos particulares: curvatura geral, cefaléias ou vertigens, que não devem assustar, mas, ao contrário, ser causa de alegria, pois que indicam ter sido iniciada a purificação do organismo.

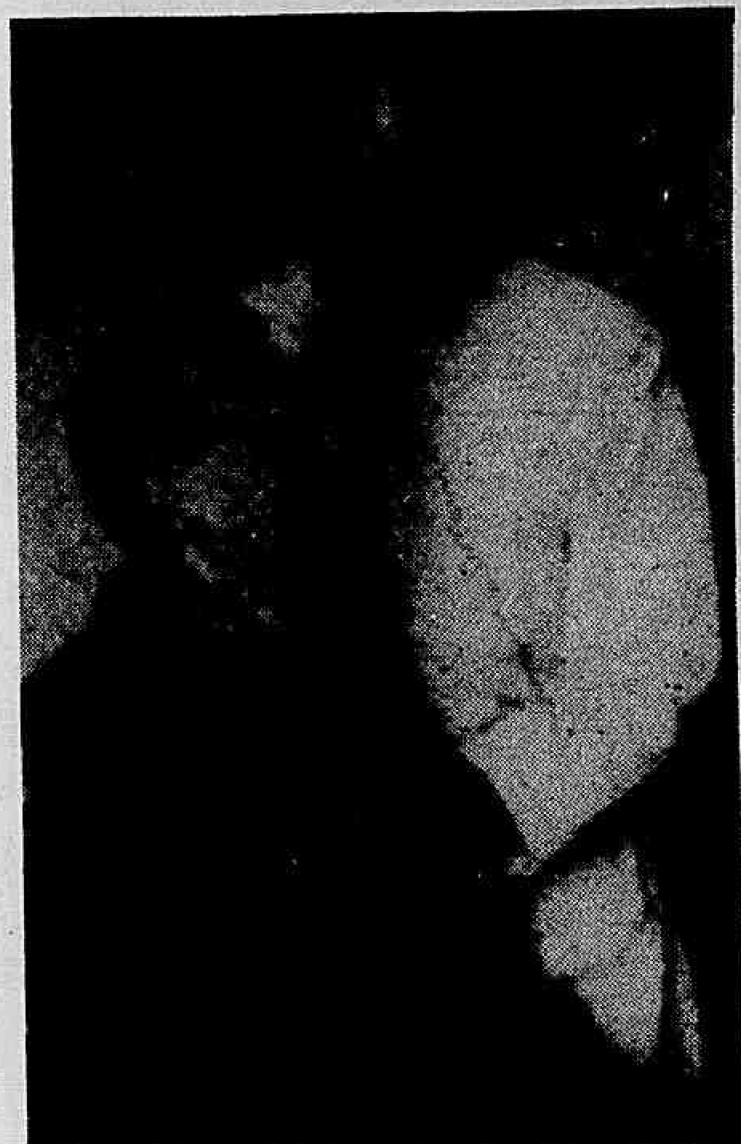
— "O enfêrmo emagrece? Não deve ficar impressionado; pode perder entre cinco e dez quilos numa semana. A quantidade de gordura do corpo nunca significou saúde. O pêso perdido no correr da cura representa a eliminação das células enfêrmas, dos tecidos sem valor, das substâncias e dos líquidos tóxicos, que engordam o organismo e paralisam suas funções."

O temor do enfraquecimento por inanição deve ser afastado. Em caso de morte por inanição, as perdas de tecidos são as seguintes: gordura 97%, baço 63%, fígado 56%, músculos 30%, sangue 17%, cérebro e nervos 0%. Ora, tais perdas só podem ocorrer entre 75 e 90 dias. A gordura, no homem, como nos animais, é uma degenerescência celular que pode conduzir às mais terríveis moléstias.

Aliás, nessa cura do "Mago de Pully" existe — segundo êle diz — regras exatas, baseadas numa experiência segura. São de duas categorias: as que indicam que um indivíduo necessita de uma cura e as que revelam que a cura surtiu efeito.

— "O jejum é necessário aos indivíduos que apresentam os seguintes sinais: hálito mau, proveniente de uma cárie dentária (e nesse caso é indicado o dentista) ou pelas fermentações gástricas e intestinais que arruinam os órgãos: a língua carregada, que indica mau funcionamento do tractus gastro-intestinal; sensação de engorgitamento, após as refeições, acompanhadas em geral por congestões fugitivas da face com a sensação de inchação abdominal, que obriga a desabotoar o cinto, para dar livre movimento aos órgãos; fadiga geral e vaga, fraqueza incompreensível ou enxaquecas; acúmulo de gordura em redor dos órgãos; coloração amarelada ou terrosa da pele e pequenas erupções; perturbações ligeiras da circulação e do sistema nervoso. Tôdas essas enfermidades não são graves por si mesmas, mas não devemos despreocupá-las, pois anunciam que as fôrças de resistência diminuem e conduzem a uma velhice prematura. Uma simples cura de desintoxicação pelo jejum, barra o caminho a todos êsses males.

E ÊSTE NÃO PRECISA MAIS DOS ÓCULOS...



Sem abusar, êsse cliente do dr. Berthollet (desenhista profissional) continua sua vida ativa. Usa óculos, habitualmente, mas dispensou-os desde que começou o tratamento em Pully. Afirma que sua vista melhorou desde que pratica o jejum. À tarde, realiza longos passeios pela cidade... depois de receber passes magnéticos do dr. Berthollet. Ao voltar é pesado. Se se deixou tentar, em passeio, a balança revelará a falta. O médico confessa praticar suas teorias sôbre o jejum há quarenta anos, sem ter registrado um só acidente. «Não pretendo ter curado todos os meus doentes, mas salvei muitos dêles» — foram as palavras do conhecido esculápio, ao ser interrogado sôbre os métodos



Sinais, muito fáceis de reconhecer, indicam que a cura é eficaz. A cura, aliás, só é penosa durante os dois ou três primeiros dias. O doente se sente abatido, deprimido, tem a língua carregada, o hálito fétido e o próprio corpo cheira mal. É indício seguro de que os gases malsãos, as toxinas escapam pelos pulmões e os poros da pele. Mas, após o quarto dia, geralmente, o hálito volta a ser normal e mesmo perfumado em certos indivíduos, a pele ganha colorido e o olhar se torna vivo e penetrante. A sensação de sêde, insustentável nos primeiros dias, acalma-se à medida que a desintoxicação progride. Quanto ao coração — segundo verificou o dr. Berthollet — é mais excitável, mais forte, a circulação sanguínea é mais livre e os órgãos não correm mais risco de congestão. A respiração é mais lenta e muito mais livre, os glóbulos vermelhos aumentam, as necessidades sexuais diminuem e o sono é calmo, proporcionando total repouso. Enfim, terminada a desintoxicação, as funções cerebrais são mais rápidas e mais fáceis e o raciocínio ganha vigor. Quando êsses objetivos são atingidos, o médico sabe que a cura está terminada.

— "Durante tôda a duração do jejum, o corpo pede uma higiene física e cuidados perfeitos, a fim de favorecer e acelerar a eliminação dos venenos orgânicos pelos pulmões e pela pele. O jejuador deve viver em ar puro, praticar respirações profundas, ter as janelas sempre abertas. O ar não deve jamais ser viciado pela fumaça do cigarro, a mais perniciosa. Os cuidados da pele consistem em lavagens com água morna, banhos de ar e de sol, massagens gerais. Finalmente, precisa praticar exercícios moderados, como a marcha, a ginástica ao ar livre, tudo diàriamente. Certos jejuadores praticam a canoagem ou o ciclismo. Isso é necessário para a volta à alimentação, ou melhor: a convalescença.

— "Então — diz o dr. Berthollet — o regime será frútaro-vegetariano, sendo excluída a carne dos *menus* por várias semanas, senão definitivamente suprimida. Só no quarto dia o enfêrmo volta aos ovos, ao queijo e ao leite coalhado. De então por diante, será preciso respeitar no mínimo dois dias completos de jejum por mês, seguidos de um dia de regime vegetariano. O trabalho não será imediatamente reiniciado. Um comerciante de Lausanne, que havia jejuado durante 40 dias, voltou à sua loja ao 41º dia, sem ser incomodado. Um professor de Genebra fêz 70 quilômetros em bicicleta após seus 18 dias de jejum. *Mas é um êrro a evitar*.

— "Devemos dar às células — diz o "Mago de Pully" — o tempo de se fortificar e retomar suas funções. Nessas condições, posso afirmar que a cura pelo jejum provoca um maravilhoso rejuvenescimento do organismo. E é êsse o caminho para viver cem anos e mesmo mais!"

Assim fala o dr. Berthollet. Que vale seu método? Que devemos pensar? Vários médicos o praticam, hoje, em tôda a Europa.

No século XIX, Claude Bernard já apontava "os benefícios do jejum por um tempo determinado".

Recentemente, o dr. Ash, de Londres, afirmou:

— "Num indivíduo normal, o sangue é capaz de resistir à ação de uma abstinência completa de alimento por um período de trinta dias, sem revelar qualquer mudança patológica extraordinária".

E, como êle, outros muitos, como os drs. Segesser, suíço; Môller, alemão; Frumasan, Pauchet, Carton, Caillet e Weber, franceses.

Outros médicos afirmam, agora, que *um indivíduo são e que queira viver em boa saúde, deveria ingerir no máximo cinco a oito gramas de gorduras diàriamente*.

O dr. Segesser diz que *o jejum é uma terapêutica*. Não deve, porém, ser praticado levianamente; também não é uma panacéia. Não devemos empregá-la a torto e a direito E JAMAIS SEM A ASSISTÊNCIA DE UM MÉDICO!

O EREMITA

conto de WILL F. JENKINS

O velho Morgan apanhou mais lenha da pilha, que arrumara penosamente e durante muitos dias, num canto da sua cabana, tratando de ajeitar as toras no velho fogão de tijolos. Depois, olhou pela janela a neve que continuava a cair, como se não quisesse terminar nunca, e sorriu com satisfação. Aquela nevasca até que era um bom negócio para êle. Nenhum vizinho viria aborrecê-lo com *histórias*.



Depois de atear o fogo, fechou muito bem a porta, ligou o rádio, encheu o cachimbo e tratou de sentar-se confortàvelmente.

Não tardou a ter início o noticiário telegráfico e as notícias policiais. "O roubo da mala postal. Incêndios. A aproximação de uma tempestade — essa tempestade que açoitava já onze Estados, causando prejuízos tremendos em prédios, plantações, linhas telegráficas e também matando uma dezena de pessoas. Fazia um frio sem precedentes em tôda a região e as estradas estavam bloqueadas, com automóveis e caminhões literalmente tragados pelo gêlo!"

Ouviu tudo, quieto, contente da vida. Nada disso o interessava, pois que estava bem e confortável. Também o roubo da mala postal não o impressionava. O criminoso tinha sido esperto. Conseguira entrar no carro forte do comboio por meio de um engenhoso truque, depois atacara de surprêsa, matando dois guardas e conseguira fugir em motocicleta com boa parte do dinheiro existente no vagão.

O ladrão tinha sido inteligente, agindo no momento próprio e sem deixar às suas vítimas qualquer possibilidade de defesa. Mas o velho Morgan não ligava importância ao bandido nem ao seu ato criminoso, como não ligava à humanidade. Os Winstons, seus vizinhos do lado direito, como os Nortons, que ficavam à sua esquerda, viviam muito distantes, há pouco mais de uma légua. No princípio, tentaram mostrar-se amigos e o haviam prevenido contra a idéia de construir sua ca-

Por WILL F. JENKINS

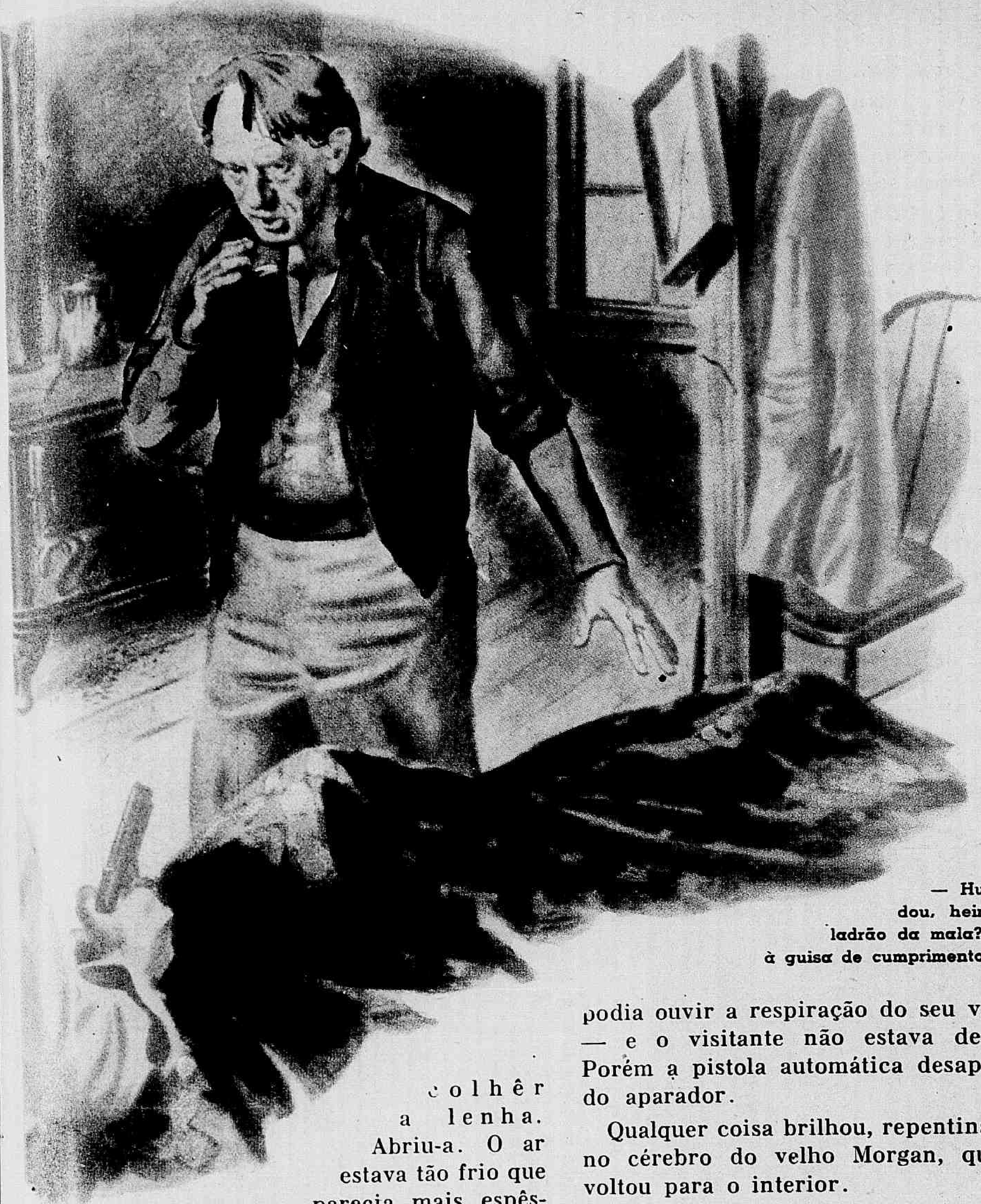
«Êles estavam prisioneiros na cabana, cercada pela neve e da qual um só podia escapar...»

bana naquele local desolado. A neve, ali, caía em maior quantidade, no rigor do inverno! Era perigoso! Mas êle erguera os ombros e fechara os ouvidos. E dissera, mesmo, com grosseria e sem rodeios, que não construiria sua morada no alto da colina, de onde poderia ver os vizinhos... porque não queria ver nenhum dêles! E agora estava mais certo ainda de que sua idéia era muito boa. Sua cabana ficava mesmo no centro do vale, com muita neve em rędor e uma espêssa camada de neve sôbre o telhado. E, apesar de tudo, no interior, era agradável, aquecida e segura. Começou a preparar o jantar. Ovos com presunto, que colocou na frigideira. O rádio não parava com o noticiário e os avisos. "A tempestade era de fôrça sem precedente. As linhas telegráficas estavam positivamente abolidas. Nos lagos vizinhos, as embarcações de grande porte estavam aprisionadas no gêlo. Muitos caçadores tinham sido colhidos pela nevasca e estavam desaparecidos, receando-se que estivessem, a esta hora, mortos gelados. O número de desastres aumentava de minuto a minuto"... Não falavam mais sôbre o roubo da mala postal nem de seu autor. Talvez estivesse lutando com a tempestade, em algum ponto desolado da região. O velho Morgan varreu cuidadosamente as cinzas, enquanto ouvia gemer o madeiramento de sua cabana e sem o característico da neve, caindo, mais e mais, sôbre o seu teto. E êle, ali, quente e confortável, no seu interior tranquilo. Sòzihno! Num isolamento e numa despreocupação verdadeiramente olímpicos. Tempestade e frio para todos. Menos para êle!

Repentinamente, endireitou-se em sua cadeira de balanço. Ergueu-se a meio. A ponta rangera um pouco. Talvez fôsse o vento, mas o velho Morgan se levantou, correu o ferrôlho e abriu. Uma forma, tôda salpicada de branco, entrou na cabana, cambaleando. Assim chegou junto do aquecedor a carvão e o teria abraçado, num gesto de desespêro, se o velho Morgan não tivesse evitado. Depois, durante cêrca de meia hora, trabalhou com denôdo e consciência. Retirou a roupa do estranho e esfregou-lhe o corpo com neve, vigorosamente. Porém o outro não reagiu como esperava. Era muito moço e parecia exausto, embora vestisse roupas grossas e tivesse o corpo razoàvelmente aquecido. Caíra numa espécie de irresistível torpor. O velho Morgan calculou, como rapôsa velha que era, que o mal maior do desconhecido era o pânico. O automóvel em que chegara ficara enterrado na estrada, cêrca de uma milha de distância... Colocou a roupa do desconhecido para secar sôbre o aquecedor e, nessa manobra, um objeto pesado caiu ao solo. Era uma pistola automática. O velho Morgan colocou a arma, cautelosamente, num aparador. Seu hóspede inesperado dormia pesadamente. O velho cedera ao intruso sua enxêrga e, assim, teve mesmo que dormir no chão. Tratou de encher o fogão com boa e nodosa madeira e, a seguir, tratou de dormir.



Quando despertou continuava escuro. Levantou-se do chão duro, praguejou raivosamente e pôs-se de pé. Caminhando com cautela, abriu a bôca do fogão e acendeu o lampião com um pedaço de lenha. O relógio marcava seis horas. Seis...? E ainda escuro? Não era possivel! Notou, então, que, fora, reinava um silêncio mortal. Um silêncio anormal. Tentou abrir a porta de entrada. Esta, porém, estava firme e como soldada. Correu à porta dos fundos, a mesma que usara para



— Hum! Acordou, hein, senhor ladrão da mala? — disse à guisa de cumprimento Morgan.

colhêr a lenha. Abriu-a. O ar estava tão frio que parecia mais espêsso, mais pesado, sem um movimento. A neve do telhado descera até o chão. Não podia haver luz, porque a cabine estava soterrada.

O velho Morgan pensou nas duas colinas que a ladeavam. Uma camada de neve enchera todo o espaço... Cinco, talvez dez metros...

O silêncio no interior da cabana foi substituído, repentinamente, por um resfolegar tempestuoso. O velho Morgan podia ouvir a respiração do seu visitante — e o visitante não estava de pé... Porém a pistola automática desaparecera do aparador.

Qualquer coisa brilhou, repentinamente, no cérebro do velho Morgan, que logo voltou para o interior.

Com o ruído dos seus passos, os olhos do rapaz logo se abriram.

— Hum! — disse o velho Morgan. — Acordado, hein... Sr. ladrão da mala postal? O café está pronto. E continuava nevando. Está ouvindo?

Seu hóspede se ergueu a meio. Estava inteiramente vestido, agora, e a pistola automática estava em suas mãos.

— Estou acordado desde muito tempo — declarou. Esperei, apenas, para ver

o que você fazia. Onde está o seu telefone?

— Nunca tive essa droga!

— Oh... Mandou a notícia por um vizinho, eh?

— Os vizinhos nunca vêm até cá — rosnou o velho Morgan. — Odeio amizades!

Caminhou até o fogão e tratou de encher duas xícaras de café, forte e negro. Depois acrescentou, com voz ácida:

"— Não gosto de vizinhos nem de ninguém,. e por isso espero que tome o café e dê o fora daqui, para que eu fique como estava antes de vir bater à minha porta.

Passou uma xícara para seu hóspede e bebeu a sua parte com uma careta de desagrado. O outro era o homem procurado pela polícia de cinco Estados!

— Estêve lá fora? — perguntou, com seu modo brusco e cáustico.

— Não. Por quê?

— Pois experimente! — disse o velho Morgan, grosseiramente. — A neve continua caindo. Temos uns sete metros de neve acima da cabeça. Antes de executar... o que está pretendendo, pense nisso!

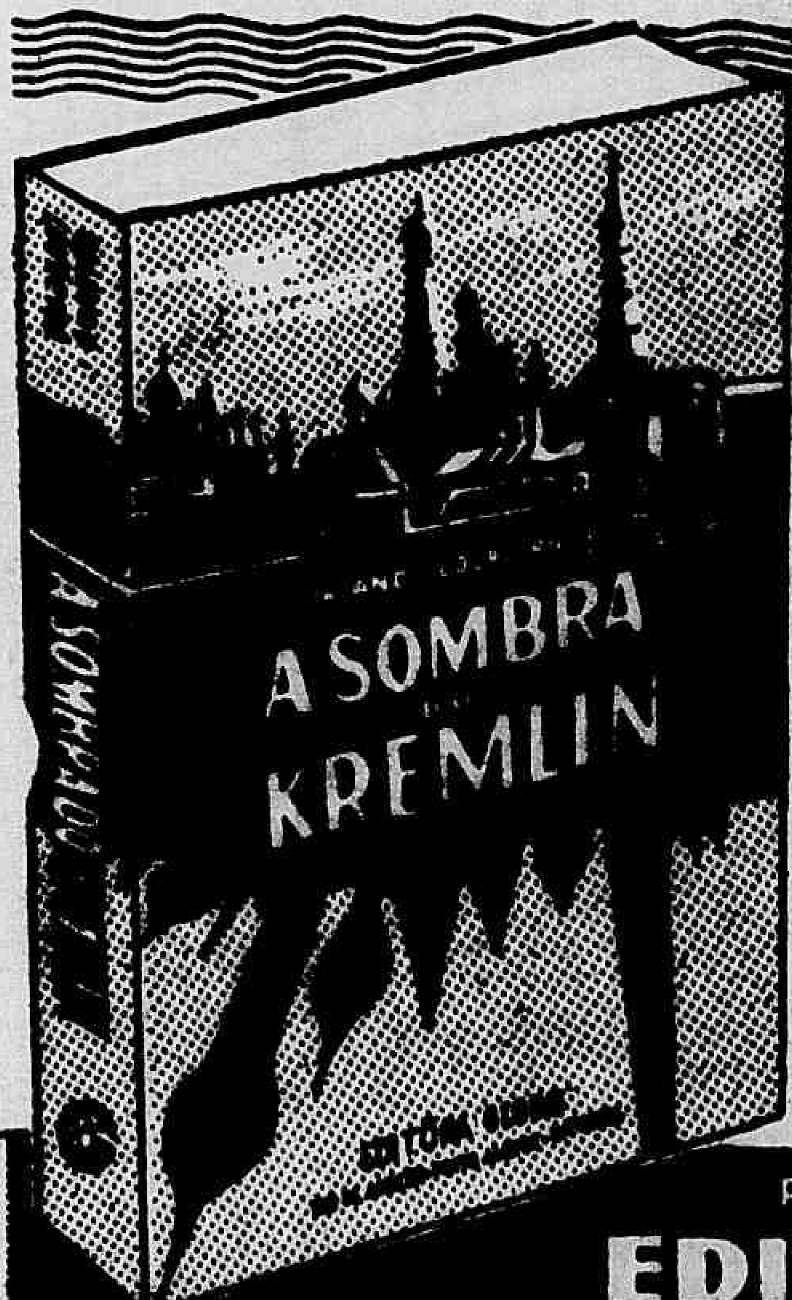
O rapaz hesitou um instante e depois caminhou para a porta de entrada. Esta não se moveu aos seus esforços. A neve havia bloqueado a cabana, por aquêle lado. Caminhou para a porta oposta e verificou que o depósito de lenha se transformara numa geladeira. Recuou logo, com o corpo todo tremendo.

O velho Morgan cortava fatias de *bacon*, com seu canivete de bôlso e deitava-as na frigideira.

— Não gosto de gente... De ninguém! — declarou, agressivamente. — Principalmente, de miseráveis salteadores e assassinos, que pretendam matar-me para garantir a própria fuga. Entende?

O rapaz parecia novamente assaltado pelo pânico.

(Continua na página 109)



ORLANDO LOUREIRO

apresenta neste livro um impressionante depoimento de jornalista e de homem, uma visão dramática da União Soviética, da Europa e do mundo, abordando temas de candente interêsse, como:

- **a imprensa e a opinião pública;**
- **a cultura dirigida;**
- **a fábrica e o sindicato;**
- **a igreja e o Estado;**
- **a agricultura socializada;**
- **o homem — máquina;**
- **a União Soviética e a paz.**

1 vol. formato 15 x 23 com 143 págs. 25 gravuras BR. — Cr$ 50,00

PUBLICAÇÃO DA

EDITÔRA GLOBO

PÔRTO ALEGRE

RIO DE JANEIRO Rua México, 128

SÃO PAULO (Salas 13-14)

O DIÁRIO DE FELIX LANE

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Começa o «Diário de Felix Lane» com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: nome, aspecto, profissão, etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, porque êsse desconhecido, guiando um automóvel de marca e número ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se recolhera a uma casa de campo, após perder a espôsa. Na Polícia não há indícios, nem nos arredores da aldeia onde o fato ocorreu. Por isso começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria, êle próprio, no lugar do atropelador.

6º — Admitamos que êle mudasse um pára-lama, o pára-choque, um farol, que sei ainda? Que é o que se tira disto? Meu homem é um mecânico experimentado, tendo ao alcance da mão peças sobressalentes. Noutros têrmos, trabalha numa garagem. Bem melhor, ainda; é o proprietário de uma garagem, que, sòzinha, podia dispor para seu uso exclusivo de peças sobressalentes provindo de seu estoque, sem dever explicação a ninguém.

Grandes deuses! Tenho a impressão de largar ferros, finalmente. Meu homem é o proprietário de uma garagem pública assaz importante para possuir um estoque de peças sobressalentes; mas não deve ser uma garagem muito grande, sem o qual seria um fornecedor, e não o dono, o responsável pelo estoque. Na verdade, o criminoso poderia ser igualmente o gerente ou o empregado de uma grande garagem. Isto alarga o campo de pesquisas, desgraçadamente.

Os fatos conhecidos me fornecem indicações sôbre o tipo do automóvel e a natureza dos estragos? Tentemos saber. Do ponto de vista do condutor, Martie atravessava a rua da esquerda para a direita: seu corpo foi projetado na fossa à esquerda. Isto permite supor que foi o lado esquerdo da viatura que sofreu, principalmente se o atropelador deu um golpe de volante para a direita, a fim de tentar evitar o pobre menino. O pára-lama esquerdo, o pára-choque ou o farol. O farol... Esta palavra tenta me dizer alguma coisa. Reflete. Reflete...

Eureka! Não há pedaços de vidro no caminho. Quais são os faróis protegidos contra qualquer espécie de choque? Aquêles cujo vidro é recoberto com uma grade metálica, detalhe que se observa comumente nas viaturas de tipo esporte, poderosas e de carrosseria abaixada. Devia ser um automóvel dêste tipo (conduzido por um chofer experimentado para poder entrar naquela curva forte sem derrapar.

Vamos resumir. Há fortes probabilidades de que o assassino seja um "pisa-tábua" e com longa prática de direção; de que seja o proprietário de uma garagem e possua um automóvel do tipo esporte, com faróis protegidos por grade. O veículo deve ser de pouco uso, sem o que a troca de pára-lama novo pelo amolgado teria sido notada... É bem verdade que o criminoso pode ter realizado um disfarce perfeito, praticando alguns arranhões na peça nova. Oh! Outra indicação: a garagem deve estar bastante isolada para que o assassino tenha podido realizar o consêrto noturno, sem atrair a atenção, e deve estar situada nas proximidades de um rio ou de um espêsso bosque; o miserável, não podendo jogar as partes amolgadas do veículo no fôsso da garagem, deve ter saído na mesma noite para desembaraçar-se das mesmas.

Meia-noite já bateu há muito tempo. Vou dormir! A sensação de já ter, agora, o pé no estribo, acalmou meu espírito.

28 DE JUNHO:

Desespêro! Como o meu longo trabalho noturno parece inconsistente à luz matinal. Cheguei a perguntar a mim mesmo se existia, de fato, êsse tipo de farol protegido por uma grade. Alguns radiadores têm essa grade protetora. Mas os faróis também? É um detalhe facílimo de verificar, entretanto. Oh, Senhor! Mesmo supondo que eu tenha atingido a verdade, por milagre, digamos, não estou certo de

me haver aproximado do alvo. Milhares de proprietários de garagem devem possuir automóveis de tipo esporte... O acidente ocorreu cêrca das seis e vinte. Contando um máximo de três horas para fazer o reparo, o assassino tinha ainda dez horas de escuridão diante de si, o que significa que sua garagem pode estar situada num raio de trezentas milhas. Não; estou decidido a piorar as coisas, pois que duvido que tenha parado para reabastecer o tanque... com aquelas marcas infamantes no veículo. Mas, quantas garagens podem haver num raio de cem milhas apenas? Visitarei tôdas elas, a fim de perguntar se cada proprietário possui um automóvel do tipo esporte? E depois? Perspectiva desanimadora... Meu ódio por êsse homem deve estar apagando o bom-senso com que a natureza me dotou.

Talvez a perspectiva de um trabalho gigantesco não seja a causa principal de minha atual depressão. Encontrei um bilhete anônimo em minha caixa do correio — provàvelmente depositada quando todos dormiam. Não creio errar se atribuí-la ao devastador do meu jardim. Essa teimosa perseguição acabou por agir sôbre os meus nervos. Eis o bilhete. Papel ordinário e letras de imprensa, recortadas e coladas, como é de praxe.

"— Você o matou. Como ousa apresentar-se na aldeia, depois do que aconteceu em 3 de janeiro passado? Colocarei os pontos nos "ii" já parece decidido a não compreender: não o queremos mais entre nós e o faremos lamentar amargamente o haver voltado para cá. Você tem na fronte a marca de sangue de Martie."

O tom parece revelar uma pessoa de certa educação... Deveria falar no plural? Sim, se aquêle "queremos" significa alguma coisa. Oh, Teresa! Que devo fazer?

29 DE JUNHO:

A hora mais sombria parece o alvorecer. A caçada foi iniciada! Permitam-me celebrar êste grande dia, como uma salva simbólica. Eu estava tão acabrunhado, esta manhã, que decidi sair no automóvel para ir visitar Michael, em Oxford, com a esperança de distrair as idéias. Chegado ao Cirencester, segui por um caminho transversal, para atingir a grande estrada de Oxford; era um caminho estreito, acidentado e pouco frequentado, que eu não conhecia. Lavada pelas chuvas recentes, a campina brolhava ao sol. Eu via, à minha direita, um campo de trevos, levemente manchado com os tons de framboezas esmagadas, quando entrei um tanto pisado numa vala.

Meu automóvel voltou com algum esfôrço para a estrada, onde o motor parou. Eu nunca tentei penetrar o segrêdo dissimulado pelo "capot": em caso de "panne", costumo dar ao motor caprichoso o tempo de repousar e, em geral, êle pega, depois, logo ao primeiro arranco. Desci do veículo, a fim de estacar um pouco as pernas e limpar os bordos da calça, que havia recebido um pouco de lama, e nesse instante um camponês, apoiado à cêrca de uma propriedade, me interpelou. Trocamos alguns comentários banais sôbre as chuvas imprevistas e, a seguir, meu interlocutor contou que a mesma coisa havia acontecido com outro automobilista, no correr do inverno.

— Em que data? — perguntei, para entreter a palestra.

Pergunta inspirada e cujas consequências eu estava longe de prever! O camponês se entregou a cálculos extremamente complicados, baseados sôbre uma visita que fizera à sua sogra, a doença de um cordeiro e o desarranjo do seu aparelho de rádio.

— Foi no dia 3 de janeiro — respondeu, afinal. — Sim... Não pode haver dúvida. Foi em 3 de janeiro, ao cair da noite.

Neste momento — o leitor sabe como certos pensamentos se apresentam bruscamente, em nosso espírito — nesse momento, repito, revi uma frase escrita numa tabuleta, pendurada à porta de uma capela metodista, diante da qual eu acabara de passar: "Lavada no Sangue do Cordeiro..." Isto me lembrou a frase do meu correspondente anônimo: "Você tem na frente a marca de sangue de Martie". Milagre! Vi nesse instante, o

assassino de meu filho entrando na vala aberta, ao lado da estrada — como eu acabara de fazer — *mas intencionalmente, para lavar o veículo do sangue de Martie!* Minha língua estava sêca quando perguntei, procurando aparentar indiferença.

— Recorda-se, por acaso, a hora exata em que êsse desagradável incidente ocorreu com êsse outro viajante?

O camponês levou um tempo que me pareceu interminável, refletindo, antes de dizer:

— Antes de sete horas, com certeza. Menos quinze ou menos dez minutos, se não me falha a memória. Sim... Podiam ser seis e quarenta e cinco, aproximadamente.

Minha expressão deve ter traído minha emoção, porque o homem me observou com maior curiosidade. Eu exclamei, para apagar qualquer desconfiança:

— Na verdade, êste mundo é bem pequeno! O viajante em questão devia ser meu amigo. Contou-me, mais tarde, que se perdera, ao sair de minha casa e que entrara com boa velocidade por um caminho que não conhecia e fôra dar numa vala cheia dágua, no caminho de Cotewolds...

Êsse fluxo de palavras não impedia meu espírito de trabalhar. Eu levara pouco mais de meia hora para chegar até ali. Com um automóvel rápido — e conhecendo a região para não precisar consultar um mapa de estradas — X tinha podido fazer o trajeto entre seis e vinte (hora do acidente) e seis e quarenta e cinco. Dezessete milhas de estrada má... em vinte e cinco minutos... Sim; era possível, com um automóvel tipo esporte. Arrisquei um tiro à queima-roupa:

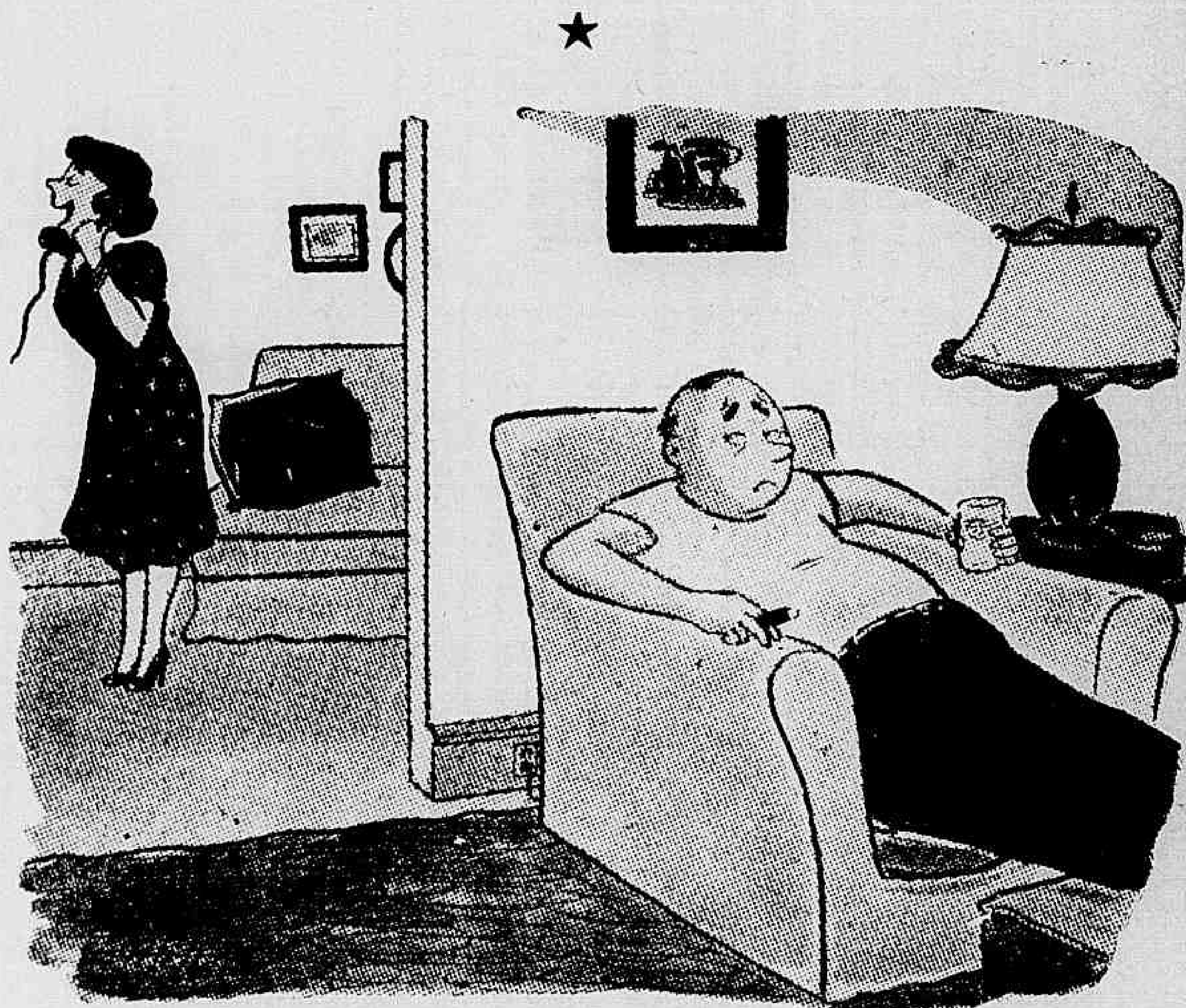
— Era um automóvel do tipo esporte, com motor poderoso e carroseria bem baixa, hein? Notou o número da placa ou a marca do veículo?

— O senhor compreende. Já era noite, os faróis quase cegavam e não sou lá muito bom para decifrar as marcas dos automóveis — respondeu o camponês. — Vi quando se aproximou, desde logo. E corria muito, sim senhor! Impossível decifrar o número. Era, creio, C.A.D. e números...

— É isso mesmo! — exclamei, quase gritando.

"C.A.D.", a nova matrícula para o Gloucestershire. O campo se reduzia. A menos sendo louco, um chofer iluminado por bons faróis, não mete o veículo numa vala como aquela, cheia d'água... se não procura levantar uma massa dágua suficiente para lavar tôda a frente do automóvel. Eu não vira a vala a tempo de diminuir porque olhava o campo coberto de trevos e não a estrada à minha frente... Mas ninguém contempla a paisagem à noite. Como não pensara eu que uma mancha de sangue na carrosseria era infinitamente mais comprometedora que um pára-lama amolgadc? Por outro lado, X não podia deter o veículo para apagar a marca de seu crime com um lenço ou um pedaço de estopa, sem correr um risco certo, além da dificuldade de se livrar, em seguida, do trapo ensanguentado. A solução mais simples consistia, pois, em entrar velozmente na poça dágua e esperar que a água fizesse o resto. Em seguida, o assassino havia

★



— Êle vai ficar furioso, mas eu direi a êle mesmo assim.

descido do veículo, a fim de verificar se a lavagem fôra suficiente...

Uma frase de meu interlocutor, acompanhada por um ligeiro piscar de ôlho, chamou-me bruscamente à realidade.

— Quanto a ser bonita, ela é realmente, não acha, senhor?

Acreditei, um instante, que êle se referia ao automóvel do sr. X. Depois, compreendi, com sentimento de horror indizível, que era do próprio X, (eu própria) que êle falava. A idéia de que o assassino de Martie fôsse uma mulher nunca me assaltara...

— Ignorava que meu amigo conduzisse passageira, aquela noite — gaguejei, não encontrando coisa melhor para dizer.

— E bem bonita, até!

(Um sursis! Obrigado, meu Deus!) Havia, então, um homem e uma mulher no automóvel. O miserável queria impressionar sua conquista... Eu não me havia enganado! Eu tentava obter da testemunha providencial a descrição de meu "amigo". Resultado bem magro: "Um homem muito simpático... e delicado, palavra! A mocinha não escondia o susto porque passara com o banho inesperado. "Ande com isso, George" — repetia ela. — "Não desejo ficar aqui a noite tôda!" Porém, êle não parecia lá muito apressado. Estava, como o senhor está agora, apoiado contra o pára-lama do automóvel e conversando comigo sôbre coisas tolas...

— Estava apoiado contra êste pára-lama? — insisti, deslumbrado com a minha boa sorte.

— Sim... Era como se o estivesse vendo, agora.

Saiba, amigo leitor, que eu estava apoiado contra o pára-lama da frente, à esquerda do meu automóvel, o mesmo que, segundo os meus cálculos, devia ter sido amolgado pelo acidente. X se mantinha nessa posição para impedir que seu interlocutor notasse o estrago. Prossegui em meu interrogatório com o maior tato possível, sem enriquecer minha documentação sôbre o homem e o automóvel. Finalmente, por falta de recursos, afetei um ar de gracejo, ao declarar:

— Vou interrogar George sôbre a sua bela amiguinha... Um pai de família...

É realmente escandaloso! Gostaria de saber quem ela é...

Eu estava, decididamente, de sorte, aquêle dia. O camponês coçou a cabeça.

— Que azar! — disse êle. Eu ouvi o seu nome, mas esqueci completamente. Já a vi num filme, em Cheltenham, ainda na semana passada. Suas roupas de baixo parecem incomodar, pois que não hesita em exibi-las. Minha mãe ficou até escandalizada. Êsse maldito nome me escapa... Olá, mamãe!

Uma mulher saiu da casa do camponês.

— Como se chamava o filme que fomos ver na semana passada? O primeiro...?

— "Os Joelhos da Criadinha". Deviam proibir os filmes dêsse gênero.

— "Os Joelhos da criadinha"! Isso mesmo. A tal mocinha desempenhava o papel de Polly, a criadinha. E mostrava os joelhos, realmente, hein, mamãe?

— Uma vergonha! — respondeu a velha camponesa. Minha Gertie trabalha na cidade, mas não tem roupas como aquelas, nem mostra os joelhos a ninguém, graças a Deus! E que nunca se lembre de imitar aquela pecadora!

— E você reconheceu a mocinha que acompanhava meu amigo, aquela noite? Era a Polly do filme?

— Sou capaz de jurar, senhor. Mas não gostaria de causar aborrecimentos àquele senhor, pode crer! A passageira voltava o rosto, como se receasse ser reconhecida e pareceu ficar muito zangada, quando seu companheiro acendeu a luz interior, no teto do automóvel. "Apague essa luz, George!" — ordenou ela. Mas eu tivera tempo de ver o seu rosto e logo que "Polly" apareceu na tela, eu disse para minha mãe: "Parece a tal mocinha que estêve parada, com o automóvel, naquela noite fria..." Não foi, mamãe?

— Como você está dizendo agora.

Despedi-me da camponesa e do filho, não sem lhes haver, antes, recomendado segrêdo. Porém, êles tinham apenas uma idéia vaga de um romance entre meu "amigo" George e uma atriz de cinema. Portanto, nada a recear, por êsse lado. Dirigi-me diretamente a Cheltenham, onde colhi as informações desejadas. "Os Joelhos da Criadinha", filme inglês, tivera

por principal intérprete Miss Lena Lawson, no papel de Polly. Lena Lawson é uma estrêla de segunda ordem; quanto ao filme, o título chegava para dar uma idéia de seu valor. Está passando em Gloucester, esta semana. Irei vê-la amanhã.

O fato da polícia não haver interrogado essas testemunhas não pode surpreender. Sua fazendola fica extremamente isolada, numa estrada pouco frequentada, mesmo durante o dia. Êles não ouviram a mensagem telegráfica, convidando as testemunhas do acidente a comparecer à delegacia. De qualquer maneira, como poderiam ter estabelecido uma ligação entre o casal do automóvel e um acidente ocorrido tão distante daquele local?

Eis os novos detalhes a acrescentar aos sinais de X. Seu nome é George e seu automóvel tem placa de Gloucestershire. Sabendo-se que êle conhecia a existência da vala — certamente estava bastante apressado para procurar outra, no mapa de estradas — temos que essas indicações tendem a provar que o assassino reside no condado. Por outro lado, Lena Lawson é o seu calcanhar de Aquiles; ela estava aterrorizada, quando o camponês falou com "George", junto da vala. Ela quase suplicou a seu companheiro que se apressasse e desviava teimosamente a cabeça. Minha linha de conduta está traçada: entrar em relações com Lena Lawson e arrancar-lhe seu segrêdo.

30 DE JULHO:

Volto do cinema, convencido de que Lena Lawson é uma linda moça, que eu teria muito prazer em conhecer pessoalmente. Mas que filme, Senhor! Empreguei uma parte da manhã organizando uma lista dos garagistas da região cujo nome começa com G. Pude encontrar uma dúzia. A leitura de uma lista de nomes desconhecidos, quando se tomou a decisão de suprimir um, cria uma impressão singular.

Meu plano de campanha começa a ficar esboçado em meu espírito. Não o redigirei senão depois de haver estabelecido as linhas gerais. Tenho a impressão de que "Felix Lane" desempenhará importante papel em futuro próximo. Mas quantos pequeninos detalhes, pequeninos e insuportáveis, tenho que vencer antes de entrar em relações com a vítima! Sem mesmo ir até à execução!. Organizar uma ascensão do Everest não deveria causar maiores dores de cabeça.

2 DE JULHO:

A inteligência humana — mesmo superior à mediana — é decididamente incompleta. E aqui está uma outra prova: após dois dias de esforços estéreis para elaborar um projeto de assassinato sem risco de qualquer espécie para seu autor, descubro bruscamente, esta noite, que essas precauções são absolutamente inúteis! Ninguém além de mim — e de Lena Lawson, realmente — sabendo que

✶



— *Oh, não, por favor! Não bata esta porta!*

"George" atropelou e matou Martie, ninguém, portanto, descobrirá jamais as razões que tenho de assassinar George. Legalmente, um acusado pode ser condenado sem que o seu móvel tenha sido estabelecido, desde que sua culpabilidade seja provada. Mas, pràticamente, só uma testemunha ocular do crime poderia assegurar a condenação de um homem desprovido de motivos... Em aparência, pelo menos.

Ninguém, no mundo, descobrirá jamais uma ligação qualquer entre George e eu, com a condição única de que George e Lena não consigam estabelecer uma ligação entre Felix Lane e Frank Cairnes, o pai da sua pequenina vítima. A senhora Teague tendo sabido enfrentar os repórteres, nenhuma fotografia minha apareceu nos jornais no momento da morte de Martie; disso tenho a certeza. Meus editôres são os únicos a saber que Frank Cairnes e Felix Lane são uma só pessoa; ora, êles estão ligados pelo interêsse profissional e por isso não receio que um traia ao outro, desde que eu saiba usar razoàvelmente as minhas cartas. Bastar-me-á ser apresentado a Lena Lawson sob o nome de Felix Lane, atingir George por seu intermédio e matá-lo. Se, por acaso, um ou outro leu algum dos meus livros e fêz a pergunta tão explorada por meus editôres com fim publicitário: "Quem é o misterioso Felix Lane?", a dificuldade não será muita. Longe disso. Sustentarei ter assinado meus livros, sempre, com meu nome verdadeiro e que o "mistério de minha identidade" nunca passou de um truque de publicidade. Corria ùnicamente o risco de encontrar algum conhecido, enquanto representava como Felix Lane ao lado de Lena; mas essa complicação poderia ser evitada com um pouco de sorte e muita habilidade. Vou deixar crescer a barba antes de me aproximar da linda "Polly".

George levará o mistério da morte de Martie para o túmulo e terá diante de si tôda a eternidade para se arrepender. O motivo do seu assassinato será enterrado com êle no mesmo túmulo. O único perigo poderá vir de Lena; talvez eu seja obrigado a desembaraçar-me dela também. Não desejo isso, embora não tenha, presentemente, nenhuma razão para supor que a morte dela represente uma perda para êste mundo.

Estará você, meu confessor fantasma, censurando êsse meu desejo de salvar a pele? Há um mês, quando o desejo de castigar o assassino de Martie começou a penetrar em meu espírito, eu via na morte uma libertação. Mas a vontade de viver cresceu dentro de mim com a vontade de matar. Filhos gêmeos de meu espírito êsses dois desejos se tornaram inseparáveis. Minha vingança só seria completa se garantisse, praticado o crime, a minha completa impunidade... conforme George se julgou beneficiado, depois de assassinar Martie.

George! Já o considero, desde agora, um velho conhecido. Espero o nosso encontro com a impaciência voluptuosa de um enamorado. Um instinto seguro me afirma que foi êle quem matou Martie. Mas como conseguirei a prova? Como?

Pouco importa. O essencial é saber matar George com a certeza da impunidade. Para isso, terei que conservar todo o meu sangue frio e evitar complicações inúteis. Um acidente, um empurrão desastrado quando estivermos sós, numa senda escarpada ou atravessando uma rua... É nessa ordem de idéias e planos que devo me entrincheirar. Ninguém suspeitando do meu móvel, jamais surgirá a idéia de que o acidente foi provocado.

É com pesar que adoto êste partido, pois prometera a mim mesmo a satisfação de assistir à sua agonia. O miserável não merece um fim rápido. Gostaria de queimá-lo em fogo lento ou ver as formigas devorar sua carne viva; há também a estriquinina, que aprisiona o corpo de um homem num anel rígido. Ah! Como gostaria de poder atirá-lo do alto de um monte em pleno inferno!

A sra. Teague veio interromper o que eu fazia. "O senhor recomeçou a trabalhar? — perguntou. — Não sei como consegue pensar em outra coisa..." — "Sim; realmente é sorte minha que assim possa fazer" — respondi com voz suave. A pobre criatura adorava Martie. Adorava... à sua maneira. Há muito renunciou à leitura das notas sôbre a vida

de Wordsworth, que eu deixava rolar sôbre minha escrivaninha, em sua intenção, sempre cuidando de guardar sob sete chaves os manuscritos dos meus romances policiais. Tomo a mesma cautela com êste diário. Mas se êste vier a cair, algum dia, sob os olhos de um estranho, que meu leitor imprevisto não fique perturbado: trata-se do próximo romance de Felix Lane... e nada mais.

3 DE JULHO:

O general Shrivenham visitou-me. Longa e interessante discussão sôbre a poesia heróica. O velho servidor da nação possui uma inteligência superior e um espírito agilíssimo.

Anunciei ao general a minha intenção de tirar umas longas férias, a fim de fugir daquele cantinho, onde a lembrança de Martie persiste em me atormentar. Perguntou-me com a sua rude franqueza, olhando-me diretamente nos olhos:

— Você não vai fazer alguma tolice, espero?

— Tolice? — repeti estùpidamente.

Acreditei, por um instante, que êle havia lido o meu segrêdo, de tal forma a sua acusação se assemelhava a uma acusação.

— Bem... — disse êle. — Dar para beber, para procurar o convívio das mulheres, viajar sem destino... Qualquer coisa assim... São péssimos derivativos. O trabalho é o único remédio, pode crer.

Senti-me aliviado de tal forma que um impulso de afeição me levou a fazer algumas confidências, como para agradecer o velho soldado por não ter lido os meus pensamentos... Uma reação interessante, entre parênteses. Falei-lhe da carta anônima e do massacre sistemático de minhas flôres.

— Isso é sério? — exclamou o general, escandalizado. — São processos abomináveis. Não sou homem mau, conforme você sabe... Tenho horror a maltratar os animais... Cacei um pouco, é fato, quando estava na ativa, é claro; o tigre, principalmente, nas Índias. Belos animais, graciosos e soberbos; causa pena exterminá-los... Por isso, logo renunciei a êsse esporte. Mas creia que descarregaria meu fuzil, sem sombra de escrúpulo, sôbre um tipo capaz de escrever uma carta anônima. Você deu notícia dêsses lamentáveis fatos a Elder?

— Não. Ainda não.

O rosto do general se iluminou. Fêz questão de ver a carta anônima e os canteiros devastados; a seguir, fêz uma série de perguntas.

— O patife age pela manhãzinha, se não estou errado...? — perguntou êle, examinando o terreno com o olhar de um chefe.

Seus olhos encontraram, finalmente, uma macieira e então articulou estas palavras assombrosas:

— O sonho. Um excelente pôsto de observação dos mais confortáveis. Um cobertor, uma garrafa de uísque e um fuzil. A visibilidade é boa. Conte comigo para o que fôr necessário.

Pedi uma explicação. Meu interlocutor falou de bom grado. Contava passar a noite à espreita, sôbre a macieira... e descarregar seu fuzil na direção do autor da carta anônima.

— Isso é impossível! — exclamei. — O senhor pode correr o risco de matar êsse homem!

O general pareceu ofendido.

— Que pensa que sou, meu caro? — respondeu. — Não desejaria por nada

✶



— Quando eu tinha a sua idade, ficava louco de alegria quando podia usar o carro... e ainda hoje fico!

neste mundo acarretar aborrecimentos a um amigo; mas sei como devemos tratar os covardes. Um bom susto o livrará definitivamente dêsse miserável... Tudo muito fácil, eficiente e sem a intervenção da polícia, que sempre é coisa desagradável.

Tive que revelar grande firmeza, para dissuadi-lo do seu projeto. O general declarou, no instante de se retirar.

— Talvez você tenha razão. Poderia encontrar-me em presença de uma mulher, o que seria mau, pois é sempre mais arriscado ferir uma mulher, por engano... principalmente vista de perfil. Ouça, Cairnes. Se quer um conselho... trate de casar novamente. Mas desconfie das nervosas como do próprio diabo. Escolha uma companheira amorosa e séria, que cuidará de você, fingindo que nada faz. Somos todos iguais, meu amigo; precisamos de ter alguém com quem discutir, de vez em quando. Os solitários da sua espécie, imaginam que não precisam de companhia e que vivem melhor isolados. Mas, à fôrça de viver escorado nos próprios nervos, sem poder discutir com outra pessoa qualquer, acaba por agir traiçoeiramente e o indivíduo acaba falando sòzinho, discutindo consigo mesmo. Êsse é um detestável estado de espírito, que pode conduzir ao suicídio ou ao asilo de alienados. Você vale mais que isso. A consciência nos torna covardes, infelizmente. Você, é claro, nada tem contra você mesmo, pela morte do menino, eh? Claro que não teve qualquer responsabilidade... Bem! Tem que expulsar da cabeça pensamentos iguais a êste, Cairnes. O homem solitário é prêsa fácil para o demônio. Espero a sua visita qualquer dêstes dias. Nunca houve tanta framboeza como êste ano. Quase apanhei uma indigestão, ontem. Até breve.

Homem excelente, êsse general. Infelizmente a sua ilnguagem bem "militar de opereta" não modifica meu pensamento. — "Acabamos por discutir sòzinhos..." Até agora isso não aconteceu, pelo menos... Tenho outros pensamentos na cabeça e a prêsa que estou procurando é de espécie diferente dos tigres e dos autores de cartas anônimas.

5 DE JULHO:

Nova carta anônima, chegou esta manhã. Isso, realmente, já está intolerável. Não posso permitir a êsse indivíduo desviar minha atenção do seu objetivo principal. Entregar o caso aos cuidados da polícia? Para quê? Sinto que mal viesse a saber o nome do meu misterioso inimigo, logo deixaria de preocupar-me com essas alfinetadas. Vou dormir cedo, esta noite. Mas deixarei o despertador encarregado de despertar-me às quatro horas. Tem que ser muito cedo. Tomarei, logo a seguir, o expresso para Londres, onde pretendo almoçar com Holt, meu editor.

6 DE JULHO:

Nada de novo, esta manhã. Meu perseguidor anônimo não apareceu. Belo dia em Londres, onde revelei a Holt que pretendia situar meu próximo romance num estúdio e êle me forneceu uma carta de apresentação para um certo senhor Gallaghan, ligado não sei bem como à British Regal Films Inc. — a mesma companhia cinematográfica para a qual Lena Lawson prestava serviço. Holt gracejou a respeito da minha barba, que havia chegado, segundo sua expressão "à idade ingrata". Disse-lhe, de maneira assaz equívoca, que ela me serviria de disfarce. Desejando documentar-me sôbre os hábitos e técnicas de um estúdio, em minha qualidade de Felix Lane (documentação que me exigiria pròvàvelmente um certo tempo) queria evitar que Frank Cairnes fôsse reconhecido por um antigo colega de Oxford, por exemplo. Holt aceitou as explicações, com êsse ar de proprietário ligeiramente preocupado, comum a todos os editôres com relação a seus autores de maior sucesso. Um diretor de circo não olharia de maneira diferente um cavalo sábio, de gênio um tanto rebelde e disposto a tomar o freio nos dentes à primeira ocasião.

Vou dormir um pouco. Meu despertar será novamente marcado pelo despertador, às quatro da manhã. Que encontrarei nesta minha pista?

(*Continua no próximo número*)

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM AGÔSTO DE 1954

1 — DOMINGO: — Portugal resolve enviar tropas para as possessões na Índia, enquanto se anuncia a próxima invasão do Damão pelos nacionalistas indianos. — Movimento de rebelião dos cadetes da E. Militar da Guatemala, logo seguido de acôrdo com o govêrno do cel. Castillo Armas. — Ameaça de invasão de Formosa pelas fôrças da China Comunista.

2 — SEGUNDA-FEIRA: — Novos reforços portuguêses seguem para Goa, para enfrentar os voluntários indianos. — Completo acôrdo na Guatemala — Os Estados Unidos revelam que defenderão Formosa contra qualquer ataque comunista. — Elevada a embaixada a Missão Diplomática do Brasil no Líbano. — Afundada uma canhoneira comunista diante da ilha de Tachen, após um combate que durou uma hora contra navios de guerra da China Nacionalista.

3 — TÊRÇA-FEIRA: — A África do Sul preocupada com a política nacionalista da Índia. — No Paquistão são feitas manifestações de simpatia a Portugal. — Novamente agitado o Marrocos francês, com desordens e provocações promovidas por multidões árabes. — Descoberta e abafada conspiração revolucionária na Colômbia. — Designada delegação do Brasil ao IV Congresso Internacional de Direito Comparado. — Removido para a Legação do Brasil junto à Santa Sé, o diplomata Décio Honorato de Mouro. — Removido para a Legação do Brasil na Tcheco-Eslováquia o diplomata Fernando Nilo Alvarenga.

4 — QUARTA-FEIRA: — Sufocado novo movimento militar na Guatemala, promovido por figuras do antigo regime. — A Rússia propõe às nações ocidentais uma conferência dos "Quatro" para tratar de "um plano russo de segurança européia". — Ensenhower anuncia ao mundo que a energia atômica não é propriedade das grandes potências e que muito breve tôdas as nações dela se beneficiarão.

5 — QUINTA-FEIRA: — Os ocidentais "estudam sem grande fé" as novas propostas russas. — Revela-se que chegaram a bom têrmo as negociações anglo-iranianas para solução do petróleo do último país. — Novos e sangrentos choques entre árabes e franceses, no Marrocos. — Parte de Silvassa novamente em poder das fôrças portuguêsas, que

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

LABORATORIOS VINDOBONA

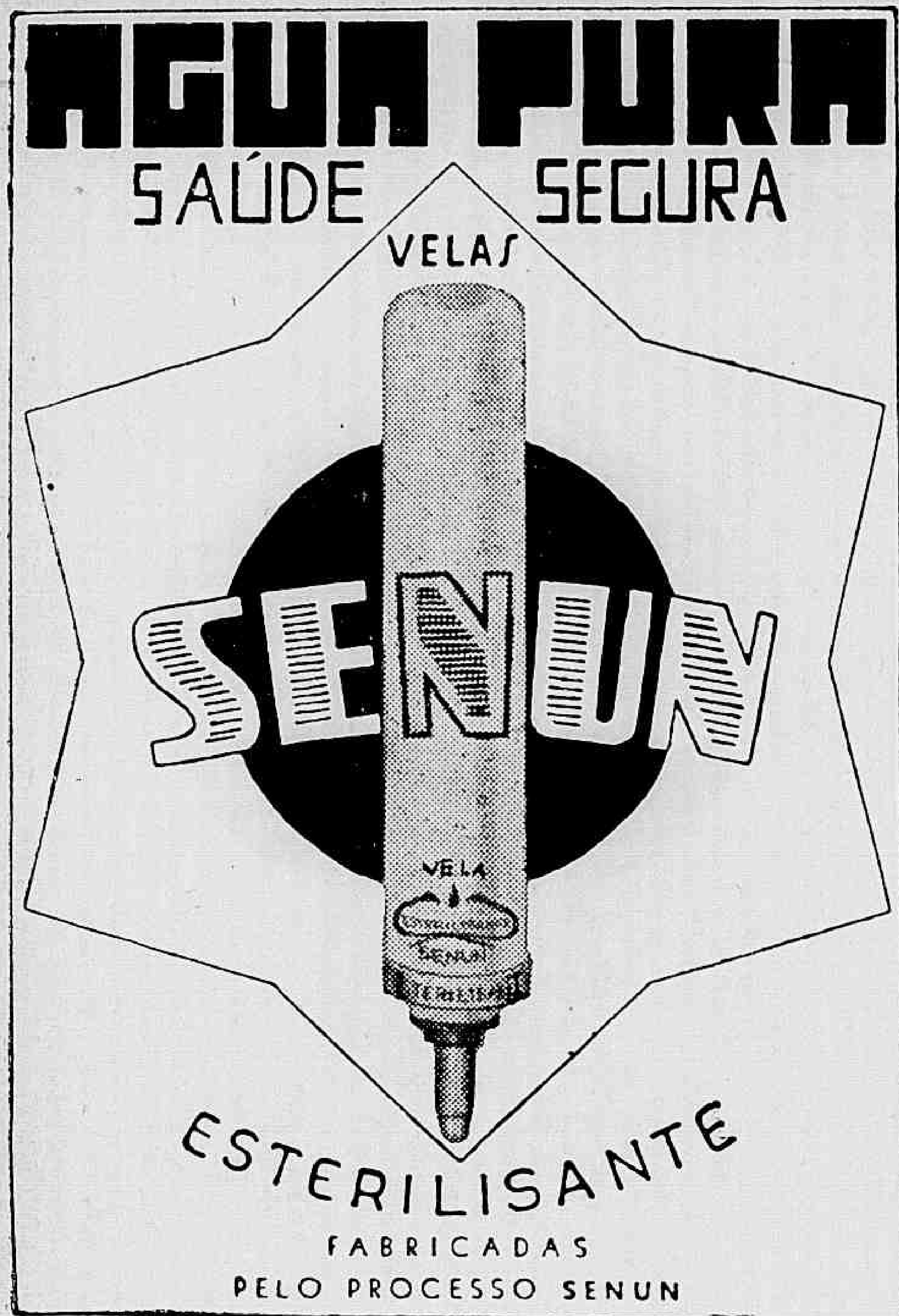
Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....



iniciam operações de "limpeza" em suas possessões invadidas pelos voluntários indianos. — Atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, resulta na morte do major aviador da FAB Rubem Vaz, nesta capital, o que provoca grande agitação político-policial-militar.

6 — SEXTA-FEIRA: — A Inglaterra "recomenda" ao govêrno indiano que procure uma solução amistosa no seu desentendimento com Portugal, relativamente às possessões lusitanas naquela península. — Trava-se na Assembléia francesa a batalha pela aprovação do Pacto de Defesa da Europa. — A Rússia aceita o oferecimento dos Estados Unidos para socorrer as populações da zona da "cortina-de-ferro" assoladas pelas inundações do Danúbio. — Falece Emilie Dionne, uma das famosas quíntuplas canadenses. — Nomeado, interinamente, superintendente da Moeda e do Crédito o sr. Nísio de Feltran.

7 — SÁBADO: — Pede o govêrno indiano que o Brasil interceda junto de Portugal, no sentido de "acatar os desejos do povo indiano". — Washington denuncia a infiltração comunista na Guatemala. — Formado novo gabinete tunisiano com aprovação do Bey. — Periga a posição da França no consêrto das nações européias, com a ameaça de não assinatura do Pacto de Defesa. — Falece, nesta capital, o professor Antônio Austregésilo Filho.

8 — DOMINGO: — Extremamente perigosa a posição das possessões portuguêsas na Índia. — No Vietnam, grande massa popular ataca um pôsto francês resultando do incidente 40 mortos. — Cai nos Açores avião comercial colombiano, causando a morte de 30 pessoas. — Estranha luz persegue um avião comercial brasileiro, desde o Paraná até São Paulo, forçando o aparelho a descer em campo de emergência.

9 — SEGUNDA-FEIRA: — Voluntários nacionalistas indianos iniciam a marcha de libertação contra Goa, onde pretendem penetrar no próximo dia 15. — O Vietnam está pleiteando a revogação do acôrdo de armistício celebrado na Coréia. — Assinado entre a Iugoslávia, Grécia e Turquia, um pacto de defesa dos Balkans. — Homenageado no Senado D. Carlo Chiarlo, Núncio Apostólico. — Nomeado chefe de Polícia do Departamento Federal de Segurança Pública o coronel Paulo Francisco Tôrres.

10 — TERÇA-FEIRA: — O govêrno indiano aceita a proposta portuguêsa para a criação de uma comissão neutra para investigar a situação nas possessões lusitanas na Índia. — Washington anuncia sua intenção de internacionalizar o uso da energia atômica, sem a participação da Rússia. — O govêrno peruano sufoca um movimento sedicioso, sendo presos vários oficiais generais. — Reduzido em 10 por cento o consumo de café nos Estados Unidos. — Nomeado o brigadeiro Américo Leal subinspetor do E.M. de Aeronáutica.

11 — QUARTA-FEIRA: — O govêrno peruano anuncia que domina a situação em todo o país. — O general Mac Clark, ex-supremo comandante das fôrças aliadas na Itália e na Coréia, declara que a ONU não tem contribuído para a solução dos problemas mundiais, que esta Organi

zação está cheia de espiões comunistas e acaba exigindo que os Estados Unidos rompam relações diplomáticas com a Rússia e seus satélites. — Referendado o novo estatuto constitucional da Guatemala..

12 — QUINTA-FEIRA: — As fôrças portuguêsas organizam três linhas de defesa, aguardando a anunciada invasão dos voluntários indianos dos territórios de Goa e Damão. — Por unanimidade, o Senado norte-americano coloca o Partido Comunista fora da lei. Acesos debates na Assembléia Francesa com relação ao Tratado de Defesa da Europa põem em perigo o gabinete chefiado pelo sr. Mendes-France. — Novos e sangrentos distúrbios em Rabat entre nacionalistas árabes e autoridades simpatizantes da França.







13 — SEXTA-FEIRA: — Portugal dirige novo apêlo à Índia para que desista de seus intentos contra as possessões lusitanas, pois está disposto a defendê-las por todos os meios. — Como consequência da atual crise política francesa, renunciam três ministros do gabinete Mendes-France. — O imperador Bai Dai, do Vietnam do sul, resolve residir definitivamente no seu país, renunciando a sua vida de "rei" na Riviera Francesa, para "evitar que seu país seja dividido pela guerra civil". — O papa Pio XII cria nova diocese no Brasil, a de Sto. André, destacada do território que compõe atualmente a Arquidiocese de S. Paulo. Para seu primeiro bispo é nomeado D. Marcos de Oliveira, bispo titular de Bagi.

14 — SÁBADO: — Na véspera da invasão anunciada pelos voluntários indianos, o povo português enche as igrejas, orando pelos seus soldados encarregados da defesa das possessões na Índia. — Mendes-France procura salvar, com "emendas" de última hora a aprovação do Tratado de Defesa da Europa, que submeterá à Assembléia Geral. — Falece em Berlim, o dr. Hugo Eckener, pioneiro dos grandes dirigíveis de transporte e ex-comandante do "Graf Zeppelin", que



16 — SEGUNDA-FEIRA: — Fracassa "invasão" dos voluntários indianos das possessões portuguêsas, sendo efetuadas centenas de prisões entre os desarmados invasores. — Sem reconhecimento legal os sindicatos comunistas nos Estados Unidos. — O presidente Perón regressa a Buenos Aires, após rápida visita oficial ao Paraguai. — Os Estados Unidos reconhecem o novo govêrno guatemalteco e prometem ajuda financeira ao mesmo.

17 — TERÇA-FEIRA: — Prossegue a reação anticomunista do govêrno norte-americano com decretos instituindo prisão e multa para os adeptos dessa ideologia política. — A polícia inglêsa prende quatro homens armados de revólveres e granadas de mão, algumas horas antes da chegada da rainha Elizabeth à Irlanda, para o lançamento do transatlântico "Southern Cross". — Nomeado novo subsecretário de Estado norte-americano o general Bedell Smith. — Novas ameaças comunistas contra Formosa levam o presidente Eisenhower a ordenar à esquadra que se prepare para defender êsse último reduto dos nacionalistas chineses. — Chega a esta capital o sr. Salvatore Robecchini, prefeito de Roma.

18 — QUARTA-FEIRA: — O govêrno indiano promete a Portugal conservar êsse território na posição especial quanto ao domínio cultural e religioso, caso venha a ser incorporado à Índia. — Volta

por muitos anos fêz a linha Alemanha América do Sul, com ponto terminal no Rio de Janeiro e, em 1929, deu a volta ao mundo. — Designada a embaixada que representará o Brasil na posse do novo presidente do Paraguai. Regressa a Roma D. Carlo Chiarlo, Núncio Apostólico.

15 — DOMINGO: — Fôrças portuguêsas reconquistam a aldeia de Tiracol, na fronteira setentrional de Goa. — A França procura agora modificar os têrmos do Tratado de Defesa da Europa, com enérgico protesto das demais nações signatárias. — O Brasil diminui suas restrições à conversão de divisas, provocando grande baixa nas cotações do café e do cacau a têrmo nas Bôlsas.

a baixar o preço do café brasileiro nos Estados Unidos. — Efetuada por navios de guerra norte-americanos a evacuação das tropas francesas da Indochina, segundo os têrmos do armistício. — O Senado norte-americano se manifesta contrário à evacuação das fôrças dos Estados Unidos da Coréia do Sul. — Nomeado ministro da Aeronáutica o brigadeiro Epaminondas dos Santos.

19 — QUINTA-FEIRA: — Entram na fase das discussões diplomáticas, as desinteligências luso-indianas. — Canhões postados na costa da China Comunista, bombardeam prolongadamente as posições nacionalistas de Formosa. — Três mil agitadores nacionalistas presos no Marrocos, como implicados nos últimos acontecimentos terroristas. — Novas baixas de 200 pontos para os Contratos Santos, esperando-se que ainda desça mais a cotação do café em New York. — Instalada nesta capital a Conferência Hemisférica de Seguros.

20 — SEXTA-FEIRA: — Continua, na Indochina, a troca de prisioneiros franceses e vietnamitas. — O govêrno indiano lamenta que o govêrno português tenha recorrido à violência contra os seus "voluntários" pacíficos e desarmados, principalmente no momento em que se iniciavam entendimentos diplomáticos entre os dois governos. — Falece em Roma o sr. Alcide de Gasperi, ex-premier italiano e grande líder democrático. — Continua, nesta capital, grande efervescência político-policial-militar, relativamente ao atentado contra o jornalista Carlos Lacerda e morte do major da FAB Rubem Vaz.

21 — SÁBADO: — Os Estados Unidos e Inglaterra dispostos a intervir para forçar a França a assinar o Tratado de Defesa da Europa, sem o que a França ficaria em posição de inferioridade perante sua vizinha, a Alemanha. — Sem solução o impasse luso-indiano. — Segundo a imprensa de New York. — O Sumo Pontífice pede aos bispos de todo o mundo que censurem as modas indecentes. A circular papal diz que "uma saudável reforma no modo de vestir cristão era necessária neste bendito e sagrado período de Ano Mariano".

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

22 — DOMINGO: — Realizados os funerais de De Gasperi, em Trento. — Um quadrimotor da KLM, viajando de New York para Amsterdão, com 25 pessoas, cai no Mar do Norte, em meio a forte tempestade, 19 minutos apenas antes da hora marcada para a sua aterrissagem. — Continuam as trocas de notas de protesto entre Portugal e Índia. — Sem maior consequência, nova tentativa de revolução na Guatemala, onde o govêrno domina a situação. — Grave a situação política brasileira reunindo-se os chefes militares.

23 — SEGUNDA-FEIRA: — As nações signatárias do Tratado de Defesa da Europa, admitem ser difícil chegar a um acôrdo, devido principalmente à atitude da França, recusando-se a assinar o texto segundo sua atual redação. — Sem solução a crise do café brasileiro na Bôlsa de New York, onde continuam as quedas assustadoras dos preços. Tôda Itália rendeu a última homenagem ao antigo premier Alcide de Gasperi, ontem sepultado.

24 — TÊRÇA-FEIRA: — Pratica o

suicídio, no palácio do Catete, o senhor Getúlio Vargas, presidente da República, após longa conferência com seus ministros, com os quais tentou enfrentar as exigências dos chefes militares das três armas, que o convidavam a licenciar-se do alto pôsto, dada a situação gravíssima que atravessava o país em consequência dos últimos acontecimentos político-policial-militares. Sua Excelência desfechou um tiro de revólver contra o próprio peito, deixando uma carta em que expunha as razões dêsse seu ato. A notícia provoca geral consternação no país e no estrangeiro e manifestações violentas, nas ruas, a custo dominadas pelas fôrças armadas. Com êsse infausto desfecho da grande crise que o Brasil atravessava sobe ao poder o vice-presidente, sr. João Café Filho, havendo segurança e ordem em todo o país. — Os Estados Unidos ainda esperam que a França assine o Tratado de Defesa da Europa. — A crise política brasileira motivou novas liquidações na Bôlsa de Café, que começava a se refazer dos abalos por que vinha passando. — O senador Alone Zelia é eleito presidente do Partido Democrata Cristão pelo conselho nacional dêsse partido, em substituição ao sr. Alcide De Gasperi. — Eisenhower assina o dispositivo legislativo que declara fora da lei o Partido Comunista dos Estados Unidos. — Assinado decreto pelo novo presidente, sr. Café Filho, nomeando o brigadeiro Eduardo Gomes, ministro da Aeronáutica, e ministro da Justiça o desembargador Miguel Seabra Fagundes.

25 — QUARTA-FEIRA: — O sr. Pierre Mendes-France enfrenta uma última vez a Assembléia Nacional com a finalidade de procurar obter a assinatura do Tratado do Exército Europeu. — O premier indiano discursa perante colossal multidão, reafirmando o desejo da Índia de conseguir a libertação de todo o seu território do domínio estrangeiro. — Não apenas o café, mas também o cacau continua baixando na Bôlsa de New York. — Nomeado o ministro das Relações Exteriores, o embaixador Raul Fernandes; da Guerra, o general Henrique Batista Teixeira Lott. — Trasladados em avião para São Borja, no Rio Grande do Sul, os despojos do sr. Getúlio Vargas, tendo grande multidão prestado ao ex-presidente da República sentidas homenagens.

26 — QUINTA-FEIRA: — Começa a retomar equilíbrio o café brasileiro na Bôlsa de New York, onde cessaram as baixas, iniciando-se ativa procura do produto. — A Inglaterra deixa transparecer que há um acôrdo secreto entre os governos de Bonn (Alemanha Ocidental) e Washington, visando melhoria para a permissão da Alemanha se reamar. — Nomeado o sr. Eugênio Gudin, ministro da Fazenda e, para a pasta da Marinha o sr. almirante Edmundo Amorim do Vale. Para a chefia da Casa Civil da Presidência é nomeado o sr. José Monteiro de Castro. — Para chefe do Cerimonial da Presidência da República é nomeado o sr. José Jobim. — Para a pasta do Trabalho é nomeado e empossado o sr. Napoleão Alencastro Guimarães.

27 — SEXTA-FEIRA: — Sem solução a crise francesa relativamente ao Tratado de Defesa da Europa. — Da mesma forma continua inalterada a posição luso-indiana relativamente às possessões portuguêsas na Índia. — A Inglaterra anuncia que sua posição é de "simples observadora" na questão da libertação de Formosa, exigida pelos representantes da China Comunista. — Poderosa esquadra russa é avistada na costa da Noruega, dirigindo-se para o sudoeste. — Nomeado chefe de Polícia o coronel Geraldo de Menezes Côrtes e para a presidência do I.P.A.S.E., é nomeado o sr. prof. Raimundo de Brito. — Assume a pasta da Viação o eng. Lucas Lopes.

28 — SÁBADO: — Novas denúncias do govêrno norte-americano contra infiltrações comunistas no novo govêrno da Guatemala. — O govêrno português continua enviando tropas de refôrço para as suas possessões na Índia. — Gigantesco bombardeiro B-36, da Fôrça Aérea Norte-Americana bate numa colina, despedaçando-se, na área de Eilsworth, morrendo 24 pessoas e ferindo-se 3. — Dois milhões de dólares são enviados por

Washington para socorro das populações da zona russa da Áustria, assoladas pelas inundações do Danúbio.

29 — DOMINGO: — Eisenhower declara que os Estados Unidos continuarão a prestar seu apoio à ONU, embora com frequência certos membros dessa organização internacional desapontem o seu país, que nêles depositara tantas esperanças em prol da verdadeira paz e do equilíbrio entre as nações. — Periga a participação da França no Tratado de Defesa da Europa. Instalada em São Paulo, a IV Jornada Franco-Latina-Americana de Direito Comparado.

30 — SEGUNDA-FEIRA: — A Assembléia Nacional Francesa nega aprovação ao Tratado do Exército de Defesa da Europa. — O primeiro ministro do Egito declara que os árabes são contrários a um Pacto de Defesa do Oriente-Médio. — Nomeado consultor geral da República o dr. Antônio Gonçalves de Oliveira. — Nomeado chefe do E. M. da Aeronáutica o brigadeiro Gervásio Duncan de Lima Rodrigues. — Nomeado diretor do Hospital dos Servidores do Estado o sr. dr. Aluízio de Sales Fonseca. — Helicóptero do exército norte-americano estabelece novo recorde de velocidade para êsse tipo de avião, alcançando 250 quilômetros num circuito de três quilômetros, em Windsor Lock, Connecticut. — Nova onda de terrorismo sobressalta as autoridades de Cuba.

31 — TÊRÇA-FEIRA: — O sr. Mendes-France confessa que a não ratificação do Tratado da Comunidade Européia de Defesa pela Assembléia Nacional Francesa foi uma "decisão infeliz, mas não uma tragédia". — O fracasso da Comunidade Européia foi doloroso para os ocidentais, mas festejado com entusiasmo por trás da Cortina de Ferro. — Asilado na embaixada argentina o líder comunista da Guatemala, Victor Manuel Gutierrez. — Violentas tempestades varrem o sul dos Estados Unidos. — Chega a esta capital o cardeal D. Adeodato Giovanni Piazza, Legado Pontifício ao Congresso da Padroeira do Brasil.

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS
★ FOLHETOS
★ PROSPECTOS
★ BULAS
★ RÓTULOS
★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«Entre as heranças de Portugal advieram ao Brasil, lá no Brasil se avigoram, e hão-de resolver-se e reflorir, há uma de significação incomparável: é a língua em que falamos.» — OTÁVIO MANGABEIRA

NOTAS DO MEU FICHÁRIO

I — MUNDO

Mundo deriva do latim *mundu* (ordem no universo, universo, asseio, limpeza). Graças a processo de evolução semântica, *mundo* pode significar, hoje, o globo terráqueo e, também, limpo.

"A palavra latina *mundus* é, no sentido literal, lavado, polido, asseado, ordenado; daqui ornado, e dêste conceito brota o significado de "criado", onde tudo é *ordem e beleza*. Daqui a palavra portuguêsa tanto no seu valor de adjetivo (no canto X, est. 85, Camões disse *mundas almas*, i. é., puras, limpas) como no de nome." (Mário Barreto).

De *mundo* temos *imundo, imundicie,* etc.

II — SE O

Não se deve empregar a partícula *se* com as formas oblíquas *o, a, os, as*.

"... para melhor esclarecimento da verdade, passo a responder ao seu quesito, declarando que não subscrevo absolutamente os exemplos do uso da partícula — *se* — com as formas pronominais — *o*—, — *a* —, — *os* —, — *as* —, que me atribuem, na Rev. de Ling. Port., fascículo dêste mês, pág. 129." (Rui Barbosa.)

Diga-se, conforme os clássicos:

"Venha êsse pão e ponha-se na balança das boas obras" — Manuel Bernardes.

E não: ponha-*se-os*.

"A primícia literária de Bordalo foi um romance marítimo. Lê-se de um fôlego." (B. Pato.)

E não: lê-*se-o*.

III — ORAÇÕES ENTRELAÇADAS

Orações entrelaçadas são aquelas cujos têrmos se interpenetram.

Quando dizemos — *mandei-o sair* — temos:

1ª oração — mandei (principal).

2ª oração — o sair = que êle saísse (reduzida, infinitiva, substantiva, objetiva direta).

Na forma negativa: *não o mandei sair*, verificamos a interpretação: o *o*, sujeito de *sair*, aparece proclítico, na oração principal.

Eis a divisão:

Não | o | *mandei* | sair

1ª oração: não mandei.

2ª oração: o sair.

IV — SE = PORQUE

Nos clássicos, depara-se-nos o *se* com valor de conjunção causal.

É o que vemos no seguinte passo d'Os Lusíadas:

E se a morte sabes dar com fogo e ferro
Sabe também dar vida com clemência
A quem para perdê-la não fêz êrro.

Note-se que o *sabe*, da oração principal, é imperativo.

Separando as orações, teremos:

1ª oração: E sabe também dar vida com clemência àquele (*a quem = àquele que*) — principal.

2ª oração: se (= porque) a morte sabes dar com fogo e ferro (adverbial causal).

3ª oração: que não fêz êrro — adjetiva atributiva.

4ª oração: para perdê-la — reduzida, infinitiva, adverbial, final.

CORRESPONDÊNCIA

M. A. (Nesta) — Nova carta dessa gentil leitora, através de cujo estilo encontramos espírito inteligente e perspicaz, leva-nos aos domínios dos verbos.

Respondemos:

a) de acôrdo com o Voc. Ort. da Ac. Bras. de Letras, temos *magoar*, de mágoa. Pres. do ind.: *magôo, magoas,* etc.; pres. do sub.: *magoe, magoes,* etc.

b) ainda de acôrdo com o citado Voc. Ort., temos *mobiliar*, com *li*. Pres. do Inc. *mobílio, mobílias,* etc; pres. do subj.: *mobílies,* etc.

JOSÉ RICARDO NETO

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

DR. LAVRUDINHO
SECRETÁRIO

ANO XXXVIII — N.º 19 — OUTUBRO — 1954
DICIONÁRIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABICOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFÍCIES

4.º TORNEIO

OUTUBRO-DEZEMBRO

ENIGMAS

— 1 —

Se lhe apetece o início
Para final atenção!
Não será *de boa aparência*
Se não der com a solução —

Olin (P.S.)

— 2 —

O todo que anda com as notas,
Disse-me um tanto garboso:
— Não sou nenhum borrabotas
E o meu nome é *famoso*.

R.A.C.H.A. (Rio)

— 3 —

Ao extraordinário Gil virio, com um abraço.

Do devedor a obrigação,
Após o tempo decorrido,
Quase que vai à prescrição.
Só o advogado, dêsse olvido,
Com elegância e precisão
(E' o devedor pobre e peralta)
Salva o total. E a gratidão
Do bom credor não fica em *falta*.

S. Paulo *R. Kurban* (T.B.)

— 4 —

Chegou o gato assanhado
E o rato deve raspar,
Pois seria *muito* ousado
Em luta com êle entrar.
Onde?

Roama (Guapiaçu)

— 5 —

Ao Ton-New, o dono da bomba de hidrogênio.

Aí no estábulo, encontrei
Uma "poule" premiada
Nas corridas da semana
Com uma boa acumulada.

Como o dono não avistei,
Botei logo a mão na grana
E com o dinheiro comprei,
Um *automóvel* bacana.

Uedath. (Niterói)

Automóvel velho, de modêlo antiquado.

CHARADAS SINCOPADAS

6 — Três (duas) — Nem todo *tratador* de cavalos tem *propensão* para jóquei.

Bereco G.C.N. (Recife)

7 — Três (duas) — Para adquirir um *guarda-vassouras* não será preciso *dispor* de muito dinheiro.

Cysneirense Jr. (Muriaé)

8 — Três (duas) — A *excelência* da democracia é ser um regime *livre*.

Dr. Legnar (Urupes)

9 — Três (duas) — Que rapaz *sadio!* não parece ser meu *irmão*.

Donatila Borba (Criciuma)

10 — Três (duas) — *Descida de rio, em pesca de canoa,* não se faz com grande *agrupamento de pessoas*.

Jásbar — T.E.M. (B. Horizonte)

11 — Três (duas) — Aquela *indolente* anda dizendo *tolice* a meu respeito.

Emidlej — ACCB — DSP (Pôrto Alegre)

12 — Três (duas) — Nesse ramo de *atividade* minha ignorância é tão grande *que causa dó*.

Ecebê (Maceió)

13 — Três (duas) — O manejo de certa *serra especial para pedra* exige *habilidade*.

Gomes Júnior (Maceió)



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.



DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

14 — Três (duas) — Dêste *lugar alto* e *pedregoso*, é claro que *qualquer* indivíduo pode cair.

Gil Virio (Andradina)

---

15 — Três (duas) — O malandro recebeu uma *bofetada* por querer tomar parte no *banquete*.

Heron Silpes (Canavieiras)

---

16 — Três (duas) — *Acato* sempre os conselhos de um amigo *verdadeiro*.

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

---

17 — Três (duas) *Enfeitiço* o teu dinheiro em notas de *mil réis*.

Iris (T. Otoni — Minas)

---

18 — Três (duas) — Com pessoa *traquina* é necessário ter *cuidado*.

Jobair Soares

---

19 — Três (duas) — Grandes *soluções* resultam de grandes *resoluções escritas*.

Jovaniro (Rio)

---

20 — Três (duas) — Pessoa *avara* recebe com a mão direita e gasta com a *mão esquerda*.

Jofralo — da T.E. (Lisboa)

---

21 — Três (duas) — A *condecoração* só tem valimento quando a sua história é *real*.

Manduca — A.C.C.B. (Salvador)

---

22 — Três (duas) — Homem *raquitico* não tem *disposição* para nada.

Olin P.S.

LOGOGRIFOS

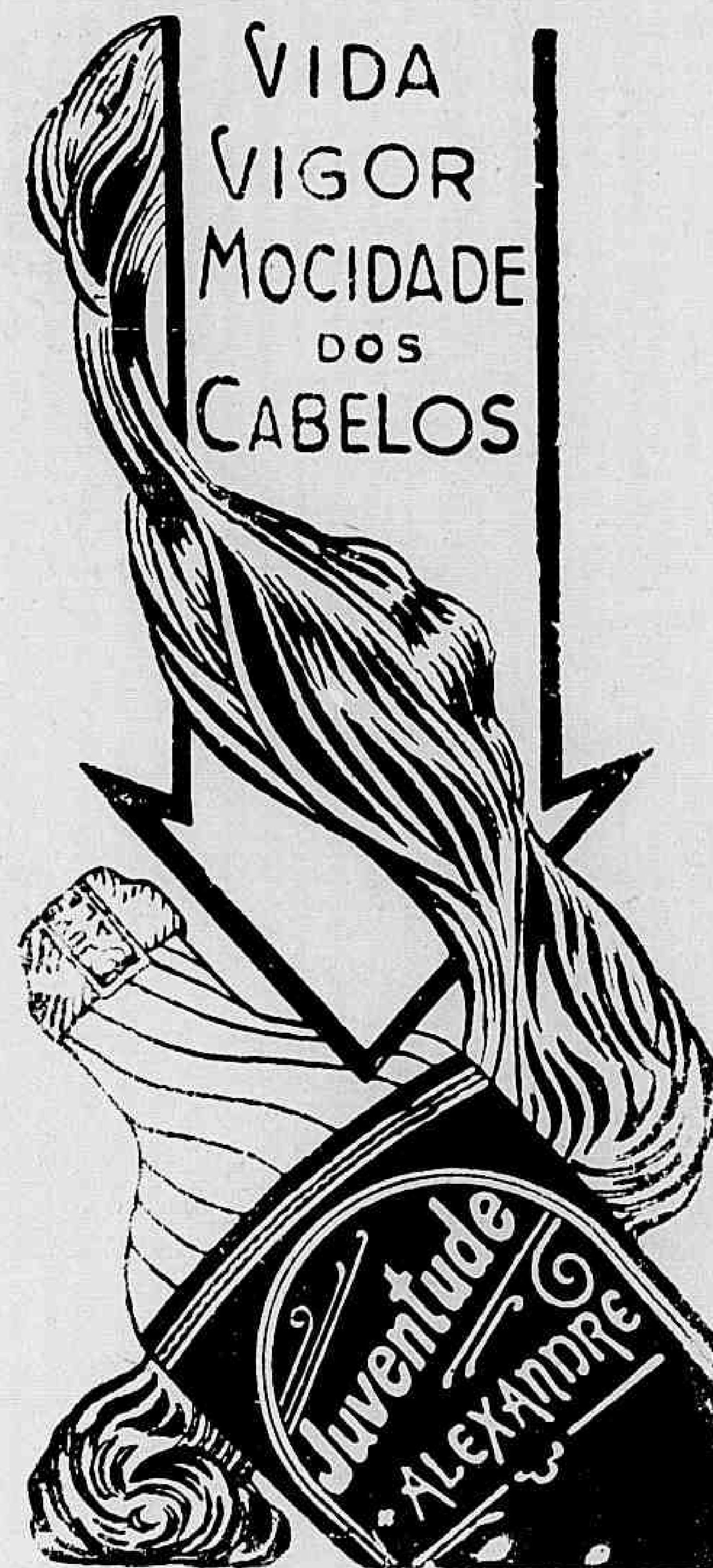
Um marido *dedicado*
— 10-9-8-1-5-2
Só estando *embriagado*
— 5-6-8-4-1-10-9-2
Quer surrar sua *"mulher"*;
— 3-10-8-6
Tal *"afronta" é perigosa*,
— 1-2-3-5-6-10-4-5-10
Pois a *velha é valorosa*
7-4-10-9-10
E *disposta* quando quer.

Bereco — G.S.N. (Recife)

Ao Dr. Lavrud.

Graças *senhor* dr. Lavrud
— 6-2-3-2
Estou *feliz* no momento
— 8-5-1-9
Não sei *afinal* expressar
— 9-5-3-6-9
O meu reconhecimento.



JUVENTUDE
ALEXANDRE


Descobrir tôda charada
— 6-5-10-5-4-9-8
Sublime, compensador
— 7-12-11-10-9-6-2
Salve, pois, "Quebra Cabeças",
E o *notável* diretor.

Donatila Borba — (Criciuma Santa Catarina).

CHARADAS NOVÍSSIMAS

25 — Duas — três — Não *minto* quando afirmo que o quarto *desocupado* que conheço é o do *menino louro*.

Bereco — G.C.N. (Recife)

---

26 — Duas — três — Observei que esta *mulher* teve uma *tontura* após o forte *espirro*.

Cysneirense (Muriaé)

---

27 — Duas — uma — Não tenho *dinheiro* e entretanto não sou *inimigo* da pessoa *rica*.

Dr. Zinho (S. Paulo)

---

28 — Duas — duas — Está *reconhecido* que o patrão é um bom *guarda*.

Donatila Borba (Criciuma)

---

29 — Duas — duas — Os homens encontram *centena* de *impedimentos* para não desposarem *mulheres horrendas*.

Jásbar — T.E.M. (B. Horizonte)

---

30 — Duas — duas — O feitor *indicou* o lugar onde devia se *escavar* para *semear* as sementes de tomate.

Emidlej — A.C.C.B. — D.S.P. (Pôrto Alegre).

---

31 — Uma — uma — *Um dia basta* para o meu *descanso*.

Farani — A.C.C.B. (Salvador)

---

32 — Uma — três — *Desde* que tomei *remédio* para tristeza foi grande o *desconchavo* na minha vida.

Fiole (Cuiabá)

---

33 — Duas — uma — *Aversão* ao *casamento* é coisa de *bôbo*.

Gomes Júnior (Maceió)

---

34 — Duas — três — O *estado de certos assuntos*, para o sujeito *invejoso*, serve apenas de motivo para comentário *faceto*.

Florentino (João Pessoa)

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDEREÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

35 — Duas — uma — *Pessoa que fala muito faz* sempre muito *barulho.*

Laranjense

———

36 — Quatro — uma — três — *Conforme às ordens legais* foi dito que se *considere esquecido* o processo contra o *assassino frio* e cruel..

Malba Tantan (Santos)

———

37 — Duas — duas — A minha vizinha *moça vistosa e garrida*, me deixou *pronto*, pois sòmente queria viajar no meu *pequeno automóvel.*

Mavicaro

———

38 — Duas — duas — Êle *suspeita* que me *agrada*, mas detesto o individuo *bajulador.*

Nomisio Nuno (Feira de Santana)

———

CHARADA ANTIGA

Se de *vinho* um garrafão — 2
Ingere, cheio de *ardor*, — 2
O *individuo valentão*
Afronta seja quem fôr.

J.D. Mingo (Senhor do Bonfim)

———

CHARADAS CASAIS

40 — Três — Êle levanta uma *parte da capa para esconder o rosto;* ela *dissimula* veladamente o rubor da face.

Cysneirense (Muriaé)

41 — Cinco — Êle *fraco* de espírito; ela *pobre* de caráter.

Cydar

———

42 — Duas — Não estranhe se *assobio.* Pois não tive educação, sendo moleque vadio, vivo na *vadiação.*

Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

———

43 — Três — Eu *recorto* o vestido e depois prego a *espiguilha.*

Dr. Legnar (Urupes)

———

44 — Três — Depois daquela *proeza*, o atleta caiu *desfalecido.*

Edur G. Monteiro (Cuiabá)

———

45 — Três — Vence qualquer *obstáculo* quem tem *gôsto* para o trabalho.

F. rani — A.C.C.B. (Salvador)

———

46 — Três — com o abalo êle ficou *da côr do chumbo* e ela *extremamente pálida.*

Fiote (Cuiabá)

———

47 — Três — Antigamente o *castigo* dos perversos era *atirá-los* com vida ao *principicio.*

Gil Virio (Andradina)

———

Ao grande Conselheiro pelo belo "Trafego".

———

48 — Três — O homem que se *aprimora* nas letras, sabe bem exprimir-se com *elegância de frase.*

Heron Silpes (Canavieiras)

———

49 — Quatro — A *alcoviteira* só usa roupa *da côr azul celeste.*

Marcimento (S. Paulo)

50 — Duas — O *guisado de galinha com quiabos* foi devorado de uma só vez pelo *sujeito espertalhão.*

Mambira da Jiquilaia (Salvador)

———

51 — Três — *Critica severa,* mas injusta fazia o ceguinho ao seu *guia.*

Ismenia (Recife)

———

52 — Quatro — A menina ficou *voltada* para a *matuta* e esqueceu o recreio.

Oarcim

———

53 — Três — Com frequência a *dança* torna-se uma *diversão exaustiva* e perigosa.

Roama (Guapiaçu)

———

54 — Duas — *Troveja*, é o nome exato daquela *ária musical.*

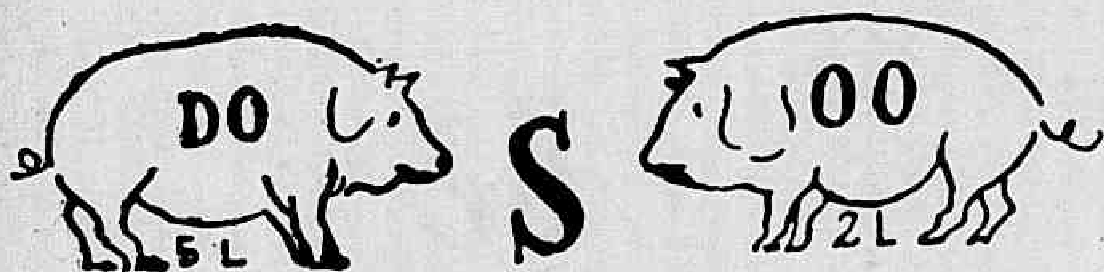
P. Del Debbio (S. Paulo)

Alívio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

ENIGMA FIGURADO — 55

(Póstumo)

(Ao Dr. Lavrud pelo seu restabelecimento).



Dábliú (Rio)

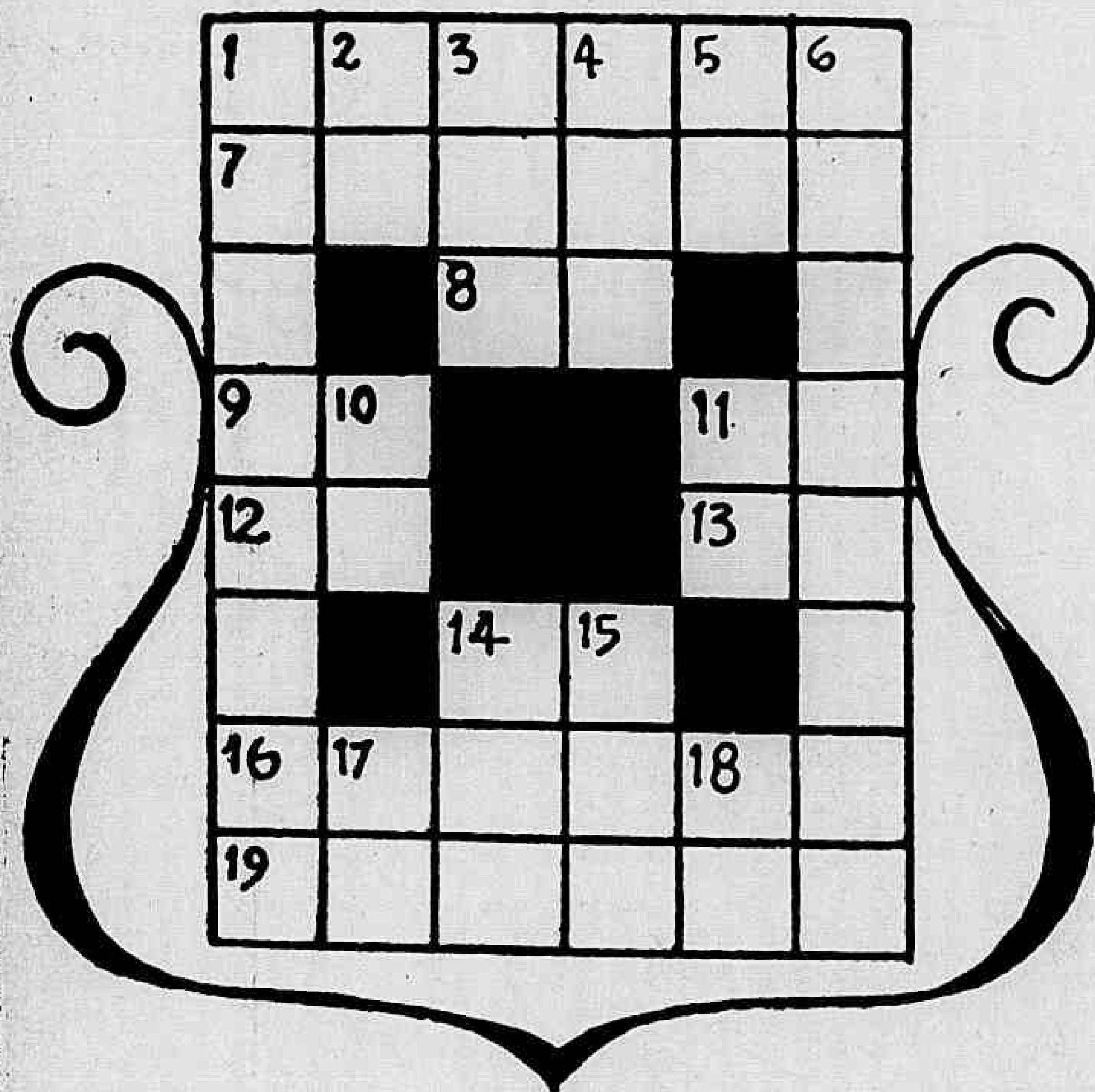
ENIGMA FIGURADO — 56



Oarcim (Rio)

PROBLEMA Nº 6

À Negra do Baú

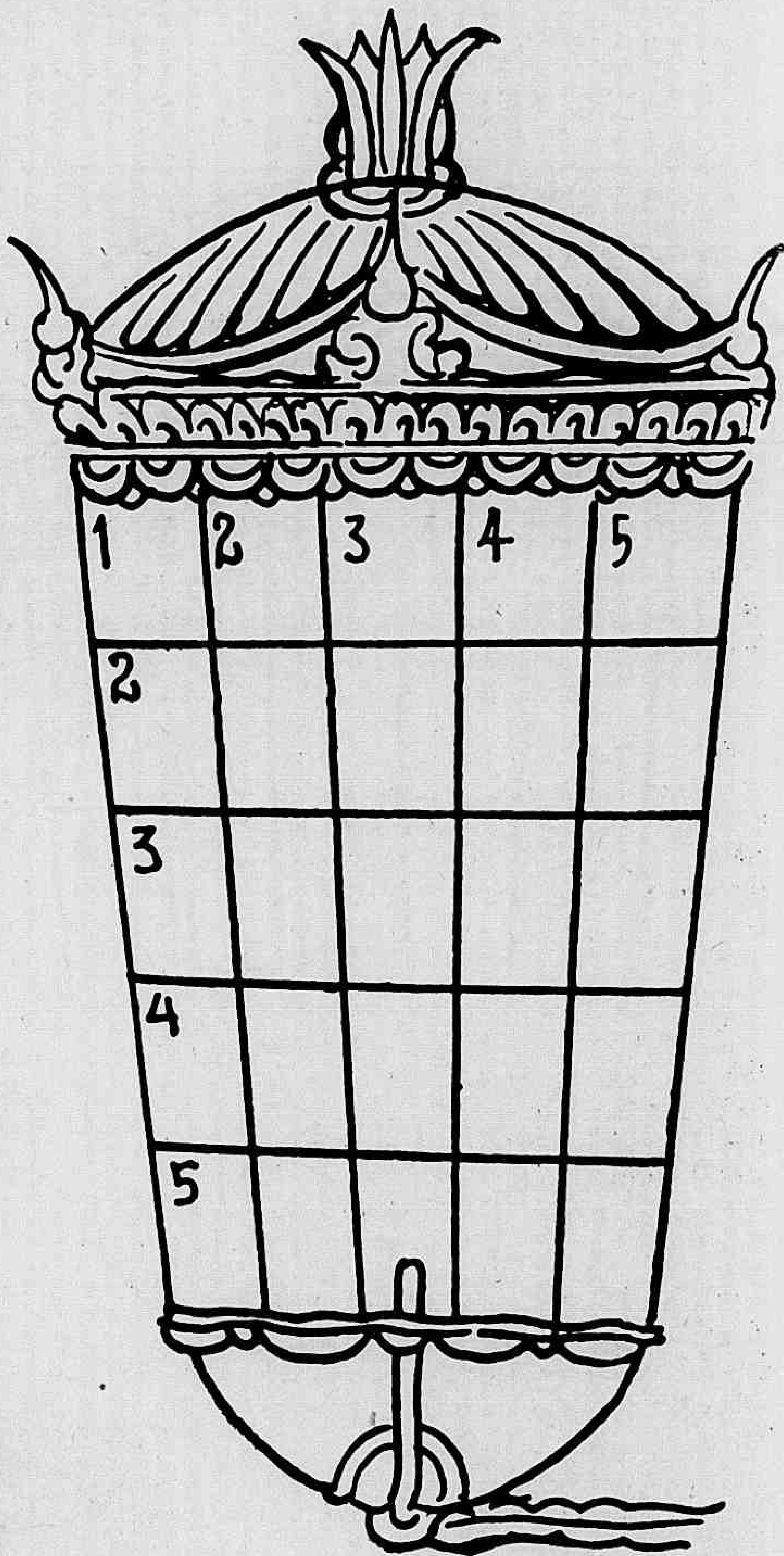


K.T.Q.Z. (S. Paulo)

HORIZONTAIS — 1 — De bronze; 7 — Risonho; 8 — Pron. antigo, o mesmo que eu; 9 — Igreja; 11 — Farinha; 12 — Bispei; 13 — Pron. antigo; ele; 14 — Sufixo feminino da terminação ão; 16 — Professor e reitor da Universidade de Paris; 19 — Alicerces.

VERTICAIS — 1 — O judeu errante; 2 — Adv. ai; 3 — Diabo; 4 — Espécie de flauta de Gan; 5 — Adv. antigo: aliás, além; 6 — Matéria corante do vinho; 10 — Eu — pronome antigo; 11 — Pedunculo de flor; 14 — Vila da Prússia na Sibéria; 15 — Asa da ave ou do inseto; 17 — Símbolo do Osmio.

PROBLEMA Nº 5



Segon (Rio)

HORIZONTAIS — 1 — Estendal; 2 — Corva de areia feita pelo mar; 3 — Fraco; 4 — Gênero de plantas da familia das palmáceas; 5 — Primeiras fôlhas que aparecem nas árvores e arbustos depois das primeiras chuvas.

VERTICAIS: — 1 — Rodear; 2 — Bajula; 3 — Azorrague com que se castigavam os condenados; 4 — Bôlso; 5 — Molusco marítimo, cefalopode (pe).

1º TORNEIO DE 1954

Soluções

1 — Morredor; 2 — Meio-têrmo; 3 — Trincafios; 4 — Lojeca; 5 — Esdruxularia; 6 — Perigosa; 7 — Dardar; 8 — Falsa-braga; 9 — Ganacha; 10 — Taramela; 11 — Viralata; 12 — Chapéu-velho; 13 — Dona-branca; 14 — Godes; 15 — Sol-e-dó; 16 — Condecoração; 17 — Cecém; 18 — Buteiro; 19 — Desfeito; 20 — Pegureiro; 21 — Mesquinho; 22 — Travêsso; 23 — Azeiteiro; 24 — Envolto; 25 — Quadra; 26 — Patesco; 27 — Adjeto; 28 — Cabrita; 29 — Ponta; 30 — Enguiço; 31 — Devassa; 32 — Ordinário; 33 — Chaça; 34 — Empalamada; 35 — Amar; 36 — Gilvaz; 37 — Tapiara; 38 — Dileção; 39 — Mandado; 40 — Molito; 41 — Peçonha; 42 — Muladar; 43 — Profano; 44 — Petipé; 45 — Afeição; 46 — Gozado; 47 — Saçanga; 48 — Lagarto; 49 — Tungada; 50 — Papata; 51 — Bôlo sem ôvo é para o povo; 52 — Nenhuma mulher terá amizade a outra se houver um homem no meio; 53 — Festarola; 54 — Regrista; 55 — Inteira; 56 — Parada; 57 — Diogo; 58 — Volata; 59 — Posição; 60 — Pernada; 61 — Levador; 62 — Rocinha; 63 — Estultos; 64 — Grazina; 65 — Docente; 66 — Pupilo; 67 — Cabeiro; 68 — Marchante; 69 — Sugila; 70 — Tianha; 71 — Corvacho; 72 — Chácara; 73 — Engrolador; 74 Cipoal; 75 — Nuvem; 76 — Varredouro; 77 — Custa; 78 — Invectivo; 79 — Cabeiro; 80 — Lomba; 81 — Peteco; 82 — Balsa; 83 — Caranguejo; 84 — Leonina; 85 — Desvaira; 86 — Místico; 87 — Quadra; 88 — Repuxa; 89 — Burrinho; 90 — Ponderosa; 91 — Cavalgadura; 92 — Cenoso; 93 — Cáliga; 94 — Languenho; 95 — Mão-aberta; 96 — Longobardo; 97 — Senhor-velho; 98 — Gato-prêto; 99 — Protesto; 100 — Batografia; 101 — Sem-nome; 102 — Cascaria; 103 — Farrapão; 104 — Igrejário; 105 — Filho-família; 106 — Cada par com seu amor; 107 — Cachorro pequeno mente muito; 108 — Forrobodó; 109 — Queimado; 110 — Estudado; 111 — Gualdido; 112 — Engenhoso; 113 — Chanana; 114 — Tecedura; 115 — Monóxilo; 116 — Rubificar; 117 — Botafogo; 118 — Batacaço; 119 — Domo; 120 — Lusco-fusco; 121 — Calheta; 122 — Jesuítico; 123 — Achado; 124 — Ordinário; 125 — Nebuloso; 126 — Lento; 127 — Perlonga; 128 — Refresca; 129 — Chaça; 130 — Mancha — 131 — Lorota; 132 — Côcha; 133 — Precinto; 134 — **Inferna**; 135 — Berganho 136 — Mêdo; 137 — Vazante; 138 — Pilôto; 139 — Pasmoso; 140 — Moloca; 141 — Forreca; 142 — Viloso; 143 — Xibimba; 144 — Confete; 145 — Doçura; 146 — Bargado; 147 — Pinante; 148 — Remetem; 149 — Devassar; 150 — Dosear; 151 — Gabela; 152 — Acurar; 153 — Malino; 154 — Gaivota; 155 — Estourado; 156 — Teque-teque; 157 — A vida é a morte do tempo; 158 — Marinheiro a cavalo, cai da sela.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1

H — Lua — Arte — Calor — Salem — Sipe — Os.
V — Lac — Furas — Atlas — Ecolio — Reps — Me.

PROBLEMA Nº 2

H — Chapo — Rapar — Ecul — Mero — Arara.
V — Crema — Hacer — Apur — Palor — Oro.



É TÃO FÁCIL GANHAR CR$ 1.000,00

Não deixando de ter em casa o melhor para os móveis

Óleo de Cedro

Se a senhora ainda não experimentou êste produto, experimente-o que jamais deixará de usá-lo, estamos absolutamente certos.

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA» TODOS OS DOMINGOS NO «RADICAL» E AS SEGUNDAS-FEIRAS NO «CORREIO DA NOITE»

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.

A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

PROBLEMA Nº 3

Hesperio — Ertalias — Steggare — Taiaural — Epocaapi — Regista.

PROBLEMA Nº 4

Longarino — Cuidara — Arejo — Ara — E.

PROBLEMA Nº 5

Urrar — Eneira — Cobra — Pavoa — Temor — Ataca — Leme — C — A.

PROBLEMA Nº 6

Agito — Ura — C — Latão — Olc.

DECIFRADORES

Totalistas: Janota, Julião Riminot, P. Del Debbio; Ziul, Cysneirense; Cysneirense Júnior, Malba Tantan, Pompeu Júnior, Dr. Legnar, Sefton; Oicarob, Don Roal, Durmel, Mr. Trinquesse, Pati, Sertanejo II, Bigi Neto; Gil Virio; Oarcim, Milton, Alvasco, Dopasso, Buridan, Ronega, O Sineiro, Nostradamus, Cantagalo, Marcimento, Breque, Olim, Jarcisio, El Principe, Anchieta Toberal, Lutércio, Plá, Nilva, Debrito, Jayreis, Farani, Conde de la Fere, Asil, R. Said, Florentino, Gomes Júnior, Envergonhado, Ordisi, Ecebê, Dr. Zinho, Segon, Botucarahy, Juca Pirolito, O Jang, Cartos, De Souza, Lidaci, Mardel, Paraná, Sinhô, Yvelise, Viviane, Dr. Barreto Cardoso, Águia, Yema, Emidlej, Tony, Paplece, Donatila Borba; Almiro Lessa, Bael, Caio Loti, Clissol, Dr. Anquinhas, Mme. Stael, Rubem, Sarale, Teodeno, Várzea, Alguém, Edipo, Jocati, Lujoca, Varetas, Eva Dio, Paulistinha.

2º LUGAR: Nomísio Nuno, Mavicaro, Ismenia, Roama, Iris.

NOSSO ANIVERSÁRIO

Com êste número completamos 34 anos de direção desta seção. Nesta data passa a fazer parte da nossa redação o charadista *Dr. Lavrudinho* (Dr. Armando Paiva) em substituição ao nosso saudoso companheiro Dâbliú que durante 29 anos aqui estêve sempre mostrando boa vontade e competência.



DORES nas JUNTAS

A tortura das juntas rijas e inchadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que êstes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, sem fôrças para o trabalho ou disposição para gozar a vida.

Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pílulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pílulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças á sua magnifica ação tonificante.

Pilulas DEWITT
Para os Rins e a Bexiga

DICIONÁRIO ZOOLÓGICO

Com expressiva e cativante dedicatória acabamos de receber da Tertúlia Edipica, Grupo Charadístico da Sociedade de Geografia de Lisboa, um volume do Dicionário Zoológico de autoria do confrade português João Cayolla Tierno. (*Jocati*).

Como afirmamos no nosso número de julho, é uma excelente obra que muito auxiliará aos confrades.

Bem impresso tem boa apresentação, é grosso volume de 774 páginas e o seu preço em Lisboa é de 120 escudos.

DICIONÁRIOS ADOTADOS

Com o fim de mais facilitar esta seção ficam adotados sòmente êstes dicionários, até segunda deliberação: Gustavo Barroso — Pequeno Dicionário Brasileiro — 9ª edição; Monossilábicos de Japyassu e de Casanova; Provérbios de Lamenga; Provérbios Originais do Dr. Lavrud e Lidaci — Vocabulário Antroponímico (nomes próprios).

DÂBLIÚ

Continuamos a receber manifestações de pesar pelo falecimento do nosso saudoso secretário *Dâbliú*.

A todos os nossos agradecimentos.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 31 de agôsto:

Farani (Salvador) — Recebemos as listas no devido tempo.
Mavicaro — Quanto gentileza!
Tonnew (Rio) — ótima a colaboração que enviou.
Pompeu Júnior (Botucatu); *Rafinha* (Pôrto Alegre); *Donatila Borba* (Santa Catarina); *Emidlej* (Pôrto Alegre); *José V. Coelho* (Maceió) — Escreveremos pelo correio.
Segon (Rio) — Os seus problemas de palavras cruzadas não vão ser publicados por ter sido feito só com termos de plantas, ilhas e instrumentos.
Eva Dio (Rio) — Gratos pela colaboração.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser endereçada ao seu diretor.

DR. LAVRUD

O EREMITA

(*Continuação da página 86*)

— Ouça, vovô! Se está tentando algum truque para me dominar...

O velho Morgan ergueu os ombros, com desprêzo. E o silêncio que se seguiu, silêncio total e impressionante enervou seu visitante.

— *Ouça* — disse êle, batendo os dentes. — Seu homem da cidade, entende? Você vai me salvar... e eu pagarei bem, aceita?

— Dê o fora daqui e estarei bem pago com isso! Aqui tem o seu almôço.

Refletia, com verdadeiro ódio por seu visitante. Não tinha o que recear, *por enquanto*. Mas o rapaz era um assassino e não podia correr o risco de deixar atrás de si alguém para o denunciar. Até o anoitecer a coisa tinha que ter solução. E o velho Morgan tinha que dar um fim àquela situação — ou êle próprio encontraria o fim de seus dias.

— Você terá que cavar um túnel — disse êle, com maus modos. — E tão depressa quanto puder! Eu farei um par de *skis* para você. Quando terminar, sairá daqui e poderá ir para o diabo que o carregue!

O rapaz assumiu um ar ameaçador.

— E que tal... se você mesmo abrir o túnel, vovô?

— Você é quem precisa sair daqui. Eu continuarei aqui mesmo. Cave, então, se quiser!

O ódio brilhou um instante nos olhos do jovem assassino. Mas, depois de um instante, rendeu-se. O velho Morgan explicou-lhe como devia fazer. Aberta a porta dos fundos, a neve foi retirada com uma pá e depositada no menor espaço possível, no interior da cabana, até que o túnel fôsse completado.

O rapaz trabalhou sem entusiasmo, mas apenas parando para descansar. Cêrca de quatro horas da tarde reapareceu no interior da cabana, tendo o corpo todo envolto em espêssa capa de neve.

— Cavei sempre para cima — disse êle, raivoso. — Onde a neve é mais macia... E por isso, ela caía sôbre meu corpo!

— Eu vou apanhar, depois, o entulho — disse o velho. — O pior é que, dêsse jeito, mais neve entrará por cima e, pela manhã, tudo estará outra vez bloqueado.

Mas não se moveu da cadeira. Estava fazendo qualquer coisa que lembrava a forma de *skis*, qualquer coisa que pudesse suportar o pêso de um homem sôbre a neve. Continuou a trabalhar, sem levantar a cabeça, mas começou a explicar de que maneira seu hóspede poderia encontrar o melhor caminho, para safar-se.

O rapaz ouvia atentamente, com uma expressão de zombaria. Não pretendia deixar a cabana aquela noite. A tempestade era ainda muito severa. Mas, ao menos, tudo já estava preparado para a sua fuga. Não precisava mais do velhote! E seria loucura de sua parte deixá-lo vivo, quando cessara de lhe ser útil...

O velho Morgan pôs de lado os dois *skis* que fabricara.

— Agora você pode dar o fora daqui, logo que a tempestade amaine — disse, com sua voz aborrecida. — Antes vou examinar o túnel, para ver se está perfeito.

Tratou de vestir mais roupas e quando se sentiu bem agasalhado penetrou no túnel, onde estêve trabalhando algum tempo. Ao voltar, tinha neve nos cabelos e nas barbas.

— Não gosto de ninguém... Nem de ajudar ninguém! — declarou com seu tom irritado de sempre. — Mas parece-me que alguém vem vindo pela neve... E, com certeza, para saber se eu vi um rapaz assim, assim... No seu lugar eu iria ouvir, lá do túnel. Talvez seja um bom conselho...

O rapaz tirou a pistola automática do cinto, correu para o depósito de lenha e começou a subir pelo túnel. Então houve um repentino ranger da neve, um surdo rolar de massa pesada, ao mesmo tempo que um violento golpe de vento gelado penetrou na cabana, de envôlta com uma fina poeira de neve cristalina. Depois, foi o silêncio.

O velho Morgan apanhou o cachimbo, levou-o à bôca e acendeu-o com gestos vagarosos. Depois aproximou-se do rádio, apenas o necessário para ouvir o noticiário. "A tempestade estava no auge. Todo trabalho fôra abandonado, mesmo os de salvamento e desempedimento das linhas férreas. Um prêmio de sete mil e quinhentos dólares era oferecido a quem capturasse o ladrão da mala postal..."

Findo o noticiário, o velho Morgan desligou o rádio e caminhou para o depósito de lenha. Não tinha pressa. Reapareceu, mais tarde, arrastando qualquer coisa. Essa "qualquer coisa" era o corpo do seu visitante, semigelado, com o rosto azulado e os dedos rígidos.

Tratou de amarrá-lo com muita destreza e capricho e, a seguir, procurou chamá-lo outra vez à vida.

Enquanto fazia, resmungava:

— Não gosto de ajudar ninguém... e muito menos a ladrões e assassinos. E você queria acabar comigo, antes de dar o fora, hein?

Seu visitante, que recuperara os sentidos, estremeceu violentamente, dentro das cordas que o imobilizavam. Oh, como lamentava não haver liquidado o velhote de uma vez!

"Foi por isso que aconselhei você a ir dar uma olhadela na bôca do túnel... que eu tinha preparado, a meu jeito,

para que ficasse sepultado sob uma avalanche de neve..."

Não ligou aos estremecimentos e gemidos do outro. Êle próprio estava aquecido e confortável, apesar dos seis ou sete metros de neve que tinha sôbre o telhado. Pela manhã, arrastando o seu prisioneiro de vagar e com cuidado, iria até à casa de um vizinho, a fim de que êste o ajudasse a conduzir o criminoso até à cidade.

Qualquer dos seus vizinhos tinha filhos, e o velho Morgan não tinha implicância com as crianças, salvo quando elas cresciam e bastante para parecer com os maiores. Receberia, então, sete mil e quinhentos dólares pela captura do assassino. Daria alguma gratificação ao seu vizinho, pela ajuda prestada. Uns quinhentos ou, talvez, mil dólares. Daria para as crianças... Todos ficariam agradecidos... e êle trataria de tirar vantagem dessa gratidão. Tôda vez que aparecessem para ver o que êle fazia, poderia dizer sem rodeios, a sua opinião sôbre a raça humana... E êles teriam que ouvir tudo, caladinhos.

Bocejando triunfalmente, o velho Morgan se instalou na poltrona, para aguardar que o dia raiasse.

★

O FUMO E O CÂNCER

OS pesquisadores do Memorial Hospital, de New York, dispõem, agora, segundo parece, de um sistema capaz de determinar se as matérias químicas do cigarro suscetíveis de produzir o câncer chegam, efetivamente, aos pulmões. A experiência se baseia no princípio de que a maior parte das matérias químicas capazes de produzir o câncer se torna fluorescente, sob a ação da luz ultra-violeta.

Quando o fumante que traga lança a fumaça através de um líquido especial, êsse líquido resplandece, sob a luz ultra-violeta, mas, se limita a manter a fumaça dentro da bôca, êsse líquido não se torna fluorescente.

A fase seguinte do processo consiste em identificar a substância fluorescente que aparece na fumaça tragada pelo fumante, para se determinar se a mesma pode produzir o câncer.

O sistema foi descoberto por alguns cientistas alemães, que a transmitiram aos médicos do Memorial Hospital, na esperança de que os mesmos consigam fazer a difícil verificação.

★



— Descobri uma coisa engraçada, ontem. A carteira de meu marido tem um compartimento secreto.

★

ALTO VÁCUO

OS drs. A. H. Gurewitsch e W. F. Westendarp, do Laboratório de Pesquisas de Schenectady, New York, inventaram um dispositivo muito simples para produzir o **alto vácuo**, necessário às válvulas de televisão e aos aparelhos de Raio X.

O dispositivo, denominado «bomba iônica», não tem partes móveis, mas pode produzir um vácuo elevadíssimo, que equivale a um bilionésimo de pressão atmosférica normal, segundo os cientistas da General Electric.

A bomba iônica consiste de um poderoso ímã e uma pequena caixa redonda de aço inoxidável. A caixa, que tem cêrca de duas polegadas de diâmetro, e uma de espessura, fica suspensa entre os pólos do ímã.

Depois de se ter retirado a maior parte do ar contido no tubo ligado à bomba, faz-se passar uma corrente elétrica. A eletricidade fragmenta e ioniza os átomos de gás e os lançam sôbre as placas de carvão que ficam aos lados da bomba, aos quais se aderem. Desta forma, se remove, gradativamente, o gás, até se conseguir o vácuo desejado.

★

ABELHAS MATEMÁTICAS

COMO os «cérebros matemáticos», surpreendentes máquinas eletrônicas que executam prodigiosas façanhas matemáticas, em questão de segundos, vêm sendo comentados ùltimamente, achamos justo dedicar um pouco de atenção para certos «gênios matemáticos» bastante menos conhecidos. E, assim sendo, vamos falar aos nossos leitores sôbre as abelhas. Os leitores, provàvelmente, não sabem que as abelhas sabem contar. Estudos feitos pelos drs. A. Meyer Albich e E. Leppik mostram que as abelhas podem conhecer o número de pétalas de uma flor e distinguir, dessa maneira, as que têm e as que não têm néctar.

As abelhas sabem se uma flor tem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10 ou 12 pétalas, mas, por êsse ou aquêle motivo, falham nos números 7, 9 e 13. Os números 3 e 5 têm, para elas, dupla significação. Não sabemos qual seja, pois não conhecemos outra linguagem das abelhas, além do zumbido.

Os cientistas verificaram que, se arrancavam algumas pétalas das flôres que as abelhas normalmente visitavam, os insetos as passavam a evitar.

VISÃO MUNDIAL

O CANAL DE SUEZ NA ENCRUZILHADA DAS INVASÕES

(*Continuação da página* 31)

executou um empréstimo com os banqueiros Rothschilds, para comprar as ações do Khediva do Egito. E assim os inglêses invadiram financeiramente a Zona do Canal, ampliando a política de Benjamin Disraeli de amparar a Turquia e afastar o Império Russo de qualquer pôrto do Mediterrâneo. Devido a intensificação do tráfego marítimo, novas obras alargaram e melhoraram as instalações portuárias. A ligação da bacia mediterrânea ao Mar Vermelho e ao Oceano Índico revolucionou o comércio internacional, desdobrando as relações econômicas entre os povos da Europa e da Ásia. A Convenção de Londres de 1888 neutralizou o Canal de Suez, abrindo-o a tôdas as nações e obstando atos de guerra na sua faixa. As nações ficavam impedidas de exercer atividades beligerantes num raio de três milhas. A internacionalização deslocou as marinhas da rota do Cabo da Boa-Esperança, passando o Oriente-Médio a ser uma das regiões mais estratégicas do mundo, onde a diplomacia concentra as suas intrigas e sôbre cuja área geográfica os exércitos planejam as suas invasões.

A PARTILHA DAS ESFERAS DE INFLUÊNCIA

Passando o Canal de Suez a ser a encruzilhada das invasões militares, em demanda do Oriente-Médio e do Gôlfo Pérsico, as potências movimentaram os diplomatas para executar a partilha das esferas de influência. No ano de 1870, desencadearam-se dois fenômenos de repercussão mundial, quando os alemães e os italianos realizaram a sua unidade política, entrando na disputa de hegemonia mundial.

A Inglaterra assinou em 4 de junho de 1878 um tratado secreto com a Turquia, pelo qual o govêrno sultanesco cederia a Ilha de Chipre, no caso das fôrças russas tomarem o rumo da Ásia-Menor. Na Conferência de 1880, realizada em Madrid, compareceram a Holanda, França, Áustria-Hungria, Espanha, Inglaterra, Itália, Alemanha, Escandinávia e os Estados Unidos, interdizendo o Sultão de Marrocos de conceder privilégio a qualquer potência estrangeira. Na sua investida para a hegemonia marítima, os franceses ocuparam a Tunísia em 1881. Os alemães desejando substituir a França na sua influência européia, que durou de Henrique IV a Napoleão III, movimentaram-se na rota de Marrocos, assinando em 1890 um tratado de comércio. Em 16 de fevereiro de 1897, as potências européias voltaram a sua atenção para a Ilha de Creta, onde os gregos desembarcaram e tentaram expulsar os turcos. Pouco depois, Guilherme II viajou até à Palestina e proclamou em Damas, no ano de 1898, que os trezentos milhões de muçulmanos da África e da Ásia poderiam contar com a amizade do Império Germânico. Chamou-se, naquela época, a êsse gesto do imperador a penetração pacífica da Alemanha na política internacional do Mediterrâneo. Unificada a Itália, os seus estadistas olharam para os austríacos, que ameaçavam o flanco marítimo no Mar Adriático e no Mar Egeu. As leis da geografia não coincidem com as necessidades materiais das raças, que vivem e disseminam indústrias nas enseadas e baías do Mediterrâneo.

A luta pelas esferas econômicas de influência antagoniza o princípio da liberdade dos mares. Em 1904, a Inglaterra concordava na política francesa em Marrocos, em troca o reconhecimento da influência britânica no Egito. Saint-René Taillandier, embaixador francês na cidade de Fez, intimou ao Sultão que permitisse a instrução das milícias marroquinas por oficiais franceses. Aproveitando-se das vitórias japonêsas de Mukden e de Tsushima, na guerra mandchuriana contra os russos, o príncipe de Bulow exigiu uma conferência internacional sôbre Marrocos.

No dia 31 de março de 1905, Guilherme II empreendeu uma incursão no Mediterrâneo, saltando em Tânger e declarando-se pela independência marroquina. Diplomatas germânicos e espanhóis, franceses e belgas, italianos e suecos, britânicos e russos, holandeses e norte-americanos, reuniram-se, em 1906, na Conferência de Algesiras. Depois da assinatura do convênio, o príncipe de Bulow declarou que a Alemanha poderia olhar tranquila para o futuro. Os alemães conseguiram impor à França o princípio da política de porta aberta em Marrocos, pelo Convênio de 9 de fevereiro de 1909. Dois anos passaram-se e uma canhoneira germânica fundeou em Agadir, no dia 2 de julho de 1911, sob o pretexto de amparar os súditos e os interêsses do Império Alemão. Jules Cambon, embaixador francês em Berlim, interpelou o govêrno alemão sôbre o acontecimento. Guilherme II explicou o ato como uma decisão do ministro Bethmann-Holweg. Os alemães terminaram propondo a partilha do território marroquino, com os espanhóis ao norte, os franceses no centro e o Império Germânico no sul. Fiel ao seu princípio de equilíbrio das potências continentais, a Inglaterra negou-se a consentir em bases militares alemães no

Mediterrâneo. Lloyd George pronunciou um discurso, dizendo que os interêsses vitais do Império Britânico obrigavam-na a colocar-se ao lado da França. Os alemães ambicionavam bases no norte da África, para imobilizar as fôrças francesas da Argélia e da Tunísia, bem como para interromper o recrutamento das populações africanas em caso de guerra européia. Bethman-Hollweg recuou pelo temor da tríplice Coligação Anglo-Franco-Espanhola. A Áustria-Hungria não se dispôs a aprovar o sonho marroquino de Guilherme II, obcecada pela sua política de fraturar a unidade dos povos germânicos.

SOOU A HORA DO EGITO NA POLÍTICA MUNDIAL COM A EVACUAÇÃO DO CANAL PELA INGLATERRA

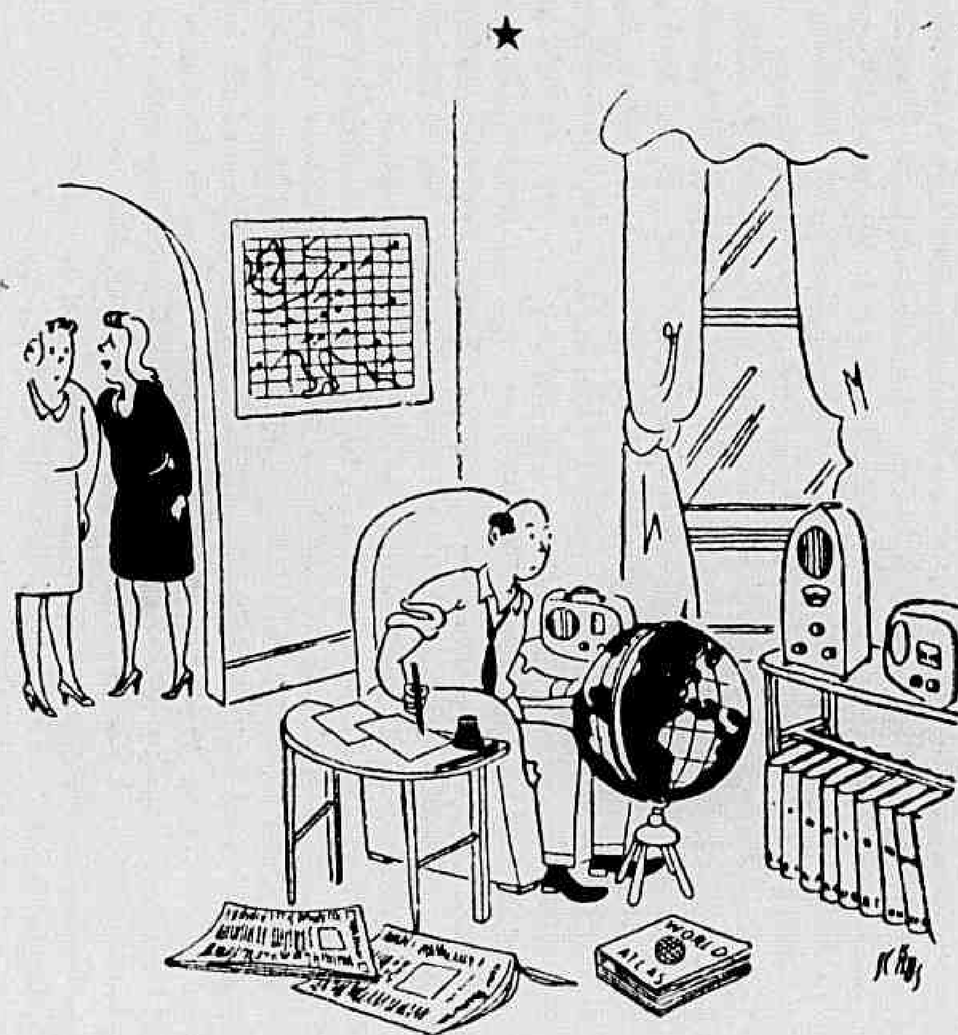
As rivalidades trabalhavam para elaborar a Primeira Guerra Mundial, cujo desfecho se deve a causas complexas. A Itália, vendo os franceses preocupados com o incidente de Agadir, decidiu-se a aventurar-se na Tripolitânia, em Rodes e no Arquipélago do Dodecaneso.. Na guerra ítalo-turca de 1911-1912, a Itália reconheceu a neutralidade de Chipre, nomianlmente sob a esfera otomana e pràticamente administrada pelos inglêses. Sem ferro e sem petróleo, os itaiianos desesperavam de ver a sua autonomia metalúrgica. O crescente poderio da esquadra alemã deixava prever a retirada do Mediterrâneo, de uma parte da esquadra inglêsa.

Desde 1912, a Itália sonhava em conquistar os portos austríacos do Mar Adriático, ao mesmo tempo que olhava de longe para Bizerta e para Tunis. O almirantado alemão planejava a fusão das esquadras austro-italianas, mas o príncipe de Bulow confiava numa carta ao general Moltke que não se poderia contar seguramente com a Itália. Encerrada entre duas fortificações, Alexandria e Gibraltar, os peninsulares hesitavam na política internacional, vacilando em obedecer ao sentimento racial e unir-se aos povos latinos ou em seguir os desígnios utilitários, aliando-se aos germânicos. Pelo Tratado de Londres, de abril de 1915, a Itália entrou na Primeira Guerra Mundial para conquistar os portos austríacos do Mar Adriático. Aliando-se aos Impérios Centrais, a Turquia tentou obstruir as instalações portuárias do Canal de Suez e pensou mesmo em conquistar militarmente tôda a faixa de cento e sessenta e dois quilômetros, de Port Said ao Mar Vermelho. Derrotados os alemães e os austríacos, os italianos tomaram o Tirol como defesa estratégica. Em 1922, anexou Fiúme, sacrificando reivindicações da Iugoslávia e, em 1923, tentou conquistar dos gregos a Ilha de Corfu, intervindo as grandes potências.

Os italianos opuseram-se à fusão da Áustria e da Alemanha pelo temor de ver o exército germânico no Passo de Brener. Incorporado o território austríaco, a fronteira alemã dista apenas cem quilômetros do pôrto de Trieste, no Mar Adriático. Isso golpeava de morte o projeto de expulsar as raças germânicas da bacia mediterrânea. Por outro lado, a Turquia, a Grécia e a Iugoslávia detinham qualquer avanço romano nos Balcãs. Potência marítima, sem matérias-primas, aspirava substituir a França na Síria, na Tunísia e evoluir na Mesopotâmia, enquanto os alemães seguiriam a estrada oriental da Ucrânia. O mais político dos mares, o Mediterrâneo, e a encruzilhada das invasões de Suez, afastou a cultura latina de Roma, jogando-a na aliança nórdica durante a Segunda Guerra Mundial. E agora, com a revolução vitoriosa do general Mohammed Naguib e do tenente-coronel Gamal Abdel Nasser, que depuseram o rei Faruk, renasceu o nacionalismo egípcio, reivindicando por incontestáveis direitos geográficos e econômicos a sua partilha nas esferas de influência do Mediterrâneo. Com o domínio do Canal de Suez, o govêrno do Cairo apodera-se de uma base estratégica de valor comercial, que passará a ser uma arma obscura nas campanhas da Terceira Guerra Mundial.

Pelo acôrdo assinado em 28 de julho de 1954, a Inglaterra reconhece o Canal Marítimo de Suez como parte integrante do Egito e compromete-se a retirar as fôrças britânicas. O Egito passa a ser uma das grandes potências do Mediterrâneo, detentora de uma base estratégica, comercial e política que influi sôbre todo o Oriente-Médio.

★



— Sim; dentro de dois minutos vai começar o jornal noticioso.

FÉRIAS NA ITÁLIA

(Continuação da página 53)

— Quando vocês estiveram aqui da vez passada — falou ela, com voz calma, sentando-se diante do toucador — ficaram em quartos separados?

Patrick a ouviu e não pôde ocultar seu aborrecimento:

— A resposta é *sim*. Estivemos em quartos separados, embora eu presuma que você não acreditará nisso.

Anne se sentia nervosa, a tremer:

— Eu preciso acreditar nisso; mas, tôda vez que ela se refere ao fato, tôda vez que ela o olha, parece dizer o contrário. Ela está a escarnecer de mim, Patrick, e de você também. Dizendo-me que vocês estiveram aqui em primeiro lugar, e que poderiam ainda... se...

— Pare com isso! — gritou êle, segurando-lhe no braço e apertando com fôrça. Sua voz era de indignação: — É isto justamente o que ela procura causar-lhe. Mas nada realmente obterá contra nós, Anne, se você acreditar em mim.

Sobreveio longo silêncio. Ela respirou profundamente por fim, e os seus braços o enlaçaram, reclinando depois a cabeça em seu ombro.

— Eu creio em você, sem dúvida, querido...

Êle a abraçou apertadamente:

— Vamos descer e nos sentar lá no terraço com êles e lhes mostramos que não há nada que empane a nossa felicidade neste mundo, e que jamais haverá.

Mais tarde, quando ela se aprontara com um vestido de linho próprio do verão, disse pensativamente:

— Que pensará Edward acêrca de tudo isto? Até parece que êle se diverte com estas sujeiras da mulher. E ainda há mais, pois, segundo disse ao velho garção, também êle estêve aqui daquela vez...

Patrick acendeu um cigarro e respondeu olhando pela janela:

— Há qualquer coisa errada com ambos. Penso que encontrou Rosamond pela primeira vez aqui. Dir-lhe-ei algo sôbre isto, mais tarde. E agora desçamos, se é que já está pronta.

O pequeno terraço estava batido pelo sol. Edward estirado numa espreguiçadeira tinha o rosto de um homem feliz. A mulher, como se quisesse, deliberadamente, atrair a atenção de todos, ficara no centro do terraço. No seu vestido amarelo de verão, estava deslumbrante como se tôda a luz solar estivesse a irradiar de seu corpo.

Em face dessa triunfante luminosidade, Anne se sentia desfigurada, insignificante e quase anulada. Mas procurou dar o melhor tom à sua voz quando exclamou, encostando-se ao parapeito sôbre o lago e as montanhas distantes:

— Como é encantador isto aqui! Como gostei que vocês nos trouxessem a êste hotel!

Edward olhou ràpidamente para ela, surpreendido.

— Ordenei limonada bem geladinha — disse êle. — Álcool é contra-indicado num calor dêste, antes do almôço.

Rosamond começou a rir fortemente, enquanto Patrick começava a servir os copos.

— Edward só sabe conversar quando se fala em comer e beber — disse Rosamond. — Como você é feliz, Anne, por ter um marido que não presta culto apenas ao estômago!

— Talvez eu seja assim também — disse Patrick, com simplicidade.

— Não, querido, você é fiel a outra divindade: à deusa do amor...

Sucedeu-se pequena pausa. Edward passou a assobiar uma melodia em tom baixinho e suave. Rosamond sorriu, de modo gaiato:

— Terei cometido uma inconveniência? Que diabo! Eu sempre caí nessas. Não sei, meu caro — disse se dirigindo a Patrick — se fiz mal em notar aquela diferença entre você e Edward. Meu espírito sempre foi assim. Veja quando nós chegamos e que você estava assinando o livro de registro. Como achei graça no espanto do velho Francesco, ao verificar que, desta vez, você vinha com uma diferente senhora Bowen!

E riu gostosamente. Anne se manteve firme. Patrick sorria segurando o vaso de limonada. Edward, calmamente, reparando nos dois. Nenhum dêles parecia denotar que algo de importância houvesse sido dito.

Anne não se conteve e falou, procurando não ser ríspida na voz:

— Confesso, Rosamond, que não compreendi bem a pilhéria. Quer fazer-nos o favor de esclarecê-la?

Patrick, meio nervoso, pousou o vaso sôbre a mesa, com certa violência, e suplicante:

— Anne, olhe...

Mas já sua espôsa deixava o terraço com ligeiro aceno de cabeça, de quem se despede mal humorado.

Anne se dirigiu para o balcão, onde estavam os livros de registro de hóspedes, e, antes que Patrick a alcançasse, começou a folhear um dêles. Seu marido quis detê-la: mas a indignada mulher o repeliu e prosseguiu na busca. Êle permaneceu ereto no meio do "hall", aguardando o desfecho daquela cena. Logo que percebeu que a espôsa havia chegado ao registro buscado, êle se voltou bruscamente e saiu do hotel. Lá estava, na página de entradas de hóspedes do hotel: "Sr. e senhora P. Bowen, Londres, Inglaterra". A letra

era de Rosamond, como imediatamente Anne reconheceu.

O sol penetrava pela ampla janela de seu quarto, enchendo-o de luz e calor, numa festa irônica de vida e alegria. Aos seus ouvidos chegavam os rumores de risos e movimentos de pessoas que se divertiam lá em baixo. Mas naquele aposento havia apenas um silêncio doloroso e angustiante.

E Anne meditava: "Sr. e sra. P. Bowen. Patrick e Rosamond."

Com certeza, Rosamond tudo planejara para que Anne viesse a descobrir o caso. Aquelas férias no "San Paolo" tiveram por objetivo único mostrar a Anne que Rosamond já possuíra seu marido, e que o casamento de Anne com Patrick nada mais fôra do que um *resto* que ela desprezara. Patrick já fôra dela e, exata e corretamente, nunca seria de Anne. Era isto que Rosamond queria dizer, com a maior crueldade.

E Patrick? Por um ano lhe disse que jamais estivera apaixonado por Rosamond, nem nunca a amara. Nem Rosamond, nem qualquer outra mulher, exceto Anne. Durante um ano inteiro estêve de amôres com Rosamond, como marido e mulher, fingindo que nada havia entre êles, sem coragem de dizer a verdade.

Anne permaneceu, sem mover-se, à janela ensolarada, torcendo um lenço entre os dedos nervosos. Estava sob a ação cruciante do ciúme.

— Bonito papel o seu, não há dúvida.

Estas palavras chegaram aos ouvidos de Anne antes de ela atinar de quem eram: de Edward, que estava a um recanto do terraço alguns metros abaixo da janela onde sofria a pobre Anne. Aguçou a atenção e ouviu quando Rosamond respondeu:

— Interessa-se pelo que fiz, benzinho? Que bela mudança, esta sua!

Anne se debruçou para ver e ouvir melhor. Ela ainda não havia notado que a janela do seu quarto dava justamente sôbre o terraço. E ela viu Edward e Rosamond um em frente ao outro, a quinze pés abaixo, sem notar que estavam sendo observados.

Aquela máscara de alegria e jovialidade havia deixado a face de Rosamond, e a urbanidade de Edward também mudara em aborrecimento. Êle olhava o rosto da espôsa com o maior desprêzo. Anne estava admirada com a fisionomia de Rosamond, em cuja bôca e em cujos olhos se estampavam a mais dura crueldade.

Rosamond, inclinada sôbre a mesinha do terraço, pronunciava palavras duras, que eram como chicotadas no rosto do marido:

— Vamos! Censure-me! Diga-me desaforos, você que nunca teve um sentimento humano em tôda a sua vida! Pensa que me fere? Eu sei que você já percebe claramente por que eu atraí Patrick e a sua presumida mulher até aqui. E fico satisfeita por que você sabe. Também estou contente porque você também veio. Não era apenas à minha caríssima amiga Anne que eu desejava dizer umas verdades domésticas; eu queria também que você soubesse: eu fui uma idiota em casar-me com você. E agora já sabe por quê!

Edward levantou a vista e Anne, por uns momentos, pensou que êle fôsse descobri-la. Então, disse êle, calmamente:

— E você pensa que não sei, desde muito, que você se casou comigo por um capricho e despeito, servindo-se de mim como se eu fôsse um *remendo*?

Rosamond se ergueu, andou até à balaustrada, voltou-se para o marido e respondeu, com ironia e desprêzo:

— Por despeito! Isso atinge sua vaidade, não? Talvez pensasse você que o preferi a Patrick, porque você fôsse um homem irresistível, não é?

— Nunca pensei isso — respondeu êle, e, encolhendo os ombros num gesto de indiferença, apanhou um cigarro.

Por fim, falou calmamente:

— Tenho estado curioso para descobrir o que, realmente, tinha você em mente ao planejar esta excursão, Rosamond. Mas eu já estive aqui antes, lembra-se? E, acredite ou não, nunca estive de todo cego para não ver o que se passava.

Edward lançou para o ar uma nuvem de fumaça e ficou a olhar o seu impulso, que ultrapassou a janela de Anne, continuando com certa dose de amarga reflexão:

— Eu já tinha os olhos abertos quando me encontrei com você, o que fêz tornar-se estranho o meu casamento, não foi mesmo? Mas você precisa recordar-se que Patrick resistiu aos seus encantos. Esqueceu você do que, realmente, aconteceu neste hotel?

— Não — respondeu ela, friamente. Com gestos nervosos, mãos cerradas, começou a bater na branca pedra do parapeito. — E agora — prosseguiu — êles também jamais esquecerão êste lugar!

Calou-se ao perceber passos que se aproximavam do terraço. Por baixo da janela de Anne apareceu a cabeça encanecida do velho garção Francesco. Rosamond em passos rápidos deixou o terraço e desapareceu no hotel. Francesco a olhou ao passar por êle, e, dirigindo-se a Edward, falou:

— O senhor vai desculpar-me, porém já está passando da hora do almôço, por isso preparei algo de especial. Se os outros quiserem...

Edward o interrompeu com uma risada breve, mas forte:

— Penso que não há mais "outros". — E, reparando no ar de perplexidade do

garção, explicou: — Não sei se qualquer de nós vai querer almoçar, Francesco. Sinto muito. Uma viagem fatigante, você sabe...

E se calou. Francesco fêz um cumprimento de cabeça e ia-se voltando para o hotel, quando Edward falou sùbitamente, alteando a voz:

— Espero um momento, Francesco. Desejo falar-lhe.

O garção hesitou um pouco, mas voltou até ao hóspede, a passos vagarosos.

— Francesco — começou Edward, deliberadamente. — Você se recordou, quando chegamos hoje, que, dentre nós quatro, você já conhecia três: minha mulher, o sr. Bowen e eu?

Depois de um momento, o garção respondeu:

— Sim, senhor. — Sua voz denotava embaraço e relutância.

Edward sorriu mui simplesmente e prosseguiu:

— Você deve ter ficado perplexo, quando notou, agora, que o casal que se hospedou aqui antes, tem marido e mulher diferentes. Desculpe-me se falo assim tão cruamente; mas fatos são fatos.

Francesco replicou firmemente:

— Com efeito, senhor, fatos são fatos; mas o que o senhor refere não é um fato. Eu sei que a senhora assinou pelos dois, com um só nome; mas também me recordo que o sr. Bowen insistiu pelos quartos separados e assim ficou, realmente.

Edward falou gravemente:

— Eu estava enganado, vejo agora. Muito obrigado.

O velho Francesco antes de retirar-se ainda disse, em voz baixa, mas que pôde ser ouvida claramente por Anne:

— O sr. Bowen estava muito zangado com ela, sim. Soube então que não eram marido e mulher. Permaneceram separados, como se houvessem brigado todo o tempo, mesmo antes de o senhor chegar... — Francesco parou, como se estivesse perturbado.

— Por favor, não se incomode — disse-lhe Edward tranquilamente. — A verdade surge sempre e é o melhor da festa. Há apenas uma coisa mais. Quando eu cheguei encontrei Rosamond e comecei a acompanhá-la como o fiz, Bowen ficou satisfeito e aproveitou a oportunidade para voltar sòzinho para sua casa?

Francesco fêz alguns gestos e murmurou, afinal:

— Sim. Êle se mostrou feliz, como o senhor sabe.

Houve longa pausa. Então Edward disse polidamente:

— Muito agradecido, Francesco.

O velho garção ainda estêve por uns momentos a fitar Edward. Depois se foi. Edward sentou-se calmo e ficou a olhar o Francesco no seu andar já cansado. Por fim, levantou-se e passou a mirar diretamente para a janela de Anne, vendo-a perfeitamente bem. Ela também olhava para êle. Mas nenhum dêles falou. Depois de alguns instantes Edward lhe dirigiu ligeiro e irônico cumprimento e a passos indolentes se afastou do terraço, fora das vistas de Anne.

Anne começou a perceber as coisas claramente. Sabia por que Rosamond os trouxera até ali. Poderia Anne esquecer a malícia miserável daquela mulher desmascarada?

Sabia agora por que Edward também viera àquele hotel, e por que êle fizera aquelas perguntas a Francesco. Êle estava procurando libertá-la daquelas suspeições, aliviando-lhe o espírito e esclarecendo um fato escabroso, que, afinal de contas, não se passou. Efetuara Edward uma proteção contra a mulher que estava causando tanto mal-estar.

Reconheceu Anne o quanto havia sido precipitada. Estava chorando, lavando o coração em lágrimas, quando Patrick entrou no quarto.

Vendo-a naquele estado, avançou ràpidamente e tomou-a nos braços:

— Anne — disse êle, com voz carinhosa. — Não chore, por favor! Sei que mereço tôdas as censuras por tudo isso. Eu poderia ter-lhe dito isso tempos atrás, mas...

Anne sacudiu a cabeça e respondeu firmemente:

— Não, querido! Já não é preciso dizer-me nada. Agora já sei de tudo o que houve. Reconheço agora como fui uma tôla quando tive receios e ciúmes de Rosamond.

Êle apertou-a mais contra o peito:

— Eu não deveria nunca ter vindo cá. E lhe afirmo que a minha estada aqui com Rosamond não apresentou nada que possa constituir compromissos ou intimidades entre nós. Nunca houve nada de real, nem poderá haver, entre mim e ela.

Sem que esperassem, Anne voltou a chorar. Mas já eram lágrimas de contentamento, por ver que, pela primeira vez, desde que se casara com Patrick, sentia que não tinha de que temer. Chorava por uma infeliz mulher, cujos pensamentos poderiam destruir-lhe a felicidade, e pelo homem a quem amava e ao qual estava causando essa contrariedade. Chorava pelos enganos que havia cometido e pela sorte que tivera em salvar-se a tempo e a êle também. Patrick deixou-a e aguardou, com paciência, uma oportunidade para explicar-se. E quando, por fim, ela terminou o pranto e enxugava, mais calma, as lágrimas, disse: "Querido, não fiquemos aqui. Voltemos hoje mesmo para casa, de trem", êle concordou, sem hesitar:

— Sim, mas... e o carro?

— Rosamond e Edward acabam de ir-se sòzinhos no auto — esclareceu ela.

JUNTOS, OS MATAMOS

(Continuação da página 21)

— Êles não perceberão você, Joe. Não o ouvirão.

— Por quê? — perguntei apreensivo, o peito opresso.

— Porque eu sou bela, porque sou eu a única mulher na cidade, e êles são homens, Joe. Beija-me, Joe. Dê-me mais um beijo.

Beijei-a. Tive ímpetos de arrebatá-la; mas Claire recuou com um riso triste.

— Eu sempre o amarei, Joe.

Aproveitando alguns segundos eu lhe respondi:

— Não importa onde eu esteja, Claire, eu a amarei sempre. Ouça-me, agora: a situação presente não demorará por muito tempo. Quando a guerra acabar, eu a procurarei, se ambos sobrevivermos. É possível que eu me demore na busca de você, porque, mesmo na paz, temos os nossos problemas. Não lhe posso dar muito; mas será mais do que você teve antes. Se eu não puder vir buscá-la, procure-me, vá ver-me num restaurante pequenino que há nas imediações da Broadway. Um galo vermelho está suspenso à porta, do lado de fora. Encontremo-nos ali. Não importa onde eu esteja. Voltarei àquele lugar um dia, todo dia nove de cada mês, procurando você.

— Eu me lembrarei, Joe.

Dizendo isto, se foi. Era como uma sombra alva que desaparecia. Acomodei bem o saco de explosivos às costas e me lancei na água. Um gato não podia ser mais silencioso. Procurei não deixar traços de minha passagem através do mato. Nem o menor ruído nágua, nem o quebrar de um galho sêco.

Ao chegar à estrutura da ponte, o perigo crescia cada vez mais. Por fim, eis-me sob os pilares e os ferros da obra de engenharia que me cabia destruir. Olhei um ponto que me permitisse apoio e dei um pulo. Muito bem. Um passo em falso, um ruído e eu estaria liquidado. Que possam imaginar o que eu sentia naquele momento. Vinte pés acima de mim, o susurro de soldados e sentinelas semelhavam o movimento de abelhas, mas não tão fortes que pudessem anular qualquer barulho que eu fizesse. O tempo corria e eu não podia esperar mais. Retirei a corda e, com a maior cautela e segurança, lancei-a a uma viga mestra. Qualquer ruído suspeito que chegasse aos ouvidos do inimigo, e eu seria fuzilado. Mas acertei. Muito bem.

Sùbitamente, comecei a ouvir uma canção distante, através de belíssima voz. Ouvi que davam ordens e os holofotes se agitaram nervosamente, inundando de luz as margens do rio e os arredores. Dois grandes e fortes refletores descobriram a cantora. Era uma mulher nua, corpo escultural, voltada para a ponte, a cantar.

Entre os soldados irrompeu um alarido de festa, com brados e assobios.

Aquela visão estranha se lançou à água, nadou, flutuou na corrente e jogou os bastos cabelos para as costas, mergulhou em direção à ponte, sempre enquadrada na luz dos refletores que nunca a deixavam. Ela ria e fazia gestos para a soldadesca em tumulto.

Quem poderia ouvir-me? Os ruídos que eu fazia armando as ligações do engenho infernal eram cobertos pelo alarido da tropa entusiasmada com aquêle espetáculo inesperado. Havia tamanho barulho de vozes e gritos, assobios e exclamações por cima de minha cabeça, que eu podia fazer o meu trabalho assobiando! Cheguei mesmo a rir com o caso. Sim, ri diante daquela astúcia de Claire e, depois de estender os fios, localizar a dinamite e dispor tudo para a explosão, desci calmamente, retomei o caminho que me levava ao avião que já me esperava. Ao subir, não deixei de sentir uma onda de ódio, pois jamais esqueci os jatos de luz sôbre seu corpo e oficiais atirando fora os uniformes e caindo nágua em direção a ela, enquanto Claire nadava para longe, os braços se agitando sôbre as águas, rindo da peça que lhes pregara.

— Oh, Deus! Oh, Deus — exclamei emocionado, como se ainda ouvisse a canção de Claire e os seus braços a mover-se, seu riso alegre... Tudo já era silêncio. Os holofotes não continuaram mais a perseguir Claire, que desaparecera numa das margens, como uma visão misteriosa. Em dado instante, porém, vi para os lados da ponte um imenso clarão na calma da noite. Estava cumprida a minha missão. Melhor: a nossa, pois fiquei pensando se ela havia feito tudo aquilo por amor a mim ou ao seu país. Apesar de achar isso divertido, senti tristeza. Eu amava Claire, realmente. Não podia esquecer-me dela.

E eu a veria outra vez? Tinha que vê-la novamente. Sua beleza não podia morrer assim. A guerra terminou e um futuro de paz começou para o mundo. Uma "estrêla" veio da França para os Estados Unidos e passou a resplandecer no palco. Chamava-se Claire, e, como a outra, não seriam apenas aos soldados da ponte a quem ela tornaria loucos; em qualquer parte que a vissem a cantar, ninguém deixaria de entusiasmar-se. Bastava uma fotografia dela num cartaz ou na imprensa, para influir no espírito do observador. Todos a desejavam. Era desejada por todo mundo. Mas quem se atraveria a tirá-la de sua arte? Um colar seu usado numa estréia valia mais do que tudo o que eu pudesse economizar em cinco anos. O jeito seria eu continuar com as minhas Helenas, Jeans e Frans, conservando

Claire apenas como uma memória, uma lembrança. Mas quando ela veio trabalhar nos Estados Unidos fêz refeições naquele modesto restaurante de minha indicação à minha Claire.

Eu estava interessado no contrato de Gus; mas todo rapaz gosta de apertar a mão de uma artista famosa, e talvez que ela se recordasse de mim, se fôsse Claire, e fizesse um esfôrço. Disposto a enfrentar a situação, empurrei a porta e entrei. Henri, o dono da casa, apesar de fazer tantos anos que não nos víamos, me reconheceu imediatamente.

— Olá! Muito boa-tarde, Joe! Muito folgo ao vê-lo retornar! Uma mesa?

— Não, Henri; agora, não. Estou apenas dando uma espiadela. Vim apenas dar uma palavrinha com uma pessoa.

Dei mais alguns passos e fui descobrir a "estrêla" a um canto da sala. Só me viu quando eu fiquei mesmo em frente a ela.

— Alô,menina! — disse eu, reconhecendo-a. Era ela!

— Joe — foi tudo o que me disse. Apenas isto: Joe.

Tirei um cigarro da carteira e tratei de acendê-lo. Engraçado: não lhe apertei a mão. Soltei uma baforada para o alto e esbocei um sorriso artificial. Então balbuciei:

— Vi-a e quis tirar a dúvida se era mesmo você. Está muito bem disposta!

— Acha? — Eu estava indignado pelo fato de Henri não ter iluminado melhor aquêle recanto. Não podia ver-lhe o rosto em tôda a sua plenitude.

— Sim. Você está maravilhosamente bem. Tenho visto seu nome nos jornais, todos os dias. Que tal achou nosso país?

— Gosto muito dêle, Joe.

Passei a observá-la com atenção. Novamente senti aquela chama de amor a crepitar dentro de mim.

— Tenho que comparecer a um compromisso, menina. Talvez que um dia possamos passear juntos, se você não estiver tão ocupada. E agora devo ir-me.

Muita gente estava a olhar-nos, e eu vi que ela mordia o lábio inferior. Talvez se estivesse recordando daqueles momentos no rio de Santa Maria, sob a ação dos holofotes inimigos.

Ergueu-se ràpidamente apanhando a bôlsa e a enfiando no braço. Não a censurei por isso. Não há pessoa famosa que tolere revolver coisas de um passado já morto.

— Não, Joe. Quem se vai sou eu — disse ela. E me deixou.

Henri estava perto, a olhar-me.

— Você ia almoçar com esta senhora?

— Não, Henri. Estava apenas cumprimentando-a.

— Uma estranha mulher, Joe. Sempre vem aqui uma vez por mês e se senta a esta mesa. Sempre no mesmo dia, o dia nove de cada mês. Será que ela tem algum pacto?

Senti uma sensação estranha. O cigarro me escapou de entre os dedos e foi cair ao solo espalhando faíscas. Fiquei perplexo, com a cabeça perturbada com aquela notícia: "Todo dia nove de cada mês vinha sentar-se aqui". Exaltado, perguntei a Henri:

— Que dia é hoje?

— É nove, Joe!

Saí correndo. Fui arredando todo mundo para um lado e chispei. Se eu corresse com bastante velocidade conseguiria alcançá-la antes que ela desaparecesse outra vez. Era preciso pegá-la e então dizer a Gus que o emprêgo me servia cem por cento, e que eu iria ocupá-lo ao som dos sinos, os sinos do nosso casamento! E a alcancei.

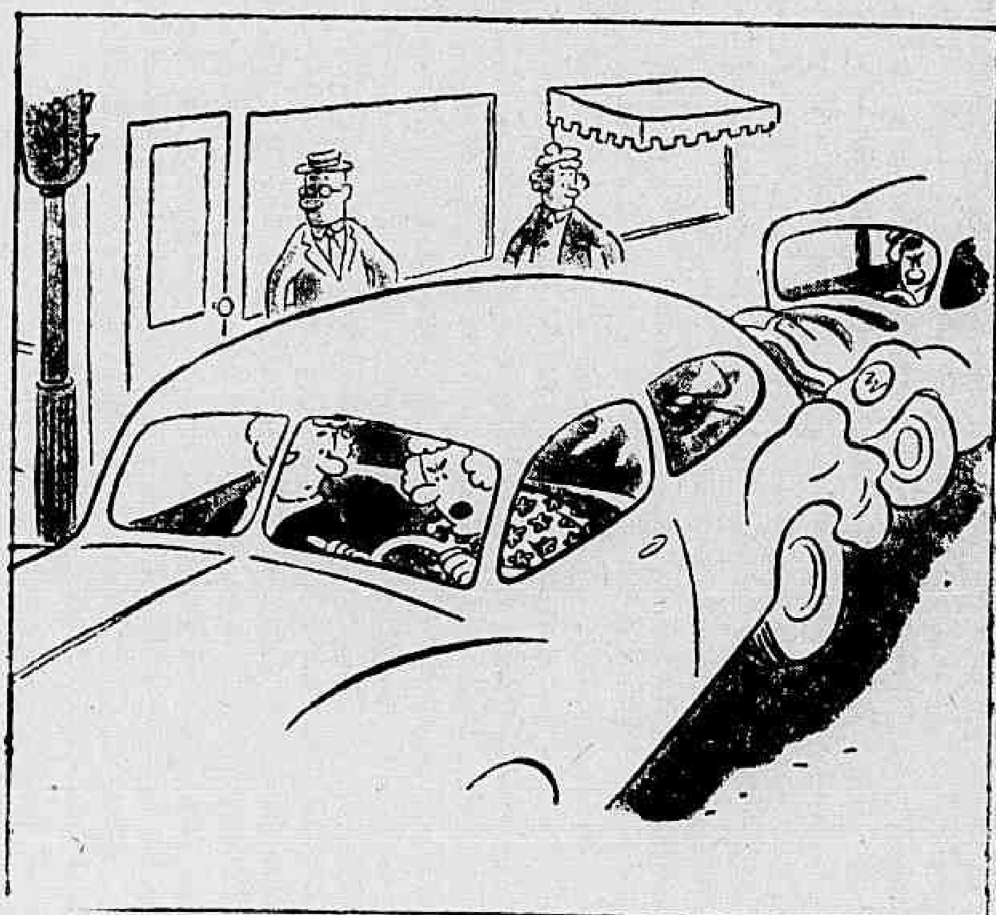


TRADIÇÃO MAIS FORTE QUE O PROGRESSO

ERA de esperar que os povos subdesenvolvidos que lutam com problemas de escassez de água ficassem encantados com um poço muito bem construído, feito expressamente para lhes assegurar o fornecimento do precioso líquido. No entanto, de acôrdo com uma notícia que nos chega através da Worthington Corporation, tal situação freqüentemente pode se complicar. Um poço pode não significar apenas água pura: às vêzes, também velhas tradições se vêem envôltas no caso.

A Worthington, conhecida através do mundo por suas bombas e equipamentos de bombeamento conta a história de um poço profundo, construído sob os auspícios da Organização Mundial de Saúde na Nigéria que, visitado por um engenheiro da organização, tempos depois de ter sido construído, ainda estava, como verificou aquêle técnico, intacto, enquanto as mulheres continuavam trazendo água lodosa de três quilômetros de distância, em vasilhas de vinte litros.





Se aquilo era marcha-ré, isto deve ser a "segunda".

EU SEI TUDO

Nº 449 — Ano XXXVIII Nº 5 — Outubro de 1954

SUMÁRIO:

Para o Seu Lar. Ainda e sempre as côres. Sala-de-jantar e Dormitório 4
Nádia Zagoska (conto) 7
A Bela Encapuçada 13
Só Para Altas 14
Juntos, os Matamos (conto) 15
Automóvel de Bôlso (Parece um brinquedo e anda a 100 km por hora) 22
Existe Vida a Seis Mil Milhas de Profundidade, no Oceano 22
No Século XXI — Maravilhas da Química 23
São Coisas da Vida 24
Visão Mundial — O Canal de Suez na Encruzilhada das Invasões 25
O Seu Nome Recortado — Tenha um filho e logo 500 comerciantes e vendedores serão informados 32
O Fantasma que Anulou um Testamento 33
Agora, Já Fizeram ISTO! 37
A Fôrça de Um Juramento (Romance, continuação) 39
Férias na Itália (conto) 47
LUZ — Luz forte e luz suave — Medir a fôrça da luz — Chama sem luz — A boneca no copo — Água opaca — Céu azul e sol laranja — A luz que anula as côres — Espelho mágico 53
Um Ôlho no Fundo do Mar 59
Perfume Para a Minha Dama... 60
Por Que as Mulheres Não Têm Barbas? 64
Está claro? 64
Vôos da Fantasia 64
Hipnotismo Para Todos (como age o hipnotizador? — Enrijecer o braço — A voz — Fixação do olhar — Estabelecer contacto vocal recíproco — Criar amnésia parcial — Criar situações imaginárias) 65
Como Você Resolveria Isto? 70
Vidas Extraordinárias: O Lendário Fra-Diávolo (Levado ao mau caminho por amôres infelizes, foi êle o célebre bandido da Calábria, que se tornou herói por patriotismo e venceu alguns generais de Napoleão) 71
Duas Palavrinhas... (É preciso aprender a *flutuar* nas horas difíceis) 75
A Saúde pelo Jejum (O homem cava o próprio túmulo com os dentes) 76
O Eremita (conto) 83
O Diário de Felix Lane (Romance, continuação) 87
Memento EU SEI TUDO — O mundo há sessenta dias — Agôsto de 1954 95
Nos Domínios da Gramática 102
Charadas — Quebra-Cabeças 103
O Fumo e o Câncer 110
Abelhas Matemáticas 110
Alto Vácuo 110

FÉRIAS NA ITÁLIA — Conto de Hilary Wild

Por lamentável descuido, dêsses que só podem mesmo compreender os que trabalham em jornal, levados no turbilhão de detalhes técnicos, que todos devem ser atendidos em sua estonteante complexidade, êsse conto, que se inicia na página 47 ficou sem o título: FÉRIAS NA ITÁLIA. Aqui fica a indicação e com ela o nosso pedido de desculpas, que endereçamos aos leitores.

CORRESPONDÊNCIA

Nelson Mendonça (Belém, Pará) — O assunto foi extraído de publicação técnica. É tudo o que sabem os naturalistas, na atualidade, sôbre as abelhas. Gratos por suas amáveis palavras.

Beatriz Guerra Rodrigues (R. Bahia, Belo Horizonte) — Da relação que nos enviou há alguns saltos, referentes a números esgotados. Março de 52, fev. e abril de 53. Queira escrever a respeito.

José Maria Freire Jr. (D. Federal) — Sôbre o assunto publicamos, há poucos meses, longo artigo. Conforme tivemos o cuidado de anunciar, de início, tratava-se da opinião de conhecido médico — *doublé* de jornalista, dos Estados Unidos. O resto era uma sucessão de fatos comprovados. Agora perguntamos: Que acha o leitor?

Júlio César Junqueira (D. Federal) — Desconhecemos. Não seria possível indicar, ao menos o ano em que foi publicado? Com absoluta certeza não existirão mais os clichês. Quanto aos originais nada podemos afirmar. Aguardamos.



CAPA — A melancia não é apenas gostosa. Mata a sêde e, por isso mesmo, tem o seu valor para o carioca, eterno sedento, tanto pelo rigor do seu verão quanto pela eterna crise de água. E por isso achamos que era assunto para uma capa. Ramón fêz o resto e o fêz muito bem.